COM UM PÉ NAS ESTRELAS

MATTHEW MANNING

TRADUÇÁO: AMADEU ANTÔNIO

COM UM PÉ NAS ESTRELAS

A HISTÓRIA DO CURADOR MAIS EXTRAORDINÁRIO

Matthew Manning e Tessa Rose, 1999

ÍNDICE

PRÓLOGO: O Curandeiro e o Rei

1. Um Pé nas Estrelas
2. À Volta do Mundo com o Sr. Jinx
3. Não É Precisa Fé
4. Subir ao Palco
5. Noites Sombrias da Alma
6. Rumo à Luz
7. O Desafio de Quíron

Relatórios Científicos

Para Gig, Henrietta e Jethro —
Agora já conhecem toda a história!

PRÓLOGO

O CURANDEIRO E O REI

Desde que era muito pequeno, experimentei periodicamente aquilo que só posso descrever como ecos de memórias, uma vaga consciência, em cada ocasião, de ter vivido numa determinada época ou ocupado uma determinada posição. Um dos períodos da História que sempre exerceu sobre mim um forte fascínio é a Restauração, quando a monarquia foi restabelecida em Inglaterra com a ascensão de Carlos II. Procurámos recriar parte da atmosfera dessa época na sala de jantar da nossa casa em Suffolk e enchemo-la de pinturas e mobiliário do período. A eletricidade é praticamente a única intrusão do século XX naquele espaço.

Uma das minhas maiores antipatias sempre foi a religião organizada, sob qualquer forma. Todos os meus encontros de infância com homens de colarinho clerical ou batina foram benignos, e a instrução religiosa não ocupava uma parte excessiva das aulas; contudo, mesmo antes de conseguir formular intelectualmente argumentos contra a religião, sabia instintivamente que não gostava dela. Não encontro uma razão específica para isso, embora possa ter algo a ver com a forma como me ensinaram a encarar Deus. Na escola primária, Ele era-me apresentado como benevolente, sábio, indulgente e amoroso. Eu aceitava essa ideia e participava com interesse nas aulas de Religião, fazendo frequentemente «perguntas muito profundas», segundo a minha professora. Contudo, à medida que fui crescendo, Deus pareceu sofrer uma transformação de personalidade que considerei inaceitável. Desapareceu o simpático e compreensivo ancião de longa barba branca, e esperava-se que eu aceitasse, em seu lugar, uma presença aterradora, vingativa e omnipotente, que supostamente me mantinha sob vigilância constante, registando todas as minhas faltas para construir um processo irrefutável contra mim a tempo do temido, mas inevitável, Dia do Juízo Final. Foi por causa desta contradição fundamental que me afastei do Cristianismo. Hoje penso que, mesmo nessa idade precoce, já tinha consciência da diferença entre ser religioso e ser espiritual.

Só compreendi que a minha atração pelo século XVII e a minha antipatia pela religião poderiam ter um significado mais profundo

quando fui aos Estados Unidos, em 1977, para conduzir uma série de workshops por todo o país. Durante uma dessas sessões, apercebi-me de que uma mulher muito corpulenta me observava fixamente.

Estava habituado a que as pessoas concentrassem a atenção em mim, mas aquilo era fora do comum e fez-me sentir bastante intimidado. Era como se ela se tivesse ligado a mim e estivesse a extrair algo mais do que o simples sentido das minhas palavras. No final, aproximou-se de mim e explicou que era vidente e que também fazia leituras de vidas passadas. Disse-me:

— Enquanto conduzia o workshop, estive a captar coisas vindas de si. Tenho uma perceção muito forte de que sempre escolheu, ao longo de muitas vidas, ocupar posições nas quais adquiriu poder sobre outras pessoas. Capto uma vida em que suspeito que esteve muito alto na hierarquia da Igreja. Vejo outra em que parece ter sido general ou ocupado um posto muito elevado nas forças armadas em Inglaterra, provavelmente em meados do século XVII. Sempre que escolheu uma vida associada ao poder, abusou dele e utilizou-o em seu benefício. Desta vez, nesta vida, fez exatamente a mesma coisa. Escolheu um caminho que lhe deu poder. Nesta encarnação terá de aprender qual a via que seguirá: se o utilizar de forma positiva, para ajudar os outros, ou se o utilizar de forma negativa, para os dominar.

Naquela fase da minha vida, eu não acreditava na reencarnação e, quando a mulher se aproximou de mim, encarei com ceticismo aquilo que pudesse dizer. As suas palavras provocaram-me um arrepio e ficaram gravadas na minha mente, porque coincidiam com aspetos de mim próprio que sentia e sabia serem verdadeiros. Alguns meses antes, tinha sido convidado por Mervyn Stockwood, então Bispo de Southwark, para jantar com ele e com o príncipe Carlos.

Stockwood interessava-se há anos por fenómenos psíquicos, e eu já tinha desfrutado da sua hospitalidade e passado uma agradável noite na sua companhia. Uma recordação persistente da noite que passei com Stockwood e com o príncipe Carlos é a de estar a conversar a sós com o príncipe, no jardim, após o jantar, e pensar subitamente: «Já

vivi esta situação, ou uma muito semelhante, antes.» Estava sentado ao seu lado num banco de madeira, seguindo a conversa para onde ele a conduzia, sem saber o que estava por detrás de algumas das suas perguntas, mas sentindo um subtil processo de avaliação e ponderação. Sentia-me como um conselheiro de um rei.

A peça seguinte deste puzzle só me foi entregue em 1994, um ano crítico da minha vida. Estava a falar com um grupo num workshop em Sydney, na Austrália, acerca de um pesadelo que tenho desde a infância e que nunca deixa de me assustar. No sonho, estou de pé sobre um bloco que parece ser de pedra, aproximadamente do tamanho de um assento. Estou rodeado por água muito escura, quase negra e profunda, na qual consigo ver peixes. Sei que tenho de sair daquela rocha e alcançar o que parece ser um porto ou cais, a alguma distância, mas tenho medo dos peixes e a água tem uma corrente muito forte. Quando olho para o horizonte, vejo uma onda gigantesca a aproximar-se. Sei que, se não abandonar a rocha, serei arrastado para a água. É sempre nesse momento que acordo.

Atribuí este sonho a um incidente real ocorrido quando tinha sete ou oito anos e estava de férias em Guernsey com a minha família. Nessa ocasião, fiquei isolado pela maré e corri perigo de afogamento. O aspeto mais aterrador da experiência foi ver peixes a nadar à minha volta na água.

Contudo, o sonho possuía uma dimensão aparentemente desligada desse episódio. Acabei por perceber que só ocorre quando algo na minha vida me preocupa ou perturba, ou quando existe um problema que ainda não resolvi. Por vezes surge quando aparentemente estou bem-disposto e sem preocupações evidentes, mas sei que, se examinar com honestidade todos os recantos da minha vida, encontrarei algum assunto pendente. Hoje encaro este sonho como um sinal de aviso.

A ideia de que o sonho, a experiência ou ambos pudessem estar relacionados com uma vida passada nunca me tinha ocorrido até depois da sessão da manhã com aquele grupo em Sydney. Um dos

participantes aproximou-se de mim e confidenciou-me que tinha querido dizer algo durante o seminário, mas que se sentira relutante em fazê-lo em público. Explicou que era hipnoterapeuta e realizava leituras de vidas passadas, mas que, muitas vezes, as informações lhe chegavam sem recurso à hipnose. Disse:

— Quando contou a história de ter ficado preso na rocha, tive imediatamente uma visão a seu respeito. Senti que, numa vida passada, ocupava uma posição muito elevada na sociedade viking. Estou a recuar talvez cerca de novecentos anos. Era responsável por muitas pessoas, mas algo que fez levou à morte de muitas delas, e poderia tê-lo evitado. Foi então condenado à morte pelos vikings. Levaram-no de barco até um afloramento rochoso e abandonaram-no ali para morrer afogado. Aquilo que pensa serem peixes não são peixes, mas focas.

As minhas únicas ligações à Noruega são o facto de ter visitado o país pela primeira vez quando era criança e de trabalhar lá regularmente. Nem sequer tinha mencionado esses factos banais a ele ou a qualquer outro membro do grupo em Sydney. Impressionou-me o facto de ele descrever um cenário tão estranho e tão distante do seu próprio ambiente. Se aquela informação tivesse vindo da sua imaginação, eu esperaria encontrar nela algum indício do hemisfério sul, de um mundo que lhe fosse familiar. Tive a sensação de estar muito próximo de um ponto de partida. Quatro anos depois, em Março de 1998, alcancei-o.

Estava a terminar uma entrevista para a televisão norueguesa, poucos minutos antes de uma demonstração de cura perante mil pessoas na Sala de Concertos de Oslo, quando Walter Kraus, que gere a minha atividade na Noruega, bateu à porta. Trazia uma grande caixa de madeira que alguém, lá fora, lhe pedira que me mostrasse.

Walter disse:

— Ele achou que isto poderia interessar-lhe.

Abri a caixa e encontrei lá dentro uma espada viking, que tinha sido retirada de um fiorde norueguês. Estranhamente, o homem que

trouxera a espada não fazia ideia de por que razão precisava de ma mostrar. Apenas sabia que tinha de a trazer. Mais uma vez, senti um arrepio percorrer-me a espinha.

Depois de Oslo, voámos para Bergen, na costa, do outro lado do país. Na Noruega existe uma piada segundo a qual Bergen se considera um Estado independente. Eu sentia-me muito cansado. Estávamos em digressão havia mais de uma semana e cada dia trazia um novo local. Durante a viagem do aeroporto para o hotel, fui ficando cada vez mais irritável. Não costumo cair em estados de espírito sombrios, mas algo me estava a afetar profundamente.

A situação piorou. O hotel era péssimo. Tomei uma antipatia imediata pela mulher que ajudava a organizar o evento e fui tão rude com ela que ainda hoje me sinto envergonhado. Tudo o que posso dizer em minha defesa é que a atmosfera estava errada.

Obtivemos uma pista sobre essa estranheza enquanto jantávamos num restaurante bastante miserável. Comecei a ter flashbacks vívidos que sugeriam que Walter e eu tínhamos estado ligados numa vida anterior. De repente, disse-lhe:

— Eu sou Olav. Tu és Etelredo.

E depois:

— Costumava beber muito.

Não estava a pensar no que dizia. As palavras saíam por si mesmas.

Entre a correspondência que me aguardava quando Gig e eu regressámos a Inglaterra encontrava-se uma carta de Oslo. A data era 2 de Março, pouco antes da nossa partida para a Noruega. A autora explicava que tinha participado num dos meus círculos de cura dezoito meses antes e que estava satisfeita por eu ir a Oslo, pois isso lhe permitiria aprofundar o processo de cura iniciado naquela ocasião. Recordava-se de eu ter contado ao grupo um sonho em que estava sobre uma rocha no mar e me afogava quando a maré subia. Pensou

que eu acharia interessante a ilustração que fotocopiara no verso da carta.

Intitulada *Seidmennene pa Skratteskjaer* — «Os Curandeiros na Rocha dos Trolls» — a imagem provém da *Saga de Olav Tryggvason*, do historiador islandês Snorre Sturluson. A história relata como esses homens foram executados por afogamento numa rocha no mar, ao largo de Karmøy, uma ilha perto de Stavanger. Um dos curandeiros, Øyvind Kelda, tinha incorrido no desagrado do seu rei, Olav, que passara anos como saqueador viking antes de se tornar governante da Noruega, no final do século X. Olav convertera-se recentemente ao Cristianismo por influência do seu antigo inimigo, o rei inglês Etelredo, e estava a colocar ao serviço do seu novo deus os métodos brutais que empregara para construir o seu império. Øyvind era um dos muitos que resistiam à exigência de Olav de abandonarem as antigas crenças e aceitarem o Cristianismo.

Na versão dos acontecimentos apresentada por Snorre, Øyvind tinha feito «uma grande escuridão cair sobre o rei e os seus homens», e por isso Olav tentou primeiro assassiná-lo incendiando a sua cabana enquanto o curandeiro dormia embriagado. Øyvind escapou a essa tentativa apenas para ser capturado e condenado à morte nos rochedos, onde acabou por se afogar. Antes da sua captura, dizia-se que Øyvind tinha disposto as coisas de modo a que ele e os seus companheiros curandeiros se tornassem invisíveis para Olav; contudo, de algum modo o feitiço foi invertido e, no final, foram os curandeiros que deixaram de conseguir ver os seus perseguidores.

Seria lógico eu acreditar que fui Øyvind Kelda numa vida passada. Era curador, homem-medicina, e a forma como morreu corresponde ao meu sonho. Mas, naquele restaurante miserável da Noruega, eu sabia que era Olav. Não havia qualquer indício de Øyvind, embora eu sinta que a memória dele pode ter perseguido Olav durante o resto da sua vida violenta e, após a morte, passado a fazer parte da jornada da sua alma.

Vejo Olav como a primeira de várias vidas passadas com as quais estabeleci ligação ao longo dos anos. Os temas do abuso de poder e do hedonismo são constantes nesses breves lampejos de reconhecimento que ecoaram ao longo da minha vida atual. Através deles fui compreendendo gradualmente o propósito da jornada que empreendi nesta vida e alimentando a esperança de que, talvez desta vez, consiga fazê-la da forma correta.

1.

UM PÉ NAS ESTRELAS

A minha memória mais antiga é a de estar sentado numa cadeira alta, numa sala cheia de luz, com portas de vidro de correr. A minha mãe está a dar-me de comer e eu recuso a comida porque ela me disse que era frango. Lembro-me de pensar que era cruel comer frango. Não sou vegetariano.

Não me surpreenderia que esta tivesse sido uma das primeiras ocasiões que levaram a minha mãe a classificar-me como «teimoso como uma carroça cheia de macacos». Se decidisse fazer alguma coisa, nada me conseguia deter; e, se não quisesse fazer alguma coisa, nada me conseguia convencer. Não havia maneira de me demover, fosse num sentido ou noutro.

Paradoxalmente, também era paralisado pela timidez. A minha mãe diz que eu era tão tímido que, se alguém que eu não conhecia aparecesse em casa, escondia-me atrás ou debaixo dos móveis. Não creio que alguém possa compreender quão difícil é lidar com a timidez, a menos que também tenha sido tímido. Recordarei sempre o meu primeiro dia na escola primária. Estava desesperado para ir à casa de banho, mas era demasiado tímido e envergonhado para levantar a mão e pedir autorização para sair; por isso, acabei por urinar na sala de aula.

Os meus pais provinham de meios muito diferentes, embora, à primeira vista, parecessem semelhantes na altura do casamento, no início da década de 1950. Nessa época, as jovens sensatas escolhiam para maridos homens com perspetivas de futuro, e o meu pai acabara

de obter o diploma de arquiteto. Pode dizer-se que, ao casar com ele, a minha mãe renunciou às suas próprias ambições. Tinha talento artístico, frequentou uma escola de arte, conheceu o meu pai e casou jovem, dedicando-se depois aos filhos e ao marido. Os pais dela eram muito convencionais e respeitáveis. O pai era corretor da bolsa e a mãe tinha ligações aristocráticas, embora não reconhecidas nem conhecidas até ao fim da sua vida, quando se descobriu que o pai dela era filho ilegítimo do Conde de Lonsdale. Era também católica e renunciara à sua fé para casar com o meu avô protestante.

O meu trisavô paterno, Henry Manning, era comerciante e recebeu o título de Freeman da Cidade de Londres em 1856; na minha sala de espera existe uma cópia de um antigo pergaminho que regista esse facto. O seu filho deixou o East End de Londres rumo à América do Norte em busca de melhores oportunidades. Deixou para trás a esposa e três filhos pequenos, esperançado de que em breve se estabeleceria e estaria em condições de os mandar chamar. O navio em que seguia naufragou ao largo da costa e ele morreu de exposição aos elementos depois de ter sido retirado da água. Sem um provedor, o meu avô aprendeu a sobreviver graças ao seu engenho. O sogro dele era um excelente exemplo da prosperidade que isso podia proporcionar. Tendo começado com perspetivas mínimas, por ser filho de um trabalhador agrícola, tornou-se apostador profissional e acumulou uma fortuna apostando nos cavalos certos. Entre os seus próprios doze cavalos de corrida encontrava-se um vencedor do Grande Nacional da Escócia (Clydesdale, 1932).

Graças aos contactos estabelecidos através do sogro e ao seu próprio interesse pelo jogo e pelas corridas de cavalos, o meu avô — impressor de profissão — conseguiu produzir, no final da década de 1920, um livro de regras padronizado para os corretores de apostas. Até então, cada corretor imprimia o seu próprio conjunto de regras para a realização de apostas. A iniciativa do meu avô consistiu em reunir todas essas regras dispersas e encaderná-las num único volume. Aos quarenta anos já tinha ganho dinheiro suficiente para se reformar.

Nunca mais voltou a trabalhar, exceto em investimentos ocasionais em ações e propriedades.

De certa forma, o meu pai escolheu romper com este modelo aventureiro. Quando nasci, a 17 de Agosto de 1955, trabalhava como arquiteto num gabinete privado na Cornualha. Pouco depois foi despedido. Encontrou emprego noutra empresa, mas, quando a minha mãe estava grávida da minha irmã Rosalind, três anos mais nova do que eu, voltou a ser despedido. Nessa altura decidiu que, enquanto pai responsável, tinha o dever de garantir estabilidade profissional e aceitou um cargo na então Autoridade Regional de Saúde da Ânglia Oriental. Em 1960 mudámo-nos para o outro lado do país, para Shelford, uma aldeia situada a cerca de oito quilómetros de Cambridge.

Não tínhamos televisão em casa. O meu pai dizia sempre que isso acontecia porque nós, as crianças, passaríamos todo o tempo em frente dela. Olhando para trás, penso que provavelmente receava que fosse ele quem acabasse por passar todo o tempo a vê-la! Como não tínhamos televisão, tínhamos de encontrar outras formas de nos entretermos. No meu caso, isso levou-me a passar mais tempo dentro da minha própria cabeça do que talvez acontecesse com outras crianças, imaginando histórias e situações.

Este mundo da imaginação era equilibrado pela exposição a um ambiente muito diferente. Quando frequentava a escola primária, tornei-me amigo de um rapaz de quem nunca me esquecerei, chamado Peter Townsend. Partilhávamos a mesma carteira. O pai dele era pedreiro, um homem do campo que sabia praticamente tudo o que havia para saber sobre a vida selvagem. O Peter e eu passávamos dias inteiros a percorrer os campos, observando aves, ninhos, borboletas e flores silvestres. Graças a essas horas mágicas, hoje consigo identificar quase todas as aves e flores silvestres britânicas.

Quando penso nisso, a minha infância parece simultaneamente estranha e perfeitamente normal. A vida era mais estruturada naquela época e, se as nossas vidas eram mais rigidamente organizadas do que

a maioria — ao ponto de sabermos antecipadamente, todas as semanas, o que iríamos comer em cada refeição —, a diferença era apenas de grau. A abordagem perfeccionista da minha mãe refletia a do meu pai, que sempre organizou meticulosamente a sua vida e tinha dificuldade em lidar com qualquer perturbação dos seus planos. Provavelmente, a maior parte das famílias da nossa condição social vivia de forma semelhante, porque havia menos escolha, menos diversidade e mais conformismo. No início da década de 1960, quando comecei a prestar atenção ao mundo, os valores dos anos cinquenta ainda predominavam.

Esperava-se que as pessoas fossem modelos de contenção, engenho e responsabilidade e, no caso dos meus pais — e provavelmente de milhões de outros como eles —, essas expectativas pesavam muito. A abertura que hoje consideramos natural na forma como as pessoas se relacionam não era então aceitável. Na nossa família, as demonstrações de afeto eram muito raras, especialmente por parte do meu pai.

Hoje vejo o meu pai como um homem muito justo e honesto, possuidor de grandes qualidades espirituais. Quando era mais novo, não reconhecia nada disso, embora, se tivesse procurado, encontrasse provas. O meu pai sempre colecionou antiguidades. Quando vivíamos em Shelford, possuía uma grande coleção de moedas inglesas antigas. Certo sábado, regressámos a casa e descobrimos que tínhamos sido assaltados. Alguém tinha forçado uma janela, entrado por ela e revistado todas as divisões da casa. Verificou-se que a coleção de moedas do meu pai tinha sido remexida e que várias moedas valiosas tinham desaparecido. A polícia compareceu, recolheu impressões digitais e acabou por deter um rapaz de catorze anos, proveniente de um lar de acolhimento, que andava pela zona a vender bandeiras para fins de beneficência. Ao não encontrar ninguém em casa quando lá foi com a sua caixa de recolha, decidiu entrar. Quando a polícia lhe perguntou o que tinha feito às moedas, respondeu que tinha lançado algumas para os arbustos e outras para o rio. Lembro-me de o meu pai ter ficado profundamente perturbado. Ser assaltado já era

suficientemente difícil para ele aceitar, mas ver um bem precioso roubado e depois tratado com tão pouco respeito foi ainda mais doloroso.

A polícia perguntou-lhe se queria apresentar queixa contra o rapaz. O meu pai não é um homem religioso, pelo que a sua decisão de o fazer receber uma severa advertência policial e depois deixá-lo seguir o seu caminho não foi uma reação aprendida. Expressou a esperança de que, se algum dos seus filhos alguma vez se encontrasse numa situação semelhante, alguém tomasse a mesma decisão. Penso que isso é, refletindo bem, uma resposta espiritual e implica a compreensão de que um pensamento correto gera uma ação correta.

Foi apenas muito mais tarde que verdadeiramente apreciei este lado do meu pai. Na infância, eu via-o como um homem muito lógico, que raramente exprimia emoções. O seu temperamento podia ser explosivo, e nunca se sabia quando iria rebentar nem o que o desencadearia. Tinha consciência da tensão, do atrito e da falta de afeto emocional nesses primeiros anos, mas não das suas consequências. Esse ambiente era o meu padrão de normalidade e adaptei-me às suas carências, como as crianças geralmente fazem. Na altura, não conseguia detetar nele as sementes dos problemas que mais tarde surgiriam na minha vida e nas vidas da minha irmã e do meu irmão. Também não suspeitava de que pudesse ser parcialmente responsável pela série de acontecimentos estranhos que começaram na nossa casa em 1967. Só muito mais tarde seria capaz de os identificar como os filhos indisciplinados da pura frustração e da criatividade reprimida que fervilhavam dentro de cada um de nós, a um nível inconsciente.

A nossa casa em Shelford não era do tipo tradicionalmente associado a atividade paranormal, pois era uma construção recente, dos anos cinquenta, com uma disposição em plano aberto. Vivíamos ali havia sete anos quando ocorreu o primeiro incidente, numa manhã de sábado de Fevereiro. O meu pai desceu às sete horas para alimentar o fogão que permanecia aceso durante toda a noite e descobriu uma caneca georgiana de prata caída no chão. Essa caneca era uma das

muitas antiguidades que colecionara ao longo dos anos e costumava ficar numa prateleira de madeira cerca de um metro acima do chão.

Não tínhamos cão nem gato, pelo que o responsável por a ter deslocado não podia ter sido um animal de estimação curioso ou desajeitado. O meu pai interrogou-se sobre a possibilidade de termos sido assaltados, mas, ao verificar o resto dos objetos da divisão, não encontrou nada em falta. Com a lógica de arquiteto que lhe era própria, examinou a prateleira para ver se alguma deformação da madeira teria feito a caneca deslizar para o chão. Isso não lhe deu a resposta prática que procurava. Intrigado, interrogou-me a mim, à minha irmã mais nova Rosalind e ao meu irmão Andrew durante o pequeno-almoço. Todos afirmámos nada saber sobre o sucedido. O meu pai aceitou a nossa palavra e o assunto ficou por ali.

Poucos dias depois aconteceu exatamente a mesma coisa. O meu pai voltou a descer e encontrou a caneca no chão. Mais uma vez procurou sinais de assalto e não encontrou nenhum. Mais uma vez fomos interrogados. Desta vez acusámo-nos uns aos outros em tom de brincadeira. Nessa noite, sem que nós, as crianças, soubéssemos, os meus pais espalharam discretamente pó de talco em redor da caneca, na esperança de descobrir a forma como ela se deslocava.

Estaria a deslizar da prateleira ou a saltar dela? Obtiveram a resposta na manhã seguinte: a caneca encontrava-se novamente no chão, tendo atravessado o círculo cuidadosamente traçado de pó fino sem o perturbar. Houve também outras deslocações. Um vaso com jasmim em água movera-se cerca de seis metros através da sala e encontrava-se agora sobre a base destinada ao bule; como habitualmente, a minha mãe deixara a mesa posta para o pequeno-almoço na noite anterior. Um cão de porcelana mudara de uma prateleira para uma posição mais destacada acima da lareira, uma distância de cerca de um metro e meio.

Recordo que as nossas emoções perante este novo desenvolvimento eram muito contraditórias. O divertimento e a alegria infantis misturavam-se com o medo. Porque nos estavam a

pregar aquelas estranhas partidas? O que aconteceria a seguir? Era uma época de perguntas e, no entanto, talvez porque soubéssemos que os nossos pais não podiam respondê-las, não agravámos a situação insistindo no impossível. O meu pai não sabia o que fazer nem a quem recorrer, mas percebeu que precisávamos de algum tipo de ajuda. Estava plenamente convencido de que estávamos perante atividade de poltergeist.

Estou firmemente convencido de que, de uma forma ou de outra, recebemos o conhecimento de que necessitamos para tomar as decisões que moldam as nossas vidas. Muitos anos antes, quando era estudante, o meu pai lera um livro chamado *Poltergeist Over England*, de Harry Price. Era um livro muito invulgar para se ler naquela época, e nem o próprio meu pai sabe ao certo por que motivo o comprou. Curiosamente, esse livro nunca mais esteve presente em casa, pelo que o conhecimento nele contido não permaneceu connosco como família, à espera de ser descoberto numa tarde chuvosa de domingo e transformado em tema de conversa.

A primeira tentativa do meu pai para pôr fim ao que rapidamente se tornara uma ocorrência quase diária consistiu em contactar os departamentos de Psicologia Infantil, Psicologia Experimental e Psicologia Clínica da Universidade de Cambridge. Nenhuma das pessoas com quem falou acreditou nele ou demonstrou interesse pelo que tinha para contar. Depois desse fracasso e sem saber a quem recorrer, dirigiu-se certa noite à esquadra da polícia de Cambridge para comunicar que tinha um poltergeist em casa. Não sei exatamente o que pensava que a polícia poderia fazer a esse respeito, mas isso demonstra o grau do seu desespero. Há uma deliciosa sincronicidade nesta história, porque, nessa noite, estava de serviço um sargento cuja paixão absoluta era a investigação psíquica. Longe de o ridicularizar com ceticismo, o sargento ficou fascinado com o relato do meu pai. Soube imediatamente a quem ele deveria recorrer para obter ajuda.

— O homem de quem precisa — disse-lhe — é o Professor George Owen.

O meu pai nunca tinha ouvido falar do Professor Owen, mas seguiu agradecido o conselho do sargento e entrou em contacto com ele.

O Professor Owen era Professor de Genética no Trinity College, em Cambridge, e o maior especialista mundial em poltergeists. Em 1963 recebeu o *Treatise Award* da Fundação de Parapsicologia e, no ano seguinte, foi distinguido pela Universidade Duke (na Carolina do Norte) com um prémio pelo seu trabalho de excelência no campo da parapsicologia. O professor vivia convenientemente perto, a apenas oito quilómetros da nossa casa, e poucos dias depois de o meu pai o contactar veio visitar-nos.

Era impressionantemente calmo e sereno, uma influência estabilizadora muito bem-vinda após a sucessão de acontecimentos perturbadores a que tínhamos sido sujeitos. Cientista em todos os sentidos, aplicava à parapsicologia a mesma abordagem metódica e racional que utilizava no seu trabalho académico em Cambridge. Foi uma das primeiras lições que recebi sobre a importância de adquirir uma atitude distanciada, e por isso devo a George Owen uma enorme gratidão. O meu pai sentiu um grande alívio por ter encontrado alguém cuja linguagem e método compreendia e que não o encarava com suspeita. Owen era, nas suas próprias palavras, «bastante experiente na avaliação da veracidade dos testemunhos relativos a fenómenos de poltergeist. Rapidamente formei a opinião de que [...] o Sr. Manning era uma testemunha altamente factual e fiável.» O que o meu pai descrevia correspondia às provas que Owen recolhera ao investigar numerosos casos de poltergeist.

Na opinião dele, a casa dificilmente poderia estar assombrada, tendo em conta a sua idade recente. Garantiu-nos que aquilo que estava a acontecer era perfeitamente natural, embora raro, e não resultava de intervenção demoníaca, possessão ou doença mental. Disse-nos que esse tipo de atividade ocorria quase invariavelmente em torno de crianças. O surto duraria entre duas e oito semanas e, uma vez terminado, não voltaria a repetir-se. Acrescentou que, embora os poltergeists pudessem ser incómodos — uma afirmação bastante

moderada, como se viria a revelar mais tarde —, possuíam grande interesse científico. Tranquilizados pela sua abordagem pragmática, procurámos adaptar-nos da melhor forma possível ao que se estava a tornar um modo de vida bastante desconcertante.

A pessoa cuja reação mais me marcou durante esse período foi a minha mãe, talvez porque a semelhança entre os nossos temperamentos me tornasse particularmente sensível ao seu estado de espírito e às suas reações aos acontecimentos. Ficou tão assustada que se recusava a permanecer sozinha em casa durante o dia enquanto nós estávamos na escola e o meu pai trabalhava. Preferia fazer qualquer coisa a ficar ali sozinha, nem que fosse vaguear sem rumo pelas lojas de Cambridge. A certa altura, o Professor Owen considerou que ela poderia ser, nas suas palavras, «a fonte inconsciente e involuntária da força, como ocasionalmente acontece com pessoas mais velhas, [...] porque parecia ser quem exteriormente demonstrava maior tensão».

Já a minha irmã e o meu irmão eram outro caso. Eu estava demasiado envolvido naquilo que se passava para reparar nas suas reações. Embora os acontecimentos nos afetassem como unidade familiar, não partilhávamos os nossos medos, nem com os colegas da escola nem entre nós. Nunca contei a ninguém na escola o que acontecia em casa. Não queria que nos ostracizassem nem que nos considerassem uma família estranha.

Depois de ultrapassado o choque e o medo iniciais, tendíamos a reagir de uma forma tipicamente britânica e a tratar tudo aquilo como uma espécie de brincadeira. Não me apercebi da profundidade com que tanto a Rosalind como o Andrew foram afetados pelo sucedido, nem das marcas potencialmente prejudiciais que isso lhes deixou, sobretudo ao Andrew. Ainda hoje ele tenta libertar-se do enorme medo que sentiu na altura e afirma agora que se sentiu «violado» pelo trauma daqueles acontecimentos.

A posição assumida por Owen reforçou a visão desapegada que o meu pai tinha da situação. A forma que encontrou para lidar com ela, ou para lhe dar sentido, foi desenhar uma planta rigorosa à escala da

divisão onde a atividade do poltergeist ocorria. Depois registava nesses mapas cada deslocação de cada objeto, anotando o que se movera, para onde fora movido, a hora a que a deslocação era descoberta e a hora aproximada em que teria ocorrido. Os acontecimentos verificavam-se sempre entre as sete e as sete e meia da manhã, quando estávamos a despertar. O meu pai era sempre o primeiro a levantar-se e, por isso, era invariavelmente ele quem descobria as novas deslocações.

Os seus esquemas mostram que os objetos deslocados eram invariavelmente pequenos, como cinzeiros, talheres, cestos ou pratos. Nenhum deles sofria danos nem derramava o seu conteúdo. Os maiores objetos a mover-se foram uma pequena mesa de café e uma poltrona. A caneca georgiana de prata deslocava-se regularmente, tal como o vaso de flores. A caneca pertencia ao meu pai e apenas ele bebia dela. O seu movimento podia ser interpretado como uma espécie de protesto desafiante contra ele. Só recentemente passei a vê-lo talvez como uma forma de eu próprio romper a rotina excessivamente ordenada e estruturada do meu pai. As flores eram sempre colocadas sobre a mesa do pequeno-almoço, diante do lugar da minha mãe.

Do topo das escadas era possível ouvir pancadas e outros ruídos, mas nunca víamos os objetos mover-se, e rapidamente se tornou evidente que eles só se deslocavam quando não havia ninguém na divisão. Owen realizou uma pequena experiência para se certificar de que não estava a ser enganado. Já estava razoavelmente convencido da integridade do meu pai, mas, sendo cientista, tinha de testar todas as explicações possíveis. Numa manhã muito cedo chegou sem aviso, a pé, depois de deixar o carro a alguma distância da casa, e posicionou-se no exterior de forma a poder observar claramente a sala de estar. Como nada tinha acontecido até às 7h15, dirigiu-se para o interior. Abriu a porta da sala e verificou que, nos trinta segundos que levara a chegar ali, vários objetos tinham mudado de lugar.

Owen e o meu pai fizeram várias tentativas semelhantes para apanhar o poltergeist em flagrante. Isolavam a divisão estendendo uma série de fios de algodão através da entrada e observavam a partir

de posições exteriores à casa. Nunca viam nada acontecer; depois entravam e encontravam os fios intactos e os objetos em posições diferentes.

A 6 de Março, cerca de duas semanas após o primeiro incidente, George Owen sugeriu aos meus pais que nós, as crianças, fôssemos enviados individualmente para casa de amigos. Esperava, dessa forma, identificar qual de nós poderia ser a fonte involuntária da atividade. A experiência foi inconclusiva, na medida em que não ocorreu qualquer atividade poltergeist nem em casa nem nos locais onde estávamos hospedados. Contudo, os meus pais relataram que os estalidos e rangidos irregulares que tinham começado pouco depois do primeiro acontecimento continuavam audíveis a todas as horas do dia.

Na altura não me disseram nada, mas George Owen considerava que eu era o membro da família em torno do qual a atividade poltergeist mais provavelmente se concentrava, em grande parte devido à minha idade. (Eu tinha onze anos e seis meses; a Rosalind tinha oito anos e sete meses; e o Andrew tinha sete anos.) Estava prestes a realizar o exame *Common Entrance*, cujo resultado determinaria a escola que frequentaria após deixar a escola preparatória. Owen acreditava que a ansiedade provocada por esse primeiro grande obstáculo académico poderia contribuir para gerar a energia responsável pelo fenómeno. Não tinha dúvidas, como escreveu mais tarde ao meu pai, depois de a atividade ter cessado, de que: «A força, seja ela qual for, reside principalmente em Matthew.»

O nosso regresso a casa foi recebido com uma explosão de atividade. Na primeira manhã moveram-se nove objetos, entre eles uma cadeira estofada, que se deslocou cerca de dois metros, uma cadeira de sala de jantar, que apareceu virada ao contrário, e um castiçal, que foi colocado no centro de um vaso de flores. A manhã seguinte marcou o auge da atividade durante aquele surto. Onze objetos mudaram de lugar num período de quinze minutos. O último desses movimentos foi o mais perturbador.

A minha irmã Rosalind estava na sala de estar a desenhar. Estendeu a mão para apanhar a borracha e corrigir um erro, mas não a encontrou. Nesse momento entrei na sala e vi a borracha elevar-se por detrás do sofá onde ela estava sentada. Quase ao mesmo tempo, a Rosalind também se apercebeu dela. Observámos, imóveis, enquanto a borracha avançava lentamente na sua direção e pousava ao seu lado no sofá. Sem trocarmos uma palavra, fugimos da sala a correr.

Depois desta demonstração de prestabilidade por parte do poltergeist, os objetos começaram a deslocar-se por distâncias menores e, gradualmente, os movimentos cessaram por completo. George Owen garantira-nos que a atividade desapareceria para nunca mais voltar e, passados três meses, parecia ter razão. Fomos de férias na Páscoa e regressámos três semanas depois para descobrir que a vida voltara ao normal. Já não havia estalidos, rangidos ou sons inexplicáveis, e os objetos permaneciam onde os deixávamos. Aos poucos, também perdemos o hábito de olhar constantemente por cima do ombro.

No Outono de 1968 mudámo-nos para a Queen's House, uma casa do século XVIII situada em Linton, cerca de treze quilómetros da nossa residência anterior. A mudança coincidiu com outra grande transformação: a minha primeira saída de casa, para frequentar a Oakham School, em Rutland. Levei algum tempo a adaptar-me àquele ambiente espartano e disciplinado. No início não gostei nada da escola, sobretudo porque ainda vigorava um sistema de *fagging* (em que os alunos do primeiro ano serviam gratuitamente os mais velhos); quando atingi idade suficiente para beneficiar dele, já tinha sido abolido.

A escola tinha uma atmosfera muito militar, devido ao facto de grande parte do pessoal docente ser constituída por oficiais reformados do exército. No meu primeiro período letivo, era visto como reservado, nervoso e pouco confiante. Decidi que a sobrevivência dependia de manter a cabeça baixa e atrair o mínimo de atenção possível. No ano seguinte continuava a ser, segundo o meu diretor de residência, «muito tímido», mas «perfeitamente feliz». Mal

ele imaginava o quanto eu detestava a falta de privacidade, os soalhos nus e a sensação constante de frio.

Uma vantagem que tive sobre os outros rapazes nesse primeiro ano foi ter chegado a Oakham já com um amigo feito: Andrew Dickson, que frequentara a escola preparatória comigo. Tornou-se o meu amigo mais próximo durante a adolescência e funcionava, de certo modo, como meu contraponto. Enquanto eu era tímido e reservado, ele era ousado e extrovertido. Ambos queríamos viajar, mas foi ele quem tornou isso possível.

Após o primeiro ano em Oakham começámos a explorar juntos as Ilhas Britânicas, fazendo boleia com sacos-cama e uma tenda. Sozinho, eu nunca teria tido confiança para o fazer, mas com o Andrew tudo parecia fácil. Era muito mais experiente e maduro do que eu. Nada o intimidava. As nossas vidas seguiram percursos paralelos em alguns aspetos. Tornou-se médico e passou a vida a viajar, tal como eu.

No trabalho escolar tornou-se rapidamente evidente onde estavam os meus pontos fortes e fracos: o meu entusiasmo pelo Inglês e pela História correspondia à minha aptidão para ambas as disciplinas. Isto contrastava fortemente com a minha aversão às matérias mais valorizadas pela escola — a Matemática e as Ciências — e com os resultados medíocres que nelas conseguia obter. Esperava-se que os rapazes da minha idade fossem metódicos e apreciassem dominar fórmulas e estruturas, mas a minha mente simplesmente não funcionava dessa maneira — e continua a não funcionar. Parecia hesitante, pouco aplicado e um tanto sonhador. Conseguia manter-me à tona, mas não me integrava. Sentia-me uma excentricidade, um estranho. Isso tornou-se evidente para toda a gente na escola durante o período letivo da Primavera de 1971.

Tinha realizado dois exames de Inglês de nível O no Verão de 1970, ficando outros seis para o ano seguinte. Esse era o meu objetivo quando regressei a casa para as longas férias de Verão, em Julho. Poucos dias depois da minha chegada, os meus pais compraram um

enorme guarda-fatos de carvalho para o meu quarto, situado no rés-do-chão da casa. Em algum momento da sua existência, o móvel tinha sido cortado ao meio, presumivelmente para facilitar o transporte. Recebi esta nova aquisição com sentimentos contraditórios.

Gostava dele, mas sentia que havia qualquer coisa errada. Guardei a roupa no interior e fechei-o, prendendo a porta da esquerda em cima e em baixo com os respetivos ferrolhos e fechando a porta da direita à esquerda através de uma fechadura acionada por chave. Alguns minutos depois regressei ao quarto para ir buscar qualquer coisa e encontrei ambas as portas abertas. Procurei uma explicação simples. Talvez as duas metades do guarda-fatos não estivessem bem unidas e estivessem a libertar os ferrolhos e a fechadura, mas não encontrei qualquer indício disso. Voltei a trancar tudo e saí novamente.

Quando regressei, as portas estavam outra vez completamente abertas. Isto repetiu-se durante vários dias. As portas nunca se abriam espontaneamente enquanto eu estava presente; apenas quando me ausentava. Os meus pais pareceram pouco interessados quando lhes contei o que se passava.

Regressei à escola em Setembro sem estar mais próximo de descobrir por que razão as portas pareciam ter vida própria. A atividade estranha continuou da vez seguinte que fui a casa. As portas do guarda-fatos estavam fechadas quando entrei no quarto pela primeira vez e quando saí depois de desfazer a mala. Quando mais tarde regressei, estavam abertas. Fechei-as e sentei-me a ouvir um disco. Cerca de quinze minutos depois, uma bota atravessou o quarto vinda da direção do guarda-fatos, que se encontrava atrás de mim, e embateu na janela situada a cerca de três metros. Olhei para trás e lá estavam as portas, escancaradas. Não disse nada sobre o assunto e o resto do fim-de-semana decorreu sem novas ocorrências.

Na minha visita seguinte a casa, durante as férias intercalares, as almofadas do meu quarto começaram a flutuar de um lado para o outro e os cabides também começaram a mover-se. Mais tarde,

chegariam mesmo a dar-me ligeiros empurrões pelas costas. Considerava estes movimentos mais irritantes do que assustadores, porque parecia ser a única pessoa da casa sujeita a eles. Os meus pais mantinham-se resolutamente desinteressados nas poucas ocasiões em que me atrevia a mencionar o que estava a acontecer no meu quarto.

Na manhã de Natal ouvi um ruído de arranhões que parecia vir de trás dos painéis da parede, do outro lado do quarto. Esse som desvaneceu-se para dar lugar a outro, vindo do exterior da janela, semelhante ao de alguém a caminhar sobre gravilha. Levantei-me e espreitei pela janela, esperando ver pegadas na neve, mas não havia nenhuma; também não existia ali qualquer gravilha. Mal voltei para a cama, os arranhões recomeçaram. Fui chamar a minha mãe para que pudesse ouvir com os próprios ouvidos que algo estranho estava a acontecer. Quando entrámos juntos no quarto, tudo estava em silêncio, e ela recusou-se a acreditar na minha história, insistindo que George Owen afirmara que essas coisas não voltavam.

A escola era o único lugar onde parecia estar a salvo da atividade poltergeist. Isso mudou de forma discreta, quase impercetível. Primeiro desapareceu a minha caneta da secretária da sala de estudo e depois apareceu na sala ao lado. Os três rapazes que utilizavam essa sala negaram tê-la levado, pelo que concluí que a devia ter deixado lá sem me aperceber, embora não me recordasse de ter estado recentemente naquele espaço. Pouco tempo depois a caneta desapareceu novamente e desta vez foi encontrada noutra sala de estudo, mais distante. Outros objetos meus também começaram a vaguear.

Não podia provar sem sombra de dúvida que não tinham sido deslocados por outra pessoa. A primeira prova conclusiva de atividade paranormal ocorreu numa noite em que estava na sala de estudo a ouvir música com os dois colegas que a partilhavam comigo. Levantei-me para mudar o disco e, quando acionei o mecanismo automático do gira-discos, o disco que se encontrava no prato começou a elevar-se lentamente ao longo do eixo central, girando no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio enquanto subia. O disco

ficou preso quando atingiu o topo do eixo e tive grande dificuldade em soltá-lo. Nenhum de nós conseguiu explicar o que acabáramos de ver.

Poucos dias depois de regressar a casa para as férias da Páscoa, em Abril de 1971, os meus pais começaram a notar que os objetos se moviam novamente, mas não disseram nada. Eu habituara-me a guardar silêncio sobre o que acontecia à minha volta e, assim, todos nós tínhamos consciência da situação enquanto fingíamos não a ter. A encenação terminou na noite do Domingo de Páscoa. Os meus pais estavam a receber amigos que chegaram a casa enquanto eu estava fora.

Regressei pouco antes de eles partirem, por volta das dez da noite, e fui diretamente para a cama. Quando os meus pais acompanhavam os convidados à saída, sentiram-se embaraçados ao ver um grande prato de estanho virado ao contrário sobre a mesa da sala de jantar. Provavelmente os convidados não repararam nessa estranheza ao passar, mas os meus pais sempre foram extremamente rigorosos quanto à disposição dos objetos decorativos. Também não lhes escapou, quando regressaram à sala de estar onde tinham estado a receber, que o sofá mudara de lugar e se encontrava agora do outro lado da divisão. Sabiam que a Rosalind e o Andrew já estavam deitados havia várias horas e que eu estava no meu quarto, pelo que nenhum de nós poderia ter sido responsável por deslocá-lo.

Enquanto tentavam compreender aqueles acontecimentos, eu encontrava-me na cama a participar numa cena que só posso descrever como digna de um filme de terror. Estava deitado, inquieto, quando ouvi um rangido vindo do guarda-fatos do outro lado do quarto. Acendi a luz e, para meu espanto, vi o guarda-fatos afastar-se lentamente da parede na minha direção. Avançou cerca de quarenta e cinco centímetros antes de eu entrar em pânico e apagar a luz. Não queria ver aquilo; podia continuar sem mim como espectador. Então a cama começou a vibrar e os pés elevaram-se no ar. Limitei-me a ficar deitado, aterrorizado, sem saber o que fazer. A cabeceira também começou a subir, até que fiquei completamente suspenso, cerca de

quinze centímetros acima do chão. Finalmente, a cama rodou bruscamente e acabou inclinada em relação à parede.

Aquilo era demais. Já não queria dormir naquele quarto. Saí da cama e fui procurar os meus pais. Eles também tinham as suas próprias revelações a fazer e contaram-me os movimentos que haviam observado recentemente. Os três dirigimo-nos então ao meu quarto. A força que atuara enquanto eu estava deitado também se mostrara produtiva nos poucos minutos em que eu estivera ausente: uma pesada poltrona fora deslocada e bloqueava agora a entrada, impedindo fisicamente o acesso ao quarto. P

assei o resto da noite num saco-cama, no chão do quarto dos meus pais, preocupado com o que poderia acontecer a seguir. Nada de anormal ocorreu durante as longas horas que antecederam a manhã e, por isso, não tivemos qualquer indicação da explosão de atividade que devia ter ocorrido nessa noite na cozinha, na sala de estar e na sala de jantar. À primeira vista parecia que essas divisões tinham sido palco daquelas rixas exageradas dos velhos westerns: mesas e cadeiras estavam viradas ou empilhadas umas sobre as outras e objetos encontravam-se espalhados por todo o lado. Faltava apenas um elemento: os estragos. Nada estava partido. Era evidente que a intenção não era ferir nem os nossos bens nem os nossos sentimentos.

Tentámos restabelecer alguma ordem naquele caos aparentemente travesso e cuidadosamente encenado, mas mal conseguíamos arrumar uma divisão, ela regressava ao estado caótico poucos minutos depois e sem que déssemos por isso. Fomos condenados a passar toda a Segunda-Feira de Páscoa a jogar aquele frustrante jogo.

Foi a nossa iniciação num tipo de atividade poltergeist mais esquiva e irrequieta do que qualquer outra que tivéssemos experimentado. Nos dias seguintes, camas apareceram completamente desfeitas ou viradas ao contrário. Numa manhã, o meu irmão e a minha irmã foram recebidos à porta da cozinha por um carrinho que deslizava na direção deles cerca de dois centímetros acima do chão.

Encontrávamos objetos equilibrados em locais improváveis: uma vassoura colocada horizontalmente sobre o corrimão da escada; três mesas metálicas com tampo de pedra delicadamente empilhadas umas sobre as outras. Descobríamos poças de água no chão, fenómeno que se limitava sobretudo a uma zona de piso em pedra no átrio. Depois o poltergeist começou a utilizar outros líquidos existentes na casa: tinta, ácido e removedor de tinta foram, em diferentes ocasiões, despejados sobre o chão. Numa ocasião suspeitámos que tivesse usado cristais de hidróxido de sódio — retirados de um frasco guardado na cave — numa solução líquida espalhada sobre o linóleo de uma divisão no andar superior. Quando a travessura foi descoberta, o linóleo encontrava-se em processo de dissolução e queimámos as mãos ao tentar absorver a substância com panos.

O meu pai decidiu voltar a procurar George Owen para pedir aconselhamento, mas este era então diretor da *New Horizons Research Foundation*, em Toronto, a milhares de quilómetros do nosso problema. Parecia não haver nada a fazer senão observar enquanto aquela força vigorosa tentava tomar conta das nossas vidas. Após cerca de duas semanas tornou-se evidente que a atividade podia dividir-se essencialmente em três categorias: a primeira era puramente perturbadora e irritante; a segunda relacionava-se com simetria e equilíbrio; e a terceira consistia em movimentos ruidosos e exuberantes, aparentemente concebidos para atrair atenção.

Esta última categoria era a mais interessante, porque nos era permitido assistir aos acontecimentos em tempo real. Os objetos começavam por vibrar, depois sacudiam-se violentamente antes de se elevarem no ar e se afastarem. Uma vez suspensos, ganhavam velocidade, sobretudo ao aproximarem-se das escadas. Ao chegarem à base destas, pareciam ser lançados para o topo com enorme força. Por vezes embatiam nas paredes e caíam ruidosamente no chão. Martelos, maços, cabides, blocos de madeira, latas de quatro litros de removedor de tinta e ferramentas de carpintaria protagonizaram, em diferentes momentos, estas manobras aéreas. Outras vezes, porém, os objetos eram deslocados com grande cuidado e precisão, contornando as duas

curvas em ângulo reto da escadaria que conduzia ao primeiro andar e projetando-se por cima do corrimão no topo.

O exemplo mais impressionante deste tipo de deslocação ocorreu numa tarde em que se descobriu que a mesa do quarto da minha irmã desaparecera. A mesa tinha uma gaveta e media cerca de setenta e quatro centímetros de altura por noventa e um de comprimento e quarenta e seis de largura. A Rosalind utilizava-a como secretária e mantinha sobre ela livros, papéis, uma caneca com lápis e vários objetos decorativos.

A nossa primeira busca não deu resultado. Procurámos novamente, desta vez incluindo a cave. Para nosso espanto, a mesa estava lá. Nenhum dos objetos colocados sobre ela se encontrava fora do lugar, embora, de alguma forma, tivesse sido necessário fazê-la descer três lanços de escadas, atravessar cinco portas — algumas com menos de setenta e seis centímetros de largura — e efetuar dez mudanças completas de direção em ângulo reto para chegar à cave.

Durante os primeiros dias do surto apareceram por toda a casa rabiscos infantis, círculos e desenhos simples, geralmente feitos a lápis. Pouco depois surgiram nas paredes as palavras «Matthew Beware» («Matthew, cuidado») e aquilo que parecia ser o símbolo astrológico de Leão (o meu signo). Procurei não pensar demasiado no significado daquele aviso. O que já estávamos a viver era suficientemente preocupante sem se tornar, de algum modo, algo pessoal. Quando, pouco tempo depois, a mesma advertência voltou a aparecer, a minha mãe sugeriu que eu colocasse uma folha de papel e um lápis sobre a mesa da sala de jantar e convidasse o poltergeist a utilizá-los. Achei a ideia boa e fiz o que ela propôs. Fechámos as cortinas para proporcionar ao poltergeist a privacidade de que parecia necessitar e subimos as escadas, fechando a porta da divisão à chave; não havia mais ninguém em casa.

Regressámos dez minutos depois. Na folha encontrava-se uma série de rabiscos indecifráveis. Peguei noutra folha e escrevi no topo o alfabeto e os números de 0 a 9. Deixámo-la sobre a mesa e voltámos a

retirar-nos. Quando regressámos, encontrámos mais pequenos rabiscos, o símbolo de Leão e, ao centro, as palavras «Matthew Beware».

Este exercício pareceu demonstrar para além de qualquer dúvida que eu era a fonte da energia que alimentava o poltergeist. Foi também por esta altura que tomámos consciência de outro aspeto importante do fenómeno. Certo dia, em casa, a minha mãe pediu-me que levasse um pequeno cesto de verga da mesa da cozinha para a mesa da sala de jantar. Estávamos ambos no andar de cima quando ela me fez o pedido. Descemos juntos e descobrimos que o poltergeist realizara a tarefa por mim: o cesto encontrava-se agora no centro da mesa da sala de jantar.

Na véspera do meu regresso à escola para o início do período de Verão, os meus pais perguntaram-me se poderia tentar recuperar alguns dos objetos que pareciam ter desaparecido durante a atividade poltergeist. Nenhum deles era valioso; eram apenas úteis, como colheres de chá ou peças de louça. Estávamos todos na sala de estar e sugeri que permanecêssemos ali enquanto eu tentava fazer regressar os objetos à mesa da sala de jantar. Meia hora depois entrámos nessa divisão e ficámos espantados ao encontrar uma coleção de objetos, muitos dos quais os meus pais nem sequer tinham notado que estavam desaparecidos. Bases para pratos, livros, adornos, além das modestas colheres e peças de louça inicialmente solicitadas, tinham sido cuidadosamente colocados sobre a mesa.

O meu pai considerou justo avisar o diretor da escola, John Buchanan, da possibilidade de a atividade poltergeist que tínhamos vivido durante as férias também ocorrer em Oakham. O Sr. Buchanan nunca se deparara com nada semelhante ao que o meu pai lhe descreveu. Mostrou-se algo desdenhoso e acreditava que, «na azáfama da vida escolar», nada de significativo aconteceria num grande dormitório partilhado por vinte e cinco rapazes. Talvez a sua ignorância fosse uma bênção. O meu pai receava que ele me expulsasse e que nenhuma outra escola equivalente estivesse disposta a aceitar-me.

Decidiu-se que eu teria um beliche só para mim e que este seria colocado afastado dos restantes, num canto do grande dormitório quadrado, junto a uma janela. A primeira noite decorreu sem incidentes. Pouco depois de apagarem as luzes na segunda noite, senti a cama mover-se em direção ao centro da sala. Levantei-me e empurrei-a de volta aos cerca de quarenta e cinco centímetros que avançara. Passados poucos minutos voltou a mover-se e, desta vez, vários outros rapazes viram o que estava a acontecer. Decidi não a empurrar novamente. Um beliche vazio começou então a deslizar lateralmente em direção a um conjunto de camas. Moveu-se cerca de dois metros e parou. A minha cama resolveu segui-lo, acabando por parar depois de avançar aproximadamente um metro e vinte. Nesse momento, um dos observadores atónitos acendeu a luz. Voltámos a colocar as camas nos seus lugares originais e apagámos novamente a iluminação. Quando a minha cama voltou a afastar-se da parede, deixei-a onde estava.

Os mesmos movimentos repetiram-se na noite seguinte e na outra a seguir. O dormitório rapidamente se encheu de comentários enquanto nós, os rapazes, tentávamos perceber como aquilo podia acontecer. Os beliches tinham estruturas metálicas pesadas, com pés de borracha, e eram difíceis de mover mesmo vazios, quanto mais com alguém deitado neles. Após este terceiro episódio, um dos meus amigos foi contar à encarregada do dormitório o que tinha acontecido. Quando o diretor foi informado, decidiu não tomar qualquer medida, porque a perturbação era de pequena escala e estava confinada a um único dormitório.

As manifestações do poltergeist intensificaram-se nos dias seguintes. Além de os beliches se moverem durante a noite, quando as luzes estavam apagadas, começaram também a ser lançados objetos através do dormitório. Quando acendíamos as luzes encontrávamos o chão coberto de pedaços de vidro partido, parafusos e pregos. Varremos tudo e deixámos os detritos num canto. Quando nos preparámos novamente para dormir, os destroços tinham sido

redistribuídos por toda a divisão. Nessa mesma noite, o conteúdo da minha sala de estudo apareceu completamente revolvido.

O mesmo caos repetiu-se na noite seguinte. Diversos *apports* — como seixos, fragmentos de vidro, talheres e pedaços de madeira — eram atirados pelo dormitório, sobretudo contra as paredes e as janelas. O dormitório não tinha cortinas e, nessa altura, todos os rapazes ali instalados permaneciam atentos, tentando descobrir quem poderia estar a causar a devastação noturna. Na manhã seguinte descobriu-se que as salas de estudo de outros alunos também tinham sido perturbadas: estantes esvaziadas, móveis virados e extensas poças de água espalhadas pelo chão.

Após este surto de atividade, o Sr. Buchanan estava tão desesperado quanto eu para pôr fim àquilo. Decidiu seguir o conselho da encarregada do dormitório (*Matron*) e consultar alguém experiente nesse tipo de assuntos. A Matron tinha mais do que um interesse passageiro pelo paranormal e, além de possuir contactos entre médiuns e sensitivos, era provavelmente a pessoa menos perturbada por tudo o que estava a acontecer. Foi marcada uma consulta para mim com o homem por ela recomendado, daí a uma semana. Para o diretor, porém, esse prazo era demasiado longo.

Considerava que alguma intervenção imediata era necessária. Perguntou ao capelão da escola se poderia ajudar. Eu não lhe era particularmente simpático, depois de me ter queixado de considerar errado que a frequência da capela ao domingo fosse obrigatória em Oakham. Durante a nossa breve conversa, admitiu livremente que não tinha solução para o problema. Já ouvira falar de fenómenos semelhantes, mas não podia oferecer ajuda nem sequer arriscar uma opinião quanto ao significado daqueles acontecimentos paranormais.

Os dias que decorreram entre a marcação da consulta e a sua realização trouxeram novas manifestações de atividade poltergeist no dormitório. Numa noite apenas vidro era lançado pela sala; na seguinte, apenas pregos. Outros *apports* incluíam espetos, pedras, pedaços de betão partido e colheres. Particularmente aterradora foi a

noite em que facas com cabo de osso foram projetadas contra paredes e camas. Em várias ocasiões atingiram rapazes, mas sempre muito suavemente e sem lhes causar qualquer dano. Na manhã seguinte recolhemos as facas do chão. Eram catorze, todas com um brasão real e as iniciais «GR». Não pertenciam à escola e nunca conseguimos determinar a sua origem.

Alguns dias depois assistimos a um espetáculo aéreo protagonizado por vinte cabides metálicos. Quando os encontrámos de manhã, tinham sido transformados em pequenas bolas de arame grosso amassado. Nesse mesmo dia, os períodos de estudo também foram perturbados pela primeira vez. As ocorrências verificavam-se sempre dentro de um determinado raio em torno do local onde eu me encontrava.

O Sr. Buchanan não presenciou pessoalmente estes acontecimentos, mas «recebeu numerosos relatos em primeira mão dos rapazes, do tutor da casa e da Matron». Peter Weight, o tutor referido, recordou aquilo a que assistira num documentário da BBC emitido em 1985:

Lembro-me de um rapaz ficar aterrorizado porque surgiu numa parede uma mancha luminosa que parecia quente ao toque. Objectos começaram a voar pelos dormitórios e a aparecer no chão: facas, garfos, pedaços de loiça partida, esse género de coisas. Numa ocasião, uma pilha inteira de pratos da sala de jantar pareceu surgir do nada e despenhou-se no chão. Investigámos uma das coisas que estava a acontecer. Todos os dias os rapazes tinham de fazer as camas no dormitório. Normalmente, os prefeitos inspecionavam-nas assim que estavam feitas.

Depois disso iam para as aulas, por volta das oito e cinquenta e cinco. Cerca das nove e cinco, era hábito a Matron passar pelos dormitórios e verificar ela própria as camas. Durante várias semanas, a maioria das camas aparecia em completo desalinho. Estavam todas revolvidas, com colchões meio caídos e lençóis espalhados por todo o lado. Naturalmente pensámos que alguém regressava para fazer aquilo

como uma partida, mas continuava a acontecer repetidamente. Tanto quanto pudemos verificar, não havia ninguém na residência nesse momento.

Houve uma ocasião — e essa assustou-me — em que estive ausente durante umas férias intercalares e depois regressei. O meu quarto ficava no fim de um corredor. Tinha uma mala grande e pesada que coloquei em cima de uma cómoda robusta, deixando também vários outros objetos espalhados. Depois fui jantar. Quando regressei, pareceu-me que uma mão gigantesca tinha simplesmente levantado tudo o que havia no quarto e voltado a largá-lo. Se alguém tivesse entrado e desarrumado o quarto, teria provavelmente atirado as coisas para todo o lado. Mas, pela posição da mala, do colchão e de tudo o mais, parecia realmente que um vento ou qualquer outra força os levantara e deixara cair de novo. Nessa noite dormi muito mal.

O incidente da mancha luminosa referido por Peter Weight ocorreu na madrugada de sábado em que eu seria levado ao homem em quem o diretor depositava as suas esperanças. Um prefeito — um amigo muito próximo na época —, que dormia num dormitório situado noutra ala da Deanscroft House, acordou às quatro e meia da manhã com uma sensação de frio intenso. Na parede em frente viu um disco luminoso com cerca de quarenta e cinco centímetros de diâmetro. Inicialmente pensou que se tratava de uma luz projetada a partir do corredor. O frio tornou-se mais intenso e, à medida que isso acontecia, a área luminosa aumentava, estendendo-se gradualmente do rodapé ao teto e alcançando quase dois metros de largura. Meia hora mais tarde, a Matron encontrou o rapaz ajoelhado no corredor, a rezar. A luz quase desaparecera quando regressou ao dormitório com ele.

Nesse mesmo dia, 8 de Maio de 1971, o tutor da residência levou-me a um hospital psiquiátrico em Leicester para a consulta marcada pelo diretor. Conduziram-nos a uma pequena sala onde se encontrava um homem acompanhado por uma mulher de cabelo escuro. Eu levara um cesto cheio de *apports* para lhe mostrar, mas ele mal lhes prestou atenção e não demonstrou interesse pelo que eu tinha para dizer acerca

do que estava a acontecer. Segundo ele, já possuía a resposta, que eu deveria copiar de um pequeno livro que me entregou.

Disse-me que deveria executar o seguinte ritual de banimento sempre que ocorresse algum fenómeno paranormal:

Volte-se para Oriente. Toque na testa e diga ATEH (Tu és). Toque no peito e diga MALKUTH (O Reino). Toque no ombro direito e diga VEGEBURAH (e o Poder). Toque no ombro esquerdo e diga VEGEDULAH (e a Glória). Una as mãos diante de si e diga LE-OLAM (para sempre). Aponte para cima e diga AMEN. Trace no ar, voltado para Oriente, o Pentagrama de Banimento e vibre o nome da divindade — YOD HE VAU HE. Imagine que a sua voz se propaga até ao Oriente do Universo.

Estenda o dedo diante de si, volte-se para Sul, trace o Pentagrama e vibre da mesma forma o nome divino ADONAI. Volte-se para Ocidente, trace o Pentagrama e vibre EHEIEH. Volte-se para Norte, trace o Pentagrama e vibre AGLA. Regresse a Oriente e complete o círculo levando a ponta do dedo ao centro do primeiro Pentagrama. Permaneça de braços estendidos em forma de cruz e diga: Diante de mim Rafael (Ar), atrás de mim Gabriel (Água), à minha direita Miguel (Fogo), à minha esquerda Auriel (Terra). Diante de mim flameja o Pentagrama; atrás de mim brilha a estrela de seis pontas. Faça novamente a Cruz Cabalística conforme indicado acima, dizendo ATEH, etc.

O meu sentido do ridículo esteve quase a levar a melhor sobre mim. Tendo em conta que todos os dias surgia uma nova série de fenómenos paranormais, conseguia imaginar-me a passar o tempo inteiro a repetir aquela lengalenga. E isto numa altura em que tentava estudar para os seis exames de nível O que deveria realizar poucas semanas depois. Guardei as minhas reservas para mim e copiei obedientemente o ritual.

O homem e a mulher representaram o meu primeiro contacto com praticantes do ocultismo. Durante a hora e meia seguinte demonstraram impressionantes capacidades de clarividência,

oferecendo a ambos leituras exatas de personalidade e de vida. O homem falou-nos das suas experiências de projeção astral e explicou como se realizava. Não gostei dele nem confiei nele. Havia nele um odor a feiticeiro que ofendia o meu orgulho juvenil.

Representava um aspeto do psiquismo que me repelia — e continua a repelir: a acumulação e prática de conhecimento secreto apenas por si mesmo. Creio que essa abordagem estreita e individualista prejudicou a credibilidade do paranormal, envolvendo o tema num misticismo desnecessário, afastando-o do público em geral e reservando-o a uma pequena minoria excêntrica.

Saímos da reunião sem saber se não teríamos embarcado numa missão inútil. Concordámos ambos que o homem era extremamente estranho. Ainda assim, decidi não permitir que a minha opinião pessoal me impedisse de seguir o seu conselho. Nessa noite subi ao dormitório e realizei o ritual, tendo o cuidado de desenhar os pentagramas na orientação correta. Se os desenhasse ao contrário, mesmo sem querer, corria o risco de invocar uma força. Duas horas depois parecia que talvez o tivesse feito, porque o caos instalou-se. Repeti o ritual uma segunda vez e depois uma terceira. Era evidente que a paz só seria restabelecida se eu abandonasse o dormitório. Decidi não dormir ali e concluí que o mais sensato seria passar a noite na sala da Matron. Acontecesse o que acontecesse, podia confiar que ela não entraria em pânico.

A notícia espalhou-se rapidamente e, à hora de deitar, a Matron encontrava-se rodeada por um grupo de rapazes ansiosos na sala de lavabos do piso inferior. Enquanto tentava acalmá-los e tranquilizá-los, uma rolha voou de um canto vazio da sala e aterrou aos seus pés. Logo depois, vários fragmentos de vidro partido caíram do teto. Todo o grupo ficou abalado, embora, no caso da Matron, a causa fosse mais a excitação do que o medo.

Tinha uma forte sensação de que aquilo não terminaria ali. Alguns outros rapazes juntaram-se à Matron e a mim na sua sala.

Conversámos até cerca das onze e meia da noite, altura em que regressaram aos dormitórios, deixando-nos a continuar a vigília.

Pouco depois da partida deles, aparas de madeira, pequenos seixos e fragmentos de vidro começaram a aparecer-nos no colo e a cair dentro das chávenas de café. Ouviam-se pancadas provenientes das paredes, do teto e do chão, e sons metálicos vinham das janelas, dos quadros e até das chávenas. Por fim, as materializações cessaram e todos os ruídos desapareceram, exceto um bater persistente nas paredes. A Matron saiu para efetuar a última ronda pelos dormitórios. Tudo estava tranquilo e intacto. Regressou à sala onde eu a aguardava e sentou-se. As pancadas continuavam audíveis e tinham persistido durante toda a sua ausência. Então, simultaneamente, sentimos uma estranha sensação de frio à volta dos pés e da parte inferior das pernas, que gradualmente foi subindo pelo corpo. O desconforto tornou-se tal que fomos obrigados a mudar de posição. Assim que o fizemos, a sensação desapareceu.

Interpretámos isso como um sinal de que algo estava prestes a acontecer e dirigimo-nos ao dormitório vizinho, onde dormiam oito rapazes mais novos e dois prefeitos mais velhos. Ao entrar, ambos sentimos o mesmo frio que nos tinha percorrido anteriormente e vimos uma pequena mancha luminosa na parede à nossa frente. Não existia qualquer fonte exterior capaz de a produzir. Aproximei-me e coloquei a mão diante dela para verificar se fazia sombra. Não apareceu nenhuma.

Toquei na mancha. Estava quente e contrastava nitidamente com as zonas circundantes, tão frias quanto seria de esperar de uma parede de estuque. O rapaz sobre cuja cabeça o círculo surgira acordou, consciente do frio que o rodeava. Viu a luz intensa e observou connosco enquanto a mancha aumentava de tamanho. Vi formar-se algo semelhante a uma coroa de espinhos em torno da sua periferia. Curiosamente, a Matron viu uma imagem diferente: uma cruz sobre a luz.

Executei o ritual de banimento, desta vez concentrando os meus pensamentos em remover a luz da parede. Após vinte minutos, a mancha luminosa reduzira-se ao tamanho de um pires e as imagens em redor já não eram visíveis. À medida que a luz paranormal enfraquecia, a temperatura da sala regressava ao normal. Quando a luz elétrica foi acesa, a luminosidade paranormal desapareceu por completo.

Mais tarde, nessa mesma manhã, fui informado da decisão do Sr. Buchanan de pedir aos meus pais que comparecessem ainda nessa tarde para discutir o meu futuro na escola. Depois de quatro semanas de «algo muito estranho a acontecer», de ter de responder às preocupações de numerosos pais e de não possuir provas de que o ritual de banimento fosse eficaz, encontrava-se sem saber o que fazer. Nessa época, a maioria das pessoas nem sequer sabia o que eram fenómenos de poltergeist e, entre as que sabiam, muitas eram extremamente supersticiosas ou hostis. A última coisa que desejava era que os pais começassem a queixar-se e que todo o caso chegasse ao conhecimento da imprensa.

Compreendi a sua posição. Eu parecia ser a causa do problema e a solução mais simples seria afastar-me. Quase sem exceção, os rapazes da minha residência não me responsabilizavam pelo que estava a acontecer e defendiam-me contra o ceticismo demonstrado pelos alunos das outras residências. Eram, na sua maioria, um grupo estoico e solidário, e a sua atitude tornou a situação muito mais suportável do que poderia ter sido.

Nas palavras de um dos rapazes do meu dormitório, quando foi entrevistado por David Frost no seu programa em 1974, aquilo era «algo a que nos habituámos com o tempo. Tornou-se banal». Mais perturbadora para muitos dos meus amigos do que o poltergeist era a minha capacidade de ler os seus pensamentos. Recordo-me de ter sentido verdadeiro medo apenas em duas ocasiões: quando o guarda-fatos se moveu e quando apareceu o círculo luminoso na parede. A situação era atenuada pela natureza benigna do poltergeist.

Nunca houve qualquer sensação de ameaça. Não nos preocupávamos com o facto de aquilo que acontecia desafiar uma explicação racional. Quem se preocupava eram os adultos, por nossa causa.

O meu diretor de residência, Roger Blackmore, estava «sobretudo preocupado em evitar que os rapazes da residência se tornassem excessivamente conscientes do que poderia estar a acontecer e o exagerassem. E, naturalmente, preocupava-me também com o próprio Matthew. Esperava sinceramente que ele não estivesse a sofrer por causa do que as pessoas diziam ou das suas próprias apreensões acerca do que estava a acontecer».

Quando contei à Matron que a minha expulsão parecia iminente, ela considerou a situação profundamente injusta e decidiu tentar demover o director. Enquanto discutíamos este novo desenvolvimento, bateram à porta. Um prefeito que estivera a inspecionar os dormitórios entrou e entregou-lhe dois objetos que encontrara junto à minha cama. O primeiro era um pedaço de arame torcido em forma de círculo, do tamanho de um pires.

O segundo era um pequeno livreto cinzento de capa mole que apresentava na capa a ilustração de um crucifixo com uma coroa de espinhos — uma combinação das imagens que a Matron e eu tínhamos visto na parede durante a noite. O livreto era um exemplar de *The Saint John and Saint Matthew Passion* («A Paixão segundo São João e São Mateus»).

A meio da manhã, John Buchanan mudara de opinião. Disse ao meu pai que eu podia permanecer na escola. Na sua opinião, o pior já tinha passado.

Os meus pais estavam particularmente preocupados com o efeito psicológico que a atividade poltergeist poderia estar a ter sobre mim e sobre os outros alunos. A pedido do meu pai, George Owen escreveu ao diretor, instando-o a trazer o assunto para o domínio público e a dirigir-se à escola. Na sua opinião, essa abordagem seria útil para

«baixar a temperatura». Sugeriu mesmo um modelo para esse discurso:

Estes acontecimentos, embora raros, ocorrem com mais frequência do que geralmente se supõe. Não resultam de truques nem de pessoas «a ver coisas». São provocados por forças físicas invulgares que algumas pessoas desenvolvem ocasionalmente. Essas forças são atualmente objeto de estudo ativo por parte de cientistas em Inglaterra, nos Estados Unidos, no Canadá e na Europa. As maiores autoridades consideram-nas fenómenos naturais, embora raros. Não são sobrenaturais.

Este caso em particular é do tipo que ocorre algures no mundo de poucos em poucos meses (...) Muitas pessoas possuem talentos raros, por exemplo, ouvir os pensamentos de outras pessoas. Outras têm a capacidade de mover objetos através dessa força desconhecida. Quando talentos deste género surgem, tornam-se cientificamente extremamente importantes e interessantes.

Parece-me agora que a decisão de Buchanan de, nas suas próprias palavras, «manter tudo o mais discreto possível» contribuiu para o «acumular de consternação e (...) inquietação». Como em tantas outras áreas da vida, o secretismo permite que as ideias erradas prosperem. O estranho homem do hospital psiquiátrico de Leicester e o bastante convencional e cético Sr. Buchanan pareciam representar os extremos opostos de opinião entre os quais o tema do paranormal se encontrava desconfortavelmente esticado.

Na mesma tarde em que os meus pais vieram à escola, a Matron recebeu uma chamada telefónica do homem de Leicester. Ele disse-lhe que tinha invocado a luz na parede e que viajara astralmente até ao quarto, onde nos vira aos dois. O ritual de banimento, afirmou, era a chave que me permitiria controlar a energia que então se manifestava sob a forma de atividade poltergeist.

Nessas circunstâncias, pouco me restava senão continuar a executar o ritual. Embora a atividade parecesse diminuir, continuavam a ser relatados incidentes suficientes para levar o diretor a voltar a

ameaçar-me com a expulsão. Recordo-me de passar uma noite miserável, a pensar na minha família e desejando dizer aos meus pais que não tinha culpa de estarem novamente a pedir a minha saída da escola. Pensei: «Se ao menos o poltergeist também acontecesse à volta da Rosalind, não poderiam culpar apenas a mim.» Mais tarde, a Rosalind contou-me que, nessa noite agitada, acordara de madrugada e encontrara a almofada num canto do quarto, do lado oposto, e o despertador debaixo da cama.

A Matron convenceu Buchanan a não cumprir a ameaça e, uma vez mais, fui poupado. Contudo, intuía que devia tomar medidas para controlar aquela força e não ficar passivamente à espera do próximo acontecimento estranho. Numa carta recente ao meu pai, George Owen teorizara acerca do que poderia acontecer num futuro próximo relativamente ao poltergeist. Escrevera:

Com Matthew podem ocorrer as seguintes possibilidades:

(1) Os poderes, voluntários ou involuntários, podem desaparecer subitamente.

(2) Ele pode conservá-los e alcançar um elevado grau de controlo.

(3) A maioria dos fenómenos pode desaparecer, mas poderão permanecer uma ou duas capacidades.

Perguntei-me em qual das categorias de George Owen me enquadraria. Entretanto, o meu pai manifestava preocupação quanto ao tipo de vida que eu poderia esperar, sobretudo no quadro do segundo cenário. A discórdia conjugal seria inevitável porque ninguém me poderia enganar. Cada pequena mentira piedosa seria imediatamente desmascarada por um lampejo de reconhecimento. Imaginava ele os problemas que surgiriam se a minha futura esposa me dissesse que gastara dez xelins e seis pence num chapéu, quando eu soubesse intuitivamente que tinha custado o dobro.

Eu deixava-o divagar, mais divertido do que preocupado com essa perspetiva. No fundo, desejava pertencer precisamente à segunda

categoria que tanto o assustava. Queria descobrir mais, ir mais longe, decidir o meu próprio futuro. Tinha curiosidade em saber quantos poderes possuía; na verdade, quantos poderes existiam. Poderia eu, por exemplo, imitar o homem de Leicester e projetar-me astralmente? Decidi pôr-me à prova e tentar «viajar» até casa. Deitei-me na cama e concentrei-me na nossa casa. Não «viajei» obviamente até lá; antes pareceu que estava a sonhar acordado. Entrei pela porta traseira aberta, vi a minha mãe junto ao lava-loiça, ao lado da máquina de lavar roupa; ela olhou na minha direção e voltou às suas tarefas; segui-a até à sala de jantar e vi-a voltar-se para observar atentamente o local onde eu estava; acompanhei-a enquanto percorria a casa de divisão em divisão, parando ocasionalmente para olhar pensativamente na minha direção. No final da experiência, não sabia ao certo o que conseguira fazer, para além de provocar uma dor de cabeça que durou vários dias.

No fim-de-semana seguinte, quando fui a casa, contei à minha mãe a minha «viagem». Ela disse que sentira a minha presença em casa naquela segunda-feira de manhã e que quase esperara ver-me, embora soubesse que isso era altamente improvável, uma vez que eu estava na escola. A experiência dela encorajou-me a levar a experiência um passo mais longe. Desta vez tentaria projetar-me para trás no tempo. Pensei que teria mais probabilidades de êxito se realizasse a experiência na nossa casa, construída por fases entre 1550 e 1731.

Preparei antecipadamente as perguntas que faria caso alcançasse o meu objetivo. O homem de Leicester dissera-me que a primeira pergunta a fazer ao comunicar com espíritos era: «Vens em paz?» Não fazia ideia se isso seria mais eficaz do que o seu ritual de banimento, mas pareceu-me prudente errar por excesso de cautela.

Deitei-me e concentrei-me como anteriormente. Contudo, ao contrário da primeira vez, desta feita pareceu-me entrar naturalmente num estado semelhante ao transe. Passado algum tempo ouvi uma voz suave perto da minha cabeça.

— Vens em paz?

— Sim.

— Como te chamas?

— Henrietta. Henrietta Webb.

— Em que ano nasceste?

— No ano de Nosso Senhor de mil seiscentos e dezanove.

— Com quem casaste?

— Com James Webb.

— Qual era a profissão dele?

— Negociava tecidos de lã.

— Em que ano ocupaste esta casa pela primeira vez?

— No ano de mil seiscentos e quarenta e seis.

— Como se chamavam os teus filhos?

— Henrietta, James, Ellen, Anne e Charles.

— Quando morreste?

Houve uma longa pausa antes da resposta:

— Parti deste mundo no ano de Nosso Senhor de mil seiscentos e setenta e três. Peço-te que rezes pela minha alma.

— E de que morreste?

— De uma febre maligna.

Perguntei-lhe que tipo de febre tinha sido, mas não respondeu.

— Onde exercia o teu marido o seu comércio?

— Negociava em Butchers Row e Hog Lane.

— O que pensas desta casa desde que a deixaste?

Ela pareceu não compreender a pergunta e fez um comentário qualquer acerca do ruído. Depois perdi o contacto com ela.

Algum tempo depois ouvi outra voz:

— Aqui estou eu. Aqui está Thomas.

— Thomas quem?

— Sim, Thomas Salmon.

— Quando nasceste?

— Nasci de Thomas e Mary no ano de mil quinhentos e sessenta e oito.

— Com quem casaste?

— Com a minha querida Rachel.

A voz desapareceu então, sendo quase imediatamente substituída pela de outro homem que se apresentou como Richard Webb, um agricultor abastado (*gentleman farmer*), que não sabia em que ano tinha nascido. Casara com uma senhora chamada Anne Thyson e tomara posse da casa em 1688.

Pouco depois de interromper o contacto, pareceu-me regressar ao presente. Tinha iniciado a experiência às 22h45. Eram agora mais de duas da manhã. Sentia-me cansado, mas ansioso por verificar se conseguiria estabelecer mais contactos. Voltei a entrar em transe e logo ouvi:

— Anne. Anne. Aqui está Anne Willis.

— Quando nasceste?

— Em mil setecentos e dois.

— Com quem casaste?

— Robert foi o meu marido. Robert Webbe.

— Qual era a profissão de Robert?

— Robert negociava cereais.

— Quando ocupaste a casa pela primeira vez? Foi Robert quem mandou construir a fachada?

— Sim. Robert mandou construir esta casa em Outubro de mil setecentos e trinta. A sua bela casa.

Após esta declaração, a voz desvaneceu-se. Tomei consciência de uma crescente luminosidade no quarto. Em seguida encontrei-me de pé no átrio da nossa casa, em plena luz do dia. Como o chão de pedra parecia liso e limpo, pensei; nada desgastado como eu sabia que estava. Intrigou-me uma pesada porta que dava para um pátio e apercebi-me de que devia estar a observar a casa tal como era quando foi concluída, em 1731. Uma criança, vestida com um traje comprido, aprendia a andar apoiada num andador com rodas. Na escada, um homem ajoelhado num canto martelava silenciosamente. Tinha cabelo ruivo-alaranjado e usava um comprido avental de couro. Ao passar do átrio para a sala de jantar, chamou-me a atenção o azul vivo do reboco acima dos painéis de madeira na escadaria.

Na sala de jantar, a lareira que eu conhecia como simples alvenaria estava rebocada e era significativamente mais baixa. Todas as janelas tinham vidros encaixados em chumbo e não caixilharias de madeira. A sala parecia ter menos uma janela. Um cão estendido junto à lareira não me prestou mais atenção do que a menina ou o homem. A coisa seguinte de que me lembro é de estar completamente desperto na cama. Registei imediatamente a experiência por escrito para minimizar o risco de distorções e depois fui dormir.

Após regressar à escola na noite seguinte, desfrutámos de quatro dias de completa tranquilidade. A atividade poltergeist retomou-se depois dessa pausa, mas com menor violência do que anteriormente. Era uma situação preferível àquela a que nos habituáramos, mas não me satisfazia. Queria que os fenómenos cessassem por completo. Continuei a praticar o ritual de banimento, embora parecesse não produzir qualquer efeito, e refleti sobre o que deveria tentar a seguir.

A resposta surgiu enquanto escrevia uma redação. Já não me recordo do tema, mas claramente não era um assunto que me entusiasmasse, porque as ideias surgiam muito lentamente. Tinha de as arrancar à força da cabeça e passá-las para o papel. Enquanto

permanecia sentado, de caneta na mão, a pensar no que escrever, senti de repente a minha mão ser empurrada para baixo e comecei a rabiscar palavras que não compreendia, numa caligrafia ilegível. Fiquei abalado e rasguei imediatamente a folha.

Depois de recuperar a compostura, procurei compreender o que tinha acontecido. Alguma coisa me utilizara claramente como meio de comunicação. A 6 de Junho pedi a alguns amigos da escola que assistissem a uma experiência que realizaria nessa noite na minha sala de estudo. Sentámo-nos às escuras. Segurei uma caneta sobre uma folha de papel e concentrei-me em oferecer-me como canal para a escrita automática. Dez minutos passaram sem resultado.

Tentei novamente, desta vez pousando a ponta da caneta sobre o papel em vez de a manter suspensa. Pouco depois senti a caneta ser guiada sobre a folha. Nessa ocasião, tal como em todas as ocasiões posteriores em que pratiquei escrita automática, não tinha consciência do que estava a ser escrito. Só o descobria depois, ao reler o texto. A curta frase, escrita com uma letra fina e trémula, dizia:

Preciso de ajuda agora. Não me conseguem alcançar. Ajuda. Por favor.

Depois recebi:

Perigo. Pára. Se não o fizeres irás... 5 da manhã não faca.

Confuso, escrevi no papel «quem és tu?» e recebi esta resposta:

Joseph West 1783. Vai buscar o cão. Preciso que me ajudes em breve. Fogo. Fogo.

Fogo 11 de Junho. Estou demasiado alto, por isso morro quando preciso da tua ajuda em breve.

Perigo de incêndio quando apanhares o cão. Vai buscar-me em breve, suplico-te.

A escrita tornou-se ilegível e pedi à entidade que se explicasse melhor. A resposta foi:

Vê a tua cama demasiado tarde quando entrares no fogo. Não apanhes o cão no dia 19 de Junho. Vidro será deixado cair no fogo. Vai aos campos no dia 19 de Junho depois do segundo tu e apanha-o contigo os dois.

A mensagem parecia estar a desfazer-se, como por vezes acontece nos telemóveis quando apenas se recebem algumas palavras de frases inteiras. Ainda assim, parecia ter conseguido produzir uma escrita que possivelmente tinha origem fora de mim. Pouco depois, as minhas seis testemunhas foram deitar-se. Três delas encontraram as camas molhadas por dentro.

Não ocorreu qualquer atividade poltergeist durante três dias após este episódio. Ao longo dos dias e semanas seguintes tornou-se evidente que a atividade violenta a que tínhamos sido sujeitos podia ser controlada se eu canalizasse a minha energia para a escrita automática. Sempre que sentia que um ataque podia estar iminente, sentava-me e deixava a escrita automática assumir o controlo. Com a prática, as mensagens tornaram-se mais coerentes e inteligíveis, embora, em muitos casos, o seu conteúdo fosse banal. O exemplo seguinte é típico do género de mensagens que recebia:

O John tem as minhas colheres. Tira-lhas antes que as perca. São-me queridas e não devem perder-se.

David Fraser, 1971.

Tornei-me um íman para os pensamentos inconsequentes destas entidades, muitas delas aparentemente alcoólicos falecidos ou vítimas de acidentes de automóvel que queriam deixar claro que não estavam a sofrer ou que a sua morte tinha sido rápida e sem dor. Comecei a receber mensagens mais substanciais quando passei a dirigir perguntas a pessoas falecidas específicas. Escrevia no topo da folha o nome da pessoa com quem desejava comunicar e depois formulava a pergunta. A Bertrand Russell perguntei:

As suas opiniões sobre a vida após a morte mudaram desde que morreu ou continua a acreditar que não existe vida depois da morte?

Foi esta a resposta que surgiu:

A vida regressa no seu caminho para uma névoa, a sua velocidade é novamente a sua quietude; a existência deste mundo de coisas e homens renova por fim a sua nunca necessária existência. Mais uma vez o conhecimento estudará os outros, a sabedoria conhece-se a si mesma e o músculo domina os irmãos; o autodomínio é o osso; o contentamento talvez nunca precise de pedir emprestado, a ambição vagueará cega e, enquanto a vitalidade se prende à medula, deixa a morte para trás. O universo é imortal porque, não possuindo um eu infinito, permanece infinito. A clareza manifestou-se no céu e a pureza no espírito. O homem não tem morte para morrer.

Bertrand Russell

Pelo menos o signatário sabia escrever corretamente o nome Bertrand. Eu tinha colocado no topo da folha «Bertram Russell», convencido, por engano, de que esse era o seu nome.

Passado algum tempo, recebia tantas mensagens em línguas estrangeiras quanto em inglês. O francês era a única língua estrangeira de que possuía algum conhecimento, e era extremamente frustrante não conseguir compreender o que me chegava em italiano, alemão, grego, latim, russo, árabe e várias línguas orientais, bem como em inglês antigo ou saxão. Recebia aquilo que pareciam excertos ou fragmentos de obras. Uma dessas mensagens parecia uma sequência de provérbios franceses:

Je dis: aux grandes maux les grandes remèdes ou aprés la mort le medicin qui dit que la patience est un reméde a tout maix. Marchand qui perd ne peut rire parce que les plus courtes folies sont les meillures.

Jacques Chaumont. 1933

A tradução inglesa fornecida no texto é:

Eu digo: um mal desesperado exige um remédio desesperado, ou então, depois da morte, surge o médico que afirma que a paciência é

um bálsamo para todas as feridas. Que ria aquele que vence, porque as mais breves loucuras são as melhores.

Grande parte das minhas férias de Verão de 1971 foi passada a experimentar a escrita automática. Um dos meus principais «correspondentes» foi Robert Webbe, antigo proprietário da Queen's House e marido da entidade que se identificara como Anne Willis, com quem eu comunicara algumas semanas antes.

Durante o Inverno de 1970 e a Primavera de 1971 tinha reunido uma enorme quantidade de informação sobre os Webbe enquanto realizava um projeto de História para o exame de nível O. A minha intenção inicial era escrever uma história da família Webbe, mas, como isso se revelou impossível devido às grandes lacunas existentes nos registos do Arquivo Público de Cambridgeshire, que me impediam de reconstruir uma árvore genealógica completa, decidi antes compilar uma história da aldeia de Linton.

Webbe fez referência a esse projeto na primeira mensagem que recebi dele através da minha mão:

O teu trabalho sobre a nossa família foi muito bom e muito correto.

Este foi o início de uma história de mistério que, em 1975, eu viria a escrever sob o título *The Strangers* (*Os Estranhos*). Parecia que Webbe não fazia ideia de que estava morto. Comportava-se como se continuasse a ser o proprietário da Queen's House e a sua vida prosseguisse, embora de forma dolorosa devido à gota de que sofria. Grande parte da informação que me chegava através dele dizia respeito à sua vida como cavalheiro rural. A seguinte foi a resposta que recebi certa noite quando lhe perguntei o que estava a fazer:

Na verdade, esta mesma noite hei de cear com o meu bom amigo Rob. Moore e a sua estimável esposa. Ela agrada bastante à minha fantasia, se me é permitido dizê-lo.

— O que vai jantar?

— A minha boa criada Beth prepara-nos uma excelente ave com coelho e molho de amoras, acompanhados de bom vinho.

A Queen's House já tinha sido palco de inúmeras ocorrências inexplicáveis e o contacto com Robert Webbe desencadeou talvez a mais extraordinária de todas durante esse Verão.

Na manhã de 31 de Julho de 1971 encontrei o nome «Rob. Webbe» escrito a lápis, em letras grandes, num dos painéis pintados de branco do meu quarto. Como as paredes já estavam bastante sujas, os meus pais decidiram que seria melhor deixar aquele grafito no lugar em vez de tentar apagá-lo. Os três fomos para o jardim beber café. Vinte minutos mais tarde, a minha mãe regressou ao quarto para voltar a observar o nome. Encontrou um segundo nome — *Hannah Webbe* — escrito em letras de cerca de quinze centímetros de altura noutro painel da mesma parede. Quando foi chamado para ver a novidade, o meu pai não ficou satisfeito.

— Diz ao Webbe que não escreva nas paredes.

Escrevi o pedido do meu pai numa folha de papel e esperei. A resposta foi:

Na verdade, vi o teu excelente trabalho acerca da minha família e decidi ajudar-te, permitindo que os meus amigos e parentes assinassem os seus nomes na parede. Deves compreender que a parede é minha e tenho liberdade para escrever nas minhas próprias paredes. O teu trabalho foi muito bom e, na maior parte, bastante correto.

Entre esse dia e 6 de Agosto apareceram mais de seiscentas assinaturas nas paredes do meu quarto, a esmagadora maioria acompanhada de uma data. Muitos dos nomes surgiram em locais onde era impossível que até a menor das mãos tivesse conseguido deixar uma inscrição. Mais tarde consegui localizar muitos deles em antigos registos paroquiais.

Quando mais de duzentas assinaturas já tinham aparecido, o meu pai convidou um colega de trabalho, William Nicholas, também

arquiteto, para testemunhar o que estava a acontecer. O seguinte texto é o memorando que escreveu acerca dessa visita:

Sendo amigo e colega profissional de Derek Manning, e tendo manifestado em numerosas ocasiões interesse pelos acontecimentos extraordinários que rodeavam a sua família, não foi sem uma sensação interior de expectativa e entusiasmo que me dirigi a Linton numa tarde. A visita teve origem num convite para testemunhar com os meus próprios olhos o alegado culminar de várias horas de trabalho árduo realizado por alguma agência desconhecida.

Essa agência seria supostamente o espírito, essência, energia ou «o que se queira chamar-lhe» de Robert Webbe, antigo proprietário e residente da Queen's House, destino da minha visita. Robert Webbe encontrava-se empenhado numa tarefa aparentemente sem propósito: reunir uma vasta quantidade de assinaturas. Estas tinham sido recolhidas de pessoas falecidas há muito tempo e generosamente aplicadas em várias partes da superfície de madeira revestida por painéis.

Tendo-me apressado a chegar, ansioso por não perder nada, surpreendeu-me a total ausência de excitação e a calma absoluta que reinavam na casa. Afinal, todos eles viviam havia anos num ambiente de fenómenos cientificamente inexplicáveis e, portanto, de acontecimentos estranhos.

Levaram-me ao quarto de Matthew, onde me mostraram a multidão de assinaturas muito interessantes que cobriam uma parede inteira e parte da parede adjacente.

Esses escritos, executados com precisão e cuidado em lápis preto, destacavam-se claramente sobre a superfície pintada de branco.

Além disso, Matthew tinha assinalado cada novo aparecimento com tinta colorida, registando a data e a ordem em que surgira.

Depois de examinar cuidadosamente as assinaturas, acompanhei toda a família até ao jardim iluminado pelo sol, explicando-me que o fenómeno não ocorria nem ocorreria enquanto a parede estivesse sob

observação direta. Um lápis foi deixado, contudo, em cima da cama, na esperança de que algo acontecesse.

Sete a dez minutos mais tarde regressámos e verificámos que outra assinatura tinha sido acrescentada.

Foi, e continua a ser, uma das experiências diretas mais interessantes e enigmáticas da minha vida. Sou grato por me ter sido dada a oportunidade de testemunhar este acontecimento extraordinário.

Os meus pais decidiram preservar as assinaturas com o maior cuidado possível, por considerarem que constituíam provas demasiado valiosas para serem destruídas. Contudo, em 1989 o quarto necessitava urgentemente de obras de renovação e o meu pai escreveu à *Society for Psychical Research* para lhes oferecer a oportunidade de fazer um registo permanente para os arquivos da instituição, permitindo finalmente que ele e a minha mãe redecorassem o quarto. O homem encarregado de fotografar as assinaturas foi o Dr. Vernon Harrison, grafólogo e fotógrafo profissional. Publicou uma avaliação das assinaturas e de alguns dos meus escritos automáticos e desenhos num relatório da SPR, em Outubro de 1994.

Harrison escreveu:

Impressiona a abundância e variedade da escrita. O tamanho das assinaturas varia desde mais de sessenta centímetros de comprimento até inscrições minúsculas que exigem uma lupa para serem lidas. As assinaturas podem estar na vertical, de lado, inclinadas para a esquerda ou para a direita e, ocasionalmente, de cabeça para baixo. Encontram-se desde os rodapés até cerca de dois metros e meio acima do nível do chão. Uma assinatura muito grande encontra-se rabiscada no teto. Há assinaturas na cornija da lareira e nos caixilhos das janelas. Foram executadas com uma fluidez e elegância não apenas notáveis, mas também em contraste marcante com o grafito comum que ocasionalmente me foi pedido para investigar.

A 3 de Agosto de 1971, Webbe escreveu através de mim:

Devo explicar-te que ainda não concluí as minhas muitas palavras. Não faças nada ainda e continuarei. Na verdade, não tinha consciência dos meus muitos amigos, aliados e familiares. Deves compreender que me é muito difícil trabalhar muito, encontrando-me algo debilitado na saúde do corpo. Alguns destes nomes foram escritos por mim e penso que existem muitos mais. Sei até da existência de meio milhar de tais nomes. Alguns pertencem a pessoas que morreram neste lugar quando aqui existia a enfermaria, em 1363, e eu não as conheço. Continuarei a escrever durante mais três dias enquanto os observas aparecer diante dos teus olhos.

Segundo a análise de Harrison, 85 por cento das assinaturas tinham sido escritas por Robert Webbe, 10 por cento por outras entidades, 5 por cento correspondiam a «maiúsculas de autoria duvidosa» e nenhuma podia ser atribuída à minha própria mão. Concluiu também que as datas associadas às assinaturas variavam entre 1355 e 1959, que 90 por cento delas se situavam entre 1600 e 1855 e que «39 por cento de todas as assinaturas são posteriores a 1736, ano da morte de Robert Webbe».

Harrison considerou particularmente interessante um dos textos produzidos em escrita automática sem qualquer preparação prévia da minha parte:

Morri na Suíça a 21 de Abril de 1952. Estou agora inquieto. O meu corpo encontra-se em Sapperton. Onde fica Frith Hill? Na tempestade, na incerteza e no medo que hoje permeiam o mundo, tornai-vos parte da mão de Deus que se estende para trazer paz, paciência e elevados padrões de verdade e justiça a todos os povos. Abençoai o meu corpo e permiti uma missa. Aqui está Charles, agora pai. Tenho de partir.

Li a assinatura como Richard Cripps; por baixo encontrava-se escrito «52». Na realidade, a assinatura dizia Stafford Cripps. Mais tarde descobri que ele fora Chanceler do Tesouro no Governo Trabalhista após a Segunda Guerra Mundial e que, em 1950, fora forçado por motivos de saúde a retirar-se da política. Morreu na Suíça

a 21 de Abril de 1952 e foi posteriormente sepultado em Sapperton, no Gloucestershire. Tinha vivido em Frith Hill e o nome do seu pai era Charles.

Segundo Harrison, «a sua assinatura é altamente idiossincrática e pouco conhecida. Na verdade, tive dificuldade em obter uma assinatura autêntica de Sir Stafford para comparação». O arquivista-adjunto do Arquivo da Câmara dos Lordes apenas conseguiu localizar uma carta contendo efetivamente a sua assinatura, escrita a partir da Embaixada Britânica em Moscovo, em 22 de Setembro de 1941, dirigida a Lord Beaverbrook. Quando recebeu uma reprodução da assinatura constante dessa carta, Harrison escreveu:

Isso abalou-me. A assinatura produzida através de Matthew é trémula em comparação com a assinatura firme enviada de Moscovo, sobretudo no início. Apresenta todos os sinais de uma assinatura genuína produzida por um homem afetado pela velhice, por doença ou por um acidente vascular cerebral. Não é uma cópia nem uma falsificação. Se a assinatura da Estampa 37 [a que surgiu através de mim] estivesse apensa a um testamento e eu dispusesse de informações complementares acerca do estado de saúde do testador na época, teria de a considerar autêntica para efeitos de validação sucessória.

Quanto à caligrafia da própria mensagem, Harrison descreveu-a como a mais «notável e interessante» que alguma vez lhe chegara às mãos. A degradação observada na escrita atribuída a Cripps «pode ter resultado da simples dificuldade de controlar a mão do médium; e as "anomalias" poderão derivar de alguma forma de interferência proveniente do cérebro e do sistema nervoso do médium. Eu esperaria algum grau de distorção durante o processo de transmissão».

Foi a minha mãe quem sugeriu que eu tentasse o desenho automático, procurando contactar um artista conhecido e pedindo-lhe que desenhasse algo para mim. O nome que propôs foi o de Sir Alfred Munnings, o famoso pintor de temas equestres. Os cavalos são notoriamente difíceis de desenhar e ela sabia que a minha limitada

capacidade como desenhador tornaria impossível que eu conseguisse desenhar um por mim próprio. O desenho levou uma hora a concluir e, quando finalmente terminou, não gostei da imagem sombria e inquietante que tinha diante de mim. No centro encontrava-se um cavalo preso pelas rédeas a uma árvore morta de aspeto oco. O cenário era composto por erva seca sobre um terreno árido coberto de grandes pedras duras. No céu estendia-se uma massa opressiva de nuvens negras. Tecnicamente, o cavalo era o melhor elemento da composição.

Nesse mesmo dia tentei de novo, desta vez «desenhando» um camelo, aparentemente sob a orientação de Thomas Bewick. O camelo era tecnicamente superior ao cavalo, mas, tal como sucedera com a escrita automática, parecia que eu estava a atravessar uma curva de aprendizagem. A qualidade dos desenhos a lápis melhorou ao longo do mês seguinte e recebi várias outras imagens atribuídas a diversos artistas falecidos. Alguns desenhos continham assinaturas; outros não. Entre as assinaturas encontravam-se os nomes de Paul Klee, Thomas Rowlandson e W. Keble Martin. Mais tarde surgiriam através da minha mão desenhos alegadamente provenientes de Picasso, Beardsley, Goya e Dürer.

Um dos aspetos mais desconcertantes destes desenhos automáticos era a enorme variedade de estilos. A minha capacidade artística nunca despertara interesse e, sendo eu próprio, teria sido incapaz de reproduzir os desenhos que surgiam através de mim. O capelão da escola, o reverendo Treanor, confirmou esse facto numa carta dirigida a Vernon Harrison:

Talvez lhe interesse saber que o Departamento de Arte da escola, no tempo de Matthew, não considerava que ele possuísse qualquer talento artístico próprio. Além disso, ainda existem professores em Oakham que observaram Matthew enquanto desenhava numa variedade de estilos. Em nenhuma ocasião foi visto por qualquer membro do corpo docente a copiar de livros de ilustrações.

Segundo o meu diretor de residência, Roger Blackmore:

Lembro-me de falar com Matthew enquanto ele realizava alguns dos desenhos e de lhe perguntar o que pensava deles. Respondia normalmente. Falava sobre a época histórica em que o desenho se inseria. Não parecia estar em transe. Trabalhava exatamente como trabalharia um artista normal dotado de grande talento.

A maioria dos desenhos começa por um esboço geral ao qual depois se acrescentam os pormenores. Os meus começavam sempre no centro e expandiam-se para fora, completos em todos os detalhes à medida que avançavam. Frequentemente era impossível interpretar a imagem até esta estar quase terminada.

Na sua análise publicada em 1994, Vernon Harrison decidiu comentar em detalhe dois desenhos atribuídos, respectivamente, a Albrecht Dürer e Aubrey Beardsley, dois artistas por quem nutria grande admiração. O desenho a tinta atribuído a Dürer foi identificado como uma versão de um retrato de Ulrich Varnbüler, cujo estudo preparatório se encontra na Albertina, em Viena.

Existe uma gravura derivada desse desenho no Departamento de Gravuras e Desenhos do Museu Britânico. Após comparar a minha versão com a gravura conservada no Museu Britânico, Harrison concluiu que não se tratava de uma cópia. A perspetiva era significativamente diferente, tal como o grau e o estilo dos detalhes. A minha versão tinha aproximadamente metade do tamanho do original de Dürer. Harrison descreveu o retrato surgido através de mim como «uma monumental demonstração de virtuosismo».

Harrison considerou ainda mais interessante o desenho atribuído a Beardsley. Tratava-se de um desenho a tinta representando uma mulher, um sátiro e um pavão junto a um lago. A origem da imagem revelou-se difícil de identificar. Por fim, Harrison descobriu que se tratava de uma composição baseada em dois desenhos publicados por volta de 1919 numa edição privada intitulada *Fifty Drawings by Aubrey Beardsley, Selected from the Collection of Mr H. S. Nichols*. Em 1967 essas imagens foram republicadas em *The Collected Drawings of Aubrey Beardsley*, pela Bounty Books, de Nova Iorque.

No prefácio dessa edição afirmava-se que as obras provenientes da coleção Nichols «são hoje consideradas falsificações pelas maiores autoridades na obra de Beardsley».

Os principais argumentos contra esses desenhos, além das suas deficiências técnicas, eram os seguintes: «tinham o dobro do tamanho de qualquer exemplo conhecido; foram executados em cartão, suporte que Beardsley nunca utilizou; e, talvez o indício mais revelador de todos, não foram incluídos na iconografia compilada por Aymar Vallance e revista pelo próprio Aubrey Beardsley».

Ainda me recordo da sensação de frustração e irritação na mão durante a execução da minha versão. Tinha consciência de que estavam a ser cometidos erros e de que depois eram corrigidos cobrindo a área problemática com tinta preta e transformando-a em algo completamente diferente. Mais tarde descobri que, apesar de ser um excelente artista decorativo, Beardsley era propenso a cometer erros durante a execução dos seus desenhos. Possuía vários métodos para os disfarçar: raspagem, aplicação de branco chinês ou, se o erro fosse grave, colagem de uma nova folha de papel sobre a área defeituosa e redesenho por cima.

Harrison comparou o desenho surgido através de mim com as duas falsificações. Em todos os aspetos, considerou que o nível técnico e o estilo do meu desenho eram característicos de Beardsley. Muitos dos maus detalhes presentes nas falsificações pareciam ter sido «corrigidos» na minha versão. Uma fonte mal desenhada existente numa das falsificações desaparecia completamente na minha versão, substituída por folhagem e um pequeno quiosque. Além disso, a composição geral fora alterada. Contudo, a minha versão parecia inacabada, apresentando uma extensão de céu sem sombreado muito maior do que o habitual. Harrison apresentou uma explicação intrigante para esta e outras particularidades observadas:

As diferenças entre as falsificações e a versão de Matthew não são acidentais. Não surgem por acaso. Não resultam de memórias imperfeitas de uma imagem outrora vista e agora quase esquecida. São

intencionais, deliberadas. Sempre que existe uma diferença, esta aponta na direção de um desenho melhor na versão de Matthew. Essas diferenças, que equivalem a correções, sugerem que alguma inteligência tinha conhecimento das falsificações e procurou mostrar-nos, através de uma demonstração prática, quão defeituosos eram aqueles desenhos.

Aubrey Beardsley, se de algum modo sobrevive, poderia desejar fazê-lo quando surgisse a oportunidade. Se essa inteligência não é Beardsley, então quem ou o que é? Não estou convencido de que seja Matthew Manning.

Tornou-se rapidamente evidente que o desenho automático desempenhava a mesma função da escrita automática no controlo da atividade poltergeist. Se eu não praticasse nenhuma das duas atividades durante um período de duas semanas, os fenómenos recomeçavam. Havia, contudo, um limite para a minha resistência «psíquica». Ao fim de cerca de uma hora começava a sentir-me cansado e a mensagem ou desenho que estava a receber perdia nitidez.

Foi-me mostrada uma forma de contornar esse problema quando o período letivo de Inverno de 1972 se aproximava do fim. Pedi a um artista que se identificava como **Isaac Oliver** que desenhasse um retrato da Rainha Isabel I numa cartolina de cerca de cinquenta e três por sessenta e quatro centímetros. Sabia que o trabalho exigiria muitas horas, porque todos os desenhos que até então tinham surgido através da minha mão ocupavam integralmente a superfície do papel utilizado.

O desenho estava apenas parcialmente concluído quando me perguntaram se poderia servir de ilustração para uma revista escolar. Concordei, sem saber que o prazo de entrega terminava apenas uma semana depois. Quando fui informado desse facto, na véspera do prazo final, percebi que teria de os desiludir. Ainda faltava preencher uma grande área da cartolina e as minhas reservas de energia estavam muito reduzidas. Expliquei a situação a um amigo da escola, que sugeriu reunir um grupo de pessoas para se concentrarem em mim enquanto eu continuava a desenhar. Dessa forma, talvez me

transmitissem energia. Pareceu-me uma ideia digna de ser experimentada. Com o meu acordo, ele reuniu quatro voluntários. Sentaram-se numa sala a cerca de nove metros de distância e concentraram-se intensamente em mim, enquanto eu me concentrava em Isaac Oliver. Lentamente, a minha mão começou a mover-se e senti a energia aumentar. Ao fim de hora e meia o desenho estava concluído. Muitos anos depois adaptaria esta ideia simples mas eficaz de geração de energia e aplicá-la-ia a um propósito muito mais sério.

Foi no Inverno de 1972-1973 que George Owen sugeriu ao meu pai que talvez fosse interessante eu consultar um vidente. A única pessoa que recomendava era **Douglas Johnson**, que alcançara notoriedade nos anos cinquenta e era conhecido tanto nos Estados Unidos como na Grã-Bretanha. O meu pai acompanhou-me até ao apartamento de rés-do-chão com jardim que Johnson possuía em Arundel Court, em Chelsea, embora tenha permanecido no exterior da sala onde decorreu a consulta.

Johnson tinha cerca de sessenta e cinco anos, era cortês e amável e completamente diferente do homem de Leicester. Mal nos sentámos juntos no seu gabinete, pareceu saber exatamente o que tinha para me dizer. Não tentou obter informações nem me fez perguntas exploratórias sobre mim próprio. Tudo o que disse saiu a uma velocidade impressionante. O que mais me impressionou foi a normalidade do tom, como se estivesse simplesmente a contar uma história. Muito do que foi dito nessa consulta já esqueci. Os fragmentos que ficaram na memória revelaram-se corretos:

Dentro de um ano vais escrever um livro que será um grande sucesso de vendas. Haverá várias pessoas a desempenhar um papel de ligação neste processo, mas vais visitar uma enorme casa em estilo Tudor. É branca, tem vigas pretas na fachada e vivem lá dois homens. Esses dois homens serão decisivos para esse livro.

No final da consulta, Johnson comentou:

Terás sempre um pé nas estrelas e um pé na merda.

A escolha das palavras impressionou-me mais do que a própria mensagem. Mais tarde disseram-me que esta versão da observação de Oscar Wilde — «Estamos todos na sarjeta, mas alguns de nós olham para as estrelas» — era uma das expressões favoritas de Johnson, que a aplicava tanto a si próprio como àqueles em quem reconhecia um dom semelhante ao seu.

A minha visita a Douglas Johnson coincidiu com a compra, por parte do meu pai, de um livro intitulado *Breakthrough: The Electronic Voice Phenomenon*. Tratava-se de uma obra sobre o trabalho do cientista letão Konstantin Raudive, que alegadamente conseguira gravar em fita magnética aquilo que pareciam ser vozes dos mortos. Regressei à escola decidido a tentar uma das experiências descritas no livro.

Numa noite tardia reunimo-nos cinco rapazes na minha sala de estudo em torno de um grande gravador. Verificámos que a fita estava em branco, certificámo-nos de que o microfone estava desligado e pusemos a gravação a funcionar. Cada um de nós disse o seu nome e convidou uma personalidade falecida a falar através da fita. Depois de duas tentativas infrutíferas estávamos quase a desistir e a ir para a cama quando um dos rapazes sugeriu que convidássemos Hitler a falar, argumentando que o mal é sempre mais fácil de invocar do que o bem.

Ligámos novamente o gravador e concentrámo-nos durante vários minutos no nome de Hitler. Rebobinámos a fita, colocámos o aparelho em reprodução e esperámos. O suave zumbido da fita foi interrompido pelo som grave e distante de fogo de artilharia. Pouco depois ouviu-se o ruído uniforme de centenas de botas marchando em passo sincronizado.

Em segundo plano escutavam-se os acordes de uma banda de metais tocando uma marcha militar. Os passos transformaram-se numa corrida enquanto disparos de armas de fogo se juntavam à música. Também se ouviam gritos indistintos. Finalmente surgiu o

som de pessoas a correr, ecoando como se percorressem um corredor de pedra ou betão. Depois, silêncio.

Contudo, o livro de Raudive ofereceu-me orientações mais importantes do que aquelas que retiraria dessa experiência, por fascinante e desconcertante que ela tivesse sido. As palavras de Douglas Johnson continuavam a regressar-me à mente. A ideia de escrever um livro nunca me ocorrera antes, mas, agora que tinha sido levantada, comecei a perguntar-me como poderia concretizá-la. A minha história era certamente invulgar, talvez demasiado invulgar para muitos editores convencionais; mas Raudive conseguira publicar as suas extraordinárias experiências. Olhei para a página dos direitos de autor do seu livro. O editor indicado era Colin Smythe, um nome que nada me dizia. A quem deveria eu escrever? Reparei que a introdução do livro fora escrita por alguém chamado Peter Bander. Evidentemente, ele era uma pessoa em quem se podia confiar para levar a minha história a sério.

Sem o conhecimento dos meus pais, decidi escrever a Peter Bander, através da Colin Smythe Limited, dizendo-lhe que tinha uma história que talvez lhe interessasse. Quase pelo correio de volta recebi uma resposta encorajadora, convidando-me a telefonar para marcar uma reunião. Foi o que fiz a partir de uma cabine telefónica da escola. Parecia que tanto Peter Bander como Colin Smythe queriam falar comigo e combinámos que eu iria visitá-los em Gerrards Cross, no Buckinghamshire, no dia 27 de Maio de 1973, um domingo.

Já tinha carta de condução e o meu pai ficou satisfeito por me emprestar o carro quando lhe disse que Smythe e Bander estavam interessados em ver exemplos da escrita e dos desenhos automáticos. Eu sabia que, se lhe contasse toda a história, ele insistiria em acompanhar-me e talvez levantasse objeções caso surgisse a ideia de eu escrever um livro.

Ele passara anos a ler relatórios escolares de fim de período que me exortavam a esforçar-me mais, a aplicar-me aos estudos e a adquirir verdadeira disciplina mental. Eu respondia com breves surtos

de determinação. Tinha apreciado genuinamente parte do meu trabalho escolar, mas não era material académico. Suponho que, desde o nascimento, estava perdido para qualquer «carreira» convencional.

Simplesmente não era esse o meu destino. Contudo, provavelmente foi a escrita automática que me fez compreender até que ponto eu era diferente da maioria das outras pessoas. As perguntas que enchiam a minha consciência não podiam ser encontradas num livro nem respondidas por um professor bem preparado. Procurava respostas para o inexplicável e, em comparação, o conteúdo de muitas das minhas aulas parecia trivial.

O pobre do meu pai devia pensar que finalmente tinha tudo resolvido. Eu já tinha garantido uma vaga na University of Sussex para estudar Psicologia. Bastava obter boas classificações nos exames de nível A de Inglês e Sociologia que iria realizar em Junho e o meu futuro estaria assegurado. Em vez disso, regressei de Gerrards Cross com um contrato na mão, sem qualquer intenção de ir para a universidade e completamente decidido a escrever o livro que Bander e Smythe desejavam.

O meu pai reagiu com uma enorme generosidade de espírito quando lhe contei o que tinha acontecido e lhe pedi conselho. O que me disse foi provavelmente o melhor conselho que se pode dar a qualquer filho:

Não me importa o que faças, desde que sejas feliz e não magoes ninguém.

Se eu queria escrever o livro, devia assinar o contrato. Sustentar-me-ia durante um ano depois de eu deixar a escola, para que pudesse escrever sem me preocupar com a forma de ganhar a vida. Assinei o contrato.

Quando anunciei a minha decisão na escola, o orientador profissional reagiu com desdém. Tinha a certeza de que eu me estava a condenar a uma carreira a cobrir exposições caninas e festas locais para jornais regionais. Eu tinha a certeza de que ele estava enganado. Por detrás do otimismo juvenil estava a recordação da imagem que

encontrara ao chegar a Gerrards Cross: uma enorme casa em estilo Tudor, com paredes caiadas de branco e vigas negras, e à porta os dois homens que lá viviam, Colin Smythe e Peter Bander. O que vi naquela manhã correspondia exatamente à descrição que Douglas Johnson me dera.

2

À VOLTA DO MUNDO COM O SR. JINX

Só mais tarde na vida viria a apreciar as curiosas sincronicidades que me conduziram àquela casa em Gerrards Cross. Nunca me ocorrera escrever sobre as minhas experiências antes de visitar Douglas Johnson, e é extraordinário que o meu pai tenha comprado o livro de Raudive, que eu o tenha lido e que daí tenha surgido a ideia de contactar aquela pequena e pouco conhecida editora. Quando conheci Bander e Smythe pela primeira vez, não tinha livro nem estrutura definida, mas Peter Bander, em particular, percebeu o potencial da minha história e foi provavelmente ele quem convenceu o mais prudente Colin Smythe a arriscar. Inicialmente falou-se em trazer alguém para me ajudar, uma pessoa com boa reputação que reforçasse a credibilidade da narrativa. Um dos nomes sugeridos foi o de Anita Gregory, investigadora conhecida e figura destacada da Society for Psychical Research. Contudo, acabou por se decidir que o livro teria maior impacto se fosse escrito apenas por mim. Penso também que Anita Gregory poderia ter reservas em associar-se a um projeto que Peter Bander pretendia transformar em notícia de jornal e manchete o mais possível. Provavelmente receava que essa publicidade não fizesse bem nem a ela, nem ao tema, nem a mim.

O meu pai deu-me uma mesada de cem libras para durar um ano inteiro, além de alojamento e alimentação gratuitos em casa. Encarei esse dinheiro como um empréstimo que estava determinado a reembolsar o mais depressa possível. Não queria ficar dependente dele em nada. Quando finalmente recebi o primeiro adiantamento de direitos de autor — quatro mil libras, uma pequena fortuna para mim

naquela época — o meu pai atirou para o lume o cheque que lhe entreguei.

Partimos do princípio de que o livro levaria um ano a concluir. Na realidade demorou três meses. Comecei a escrevê-lo assim que deixei a escola, no Verão de 1973, e durante esses três meses estive mais vezes em Gerrards Cross do que em Linton. Sempre tivera facilidade em escrever redações e o Inglês era a minha melhor disciplina, pelo que não me senti intimidado pelo compromisso que assumira. Ainda assim, valorizei muito a ajuda e os conselhos de Peter Bander e passámos muitas horas a trabalhar juntos. O projeto recebeu inicialmente o título provisório *Open to Suggestion*. Mais tarde sugeri *The Link* (*A Ligação*), título sob o qual acabaria por ser publicado, refletindo a ideia de que a minha experiência representava uma ligação entre uma realidade e outra.

Peter Bander e Colin Smythe habitavam um mundo cuja existência eu desconhecia. A casa deles era uma educação por si só, repleta de objetos e pinturas extraordinários. Estava habituado a viver rodeado de antiguidades e mobiliário de qualidade, mas não daquele género tão ornamentado e vistoso. O gosto de Gerrards Cross apelava à veia extravagante que existia em mim.

A casa era grande e funcionava com a ajuda de empregados, incluindo uma governanta. Havia ali tanta coisa capaz de impressionar um jovem de dezoito anos. O meu pai olhava para tudo aquilo com profunda desconfiança, sobretudo para Peter Bander, que, na sua opinião, parecia um falador convencido. Contudo, o meu contrato era com a Colin Smythe Limited, e o próprio Smythe transmitia uma tranquilizadora impressão académica, sendo reservado e cortês.

Bander e Smythe consideravam importante apresentar-me a pessoas influentes. Isso era fácil de conseguir, pois pareciam mover-se em círculos onde essas pessoas se reuniam. Foram organizados numerosos jantares em Gerrards Cross com o objetivo de fazer circular o meu nome entre pessoas importantes. Inicialmente encarava essas ocasiões com reverência e pouco contribuía para as conversas.

Tive de encontrar o meu lugar. A maioria dos convidados era muito mais velha do que eu, e isso inibia-me mais do que o facto de serem conhecidos ou respeitados nas suas áreas de actividade. Dois dos primeiros «grandes nomes» que conheci foram Fanny Cradock e Johnny Cradock, as celebridades televisivas da culinária da época. Fanny tinha um fascínio por fenómenos psíquicos e Peter Bander consultara-a acerca da autenticidade de uma receita alegadamente proveniente da Sr.ª Beeton que surgira através de mim.

Também estava presente nessa noite a médium Doris Collins, tão imponente e intimidante quanto Fanny era exuberante. Peter Sellers era um dos seus clientes e ela contou-nos como ele lhe telefonava a meio da noite para discutir a sua conturbada relação com Britt Ekland. As histórias que contava sobre pessoas que eu apenas conhecia dos jornais abriram-me os olhos, mas não me fizeram sentir mais à vontade na sua companhia. Lembro-me de ter tido muito medo dela e de passar a noite inteira preocupado com aquilo que pudesse estar a captar de mim em termos psíquicos.

Estava demasiado assustado para lhe dizer o que sentia e não sei se ela percebeu o meu desconforto. Esta experiência ajudou-me a compreender as reações de algumas pessoas em circunstâncias semelhantes. Quando alguém se comporta de forma estranha perto de mim, como por vezes acontece, atribuo isso ao receio de que eu possa estar a ler os seus pensamentos.

No final dos três meses que levou a escrever *The Link*, nada mais me restava senão esperar. A vida em Linton parecia bastante monótona depois da excitação de criar o livro e das constantes viagens a Gerrards Cross. Passava os dias sem fazer nada de particularmente útil além de disparar a minha carabina de pressão contra latas vazias. Essa aparente falta de aplicação durante semanas seguidas acabou por desgastar a paciência do meu pai, até que um dia ele me censurou por ser um preguiçoso que nunca chegaria a lado nenhum na vida.

Eu não estava mais satisfeito com a situação do que ele e não via o que mais poderia fazer, dado que a publicação do livro só estava

prevista para o Outono do ano seguinte. Pela primeira vez na vida respondi-lhe com igual veemência e saí de casa jurando nunca mais voltar. Fui para Gerrards Cross e permaneci lá cerca de seis semanas, até que Peter Bander considerou que chegara o momento adequado para eu regressar e voltar a viver principalmente em casa.

Essa foi a única verdadeira zanga que tive com os meus pais. A partir daí, a nossa relação entrou numa fase mais madura e eles deixaram de tentar controlar-me, aceitando que eu era agora adulto e que devia construir a minha própria vida. Quando regressei a casa encontrei flores no meu quarto. A minha mãe nunca tinha feito isso antes e interpretei o gesto como um sinal de que tudo estava perdoado.

No final de 1973 a minha atenção foi captada pela chegada à Grã-Bretanha de Uri Geller. Mesmo nessa fase inicial da sua carreira, Geller era perseguido pela controvérsia e discutia-se intensamente se as suas impressionantes demonstrações de psicocinese e leitura da mente eram genuínas ou se era apenas um excelente ilusionista. Em Janeiro de 1974, os meus pais e eu assistimos a um documentário da ITV intitulado *Uri Geller: Is Seeing Believing?* («Uri Geller: Ver é Acreditar?»). Depois do programa, a minha mãe perguntou-me se eu queria tentar dobrar um objecto metálico. Fiquei curioso para saber se conseguiria imitar Geller.

Ela entregou-me uma colher de aço inoxidável. Passei cerca de dez minutos a acariciar a colher e a concentrar-me nela. À primeira vista nada parecia acontecer, embora eu sentisse alguma coisa a sair dos meus dedos. O meu pai entrou então na sala para ver como eu estava a progredir e, enquanto falava com ele, senti algo acontecer ao cabo da colher. Quando a observámos, verificámos que apresentava uma curvatura e continuava a dobrar-se até assumir a forma de um gancho de cabelo.

Não tinha a certeza absoluta de ter produzido esse efeito através de energia psíquica. Os meus pais encontraram uma forma de me convencer. O meu pai entregou-me um prego galvanizado com cerca de quinze centímetros de comprimento e mais de meio centímetro de

espessura. Tentei dobrá-lo com os dedos e, não conseguindo, coloquei-o num torno, também sem sucesso.

Assim provei a mim mesmo que era incapaz de o dobrar fisicamente. Depois tentei influenciá-lo psiquicamente, passando cerca de quinze minutos a desejar que se curvasse. O prego permaneceu rigidamente direito. Já era tarde e eu estava cansado. Decidi ir dormir. Enquanto me despia reparei que o ponteiro dos minutos do relógio de bolso que trazia pendurado ao pescoço estava dobrado em direção ao vidro. Isso convenceu-me de que alguma forma de força psíquica tinha estado em ação durante a noite. Resolvi colocar o prego debaixo da almofada para ver se aconteceria alguma coisa enquanto dormia. Quando o examinei na manhã seguinte, apresentava uma curvatura de cerca de trinta graus.

Nunca retirei grande satisfação da dobragem de metais. O mais próximo que estive disso foi quando um homem chamado John Steele me pediu que «testasse» um par de algemas. As algemas que me entregou não eram comuns. Segundo ele, tratava-se de algemas Clejuso, das melhores do mundo — fabricadas na Alemanha, feitas de um metal especial, impossíveis de dobrar e, ao mesmo tempo, leves. Era um desafio que, naquela época, eu não estava disposto a recusar.

Coloquei-as nos pulsos e usei-as durante toda a tarde, mas, por mais que tentasse, nada aconteceu. Peter Bander, guardião da chave, acabou por me libertar. Mais tarde, nessa noite, voltei a experimentar. Por volta das dez horas, enquanto via televisão, comecei a sentir desconforto nos pulsos. Peter pegou na chave e abriu primeiro a algema do lado direito. Quando o mecanismo cedeu e a algema se abriu, percebemos que a barra dentada que a mantinha fechada começava a dobrar-se. Quando Peter tentou usar a chave na algema esquerda, o mecanismo recusou-se a mover. Era evidente que ambas as algemas se tinham deformado ao mesmo tempo.

Peter telefonou a John Steele e explicou-lhe o que tinha acontecido. A questão agora era como abrir a algema esquerda. Felizmente, Steele também vivia em Gerrards Cross e demorou apenas

alguns minutos a chegar. Apareceu profundamente indignado, convencido de que, de alguma forma, tínhamos conseguido acesso à única máquina do mundo capaz de dobrar as suas preciosas algemas. Essa máquina era, aparentemente, um aparelho grande e pesado que teria sido extremamente difícil esconder.

Peter Bander convidou Steele a revistar a casa, se isso o fizesse sentir-se melhor. Steele voltou-se então para mim e interrogou-me durante algum tempo sobre o que eu tinha feito. Eu não tinha feito nada além de demonstrar que as suas algemas Clejuso não eram imunes à psicocinese. Para culminar a indignação de Steele, Peter Bander conseguiu libertar-me da algema fazendo-a deslizar com a ajuda de detergente para a loiça, embora com grande dificuldade e causando-me alguma dor.

Steele foi-se embora ainda furioso e disse que enviaria as algemas para os laboratórios forenses da polícia na Universidade Brunel para serem examinadas. O laboratório concluiu que a algema direita se tinha dobrado aproximadamente quinze graus e a esquerda cerca de dez graus, e que não ocorrera qualquer alteração na estrutura molecular do metal.

As algemas Clejuso são feitas de um metal de base revestido por uma fina camada exterior, a qual se fratura com uma deformação de apenas três graus. Radiografias especiais das algemas provaram que as curvaturas não tinham sido produzidas pela aplicação de força física. Confrontado com estas provas, Steele teve de aceitar que não tinham sido utilizados meios físicos para vencer as suas algemas. Não estava, porém, disposto a dar o passo seguinte e aceitar as conclusões da Universidade Brunel como prova da existência de poderes psicocinéticos.

Só sei que somos incapazes de explicar cientificamente o que aconteceu.

Foi o que mais tarde declarou à revista alemã *Esotera*.

O episódio das algemas viria a simbolizar a minha própria situação.

Pouco depois de concluir *The Link*, fui aconselhado a assinar um novo contrato com a Van Duren Publications, a editora de Peter Bander. Este contrato substituía o que eu tinha com a Colin Smythe Limited, que cedia os direitos de autor à Van Duren, embora permanecesse como editora. Peter Bander assumiria a gestão da minha carreira mantendo simultaneamente o cargo de diretor na Colin Smythe Limited. Bander queria avançar com a publicação o mais rapidamente possível. Assinei o novo contrato, confiante de que Peter Bander sabia orientar-se naquele estranho mundo dos direitos editoriais e das oportunidades.

Decidiu-se que eu não participaria em qualquer publicidade prévia à publicação do livro. A decisão de Bander baseava-se na atitude ambígua dos meios de comunicação relativamente a Uri Geller e no tratamento por vezes hostil que o israelita estava a receber. Contudo, embora eu permanecesse numa espécie de isolamento mediático perante o grande público, Bander preparou cuidadosamente o terreno para o meu futuro lançamento junto de uma audiência largamente desprevenida. Na qualidade de editor de uma revista chamada *The Psychic Researcher & Spiritualist Gazette*, que partilhava instalações com a Colin Smythe Limited em Gerrards Cross, começou a familiarizar os leitores com histórias a meu respeito e a divulgar informações por todo o pequeno mundo do espiritualismo e da investigação psíquica, a tempo da publicação do livro. Bander possuía contactos com revistas esotéricas noutros países e nelas também apareceram artigos baseados em mim e nas minhas experiências.

Teve o cuidado de salientar as diferenças entre mim e Geller e não as semelhanças. Através de uma gestão inteligente da informação, conseguiu despertar o interesse dos editores ao mesmo tempo que aparentemente me mantinha longe dos holofotes. Vários meses antes da publicação, a revista profissional *The Bookseller* já publicava pequenas notícias sobre o êxito da Colin Smythe Limited na venda de direitos.

A publicidade contraditória gerada por Uri Geller fez-me compreender as dificuldades que poderia enfrentar quando *The Link* fosse publicado. Por todo o mundo, Uri demonstrava a sua capacidade de dobrar metais. Eu conseguia fazer isso e também outras coisas que Uri não conseguia. Era tão incapaz de explicar os meus poderes quanto Geller os seus, mas isso não fazia de mim um impostor, tal como não fazia dele. O facto de a comunidade científica não possuir uma explicação pronta tornava tudo demasiado fácil para os céticos. Aproveitei a primeira oportunidade que surgiu para reunir provas a meu favor revestidas de autoridade científica. De forma totalmente inesperada recebi um convite de George Owen para ir a Toronto, em Junho de 1974, participar numa série de experiências que serviriam de base à primeira conferência canadiana sobre psicocinese, ou PK — o efeito que a mente pode exercer sobre a matéria física sem intervenção muscular. A dobragem de metais é uma forma de PK, tal como o fenómeno poltergeist. A diferença é que a primeira ocorre de forma consciente e voluntária, enquanto a segunda é involuntária e escapa ao controlo consciente.

A New Horizons Research Foundation, da qual Owen era então vice-presidente e diretor executivo, fora criada — e era financiada principalmente — por um rico empresário chamado Donald C. Webster, com o objetivo de promover investigação nas fronteiras da ciência. Era uma época de otimismo no campo da parapsicologia e esperava-se que a conferência representasse um avanço na compreensão da psicocinese. Os participantes queriam discutir a psicocinese à luz da experiência direta do fenómeno. Precisavam de alguém como eu para demonstrar formas de psicocinese diante dos seus olhos. Em suma, eu estava ali para lhes dar matéria de discussão.

Em Março de 1974, a Fundação realizara uma série de experiências com Uri Geller, filmadas em direto nos estúdios da CITY-TV, em Toronto. Geller causara sensação porque, ao dobrar e dividir metal, demonstrava uma nova forma de psicocinese. Segundo George Owen, os cientistas que participaram nessas experiências não tinham «qualquer dúvida de que os objetos — que nos pertenciam e

foram recuperados após a experiência — tinham sido dobrados ou divididos por algum processo desconhecido e não por truques comuns». O facto de eu também conseguir produzir aquilo a que chamavam o «efeito Geller» oferecia-lhes uma oportunidade ideal para levar as experiências realizadas com Uri um passo mais longe.

Durante os dez dias que passei em Toronto, de 18 a 28 de Junho de 1974, dobrei ou parti entre vinte e trinta objetos. Nas atas da conferência são indicados os tipos de chaves e talheres utilizados, os respetivos números de série e marcas, os nomes das testemunhas de cada acontecimento e depoimentos diretos confirmando que eu não recorri a qualquer esforço muscular para dobrar ou, em alguns casos, partir os objetos que me eram entregues.

Mesmo nessa fase inicial, eu próprio não atribuía grande importância à atividade de dobrar metais. Não me parecia provar nada além de que eu conseguia canalizar uma força destrutiva. E essa ideia desagradava-me profundamente. Contudo, se dobrar metal era o necessário para despertar o interesse dos cientistas em encontrar uma explicação para os meus talentos invulgares e ajudar-me a compreender-me melhor, estava disposto a colaborar com o que me pedissem.

Uma das experiências de Toronto que mais me interessou foi a concebida pelo psiquiatra Joel Whitton. Queria descobrir o que se passava, se é que se passava alguma coisa, no meu cérebro enquanto eu realizava atividades paranormais, como dobrar metais. O aparelho utilizado foi um eletroencefalógrafo (EEG), ligado ao meu couro cabeludo através de elétrodos. Os padrões das nossas ondas cerebrais, produzidos pelos diferentes níveis de atividade elétrica do cérebro, alteram-se conforme aquilo que estamos a fazer. As minhas ondas cerebrais foram registadas em vários estados: repouso com os olhos abertos; repouso com os olhos fechados; movimentos da cabeça, do pescoço e dos olhos; conversa; e tentativa de dobrar paranormalmente uma chave. A experiência foi repetida em várias ocasiões, sempre na presença de diferentes participantes da conferência.

Entre eles encontravam-se os Professores J. Allen Hynek (director do Departamento de Astronomia da Universidade Northwestern e responsável pelos observatórios Dearborn e Lindheimer), Brian Josephson (do Laboratório Cavendish e laureado com o Prémio Nobel) e Michael Persinger (do Laboratório de Psicofisiologia da Universidade Laurentian), bem como os doutores Highman e Kurtz. Os resultados mostraram que a distribuição de energia no meu espectro EEG durante a tentativa de dobrar uma chave paranormalmente era completamente diferente daquela observada em qualquer dos outros estados.

Segundo o relatório elaborado pelos Professores Owen e Whitton, o meu espectro EEG era:

caracterizado por uma grande concentração de energia na banda de ondas Teta (isto é, frequências entre 3 e 7 Hz) e também por uma relação linear entre os picos das bandas Teta, Alfa (8–13 Hz) e Beta, conferindo ao gráfico do espectro de potência uma aparência peculiar, ao ponto de ter sido apelidado de função "rampa".

E acrescentavam:

A natureza impressionante e inesperada deste resultado é melhor compreendida se se notar que espectros deste tipo, com uma concentração tão elevada de energia na banda Teta, são extremamente raros no estado de vigília; pelo contrário, são característicos do sono nos estádios III ou IV.

A pergunta seguinte de Joel Whitton foi: «Que parte do cérebro produz este padrão?» Testes posteriores realizados com um computador no Hospital Infantil de Toronto revelaram que a fonte da energia elétrica era o sistema límbico, situado abaixo do córtex cerebral e que pode ser descrito como o antigo cérebro animal de que dependíamos antes do desenvolvimento do cérebro intelectual. Whitton concluiu que o poder psíquico proveniente dessa região não era «um dom aleatório, mas uma função e capacidade inata do cérebro do *Homo sapiens*, uma função provavelmente perdida ou inativa na maioria das pessoas há milhares de anos».

Fiquei fascinado com a ideia de a minha "função rampa" ser produzida pela parte mais antiga e central do cérebro. Intrigante também era a afirmação dos cientistas de que usamos apenas 17 por cento do nosso cérebro. Só podemos imaginar o que se passa nos restantes 83 por cento. Whitton descreveu o cérebro antigo como sendo capaz de "pensar, sentir e fá-lo constantemente, mas não de uma forma que consiga expressar em palavras". O que eu utilizo é provavelmente algo a que todos nós recorremos em algum momento da nossa evolução, talvez para nos permitir encontrar comida, abrigo, água ou direção. À falta de melhor palavra, chamarei "intuição" a esse algo que deriva do nosso cérebro antigo. Hoje em dia, perdemo-la em grande parte porque, para todos os efeitos, não temos necessidade dela — o progresso tecnológico encarregou-se disso. Em culturas que vivem muito próximas da natureza (por exemplo, os Boquímanos do Deserto do Kalahari), a intuição é uma parte integrante da vida das pessoas e é amplamente utilizada. É possível que cada avanço que fizemos tecnologicamente tenha acrescentado outra camada ao nosso cérebro intelectual, de modo que o dom que reside no nosso sistema límbico esteja mais afastado de nós. À medida que progredimos numa direção, parecemos retroceder noutra.

Poucos dias antes das experiências com a máquina de EEG, o meu potencial elétrico tinha passado por um tipo diferente de processo de medição quando o Professor Douglas Dean do *Newark College of Engineering*, uma autoridade de relevo em fotografia Kirlian, tirou fotografias Kirlian das pontas dos meus dedos. O equipamento que utilizou para isso foi um gerador de bobina de Tesla ou analisador eletrónico de fugas que debita cerca de 25.000 volts de corrente alternada a uma frequência de cerca de 100.000 a 1.000.000 de ciclos por segundo com cerca de 50 impulsos por segundo.

A radiação no corpo aparece como uma canópia em redor das pontas dos dedos e a técnica Kirlian — batizada com o nome do seu inventor russo — torna a radiação visível. Foram tiradas fotografias das pontas dos meus dedos com "a energia ligada" enquanto eu realizava atividade paranormal, e com "a energia desligada" enquanto

eu estava num estado normal de relaxamento. Dean escreveu mais tarde:

Na fotografia resultante, as auréolas ou coroas eram muito mais brilhantes no estado "energizado" do que no estado normal. Além disso, a brancura preenchia as "impressões digitais" até ao seu centro, originando uma nuvem de branco brilhante. Nunca tinha visto aquilo antes.

Em experiências posteriores, Matthew foi capaz de "concentrar a energia" numa área estreita e também de a direcionar apenas para o dedo médio. Numa experiência com dois dispositivos Kirlian, um para a mão direita e outro para a esquerda, os quais, por experimentação, foram calibrados para uma igualdade aproximada, ele foi capaz de fazer com que a energia fosse para a mão direita mas não para a esquerda e vice-versa.

Entre os 21 cientistas que Owen tinha convidado para a conferência de Toronto encontrava-se o físico Professor Brian Josephson do prestigiado *Cavendish Laboratory* e *Fellow* do *Trinity College*, Cambridge. Em 1973, ele tinha ganho um Prémio Nobel pelo trabalho que realizara quando era adolescente, enquanto estava na universidade. Josephson tinha interesse pelo paranormal e a sua abordagem à investigação era informada pelas suas próprias experiências.

Praticava meditação transcendental e muitas das suas descobertas científicas tinham-lhe surgido ou em sonhos ou enquanto meditava. Ele referiu que "na física há o estranho fenómeno de as leis da natureza parecerem continuar a mudar. Estão a ser descobertas novas violações de simetria, verifica-se que a velocidade da luz é diferente daquilo que as pessoas pensavam que era, e por aí fora... Talvez se possam modificar as leis da natureza."

Em Toronto, Josephson testou a minha capacidade de desviar a agulha de uma bússola. Antes de a experiência começar, revistaram-me à procura de objetos metálicos. A agulha estava em repouso no início da experiência. Quando passei a mão por cima da bússola a uma

distância de cerca de seis polegadas, a agulha moveu-se. No instante em que retirei a mão, a agulha parou de imediato, de acordo com as atas "apesar do facto de estar muito fracamente amortecida, pelo que se esperaria que continuasse a oscilar durante algum tempo."

Os relatórios das experiências de Toronto conferiram uma enorme credibilidade ao que eu estava a fazer. Sem eles, não creio que a *Colin Smythe Limited* tivesse sido capaz de conseguir o golpe publicitário que garantiu o sucesso de *The Link* na Grã-Bretanha. O recentemente reestruturado *Daily Mail* aceitou publicar artigos sobre mim, baseados no livro, durante três dias, a começar em 16 de setembro de 1974, antes da publicação de *The Link* a 21 de outubro. O último dos três artigos de uma página, escrito pelo editor literário do jornal, Peter Lewis, causou uma grande controvérsia. O tema do artigo era "o veredito [sobre mim] dos nomes mais respeitados da ciência".

Lewis falou com George Owen sobre os efeitos *poltergeist* e a escrita automática. Contactou Brian Josephson para saber a sua opinião sobre as experiências em que tinha participado em Toronto. Josephson descreveu a Lewis a sua experiência ao observar a agulha durante a experiência com a bússola. Tinha "sentido uma sensação curiosa nos olhos. Era como se a estivesse a ver através de uma névoa de calor, como a que se obtém de uma fogueira a arder. Quando o Matthew disse que a sua energia psíquica estava esgotada, a minha imagem visual tornou-se subitamente mais nítida."

Josephson estava a descrever o que sentia, como o leitor ou eu próprio poderíamos fazer. Os cientistas não costumam falar nestes termos. Lembro-me de Josephson estar muito entusiasmado com as experiências de Toronto, como aliás estavam todos os cientistas que nelas participaram. Lewis deve tê-lo apanhado quando ele ainda se sentia otimista e positivo em relação às possibilidades de mais investigação psíquica.

Ele disse a Lewis: "Acho que estamos à beira de descobertas que podem ser extremamente importantes para a física. Estamos a lidar com um novo tipo de energia. Esta força deve estar sujeita a leis.

Acredito que os métodos comuns de investigação científica nos dirão muito sobre os fenómenos psíquicos. Eles são misteriosos, mas não são mais misteriosos do que muitas coisas que já existem na física."

Quando Lewis comentou que, no passado, os chamados cientistas respeitáveis não queriam ter nada a ver com a investigação psíquica e que muitos continuavam a não querer, Josephson terá respondido: "Acho que os cientistas respeitáveis podem vir a descobrir que perderam o comboio."

As observações de Josephson, tal como foram citadas por Peter Lewis, melhoraram a minha reputação e deram-me uma plataforma sólida a partir da qual promover *The Link*. O próprio Josephson, no entanto, veio a arrepender-se delas quando foram disparados ataques contra si pelos seus pares na comunidade científica, e posteriormente recuou. Peter Lewis foi categórico em como tinha registado as palavras de Josephson em fita e que o que tinha sido citado era um reflexo fiel das opiniões de Josephson. Josephson rotulou de "inconclusivos" os resultados do teste que fez comigo em Toronto, porque pensava que a humidade na sala onde a experiência teve lugar poderia ter afetado o comportamento da agulha da bússola. Esta mesma experiência foi mais tarde repetida no *Cavendish Laboratory* em Cambridge, onde foi observado o mesmo efeito na agulha. Quando eu "ligava" a minha energia, a agulha oscilava violentamente e o equipamento concebido para medir alterações em campos magnéticos registava uma alteração.

Quando eu "desligava" a energia, a agulha parava de imediato. O Professor Josephson não conseguiu encontrar nenhuma explicação racional para estas ocorrências, nem pôde apontar a humidade como uma influência nos resultados, e no entanto sustentou que estes resultados também eram "inconclusivos". A sua reação constituiu a minha primeira desilusão com a comunidade científica.

Depois de 16 de outubro de 1974, a minha vida nunca mais seria a mesma. Esta foi a minha estreia na televisão nacional. Através da sua vasta rede de contactos nos meios de comunicação social, Peter

Bander tinha conseguido colocar-me no *The Frost Interview* como o único convidado do programa. Foi provavelmente uma sorte eu não ter a menor ideia de quão "grande" era esse programa na altura. Não sabia quase nada sobre David Frost ou o seu programa — a proibição de televisão lá em casa, em Linton, continuava em vigor. Só depois de algumas pessoas terem reagido com horror quando lhes disse que o programa de Frost seria o meu lançamento na arena pública é que tomei consciência do que me poderia esperar. "Deves estar louco", "Ele é perigoso" e "Ele faz os políticos chorar" foram apenas alguns dos comentários que me acompanharam até ao meu primeiro encontro com ele, escassos dias antes de o programa ser exibido.

Peter Bander e eu fomos ao *Claridges*, onde o David tinha sugerido que tomássemos o chá da tarde com ele. A impressão que deu não foi a de um homem que estava prestes a comer-me vivo e o meu nervosismo inicial evaporou-se rapidamente. Era fácil conversar com ele e ele parecia genuinamente interessado na história.

Saí dessa reunião a saber, a traços largos, o que tinha sido planeado para preencher os 40 minutos do programa. Uma investigadora chamada June MacFarlane tinha sido contratada para organizar o programa, para contactar funcionários e antigos alunos em Oakham e alinhar especialistas em arte para comentarem os desenhos automáticos. Tudo o que se esperava que eu fizesse era chegar à hora combinada e seguir as deixas do David. Eu não sabia nada sobre como se faziam os programas de televisão ou qual o aspeto do interior de um estúdio.

Eu sabia que o programa ia para o ar em direto. Não imaginei que isto significasse que quase 600 pares de olhos estariam fixados em mim, além das câmaras. O choque de ser confrontado por aquele mar de rostos quando saí dos bastidores do *Collegiate Theatre* em direção ao local onde o David estava foi considerável. Na escola, eu nunca levantava a mão na aula para fazer uma pergunta e, se um professor quisesse que eu dissolvesse algo em leitura à frente de toda a gente, eu encolhia-me de vergonha. Pouco antes daquela caminhada desconfortável pelo palco, eu estivera a imaginar que o David podia

não ser tão simpático como parecia e que o Mr Hyde da sua personalidade se poderia apresentar a mim.

O homem do aquecimento tinha dito em tom de brincadeira ao público que eu tinha reputação de afetar equipamento elétrico, mas que a BBC era uma organização eficiente e conseguia lidar com qualquer situação. Ele estava a referir-se a um incidente recente que envolvia os produtos de uma empresa holandesa, a *Aura Electronics*. Esta empresa tinha lido sobre a forma como, em Toronto, eu tinha manipulado a energia de uma máquina Kirlian. O Diretor-Geral da Aura, Ted van der Veer, estava convencido de que o que tinha acontecido ali "não poderia acontecer com as nossas máquinas".

Perguntou se poderia trazer para Inglaterra a peça mais recente e refinada de equipamento Kirlian para eu "colocar toda a energia... que [eu] tinha na máquina". Exemplares deste *Verograph* tinham sido utilizados com sucesso em mais de 1.000 testes anteriores. Os testes comigo não correram como planeado, como van der Veer prontamente admitiu. "Podemos afirmar categoricamente que o jovem é capaz de produzir uma energia que anula 35.000 volts. A dada altura, parecia que ele estava a absorver a totalidade dos 35.000 volts da máquina. No momento seguinte, pareceu forçar uma energia ainda mais forte de volta para a máquina, o que fez com que esta avariasse... O que vimos é simplesmente incrível."

Problemas de tipo semelhante começaram quase assim que me sentei na cadeira em frente ao David. Os engenheiros precisaram de quatro tomadas para conseguir dar início ao programa com sucesso. Na primeira tomada, descobriu-se que o equipamento não estava a gravar. Durante la segunda tomada, um monitor que deveria estar desligado acendeu-se. O David reparou que eu estava a olhar para ele e disse aos técnicos: "Só queremos esse monitor ligado quando estiverem a ser exibidos diapositivos. Não o queremos ligado durante todo o programa. É muito perturbador para ambos."

Enquanto preparavam a terceira tomada, ele sussurrou-me: "Não olhes fixamente para ele." Toda a gente estava a ficar um pouco

nervosa por esta altura, incluindo o próprio Frost. Nesta tomada, a primeira pergunta do David para mim não foi captada na fita. Descobriu-se que o som estava a metade do volume que deveria ter. Os engenheiros insistiram que a definição do volume estava correta no início da tomada.

"O regresso de Matthew Manning", ironizou o David enquanto esperávamos pela contagem decrescente para a quarta tomada.

Estou certo de que a expectativa do público de que algo pudesse acontecer — uma expectativa estimulada pelo comentário informal do homem do aquecimento — contribuiu para os problemas técnicos no início do programa. É certo que eu estava muito nervoso, mas isso por si só não teria sido responsável pelo que aconteceu.

O David tinha-me dito na nossa reunião anterior que queria que eu fizesse alguns diagnósticos de Thomas Penn no programa. Thomas Penn tinha-se dado a conhecer a mim um dia, em 1972, quando eu estava preocupado com a minha avó. Ela estava doente no hospital e ninguém parecia saber o que ela tinha. A seguinte mensagem tinha chegado através de escrita automática:

Por favor, posso tomar a liberdade de perguntar a data de nascimento da sua avó, pois isso irá ajudar-me. Considera o problema mental ou físico?

Eu tinha anotado a data de nascimento dela e também que acreditava que a doença dela era de origem mental. O diagnóstico dele acabou por ser mais ou menos aquilo de que o hospital se lembrou. Depois disto, passei a ser capaz de contactar Penn quando queria. Ele apenas escrevia diagnósticos para mim e não dava qualquer informação sobre si próprio.

No *The Frost Interview,* deram-me as datas de nascimento de sete pessoas do público que tinham problemas de saúde específicos. Escrevi as datas com a minha caligrafia e pedi a Penn para selecionar uma delas. Ele escolheu 12 de agosto de 1947. O diagnóstico era de alguém com um problema nas costas, um mau funcionamento renal e

um historial de problemas cardíacos. A rapariga com essa data de nascimento confirmou o diagnóstico.

Um segundo diagnóstico foi recebido de Penn, para uma mulher cuja data de nascimento foi dada como 21 de outubro de 1947.

O David leu o que Penn tinha escrito através de mim:

Aqui temos basicamente uma queixa de pele. Sofrem gravemente de um equilíbrio de glóbulos brancos que está a causar problemas de pele e também a afetar as glândulas linfáticas. Há uma tendência de água nas pernas. Estranhamente, ao mesmo tempo, temos um caso de tensão arterial elevada e ossos frágeis.

A jovem cuja data de nascimento era esta disse: "Tenho imensas sardas, mas tirando isso acho que não tenho nenhuma queixa de pele. Não, tenho uma queixa cardíaca. Tenho mau funcionamento das válvulas." Também negou ter água nas pernas.

Pediram-me para explicar como era possível que Thomas Penn desse um diagnóstico que era certeiro e outro que estava tão longe do alvo. Disse que, na minha experiência, Penn podia errar redondamente estes diagnósticos de forma espetacular, mas que habitualmente era preciso. O segundo diagnóstico provou estar parcialmente correto quando a mulher admitiu mais tarde que tinha um problema de pele.

No entanto, provou estar correto em todos os pormenores quando outra pessoa do público, que tinha exatamente a mesma data de nascimento, relatou aos realizadores do programa que tinha todas as queixas descritas por Penn.

Depois do programa, toda a gente do lado da produção parecia muito satisfeita com a forma como tinha corrido. Levaram-me para uma festa previamente combinada para descontrair. Tenho apenas uma recordação vaga desse evento, mas nunca esqueci a viagem de carro até lá com a June MacFarlane. Estávamos sozinhos no carro, além do motorista, que não conseguia ouvir a nossa conversa. Quase do nada, ela disse: "Nunca te esqueças de que chegaste onde estás hoje apesar de Peter Bander, não por causa dele". Fiquei tão surpreendido

que não soube o que responder. Ela mudou de assunto e não voltou a aludir a isso.

O *The Frost Interview* gerou um enorme interesse na comunicação social, embora eu não estivesse a par de todas as muitas propostas de entrevistas e aparições que me surgiam. Peter Bander geria todos os pedidos e tratava-os como entendia. Um pedido que ele recusou, e que eu teria gostado de aceitar, foi o de Jean Shrimpton. O *Daily Mirror* tinha dado uma câmara a várias *top models* e pedido a cada uma delas que fotografasse o homem que mais admirava. Jean Shrimpton tinha-me escolhido a mim. Para grande desilusão minha, Peter Bander não quis saber disso para nada, achando que tal publicidade era demasiado popularucha. "Ela vai querer fotografar-te em roupa interior" foi o seu comentário azedo depois de nos ter desiludido a ambos. Ela teve de se contentar com Colin Wilson em vez disso.

Para além de pôr fim eficazmente ao meu anonimato, aquela transmissão do *The Frost Interview* mudou as perceções sobre o próprio David Frost, provavelmente para melhor junto do público em geral, mas não junto dos seus pares nos meios de comunicação social, alguns dos quais aproveitaram a oportunidade para o atacar por me dedicar um programa inteiro de 40 minutos. Frost tinha a reputação de ser um profissional muito polido e seguro em frente às câmaras e, nesta ocasião, tinha parecido perturbado e, por vezes, sem palavras, a não ser palavras vagas, tais como "notável". Houve uma crítica particularmente maldosa do programa por parte de um jornalista em ascensão chamado Clive James, que era então crítico de televisão do *The Observer*.

Os inimigos de Frost fizeram uma festa a esmiuçar a sua prestação "fraca". As palavras "desconcertado" e "abalado" foram utilizadas para o descrever. Até a imprensa estrangeira se juntou à festa — "David Frost reduzido a gelatina trémula por psíquico adolescente" foi uma manchete na Austrália. Frost foi repreendido no *The Listener* por parecer estar "mais ansioso por celebrar do que por investigar" os meus "poderes". Fui descrito por este mesmo homem

como "um perturbador psíquico adolescente". Obviamente, ele considerava-me uma espécie de desordeiro.

Ficarei sempre grato a David Frost por estar disposto a enfrentar o risco do ridículo. Ele é demasiado astuto para não saber o que estava a arriscar ao entrevistar-me. Não tenho a certeza, porém, se ele percebeu de antemão o efeito profundo que os acontecimentos dessa noite teriam sobre ele. Acho que podem tê-lo forçado a confrontar as suas próprias crenças. Este é um processo suficientemente difícil para qualquer pessoa lidar em privado, mas passar por ele perante milhões de telespectadores deve ser difícil, especialmente para alguém de quem se espera que tenha uma resposta para tudo.

A experiência no programa de Frost reforçou a minha confiança. Tinha descoberto que o homem duro da televisão tinha um lado muito humano, pelo que o meu compromisso seguinte de transmissão, no *Start the Week* da rádio BBC, não me pareceu de todo intimidante. O formato do programa é essencialmente uma conversa descontraída entre pessoas com origens invulgares ou _ interessantes, conduzida por um apresentador. O papel do apresentador é extrair o testemunho de cada colaborador individualmente e, depois, incentivar os restantes colaboradores a fazerem perguntas a esse indivíduo.

No programa, nessa manhã, estavam o seu apresentador Richard Baker, um Doutor Scott, Kenneth Robinson e eu próprio. O Peter Bander e eu tínhamos ficado com a impressão de que o Dr. Scott seria um psicólogo especializado nos aspetos paranormais da psicologia. Poucos minutos antes de o programa ir para o ar, o Dr. Scott disse-nos que era o estatístico-chefe do gabinete de fertilidade da UNESCO, que não tinha lido *The Link* e que não sabia nada sobre parapsicologia.

À exceção do apresentador, isto deixava Kenneth Robinson, que era um convidado regular no programa e, sem que eu o soubesse, uma figura um tanto ou quanto controversa. Robinson tinha rebatizado o programa de "Startle the Weak" [Sobressaltar os Fracos], um reflexo do deleite que retirava em agredir verbalmente os outros colaboradores. Parece que era famoso pela sua inteligência mordaz.

Não me recordo de muita inteligência, apenas de uma raiva incandescente. Talvez a sua tirada de injetivas contra mim e contra todo o tema do paranormal não tenha sido pior do que os seus esforços habituais, mas a experiência foi muito desagradável. Ninguém ligado ao livro ficou por deitar abaixo.

Até o editor do *Mail*, David English, foi repreendido por o ter publicado em fascículos, e imitado com uma voz estridente. O discurso inflamado e delirante de Robinson foi acompanhado por um murro monumental na mesa com os seus punhos. Alguns ouvintes da *Radio Four* pensaram que ele me estaria a agredir fisicamente e ligaram para a BBC para saber se eu tinha ficado ferido.

Depois disso, Richard Baker pediu desculpa profusamente pelo comportamento do seu colega. Ele teria mais dez anos de tentativas de reparar as pontes que Robinson quebrava propositadamente no decorrer do programa, até Robinson ser finalmente despedido. Disseram-me que Robinson se tinha mostrado relutante em sequer aparecer no programa, e tinha dito que não queria nada com "esse tipo de coisas".

O facto de ser um homem de profundas convicções religiosas pode ter estado na origem do seu antagonismo em relação a mim. Eu viria a aprender que as pessoas que temem o desconhecido reagem de facto desta forma extrema, e a última coisa que querem é uma discussão honesta e fundamentada. É sempre mais fácil, e mais seguro, rejeitar algo que não se pode compreender do que manter uma mente aberta sobre o assunto. Pensar de novo pode produzir um efeito dominó e, uma vez questionado um sistema de crenças há muito enraizado, outras noções tidas como queridas ou verdadeiras também têm de ser reexaminadas. Sinto pena de quem quer que se sinta ameaçado pelo que outra pessoa representa.

Lembro-me de estar sentado num engarrafamento perto de Baker Street, em Londres, um dia, quando um homem de repente enfiou a cabeça pela janela aberta e começou a gritar insultos contra mim. Chamou-me charlatão, fraudulento, de aldrabão, e disse-me que eu

"não me ia safar", fosse lá o que "isso" fosse. Já achava suficientemente difícil lidar com pessoas simpáticas que se aproximavam de mim na rua, quanto mais com aquelas que eram assumidamente rudes. Acabou por se afastar, exausto pelos seus esforços. Espantou-me que ele conseguisse convocar tamanha raiva de forma tão espontânea. Ele não podia saber que se iria cruzar comigo naquele dia em particular.

Descobri frequentemente que o antagonismo é uma faca de dois gumes que me ajudou tanto quanto me estorvou. O meu jornal local, o *Cambridge Evening News*, decidiu fazer um trabalho de demolição sobre mim assim que se apercebeu de que tinha sido ultrapassado numa história exclusiva no seu próprio quintal. A sua campanha "contra" durou cerca de três anos após o seu lançamento inicial numa série de artigos com a duração de uma semana baseados em *The Link*. As impressões enganosas dadas nesses artigos e a cobertura seletiva dos conteúdos do livro foram assinaladas por um dos leitores do jornal que tinha lido o livro. Seria bom pensar que as suas observações encorajaram as pessoas da zona a comprar o livro para poderem tomar as suas próprias decisões a meu respeito. Sem dúvida que o maior volume de vendas da edição em capa dura de *The Link* foi alcançado pela livraria *Heffers* em Cambridge.

No entanto, pior do que a sua abordagem à história foi a espionagem e a intriga do jornal. Após a minha aparição no *The Frost Interview*, um dos seus jornalistas foi apanhado a remexer na lata do lixo em Linton. Posteriormente, tentou obter informações junto da nossa mulher da limpeza e, quando isso falhou, entrou em casa e recusou-se a sair. Num dos artigos do jornal sobre mim, com a manchete "Matthew Manning: um génio ou um brincalhão?", o jornalista opina: "... é a falta de investigação científica sob condições rigidamente controladas que levará muitos críticos a descartar *The Link* como uma tolice."

Tendo em conta a extensa série de testes que eu tinha acabado de realizar em Toronto, este comentário era uma tolice ainda maior. O jornal tomou a iniciativa de contactar a *Society for Psychical Research*

para obter a sua opinião sobre o que eu deveria fazer com a minha vida. A minha opinião sobre a SPR nesta altura era baixa. Não me tinha esquecido do tratamento que dispensaram ao meu pai na altura do primeiro surto de *poltergeist* em casa.

Ele tinha-se dirigido a vários dos principais membros da organização em busca de conselhos sobre o que deveria fazer e não recebeu qualquer ajuda. Várias destas pessoas não tinham sequer tido a cortesia de responder às suas cartas. Agora que eu estava na ribalta, dizia-se que essas mesmas pessoas se desdobravam em esforços para me acolher. Tanto quanto eu sabia, o Peter Bander tinha recebido apenas um pedido da parte deles, e esse era para eu participar numa sessão espírita de salão, o que não era o tipo de "investigação" a que eu queria dedicar o meu tempo. Não fiquei satisfeito quando o presidente da delegação de Cambridge da SPR, Tony Cornell, foi citado a comentar:

Tendo em conta o vasto interesse público, seria uma pena se Matthew fosse incorretamente considerado uma fraude devido à sua relutância em participar em testes. Se Matthew tem verdadeiros dotes paranormais, deveria estar preparado para deixar que as sociedades de Cambridge e de Londres realizassem investigações de uma forma imparcial e científica.

O *Cambridge Evening News* relatou diligentemente a minha resposta impulsiva a isto:

O Sr. Cornell é o tipo de homem que conduz uma sessão espírita de 24 horas para entrar no Livro Guinness dos Recordes. A SPR de Cambridge consiste em nada mais do que um bando de colegiais totós e a sociedade de Londres não é muito melhor.

Eu era tão ingénuo. Tinha debitado, praticamente *ipsis verbis*, a opinião de Peter Bander sobre a SPR. Não me apercebi de que o que dissesse seria utilizado contra mim. O meu comentário foi gravado e acabou no jornal deles. A partir daí, passei a ser extremamente cuidadoso com o que dizia a pessoas que não conhecia. À parte esta controvérsia localizada, a imprensa, especialmente na Grã-Bretanha,

foi enormemente amável comigo. As experiências de Toronto ajudaram a atenuar o seu ceticismo natural e encorajaram o público em geral a aceitar o que deve ter parecido uma história muito bizarra. Mesmo a imprensa de referência — desde revistas a jornais — não desdenhou cobri-la, provavelmente porque era genuinamente notável.

The Link vendeu-se fenomenalmente bem desde o primeiro dia da sua publicação. Eu fui o menos surpreendido de todos os que lhe estavam ligados, à exceção de Peter Bander, que nos meses que antecederam a publicação tinha frequentemente repisado a sua visão do nosso futuro — "Vai ser uma grande história. Consigo ver os jornais a saltar em cima de nós. Um *poltergeist* e uma escola privada, e tu tens a voz certa." As minhas expectativas eram as de um jovem ingénuo de dezassete anos. Pensava que, se publicássemos um livro, este se tornaria automaticamente um *best-seller*. Não fazia ideia dos milhares de livros que não chegam a ser publicados, nem dos milhares que o são mas nunca se vendem.

The Link foi publicado simultaneamente na Grã-Bretanha, na Alemanha e na Holanda, e estavam a ser negociados acordos de direitos noutros mercados. O meu futuro imediato estava traçado ao longo de um trilho promocional de sessões de autógrafos, entrevistas e aparições na rádio e na televisão. Na Alemanha, o sucesso do livro dependeria em grande parte, segundo nos disseram os editores da *Verlag Hermann Bauer*, da boa vontade do Professor Hans Bender, o principal investigador psíquico da Alemanha. Fui apresentado a Bender no lançamento do livro na Alemanha e combinou-se que eu deveria participar em experiências com ele em Friburgo, onde ele lecionava na Universidade e era chefe do Instituto de Parapsicologia. Estas experiências seriam financiadas pela empresa de televisão alemã *Süddeutsche Rundfunk*, com a qual Bender já tinha contrato para vários programas parapsicológicos. Além de participar nas experiências, eu iria dar uma entrevista à SDR.

Bender deveria estar encarregue da forma como as experiências seriam conduzidas e do que deveria ser filmado. No entanto, isto não impediu o realizador, Jörg Dattler, de tentar transformar o processo

em "boa" televisão e de me instar a fazer truques em vez das experiências que Bender tinha em mente. Na conferência de imprensa organizada pela *Süddeutsche Rundfunk*, um Professor Werner Schieberle da Universidade de Ravensburg tinha trazido um aparelho para eu influenciar perante os jornalistas reunidos.

Este aparelho consistia numa fonte de energia à qual estavam ligadas dez lâmpadas num arco de arame. A pressão psicológica para "atuar" era tão intensa quanto o calor da iluminação para as câmaras. Fiquei ali sentado durante cerca de quinze minutos a tentar fazer com que as lâmpadas se acendessem. Após uma explosão final de concentração, duas delas cederam. Fiquei muito satisfeito. A comunicação social alemã, porém, ficou claramente desiludida comigo. A manchete de um dos jornais no dia seguinte relatava: "PSÍQUICO SÓ CONSEGUE ACENDER DUAS LÂMPADAS".

Fiquei contente por deixar esta mentalidade para trás e começar a trabalhar. Na primeira experiência, pediram-me para tentar dobrar um tubo de nylon opaco através do qual passava um feixe de luz. Numa das extremidades do tubo encontrava-se uma lâmpada elétrica, na outra um dispositivo para monitorizar o comportamento do feixe de luz. Se eu conseguisse dobrar o tubo, raciocinaram os cientistas, o dispositivo de monitorização registaria imediatamente uma distorção do feixe de luz. Coloquei as minhas mãos cerca de 10 cm acima do tubo e concentrei-me nele durante vários minutos. Nada aconteceu.

Depois, movi a minha mão direita para trás e para a frente, em direção à extremidade que albergava a lâmpada. Neste ponto, o gráfico alterou o seu traçado e começou a registar que o tubo se estava a dobrar significativamente. O tubo, contudo, não mostrava qualquer sinal deste desvio e permanecia direito. Num teste posterior com esta peça de aparelho, o dispositivo de monitorização colapsou por completo.

A segunda experiência foi com um testador eletrónico de ESP [perceção extrassensorial], chamado ESP-1AT. Eu tinha de prever a sequência em que as quatro luzes controladas pela máquina se iriam

acender. A máquina gera as luzes de forma aleatória, pelo que não há perigo de o sujeito da experiência captar telepaticamente da parte do experimentador a sequência em que as luzes se irão acender. Esta máquina falhou após cerca de dez testes, uma situação que o projetista da máquina descreveu como "eletronicamente impossível".

Estas duas experiências foram conduzidas por dois físicos da Universidade de Copenhaga, o Professor Richard Mattuck e Scott Hill, que tinham sido convidados por Bender para participar.

Os testes que o Professor Bender queria que eu fizesse eram de caráter inteiramente diferente. Bender era um psicólogo que já tinha formulado uma teoria de eleição sobre a origem do fenómeno da informação recebida de forma automática. Estava convencido de que a fonte era o recetor individual. Um bom teste para a sua teoria, pensou, seria pedir-me para produzir um desenho no estilo de um artista vivo completamente desconhecido, do qual eu não tivesse qualquer conhecimento.

Deu-me um nome, que eu não reconheci, e disse-me que o artista em questão era uma mulher. Passados 20 minutos, eu tinha desenhado um rosto de uma tristeza inexprimível com um coração negro cravado na testa, olhos caídos e a boca descaída. Corriam-lhe lágrimas pela face esquerda. Na sua cabeça, que de resto estava careca, encontravam-se dois cabelos isolados. Acima destes, eu tinha escrito as palavras "Harliquin out of love" [Arlequim sem amor]; diga-se de passagem que esta grafia de "harlequin" está incorreta tanto em inglês como em alemão, e não tenho qualquer explicação para isso.

Quando Bender viu o desenho, exigiu que a filmagem parasse. Disse-nos que o pseudónimo que me tinha dado era o da sua filha, que se encontrava sob uma grave tensão emocional desde a rutura do seu casamento. Nessa manhã, ela tinha-lhe descrito os seus sentimentos e tinha utilizado a palavra "arlequim" para os caraterizar. Segundo Bender, na psique dela o amor e o ódio tinham colidido. Pediu-me que fosse com ele até à sua casa. Um choque maior aguardava-nos lá. Entrámos na sala de estar e deparámo-nos com a filha dele vestida

com o fato de um arlequim, o rosto pintado numa imitação precisa do desenho, a cabeça rapada. Fixou-me com um olhar indescritível, uma mistura de puro terror e ódio intenso, antes de fugir da sala.

Cerca de 25 anos mais tarde, continuo sem ter uma explicação para este acontecimento. Dado o seu estado infeliz, é provável que a mente de Bender estivesse cheia de pensamentos sobre ela, e é possível que eu os pudesse ter captado. Mas a telepatia não explica a automutilação da cabeça rapada ou a réplica exata da máscara que ela tinha pintado no rosto. De alguma forma, eu tinha-me sintonizado com ela, não com o pai dela, embora eu não tivesse conhecimento sequer da sua existência antes de Bender admitir a identidade da artista.

Teríamos ela e eu estado envolvidos num evento paralelo e, enquanto eu desenhava o quadro, estaria ela a transformar-se fisicamente no ser que se sentia ser na sua mente? As explicações psicológicas da atividade paranormal baseiam-se em ligações estabelecidas entre indivíduos ou em conhecimento prévio, mas nenhuma destas se sustentava neste caso. Infelizmente, Bender optou por não perseguir as perguntas instigantes que a experiência levantava.

Por consideração a Bender e à sua família, concordei em não contar a história completa do "arlequim" em público. Poucos meses após a experiência, o próprio Bender deu uma entrevista à revista alemã *Esotera*. Descreveu "Harliquin out of love" como "uma representação criativa de algo extremamente complicado e recebido por via paranormal", um exemplo notável de telepatia. Contou apenas metade da história, permitindo que a sua teoria de que todas as minhas escritas e desenhos automáticos provinham do meu próprio subconsciente permanecesse incontestada.

Algumas das pessoas que se interessaram pelo que eu estava a fazer não eram meramente curiosas ou estudiosas do paranormal. Pouco antes de *The Link* ser publicado, recebi o que pensei na altura ser um convite inofensivo para me encontrar com Lord Rothschild. De acordo com uma carta escrita pela sua esposa ao meu pai, ele valorizaria "uma oportunidade para estudar o tipo de fenómenos que o

seu filho produz". Rothschild, cientista de formação, estava à beira de se reformar do seu cargo de chefe do primeiro grupo de reflexão do Gabinete do Conselho de Ministros, que tinha sido criado pelo então Primeiro-Ministro, Edward Heath.

Um par de meses após receber esta carta, combinei ir de carro até à casa dos Rothschild em Cambridge para uma conversa. Quando lá cheguei, fui conduzido ao escritório. Rapidamente se tornou evidente que, longe de querer travar uma conversa estimulante sobre o tema dos fenómenos psíquicos, Rothschild procurava informações específicas. A nossa conversa consistiu em ele massacrar-me com perguntas durante uma hora sobre o que eu conseguia e não conseguia fazer à distância. Seria eu capaz de influenciar uma peça de maquinaria?

Se eu pudesse influenciar uma peça de maquinaria à distância, o efeito diminuiria em função da minha distância em relação a ela? Conseguiria influenciá-la mais eficazmente se estivesse a um metro de distância do que se estivesse a 500 metros de distância? Ao longo de que distância achava eu que a telepatia podia funcionar? Se alguém estivesse no meio do Atlântico Norte, seria eu capaz de captar o que estava a pensar? Achava que conseguia influenciar o radar? Eu estava a ficar habituado a que os jornalistas dessem asas à imaginação e me fizessem perguntas parvas. Conseguiria abater um míssil sobre o Atlântico Norte? Se estivesse mesmo zangado com alguém, conseguiria fazer com que o carro dessa pessoa se despistasse? Se estivesse suficientemente perto do Primeiro-Ministro, conseguiria ler a sua mente? A última destas perguntas constituía, em meu entender, uma suposição bastante ousada. No entanto, fiquei surpreendido por alguém com a sofisticação de Rothschild estar interessado em coisas dignas de uma banda desenhada como a *Boys' Own*.

Fiquei com a nítida impressão de que ele tinha ficado constrangido, o que presumivelmente não teria acontecido se estivesse a fazer aquelas perguntas por conta própria. O rumo geral das perguntas de Rothschild não me deixou dúvidas de que ele tentava averiguar se os meus poderes poderiam ter aplicações militares ou de

espionagem, ou possivelmente até implicações de segurança. Rezei para que as minhas respostas tivessem sido tão inúteis e imprecisas a ponto de dissipar por completo a ideia de que eu era uma espécie de sistema de armamento humano ou uma força de dissuasão nuclear.

Os nossos caminhos não voltaram a cruzar-se, pelo que nunca chegámos a ter a nossa conversa sobre fenómenos psíquicos. As minhas suspeitas sobre a quem Rothschild estaria a tentar ajudar ao estabelecer contacto comigo provaram-se corretas anos mais tarde. Nas muitas notas necrológicas e homenagens a Rothschild aquando da sua morte, em 1990, foi repetidamente feita menção às suas ligações. Espião do MI5 durante a guerra, ele tinha mantido as suas ligações com "a firma", como essa organização era conhecida, e exerceu uma influência considerável nos círculos mais altos até à sua morte. Dizia-se que era considerado "o grande ancião da espionagem" e que tinha sido consultado pelo seu conhecimento e aconselhamento nesta área por sucessivos governos.

Antes da publicação de *The Link*, a minha experiência do "estrangeiro" tinha consistido em duas férias em família: a primeira na Holanda, que vi do banco de trás do nosso Mini, e a segunda na Noruega. O meu sentimento de desejo de viajar vibrou com a oportunidade que agora me era oferecida de conhecer mais do mundo. Os editores estrangeiros queriam a minha presença nos seus mercados para gerarem vendas e, por isso, por onde quer que eu passasse, eram organizadas sessões de autógrafos, entrevistas e aparições na televisão e na rádio.

Já não me lembro de muitos dos locais que visitei. São pontos num mapa, tão anónimos para mim agora como eram antes de os visitar. A sua monotonia refletia a uniformidade da minha experiência com eles. Eu não estava lá para procurar a sua singularidade, e as perguntas que me faziam eram as mesmas, quer estivesse em Amesterdão ou em Albuquerque. Dos muitos países que visitei durante esses frenéticos dezoito meses de promoção, dois deixaram-me uma impressão duradoura, e por razões muito diferentes: os Estados Unidos e o Japão.

O meu primeiro encontro com o estilo de vida americano deu-se no verão de 1975, quando o Peter e eu embarcámos numa digressão de costa a costa para promover *The Link* para os editores americanos *Holt, Rinehart and Winston*. A digressão foi organizada em cooperação com o *National Enquirer* que, com 4 milhões de exemplares, era o jornal mais vendido da América e publicava fascículos semanais do livro. No nosso itinerário constavam Nova Iorque, Boston, Filadélfia, Pittsburgh, Chicago, Detroit, Minneapolis, Los Angeles, São Francisco e alguns pontos pelo meio.

Mal aterrávamos numa cidade, eu era imediatamente levado para um estúdio de rádio ou de televisão, para uma livraria ou para o meu hotel, onde alguém estaria à espera, de caneta ou gravador em riste. Era emocionante ser tão solicitado, e a adrenalina esteve ao rubro durante as três semanas inteiras. No final, porém, compreendi por que razão a América é um lugar tão duro. Na terra das oportunidades, somos culpados até prova em contrário, e isto aplica-se tanto às novas "celebridades" como às pessoas apanhadas no seu sistema legal.

Fui provavelmente ingénuo ao esperar que me considerassem uma pessoa honesta. Até esta viagem, tinha sido, de um modo geral, tratado com suavidade pela comunicação social noutros países. Nos Estados Unidos, descobri que o dedo da suspeita era muito mais comprido e mais pontiagudo do que noutros locais, e a viagem promocional muito mais atribulada. Fui para lá num espírito de cautela, porque o Peter já me tinha dado uma ideia do que esperar. Ele geria os meios de comunicação social no dia a dia e estava atento às tentativas de dar uma perspetiva desfavorável ao meu comportamento ou ao que eu tinha para dizer. Algumas pessoas suspeitavam que eu fizesse parte do chamado "circo psíquico" que tinha crescido desde o aparecimento de Geller, que tinha dito que estava "nisto pelo dinheiro". Os únicos pagamentos que mudaram de mãos nas minhas digressões foram estritamente para despesas.

Eu não aceitava dinheiro por nenhuma das dezenas de aparições que fazia. No entanto, as mesmas suposições que tinham sido feitas em relação a Geller, no que respeita ao que ele fazia, foram sacudidas

do pó e aplicadas a mim. Eu também devia ser um trapaceiro ou um ilusionista de algum tipo, cuja trapaça particular seria descoberta com o tempo. Coadjuvados por alguns membros do *Magic Circle*, os meios de comunicação social americanos estavam decididos a expor-me como uma fraude. Dei por mim a ser seguido por todo o país e a ver todas as minhas aparições públicas escrutinadas. Fizesse eu o que fizesse, estas pessoas tinham uma explicação para o facto.

Queriam provar que eu não era melhor do que eles. Num programa de rádio em direto, tive de adivinhar o que uma pessoa no estúdio tinha desenhado num pedaço de papel. Sempre fui muito melhor a transmitir telepaticamente do que a receber. Quando me pedem para receber, como aconteceu nessa ocasião, peço à pessoa que faça um desenho simples e depois comunico-lhe telepaticamente o que quero que ela desenhe. Apercebi-me de que um homem, que eu tinha tomado por engenheiro, me observava com muita atenção. Trata-se, na verdade, de um ilusionista do *Magic Circle*, ali presente com o consentimento do produtor para garantir que eu não estava a usar espelhos ou a olhar para a mão de quem desenhava enquanto a imagem era executada.

Sempre que eu aparecia para uma atuação em direto na rádio ou na televisão, os editores americanos cruzavam firmemente os dedos na esperança de que eu causasse algum problema que suscitasse mais publicidade. Ficaram satisfeitos quando o sistema de som do *The Today Programme*, transmitido a partir de Filadélfia, avariou durante 45 segundos na manhã da minha entrevista com eles, e encantados quando, num programa chamado *To Tell the Truth*, um projetor por cima da minha cabeça explodiu.

Os quatro jurados célebres do *To Tell the Truth* tinham de decidir qual de três pessoas que lhes eram apresentadas era o verdadeiro Matthew Manning. Nenhum dos jurados tinha lido *The Link* ou sabia qual era o meu aspeto, pelo que tudo o que tinham para se orientar era a sua intuição. Os outros dois selecionados para fingirem ser eu eram colegiais ingleses que estavam de férias nos Estados Unidos. Cada um de nós foi apresentado ao júri e sujeito a uma série de perguntas.

O júri votava depois, na esperança de fazer corresponder a pessoa certa ao nome. No momento exato em que eu estava a ser apresentado ao júri como o "Matthew Manning Número Dois", o projetor explodiu, espalhando vidro por todo o lado e estilhaçando o jogo de aparências. Até este ponto, apenas um dos quatro jurados suspeitava que eu pudesse ser o verdadeiro Matthew Manning.

Subjacente a todas as minhas aparições na televisão e na rádio dos EUA estava a pressão para "atuar". Os realizadores dos programas queriam ter a certeza de que eu conseguia "entreter" sob comando. Devido ao facto de Uri Geller ter "desiludido" as expectativas do rei dos programas de entrevistas, Johnny Carson, no ano anterior, Carson tinha-se recusado a receber-me no seu programa. Em vez disso, apareci no programa apresentado pelo principal rival de Carson, Mike Douglas.

A atriz Zsa Zsa Gabor foi a sua primeira entrevistada e, depois de ele ter terminado de falar com ela e de eu entrar, ela permaneceu no lugar e escutou o que eu tinha para dizer. Suponho que não tenha sido surpreendente para os telespectadores comuns que esta exótica húngara estivesse interessada em fenómenos psíquicos. Ela podia dar-se ao luxo de não se comportar como uma americana, visto não o ser. O que surpreendeu, e claramente irritou, Mike Douglas foi o elogio que ela fez ao programa de David Frost, que tinha visto na televisão britânica.

Ela não parava de falar sobre o quão brilhante esse programa tinha sido e como os diagnósticos de Thomas Penn a tinham feito sentir-se "muito arrepiada". Era estranho ter esta criatura ultra-glamorosa — que obviamente adorava ser o centro das atenções — a fazer tanta publicidade de mim. Para o público de Mike Douglas, fiz uma demonstração simples de telepatia, auxiliado por um colega convidado, o cantor Roger Miller. Na altura em que a Zsa Zsa fez a sua descrição do que tinha sido servido na televisão britânica, isto deve ter parecido muito insosso em comparação.

Por vezes, as vendas de livros são geradas pelo conjunto de circunstâncias mais improvável. Os editores fazem o impossível para nos colocar num programa de televisão de grande audiência, na crença de que as vendas vão disparar assim que os créditos finais passarem. Isto funcionou sem dúvida no Reino Unido com o *The Frost Interview*, mas nos Estados Unidos tive motivos para estar mais grato a uma entrevista tardia com um jornalista pouco conhecido chamado Jim Gallagher. Ele fez as perguntas habituais, às quais dei as minhas respostas habituais. Também quis saber se eu tinha namorada. Disse-lhe que não, porque de momento não tinha tempo para isso.

Reconheci muito pouco da nossa conversa quando, finalmente, li o seu artigo. Subtilmente intitulado "Ele não está a gastar energia psíquica na sua vida sexual", prosseguia assim: "Não tenho vida sexual", diz Matthew Manning, um jovem britânico de 19 anos que diz ser psíquico. "Talvez seja daí que vem a minha energia psíquica. Muita gente pensa que a energia psíquica está ligada à energia sexual. Já conheci vários psíquicos e não creio que muitos sejam casados. Acho que as mulheres são uma dor de cabeça. Não gosto delas e não saio com elas. Não, e também não sou homossexual. Simplesmente não tenho vida sexual."

Eu não disse nada disto, mas como o artigo em que esta citação aparecia foi distribuído por todos os Estados Unidos e parecia estar a ajudar às vendas, quem era eu para me queixar? Espero que as pessoas que compraram o livro em resultado da leitura do artigo de Gallagher não tenham sido induzidas em erro, pensando que *The Link* contém mais coisas do mesmo género.

Regressei dos Estados Unidos ansioso por descansar. Após uma quinzena de relaxamento, deparei-me com uma manchete na primeira página do semanário de grande tiragem *The News of the World* (13 de julho): "O PSÍQUICO E OS HOMENS DO VATICANO". A história, de Alan Whittaker, centrava-se em dois emissários do Vaticano — o Arcebispo Hyginus Cardinale e o Monsenhor Bruno Heim — que negavam ter-me consultado sobre a saúde do Papa. O *The News of the World* relatava que me tinham sido dadas 50 datas de nascimento para

as quais produzi diagnósticos ao longo de várias semanas. Monsenhor Heim foi citado a dizer:

"É verdade que o Arcebispo Cardinale e eu nos encontrámos com Matthew Manning, mas não o consultámos sobre a saúde do Papa. Se o disserem, isso deixar-me-ia seriamente embaraçado e teria de o negar." Admitiu que tinha sido apresentada uma lista de datas de nascimento, mas negou ter sido a pessoa que a apresentou: "Tudo isto foi um assunto muito privado e estou muito preocupado por ter chegado ao vosso conhecimento."

Eu tinha sido apresentado a Bruno Heim por Peter Bander em 1975 e tinha ido, por várias vezes, jantar à sua casa em Wimbledon, onde conheci vários líderes da Igreja, tanto anglicanos como católicos. Um deles foi o Arcebispo Cardinale, Delegado Apostólico em Bruxelas, que, tal como Heim, era amigo pessoal de Peter Bander e estava prestes a ver um livro seu publicado por ele. Encontrei-me novamente com ambos os homens mais tarde, em casa de Peter, em Gerrards Cross. Nessa ocasião, pediram-me para me sintonizar com uma data de nascimento a fim de obter um diagnóstico da pessoa em questão através de escrita automática. Não demorou muito para que várias folhas de papel ficassem preenchidas com pormenores dos problemas de saúde da pessoa anónima. Os dois homens leram-nos com interesse e encetaram uma longa discussão sobre o conteúdo antes de me explicarem que a data de nascimento em questão era a do Papa Paulo VI, que se encontrava indisposto na altura com uma doença misteriosa que os seus médicos não conseguiam identificar.

Se o conteúdo do texto automático estava correto ou era relevante, nunca cheguei a descobrir, mas mais tarde recebi um agradecimento sob a forma de uma belíssima medalha papal com o brasão de Paulo VI, pelo que presumo que tenha sido útil para alguém. Até ao dia de hoje, a medalha ocupa um lugar especial na minha sala de cura.

A história no *The News of the World* deve ter feito soar os alarmes da confusão e do embaraço no Vaticano. Poucos dias após a

publicação da história, esta foi contrariada através do *Catholic Herald* com a manchete lacónica: "Nenhuma 'consulta psíquica' — Arcebispo". Heim foi citado a dizer: "É absolutamente impensável que o Vaticano consulte Matthew Manning ou dê ordens para o consultar." A Itália foi um dos poucos mercados que não visitei durante a promoção de *The Link*. No final dos anos 70 e ao longo dos anos 80, daria seminários na Itália e sentiria a desaprovação da Igreja em relação às minhas atividades por lá. O que há de irónico nesta desaprovação e no desmentido da história do *The News of the World* é que a Igreja Católica é conhecida por promover a investigação em parapsicologia. Talvez, à semelhança da ciência, não possa dar mostras de ter dúvidas sobre as suas próprias doutrinas.

Em público, o Peter mostrou-se devidamente indignado com a situação embaraçosa em que os seus amigos se encontravam. "Estou indignado, como devem imaginar", disse aos jornalistas. "O Bruno Heim é meu amigo. O Arcebispo Cardinale é meu amigo há muitos anos... O Arcebispo Heim e o querido Arcebispo Cardinale foram transformados em bodes expiatórios." Também negou que tivesse havido uma consulta "oficial" comigo.

Pela viragem de 1976, *The Link* continuava a vender-se em números enormes e estava a ser publicado em 19 países por todo o mundo. Em novembro de 1975, as vendas tinham recebido um novo fôlego com a publicação do livro numa edição de bolso da *Corgi*. Este lançamento significou mais uma ronda de entrevistas e de trabalho promocional. A estratégia publicitária estava a funcionar bem: uma aparição no *Nationwide* da Televisão da BBC, apresentado por Sue Lawley e Bob Wellings, catapultou as vendas de 2.000 exemplares numa semana para 30.000 na semana seguinte.

Desta vez, os tabloides de grande tiragem saltaram para bordo. Numa entrevista ao *Daily Mirror*, Paula James afirmou que eu era "tão acolhedor como pão com manteiga". O conteúdo da nossa entrevista foi resumido pelo subchefe de redação como "O estranho mundo de Matthew Manning". Uma manchete apelativa é tudo no negócio dos jornais, ao que parece, mesmo que seja enganosa. O *The Sun*

contentou-se com uma breve recensão do livro sob a manchete "O mundo misterioso de Mr Jinx". Tais manchetes condensam uma inevitabilidade deprimente. Eu não podia ser apresentado pela comunicação social noutros termos, porque esta não possuía o vocabulário ou a compreensão necessários.

O desgaste da exposição ininterrupta ao trabalho promocional valia a pena se o calculássemos apenas em termos de quantidade de livros vendidos. Gostei de poder comprar um automóvel desportivo MGB com os lucros, mas essa foi a minha única extravagância. Continuava a viver em casa, em Linton, com a minha família, continuando a desfrutar dos mesmos pequenos prazeres. Da fama bem podia eu prescindir, porque as pessoas tanto me insultavam como eram simpáticas. Daquelas que eram simpáticas, nunca podia ter a certeza se o faziam sinceramente e gostavam genuinamente de mim ou se estavam apenas interessadas porque eu estava na ribalta.

Lembro-me de ir ao que na altura passava por ser uma discoteca em Cambridge com um par de amigos e de ser mimado pelo proprietário, que parecia muito grato pela minha presença. Após alguns minutos de conversa, disse: "Consta-me que és um ciclista muito famoso. Eu também sou um grande entusiasta do ciclismo." Não conseguia perceber do que é que ele estava a falar e só no dia seguinte é que me apercebi de que alguém lhe devia ter dito: "Aquele é o Matthew Manning. É um psíquico famoso." No meio do barulho, ele deve ter confundido "psíquico" [*psychic*] com "ciclista" [*cyclist*]. Se ele se teria dirigido a mim em linha reta caso tivesse ouvido corretamente, isso fica ao critério da imaginação de cada um.

Tinha prometido nunca vender nenhuma das minhas capacidades, por exemplo, prognosticando cavalos vencedores ou a subida e descida dos preços das ações. Uma vez, porém, por pura travessura, deixei a minha "auréola" escorregar. Tinha entrado num pub com um amigo que decidiu jogar na máquina caça-níqueis que estava a um canto do bar. Ele não se estava a sair muito bem, por isso dei-lhe uma mãozinha. No decorrer da noite, conseguimos esvaziar a máquina

doze vezes. O taberneiro pediu-nos para não voltarmos, a menos que prometêssemos deixar a sua máquina em paz.

Em janeiro de 1976, parti para outra série de experiências laboratoriais, desta vez na Suécia, principalmente com o Dr. Nils-Olof Jacobson e Jan Fjellander do *Forskningscenter för Psykobiofysik* em Estocolmo. Psiquiatra de formação, Jacobson era bem conhecido na Suécia como autor de um livro sobre as provas de sobrevivência. Fjellander, antropólogo social, tinha a responsabilidade geral pela condução das experiências. A revista semanal *Hemmets Journal* patrocinava as experiências, além de pagar as minhas despesas. Em contrapartida, a revista esperava ter cobertura exclusiva do processo no laboratório e dos resultados mais tarde. Também se combinou que eu passaria cinco dias a fazer experiências com o físico Georg Wikman no *Chalmers Tekniska Institut* em Gotemburgo.

Wikman tinha concebido um medidor eletrostático que eu deveria tentar influenciar. Sentei-me numa cadeira numa sala cujo chão, teto e paredes estavam revestidos com folha de alumínio. Foram efetuadas dezoito medições do campo eletrostático em intervalos de 30 segundos. Quando estávamos a cerca de dois terços dessas medições, o gráfico saltou de 2,1 para 9,2. Wikman observou:

... quando isto aconteceu, Matthew segurava as mãos no ar e não movia os pés... Não se pôde concluir se se tratou de um efeito paranormal ou não [o itálico é dele], mas os factos apontam nesta direção.

Os diagnósticos de Thomas Penn formaram a base da primeira experiência em Estocolmo. Jacobson apresentou-me uma lista de dez datas de nascimento que correspondiam a dez doentes selecionados ao acaso dos registos de um hospital geral. Pediram-me para dar um diagnóstico de Thomas Penn para cada doente.

Os nomes dos doentes estavam escritos no mesmo pedaço de papel e achei difícil não deixar a minha concentração divagar do nome em que era suposto focar-me para os restantes. Após a experiência, os diagnósticos de Penn, juntamente com históricos clínicos resumidos

compilados por Jacobson, seriam entregues a profissionais médicos não envolvidos na experiência, cujo trabalho consistia em fazer corresponder os diagnósticos aos respetivos históricos clínicos.

Outra experiência inovadora foi um teste de crescimento de sementes concebido por Jacobson. Um dos primeiros investigadores pioneiros na cura psíquica, ela própria uma espécie de psicocinese, foi o Dr. Bernard Grad da Universidade McGill de Montreal. Interessou-se por esta área depois de conhecer o curandeiro húngaro Oscar Estebany no final dos anos 50. Uma das experiências em que os dois colaboraram foi um teste com sementes de cevada regadas com solução salina. Cada experiência demonstrou que as plantas regadas com a solução salina que Estebany tinha tratado — bastando para isso segurar nas mãos a garrafa que continha a solução salina — eram, num grau estatisticamente significativo, as que cresciam mais rapidamente.

Na experiência de Jacobson, havia três tubos de ensaio, cada um contendo uma semente de relva. Jacobson conhecia a taxa a que estas sementes cresceriam se fossem mantidas sob condições controladas e idênticas. Com um tubo, eu deveria concentrar-me em energizar as sementes positivamente para as fazer vicejar; e com o segundo, concentrar-me em energizá-las negativamente, para retardar o seu crescimento.

O terceiro tubo, eu deveria deixá-lo em paz. Um cientista que não tinha estado envolvido na primeira parte da experiência levou os tubos para transferir o seu conteúdo para tabuleiros. O tubo marcado com a letra "A" seria transferido para o tabuleiro marcado com a letra "A", e assim sucessivamente. Os resultados do teste não seriam conhecidos até que as sementes tivessem crescido e o tratamento que cada tabuleiro tinha recebido fosse revelado.

A experiência final foi muito semelhante ao teste do tubo de nylon que eu tinha feito com Richard Mattuck e Scott Hill em Friburgo. O aparelho consistia numa "caixa" metálica que continha um transformador, um fusível e uma lâmpada de 12 watts, e numa

segunda caixa que continha uma resistência fotossensível, com um circuito de corrente contínua de 9 volts. O feixe de luz era projetado através de um tubo de cartão grosso. As "caixas" metálicas e o tubo estavam unidos para garantir que o feixe não pudesse ser alvo de interferência física. A minha tarefa era tentar influenciar o feixe. Eu não conseguia vê-lo, por isso tentei imaginar a minha mão a passar através dele.

Passado pouco tempo, um ruído de cliques furiosos pôde ser ouvido vindo da direção da "caixa" que continha a lâmpada; o som era muito parecido com o que frequentemente tinha acompanhado a atividade *poltergeist* em casa e na escola. Uma protuberância em forma de V apareceu então na faixa móvel do gráfico, que de resto estava perfeitamente direita, a qual monitorizava o feixe. De acordo com esta leitura, o feixe de luz tinha sofrido uma distorção grave.

Os cientistas decidiram fazer uma sessão de controlo. Neste ponto, nas palavras de Fjellander, "o dispositivo começou a comportar-se de forma muito estranha" e pareceu absorver uma grande quantidade de energia. O ruído de cliques recomeçou, desta vez acompanhado por um zumbido forte. Os físicos e engenheiros eletrotécnicos acabaram por localizá-lo no circuito elétrico e na bateria de corrente contínua de 9 volts. Isto intrigou-os porque tal zumbido só pode ocorrer numa corrente que esteja em fluxo constante entre corrente alternada e corrente contínua. O nosso dispositivo não estava a funcionar a partir de uma corrente alternada, como a da rede elétrica pública, por isso como poderia isto estar a acontecer? Ainda procuravam uma explicação quando um fusível fundiu e todo o aparelho ficou sem vida.

Os cientistas desmontaram o dispositivo, não encontraram nada de anormal — além do fusível fundido — e voltaram a montá-lo. A experiência foi repetida, com o mesmo resultado — concentrei-me e o fusível fundiu. A terceira tentativa foi igualmente azarada. Depois disso, os cientistas desistiram. Quando os pressionei por explicações, não me souberam dar nenhuma.

Regressei da Suécia a perguntar-me o que teria sido alcançado. Parecia que eu estava preso numa armadilha que os cientistas tinham fabricado para si próprios. As leis da física não podiam ser utilizadas como bitola para medir energia não física e, no entanto, ali estavam eles a aplicá-las. Novas leis teriam de ser desenvolvidas se se pretendesse fazer algum progresso na investigação psíquica. Mas onde estavam os cientistas capazes de conceber estas leis, de desafiar a ortodoxia, como Einstein tinha desafiado Newton?

Disse ao Peter que não queria fazer mais experiências sobre fenómenos físicos. Concordámos que, no futuro, os cientistas teriam de me convencer de que aquilo que tinham em mente valia a pena e que estavam empenhados em obter um resultado, e não simplesmente em repetir as mesmas experiências para alcançar os mesmos resultados "inconclusivos".

Estava a cansar-me, também, da roda-viva promocional, de estar constantemente à mercê dos editores estrangeiros e de ter as minhas palavras visitadas e canalizadas. Onde quer que estivéssemos, o Peter Bander parecia falar a língua local. Isso era útil no que dizia respeito a deslocarmo-nos e a pedir comida, mas, como estilo de vida, era pessoalmente desgastante. Estava a começar a sentir-me como uma mercadoria valiosa e não como um ser humano com a sua própria identidade. Tinha-me habituado a que o Peter assumisse o controlo das entrevistas e decidisse o que deveria ser-me atribuído. Durante meses tinha andado a dizer a mim próprio que a maioria das perguntas era tão previsível e aborrecida que mais valia ser ele a respondê-las por mim.

E, no entanto, quando ele decidiu não me acompanhar a Espanha, onde eu iria passar oito dias a visitar Madrid, Barcelona e Valência para promover *The Link*, fiquei secretamente contente. Ele estava tão farto de viajar como eu, ao que parecia, e enviou no seu lugar Leslie Hayward, o seu assistente. Leslie não parecia muito mais velho do que eu e era fácil de ignorar. A sua qualidade redentora era o facto de não se armar em Peter Bander.

Além de dar entrevistas e fazer sessões de autógrafos enquanto estive em Espanha, participei numa experiência de telepatia com o Professor Ramos e 78 dos seus alunos na Universidade de Madrid. Fiz um desenho que tentei comunicar telepaticamente para que eles o reproduzissem. Escolhi desenhar um círculo com raios a emanar dele. Dezassete dos 78 reproduziram o desenho exatamente; 13 desenharam um círculo sem os raios; e alguns outros produziram desenhos que não estavam nem certos nem completamente errados. Ramos ficou satisfeito com o resultado, que estava muito para além dos limites da probabilidade.

Infelizmente, Uri Geller tinha estado em Madrid na semana anterior e tinha conseguido parar as escadas rolantes de uma grande superfície comercial. A única pergunta feita por quase todos os jornalistas espanhóis que me entrevistaram foi: "O que é que consegues fazer?" Um dos meus temas de conversa menos favoritos nesta altura era Uri Geller. Por onde quer que eu passasse, parecia que ele tinha estado lá escassos dias antes. Isto não teria tido importância se eu estivesse menos ansioso com o meu estatuto em relação ao dele, mas, como uma *prima donna* insegura, costumava ficar farto de ver o nome dele nas manchetes mais vezes do que o meu.

A competitividade entre nós atingiu níveis inimagináveis numa noite em que fui fazer uma sessão de autógrafos numa grande superfície comercial. Os espanhóis que se apinhavam em redor de mim instavam-me a "fazer" algo. Eu não estava inclinado a ceder. Estava ali para assinar livros e, no que a mim dizia respeito, era só isso. O ambiente mudou quando as pessoas que me pressionavam se aperceberam de que eu não era de modas. Frustradas com a minha recusa, começaram a apupar-me. Esta atitude insultuosa deixou-me furioso. Estava prestes a dar-lhes a entender isso quando, de repente, as luzes se apagaram e tudo o que era alimentado a eletricidade deixou de funcionar.

Presumiu-se que se tratava de um corte de energia geral, até se perceber que as outras lojas e estabelecimentos da rua não tinham sido afetados. Tiveram de ser utilizados geradores de emergência enquanto

os eletricistas da grande superfície procuravam a origem da avaria. Eventualmente, a energia foi restabelecida, mas os técnicos não conseguiram encontrar uma falha em lado nenhum do sistema de abastecimento elétrico. Estou convencido de que a causa do problema foram os próprios espanhóis. Eles queriam que algo acontecesse e aconteceu. Esta foi a minha primeira experiência do poder de uma vontade coletiva. Quatro meses mais tarde, estaria no centro de um exemplo ainda mais espetacular — e assustador — do mesmo fenómeno.

A oportunidade de visitar o Japão foi-me oferecida por um investigador psíquico japonês, Toshiya Nakaoka, que me perguntou se eu gostaria de aparecer num programa de televisão em direto de 90 minutos chamado *Wednesday Special*. O Japão era um país sobre o qual eu sempre quisera saber mais e, por isso, perguntei se, em troca da aparição no programa, me poderiam mostrar um pouco do que restava do antigo Japão. O novo Japão era bem evidente quando cheguei a Tóquio a 28 de junho, um milagre moderno de progresso económico, ostentando todos os bens de consumo conhecidos pela humanidade.

Eu queria recuar no tempo e vivenciar o país como ele tinha sido outrora, antes de ser aberto às influências ocidentais. Nakaoka e um intérprete levaram-me de comboio-bala de Tóquio para Quioto, a capital do Japão de 794 até 1868, quando o Imperador Meiji foi restaurado no trono imperial com uma agenda de modernização. Adorei Quioto, com os seus magníficos tesouros artísticos, os seus antigos templos budistas, a sua longa tradição de conhecimento. Tudo o que faz bater o coração de uma nação estava ali, pensei. Nas redondezas, no campo, vi pessoas a viver como o faziam desde tempos imemoriais, calmamente, de forma simples e em harmonia com a natureza.

Enquanto estive em Quioto, fiz alguns desenhos e escritas automáticas que foram filmados para o futuro programa. O mais interessante destes foi uma mensagem que foi mais tarde identificada pelo Sacerdote do templo Daikaku Ji como sendo um exemplo de

Bonji, uma antiga escrita japonesa outrora utilizada pelos monges desse templo. Daikaku Ji era um dos muitos templos que visitei, e um dos mais antigos. Sítio de meditação durante séculos, parecia um lugar apropriado para receber uma impressão do passado.

Após cinco dias, regressámos "em bala" a Tóquio. Senti-me como alguém com a "doença dos mergulhadores" que regressa à superfície do mar demasiado depressa após um período de imersão nas suas profundezas. Começámos a trabalhar no programa. Já tinha sido acordado com Nakaoka que eu demonstraria escrita e desenho automáticos, além de dar uma longa entrevista aos apresentadores do programa.

Os realizadores do programa esperavam algo mais espetacular para manter o interesse do público durante 90 minutos. Contavam com que eu produzisse o mesmo efeito que Uri Geller quando tinha aparecido na televisão japonesa. A estação televisiva envolvida tinha sido inundada com chamadas de telespectadores, pelo que foram instaladas 25 linhas telefónicas num estúdio adjacente àquele em que eu iria trabalhar durante a duração do programa.

À medida que o dia da transmissão se aproximava, apercebi-me de um nervosismo crescente na equipa de produção. Talvez estivessem preocupados com a possibilidade de o programa vir a ser um fiasco e de as suas audiências caírem. Quando fomos para o ar, eles não ficaram muito encorajados por eu mostrar o conteúdo de uma caixa cheia de *apports* que tinham aparecido em Linton ao longo dos anos: estes incluíam um pão duro como pedra, uma caixa de rapé em forma de peixe, algumas contas e o fóssil de uma folha. Um dos apresentadores, Kiyoshi Kodama, disse: "Oh, isso não aconteceu realmente, pois não?"

Um par de minutos mais tarde, foi passada a Kiyoshi uma nota sobre uma chamada que tinha entrado numa das 25 linhas. Uma mulher que vivia no outro extremo do país dizia que estava a ver o programa quando um grande cinzeiro de vidro que estava em cima de

uma mesa em frente ao televisor se tinha inexplicavelmente partido ao meio com um forte estrondo.

Kiyoshi decidiu ligar à mulher para que ela reiterasse a sua história em benefício dos outros telespectadores. Ele ligou para um número errado e passou vários minutos em desentendimentos com a pessoa do outro lado da linha. Eventualmente, conseguiu falar com a mulher, que descreveu a sua experiência. Enquanto Kiyoshi falava com ela, as 25 linhas no outro estúdio estavam congestionadas com chamadas de telespectadores histéricos. Foram anotadas várias centenas de histórias individuais das cerca de 1.200 chamadas recebidas nessa noite.

Um executivo de uma empresa, Taizo Ono, residente em Omiya-shi Saitama-ken, disse que ele e sete testemunhas oculares viram um maço de cigarros partir-se ao meio, como se tivesse sido cortado com uma faca.

Um Sr. Baba, professor assistente de eletrónica na Universidade de Tecnologia de Tóquio, disse que tinha visto um quadro de 80 x 90 cm na parede acima do seu televisor oscilar como um pêndulo e depois dar uma volta completa.

Uma vaga sem precedentes de atividade *poltergeist* varreu o Japão. Houve muitos relatos de copos, garrafas e objetos a estilhaçarem-se sem motivo; lâmpadas fluorescentes explodiram; relógios foram afetados: os que estavam avariados começaram a funcionar de novo, e os que funcionavam pararam; as torneiras abriam-se sozinhas; a eletricidade desligava-se; as luzes e lâmpadas do teto mudavam de cor de branco para vermelho; pássaros e macacos embalsamados desapareceram; coisas materializavam-se — cigarros, moedas, bonecas, até um ovo cozido; um anel há muito perdido regressou ao seu dono e foi encontrado em cima da mesa em frente ao televisor; vários televisores a cores só sintonizavam a preto e branco, e alguns proprietários de aparelhos a preto e branco foram brindados com cor; uma chávena cheia de café solidificou; água a ferver deitada numa garrafa térmica transformou-se em gelo; motores de automóveis

ligavam-se sem chaves na ignição; uma pessoa encontrou 10.000 ienes no seu sofá; o sistema de alarme de um banco chamou a polícia, parou quando esta lá chegou e recomeçou a tocar depois de eles se irem embora.

Os japoneses são muito organizados, e os realizadores tinham tomado a precaução de elaborar um programa minuto a minuto para a totalidade da emissão. Este foi abandonado e Kiyoshi e a sua co-apresentadora, Yoko Nogiwa, deixaram-se levar, entusiasmados, pela corrente. Chegavam histórias de interferências nos canais rivais, ao passo que a NET, o canal que emitia o *Wednesday Special*, não era afetada. Havia também relatos de alguns televisores que decidiam o que os seus donos deviam ver e mudavam de outros canais para a NET. Tais decisões unilaterais ajudaram a catapultar as audiências para 27 por cento, cerca de 3 por cento acima do anterior recorde de todos os canais e 17 por cento mais do que o programa habitualmente alcançava.

Fiquei tão espantado como toda a gente com o que aconteceu. Quando tive oportunidade de pensar no assunto, o espanto deu lugar à depressão. As pessoas olhavam para mim com temor reverente, mas estavam a passar ao lado do essencial. Elas tinham sido instrumentais na criação do caos daquela noite. Embora tenha ocorrido uma variedade de atividade *poltergeist*, a grande maioria dos incidentes envolveu a quebra ou o estilhaçar de vidros nas casas das pessoas.

Penso que não é coincidência o facto de, de entre todos os muitos países que visitei, o Japão ter sido o único em que ocorreu esta atividade *poltergeist*. A mentalidade japonesa não se assemelha a nenhuma outra e exige alguma habituação. Especialmente difícil para mim era tentar decifrar o que as pessoas estavam realmente a pensar. Um sorriso, ao que parecia, podia ser dirigido com a mesma convicção a um objeto de ódio ou a um de afeto. Achei esta "polidez" estranha e desconcertante. Os japoneses são muito conformistas na forma como se vestem e se comportam; muito excitáveis, também. Em meu entender, isto resulta numa espécie de personalidade de linha de montagem, como carros que são essencialmente iguais, tirando

diferenças em pequenos pormenores, como a cor e os acessórios. Os japoneses parecem-me ter mais uma consciência de rebanho do que outras nacionalidades. É interessante que a atividade *poltergeist* tenha ocorrido por todo o Japão, refletindo talvez uma resposta inconsciente comum. A quê, não tenho a certeza. Talvez tenha sido o reconhecimento tácito de uma psique nacional dividida entre desejos materialistas e necessidades espirituais.

Regressei a casa da viagem de treze dias exausto, e de igual modo dividido entre os meus desejos e as minhas necessidades. O Japão fez-me encarar-me a mim próprio e a um crescente desencanto com a minha vida. Sabia que não podia continuar como antes, a fazer truques sem qualquer utilidade, como o macaco de um tocador de realejo. Se continuasse da mesma forma, em que consistiria o meu legado? Um monte de computadores avariados com os quais as pessoas não podem trabalhar e uma pilha de colheres dobradas com as quais as pessoas já não podem comer. Resumindo, não teria feito nada de útil. Tinha de encontrar algo prático a que o meu dom pudesse ser aplicado.

A minha decisão de parar e tirar algum tempo para pensar no meu futuro não foi acolhida com entusiasmo nem compreensão por parte de Peter Bander. Ele não tinha estado no Japão comigo. Tal como em Espanha, a sua ausência tinha-me permitido o espaço psicológico de que eu necessitava para formar as minhas próprias impressões e tomar as minhas próprias decisões quanto à forma como deveria reagir às pessoas e às situações. Olhando para trás, não era de surpreender que ele tivesse acolhido a minha notícia com tanta frieza. Eu era a proverbial galinha dos ovos de ouro e a minha capacidade para os produzir tinha provavelmente sido calculada ao pormenor. Não se esperava que eu encurtasse o meu próprio "tempo de vida" comercial.

O Peter tentou demover-me e, porque não queria aborrecê-lo, concordei com a proposta que me apresentou. Eu deveria escrever um segundo livro para capitalizar o sucesso de *The Link*. Durante meses, o Peter tinha andado a lançar pistas em entrevistas sobre um livro controverso no qual eu estaria supostamente a trabalhar, ao qual chamava *A Shot in the Dark* — irónica e, penso eu, coincidentemente,

o nome de um filme protagonizado por Peter Sellers no papel do ridiculamente inepto Inspetor Clouseau. Bander esperava que algum editor ingénuo mordesse o ISCO e engolisse a sua longa ladaia sobre o conteúdo "explosivo" do livro.

Achei que o material era insuficiente para justificar o que ele tinha em mente e instei-o, em vez disso, a publicar um texto dactilografado que eu já tinha concluído, sobre Robert Webbe e a extraordinária assombração da casa dos meus pais. Esta era uma proposta demasiado monótona para Bander, no entanto, e ele insistiu que nos mantivéssemos fiéis ao seu plano. Disse-me que eu era agora um nome consagrado e que tinha intermediado um acordo para os direitos no Reino Unido com a *W. H. Allen*, uma editora londrina com uma visibilidade muito maior do que a *Colin Smythe Limited*. A *W. H. Allen* queria alguém para trabalhar no texto dactilografado comigo, para lhe dar um estilo que fosse, no seu entender, mais apropriado para o grande "mercado" que imaginavam estar lá fora à espera da minha próxima oferta. O livro, rebatizado de *In the Minds of Millions*, acabou por ser o que sempre prometera, um triunfo do estilo sobre a substância, o inverso exato de *The Link*.

Trabalhei a meio gás no livro durante meses, entre o cumprimento de compromissos promocionais e a reflexão sobre o que deveria fazer a seguir. Uma das coisas mágicas da juventude é ser capaz de acreditar nas possibilidades da vida. Um jovem pode até não ser capaz de nomear uma delas, mas sabe que está lá fora, algures. Em 1976, este idealismo era alimentado pelo exemplo do movimento *hippy*, embora já estivesse um pouco decadente por esta altura.

Na escola, muitos dos meus amigos tinham irmãos ou irmãs mais velhos que, pelo menos, tinham namoriscado com o mundo *hippy*, e muita da música de que eu gostava era dessa época. No início dos anos 70, estava muito na moda ir até à Índia e encontrar um guru ou místico que se sentasse de pernas cruzadas no chão e nos desse as respostas para a vida. Planeei seguir o mesmo caminho, ir para a Índia e encontrar alguém que me pudesse dar uma direção. Este seria o meu próximo objetivo.

Cheguei à Índia a 27 de março de 1977 e fiquei lá a maior parte de quatro semanas, viajando para encontrar esse homem omnisciente que me daria as respostas para a vida. Segui todas as dicas que me deram pelo caminho sobre quem era este guru e onde poderia ser encontrado. A Índia em si foi um choque cultural sem igual (nem mesmo o Japão) e abriu-me os olhos para o significado da pobreza. Eu não tinha imaginado, quanto mais visto, condições de vida tão terríveis. Vi um homem passar pelo trânsito de bicicleta com um cadáver envolto numa mortalha. Um acontecimento quotidiano, tive de concluir, porque mais ninguém parecia surpreendido. Leprosos em veículos do tipo *skate* batiam com os seus cotos nas janelas do meu táxi. A minha reação imediata foi dar dinheiro a qualquer pessoa que parecesse necessitada. Isto não era uma solução porque, assim que dava, era engolido por pessoas que queriam o mesmo. Eu não podia sustentar os pobres da Índia sozinho.

Lembro-me de sair de Deli de manhã cedo e, enquanto conduzíamos, deparámo-nos com um grupo de pessoas sentadas de cócoras à beira da estrada. Era evidente que algo tinha sido atropelado. Estava a habituar-me a ver todo o tipo de animais mortos ou a sangrar na estrada, deixados para os abutres. No início pensei que a vítima fosse uma vaca, mas à medida que nos aproximámos percebi que era uma pessoa. A sua metade superior estava de um lado da estrada e as suas pernas do outro. Nenhuma das pessoas fazia nada. Estavam apenas sentadas em redor a assistir. Achei isto muito difícil de compreender.

Pouco tempo depois, apanhei uma intoxicação alimentar. Tinha sido avisado para não beber a água e para comer apenas fruta que pudesse descascar. Cheguei a lavar os dentes com *Coca-Cola* para evitar beber a água. Um dia estava com tanta sede que comprei uma garrafa de *Coke* a um vendedor de rua que mantinha as garrafas sob gelo num balde de água. Bebi pela garrafa e foi o suficiente — diarreia e vómitos durante dias. Atingiu-me quando estava num táxi a milhas de distância de lado nenhum. Tinha de passar a vida a pedir ao motorista para encostar. Parávamos no que parecia ser uma planície

vasta e deserta e, passados escassos minutos, havia indianos por todo o lado, pendurados nas árvores, surgindo das sarjetas. Estavam ali, ao que parecia, apenas para me ver. Uma das minhas impressões duradouras da Índia é a das suas pessoas fervilhantes e curiosas, por todo o lado.

A experiência de estar constantemente exposto ao que eu considerava instantâneos terríveis da vida entrou num nível muito profundo. Comecei a odiar o país e tornei-me realmente cínico quanto ao facto de não conseguir encontrar um guru e a razão para isso. Provavelmente já não restavam gurus na Índia porque estavam todos sentados em chalés luxuosos com ar condicionado na Suíça. Passei a minha última semana da viagem a cumprir uma ambição de infância — ver os Himalaias. Aluguei um carro com motorista a partir de Deli e rumei para noroeste, em direção à província de Himachal Pradesh.

À medida que subíamos as colinas, passávamos por *sherpas* engelhados, carregando grandes caixas de chá às costas, símbolos do ritmo de vida vagaroso nesta zona rural. Passámos pela capital tentacular da região, Simla, uma famosa estância de montanha nos tempos do *Raj* britânico, e seguimos em frente em direção ao Tibete. A estrada deteriorou-se bastante após Simla, mas decidi que devíamos continuar até Narkanda, uma distância de cerca de 40 milhas. O meu único receio era o de podermos estar envolvidos num acidente. Não havia rails de proteção na estrada de montanha que, em alguns locais, mal tinha largura suficiente para permitir a passagem de um carro. Quando olhava para baixo, conseguia ver quedas abruptas, com milhares de pés de profundidade. Se sofrêssemos um acidente, nunca seríamos encontrados.

A nossa única baixa foi o carro, que avariou subitamente quase assim que chegámos a Narkanda. A paisagem era tão espetacular que não me importei minimamente. Não fazia ideia da altitude a que nos encontrávamos — apenas cerca de 9.000 pés, descobri quando olhei para um mapa, embora parecesse que estávamos a olhar para o topo do mundo. Ao nosso redor, e erguendo-se abruptamente, estavam os picos escarpados de montanhas vastas. Sendo o meu conhecimento de

mecânica precisamente zero, não pude oferecer ao motorista quaisquer sugestões úteis. Deixei-o a resolver o problema e dirigi-me a uma rocha a cerca de quarenta pés de distância, com a intenção de absorver os arredores impressionantes.

Alcancei o meu objetivo mal conseguindo respirar. A razão para a súbita relutância do carro em ir mais longe fez um clique no meu cérebro: o motor não conseguia lidar com o oxigénio mais rarefeito a esta altitude. Era já o final da tarde. A escuridão cairia em breve. Decidi que deveríamos passar a noite e consegui alojamento para mim no que era eufemisticamente chamado de estalagem. O motorista dormiu no carro. Duvido que ele tenha ficado menos privado de confortos básicos do que eu nessa noite. O meu quarto estava a saltar de insetos e percevejos, e as instalações sanitárias privativas consistiam num buraco pestilento no chão. Receoso de comer o que estava disponível, tinha conseguido um par de ovos frescos que pretendia preparar eu próprio. Acendi uma fogueira na lareira do meu quarto e, quando esta se apagou, coloquei-os nas cinzas quentes para cozinhar. Eles retribuíram a minha engenhosidade explodindo. Foi a noite mais fria que alguma vez passei — até Oakham tinha sido mais acolhedora do que isto. Não preguei olho e passei o tempo a planear o que faria no dia seguinte.

O meu primeiro objetivo era levantar-me antes do amanhecer para posicionar a minha câmara num tripé. Tinha comigo uma excelente câmara Olympus e queria tirar uma daquelas fotografias artísticas, do tipo californiano, do sol a romper por trás das montanhas. Montei a minha câmara e esperei. Não tirei essa fotografia. Enquanto observava o nascer do sol, aconteceu algo que até ao dia de hoje tenho dificuldade em descrever. De repente, e não sei se foi durante um minuto, um segundo ou dez minutos, porque perdi toda a noção do tempo, senti-me completamente uno e ligado a tudo o que me rodeava.

Tornei-me parte das montanhas e das rochas. Elas eram parte de mim. Eu era o ar, o ar era eu. Eu era parte da árvore e a árvore era parte de mim. Nesses momentos intemporais de transcendência, estive

tão perto de Deus quanto é provável que consiga estar nesta terra. Estava consciente de uma presença que me instava a fazer apenas o que eu sentia ser correto e o que eu queria fazer, e não o que os outros queriam que eu fizesse por razões próprias. Devia também seguir apenas os caminhos que levariam à cura.

Este último apelo pareceu-me muito estranho. Sabia um pouco sobre o tipo de cura proporcionada por pessoas como Harry Edwards, mas tinha demonstrado apenas um interesse passageiro por isso. Interpretei "cura" no seu sentido mais amplo e considerei que significava mais do que impor as minhas mãos sobre as pessoas.

Deixei a Índia escassos dias depois, grato por tudo o que tinha vivenciado. Até a pobreza e o sofrimento terríveis pareciam ter significado agora e fundiram-se na minha memória com aquela revelação nas montanhas. Nenhum guru me poderia ter ensinado mais. A ironia era que, se tivesse recebido a mesma sabedoria de um mestre, não teria escutado. É da minha natureza. Tenho sempre de vivenciar ou saber algo por mim próprio e seguir a minha intuição. Nenhum de nós precisa de um guru para apontar o caminho. A rota está traçada dentro de nós, embora demasiadas vezes sejamos ou desviados pela influência de outrem, ou a estática interna e o ruído de fundo abafem essa voz interior. Tinha ouvido a minha em alto e bom som e sabia que podia seguir em frente.

TRÊS

NÃO É NECESSÁRIA FÉ

A experiência na Índia ensinou-me que tudo no universo está ligado de alguma forma. O que quer que façamos tem implicações para outra pessoa ou coisa e infiltra-se noutros níveis de existência. O caos que resultara das minhas aparições em Espanha e no Japão tinha-me feito olhar com atenção para o que estava a fazer e reconhecer o potencial destrutivo na energia psíquica. Eu não queria nada disso. O que me intrigava era a ideia de que os meus pensamentos pudessem ser capazes de afetar o metabolismo de um organismo.

Se esta noção pudesse ser provada sob condições laboratoriais, algo de bom poderia advir daí. No final de 1976, tinha feito preparativos para participar em experiências com cientistas nos Estados Unidos. Isto tinha sido tornado possível por um homem chamado John Evans, que se tinha aproximado de mim após tomar conhecimento do meu interesse em realizar este tipo de trabalho.

Ele tinha um bom amigo na Universidade da Califórnia, o Professor David Deamer, um zoólogo, e através dele combinou que eu passasse três semanas com cientistas no campus de Davis da Universidade, que se situa nos arredores de São Francisco, e mais dez dias com investigadores no *Washington Research Center*, na própria cidade de São Francisco.

Poucas semanas após ser contactado por John Evans, recebi outro convite dos Estados Unidos, desta vez para falar numa série de conferências sobre autodesenvolvimento e consciência espiritual. Falar em público era uma área completamente nova para mim e que eu estava desejoso de experimentar. Dois anos passados a promover *The Link* pelo mundo fora e a fazer inúmeros programas de entrevistas tinham limado as arestas da minha timidez. Financeiramente, a oferta era muito atrativa: 500 dólares por dia para uma palestra de uma hora, mais passagens aéreas e outras despesas. As conferências, programadas para começar em junho, também se encaixariam perfeitamente em redor da série de experiências que deveriam começar em Davis logo após a minha chegada.

As minhas ideias sobre os tipos de trabalho de investigação em que gostaria de estar envolvido tinham ficado nitidamente focadas após a Índia. Considerava a próxima viagem à Califórnia como uma grande oportunidade para realizar experiências que pudessem, um dia, beneficiar as pessoas. Antes de chegar, perguntei se os cientistas teriam isto em conta ao conceberem os seus testes. Na noite de 18 de maio, reuni-me com todos os participantes em casa do Doutor Fred Lorenz para discutir os seus planos. Lorenz, que era Professor Emérito do Departamento de Fisiologia Animal em Davis, propôs vários testes que tinham aplicações positivas.

Para a nossa primeira colaboração, ele deu uma perspetiva inovadora a um exercício que é feito rotineiramente em laboratórios escolares para mostrar como os iões de sódio são transportados através da pele nos sapos. Este transporte é efetuado por um impulso nervoso (axónio), um fenómeno elétrico cujas alterações na atividade podem ser registadas através da fixação de elétrodos na pele. Em experiências laboratoriais, é aplicada uma estimulação tátil ao nervo para registar o impulso. Lorenz queria que eu tentasse influenciar mentalmente o nervo. Esta experiência pareceu-me ter um significado potencial para casos de paralisia porque, se fosse bem-sucedida, mostraria que os nervos podiam ser postos a funcionar de outra forma que não pelos mecanismos fisiológicos habituais.

Trabalhando com pedaços de pele separados, eu e o sujeito de controlo, Dave Deamer, tentámos primeiro aumentar e depois diminuir a corrente de transporte ativo, segurando as nossas mãos a alguns centímetros da membrana e enviando energia psíquica. Imaginei que estava a segurar o sapo original do qual a pele tinha sido retirada e a enviar uma descarga tremenda de energia de cura através do seu corpo, devolvendo-o à vida. De acordo com Lorenz:

Quando Matthew tentou aumentar o transporte ativo, não houve alteração no valor já elevado de 125 micro amperes num minuto, seguido de um aumento de 8 micro amperes em 20 segundos e depois de uma diminuição gradual de volta ao nível original.

A tentativa de MM para diminuir a taxa de transporte ativo foi mais limpa e muito mais dramática. Imediatamente após ele começar o trabalho, a corrente começou a cair e diminuiu de 80 para 40 micro amperes em 10 segundos. Este nível baixo foi mantido por pouco mais de um minuto e, a partir daí, a corrente aumentou de forma um pouco irregular, apesar do seu esforço contínuo, mas não tinha recuperado o seu nível original no final da sessão.

Em contrapartida, as tentativas de DD não tiveram qualquer efeito na corrente de transporte ativo.

Um dos aspetos mais satisfatórios das experiências na Califórnia foi a vontade dos investigadores em levar em conta algumas das questões humanas envolvidas em experiências com energia psicocinética. Estas foram especialmente evidentes numa série de testes em que a minha tarefa consistia em tentar influenciar pessoas psiquicamente, quer sedando-as, quer estimulando-as. A medida do meu sucesso nesta atividade foi a eletroencefalografia, ou EEG, uma técnica com a qual eu já estava familiarizado desde as experiências em Toronto, quando o Dr. Whitton tinha descoberto a caraterística invulgar de "rampa" no meu cérebro.

O EEG é normalmente utilizado para monitorizar a atividade elétrica do cérebro na deteção de distúrbios como a epilepsia e tumores cerebrais. As ondas cerebrais normais são conhecidas como ondas alfa e ocorrem com uma frequência de cerca de 10 por segundo. As ondas anormais são conhecidas como ondas delta e ocorrem com uma frequência de 7 ou menos por segundo. Lorenz queria utilizar o EEG para avaliar o nível e a natureza das "ondas cerebrais" que ocorriam em mim e nos indivíduos sujeitos ao teste durante os períodos de influência.

Fred Lorenz estava desejoso de ser o meu primeiro sujeito. Ficou sentado numa sala de isolamento com os olhos fechados, enquanto eu me sentei no exterior. Ambos tínhamos elétrodos fixados nos nossos couros cabeludos e os cabos destes estavam ligados a um dispositivo que "traçava" a informação captada por cada elétródo. O padrão criado

por todos os traçados mostra o estado do cérebro e o nível de consciência do indivíduo a quem os elétrodos estão fixados. Como Lorenz fazia parte da experiência, a tarefa de experimentador foi entregue ao Professor Loring Chapman, que era Presidente do Departamento de Biologia do Comportamento da Faculdade de Medicina de Davis. Recebi instruções da sua parte para estimular ou sedar Lorenz, ou para descansar.

Foi alcançado um resultado claro, de acordo com os traçados e com a própria recordação de Lorenz sobre o que aconteceu. Ele afirmou que ficou:

...muito consciente de ter sido alertado três vezes, com períodos de sonolência ou desatenção entre eles... O meu primeiro alerta de que me lembro foi o mais dramático e pareceu surgir de uma sonolência profunda ou mesmo de um sono real.

As correspondências entre o [EEG] de MM e o meu próprio foram extremamente dramáticas. Estas são ilustradas de forma mais clara por momentos como aqueles em que sequências de grande amplitude ou ondas lentas são simultaneamente evidentes em ambas as cabeças.

Especialmente interessante foi um ritmo kappa que se manifestou simultaneamente em ambas as cabeças. O ritmo kappa é habitualmente um sinal de alerta durante um estado de sonolência.

A correspondência não se limitou, contudo, a exibições tão marcantes e de curto prazo. Parecia que, habitualmente, quando o Matthew estava a produzir um ritmo alfa, eu também o estava. Houve três páginas consecutivas de um período desperto; ou seja, cobrem 30 segundos de registo. Durante esse meio minuto, o registo de MM e o meu mudaram simultaneamente (embora não com a precisão de alguns dos padrões já descritos) de uma beta rápida e de baixa amplitude para ondas lentas e irregulares, e depois para uma alfa bastante regular. Tais correspondências podiam ser vistas ao longo de todo o registo.

Quando o mesmo teste foi subsequentemente tentado com dois sujeitos diferentes, não foram registadas correlações aparentes. Estes resultados são intrigantes porque a minha experiência com estes indivíduos foi surpreendentemente diferente. A primeira deles, Barbara, tinha sido especialmente convidada devido à sua participação anterior bem-sucedida em experiências não publicadas com Lorenz. Estas tinham envolvido registos simultâneos de EEG de dois sujeitos a estabelecerem contacto psíquico.

Lorenz esperava que ela e eu fôssemos capazes de estabelecer um contacto semelhante para ele explorar. Infelizmente, não sintonizámos e, pior, senti que ela estava a resistir à minha influência para a estimular ou sedar. Sem dúvida que os registos de EEG não mostraram que ela estivesse a responder aos meus esforços. Na manhã seguinte, Lorenz sugeriu que tentássemos a experiência novamente. O ambiente pareceu-me todo errado e senti-me incapaz de a tentar. Em vez disso, concordou-se que deveríamos focar-nos num objeto neutro. Durante este teste, fiquei desconfortavelmente consciente dos elétrodos e da touca de suporte na minha cabeça, uma sensação que se intensificou à medida que a experiência avançava. Não estávamos a chegar a lado nenhum, como o registo de EEG demonstrou, e acabou por decidir-se parar.

Atribui este fracasso aparente aos sentimentos negativos que a Barbara me despertava e sugeri ao Fred que tentássemos a experiência com outro sujeito. Pouco antes de deixar Davis para ir para São Francisco, repetimos o ensaio com uma rapariga chamada Cindy. Tinha construído uma boa relação com ela e estava confiante de que um choque de personalidades não comprometeria o teste desta vez. Quase assim que começámos a experiência, o desconforto que eu tinha sentido anteriormente com os elétrodos regressou. A experiência de Cindy foi paralela à minha, e ela relatou que os elétrodos subitamente lhe causaram muita dor mesmo antes de a sessão começar. Os nossos traçados de EEG não refletiram estes efeitos, mas o meu palpite é que a Cindy estava a captar psiquicamente ou a ressonar com o meu desconforto.

Aprendi imenso sobre a natureza da minha capacidade psíquica durante o tempo que passei na Califórnia. Uma conclusão a que cheguei foi que talvez ela tenha o seu próprio limiar de tédio integrado. Em três sessões de testes conduzidas pelo Professor John Jungerman, em que a minha tarefa era tentar influenciar uma máquina que gera números aleatórios, foram obtidos resultados "significativos" apenas durante la primeira sessão e a minha pontuação diminuiu significativamente ao longo das três sessões. (Para um cientista, a palavra "significativo" significa que a possibilidade de um acontecimento ocorrer por acaso é muito baixa e que há uma elevada probabilidade de a variável testada — em todas estas experiências, eu — estar a fazer com que o acontecimento ocorra.) A ciência exige que os testes sejam repetidos vezes sem conta para provar a sua validade. Talvez, em termos psicocinéticos, uma única vez seja suficiente.

À exceção de uma, todas as experiências de perceção extrassensorial foram realizadas no Washington Research Center, em São Francisco, com James Hickman ou com o Doutor Jeffrey Mishlove. A mais bem-sucedida desta série envolveu a minha identificação de qual de dez recipientes selados continha água. O Uri Geller já tinha demonstrado esta capacidade (com os investigadores Targ e Puthoff, 1973), por isso, naturalmente, eu estava disposto a ver se me conseguia igualar a ele. Dez recipientes de película fotográfica de 35mm opacos, com tampas de ajuste hermético, foram selecionados por Hickman. Enquanto eu esperava numa sala separada, um deles foi parcialmente enchido com água e depois todos os dez recipientes foram colocados numa sequência aleatória sobre uma mesa.

A minha capacidade de escolher o recipiente correto pareceu melhorar ao longo dos três dias em que as sessões se realizaram. A primeira sessão consistiu em duas séries. Em cada série, eu tinha dez tentativas para selecionar o recipiente correto. Escolhi corretamente uma vez em dez tentativas na primeira série, e duas vezes em dez tentativas na segunda. À quarta sessão, escolhi corretamente oito vezes em dez tentativas em ambas as séries. Por sugestão minha,

realizou-se uma série adicional de dez tentativas, desta vez com uma fita de rolamento de esferas a substituir a água. Novamente, escolhi corretamente oito vezes. Aprendi durante esta experiência a confiar no forte impulso que recebia, por vezes, assim que via os recipientes. Quando este impulso ocorria, eu escolhia corretamente. Por vezes, percebia um ténue campo em redor de um recipiente e, frequentemente, isso denotava o recipiente correto, mas por vezes não.

Quando confiava na pura adivinhação, normalmente errava. Noutra experiência de PES, Mishlove selecionou quatro ilustrações "alvo", selou-as em envelopes de papel pardo e entregou-as a um assistente que mas trouxe para uma sala separada. Mishlove não entrou na sala onde eu estava durante a experiência, para precaver a possibilidade de eu colher pistas subliminares a partir dele. Foi-me pedido que adivinhasse psiquicamente quais eram essas ilustrações. Mishlove tinha excluído deste grupo de alvos uma imagem que pensou que poderia despoletar emoções negativas em mim, porque mostrava as formas abusivas como se sabe que alguns investigadores científicos tratam os seus sujeitos!

De alguma forma, devo ter captado isto, porque elementos da imagem rejeitada eram evidentes em todas as minhas respostas às quatro imagens alvo. Embora os resultados do teste não tenham sido por aí além, forneceram fortes indícios de deslocamento de PES e do funcionamento de uma forma não controlada de psicocinese nas minhas respostas. Este efeito de deslocamento foi também evidente numa experiência com um pião de moeda realizada com Charles Tart e John Palmer em Davis. A minha tarefa era fazer com que um dólar de prata em rotação caísse ou em "caras" ou em "coroas". A rotação era feita mecanicamente por uma máquina equipada com uma proteção de plexiglas e um mecanismo de absorção de choques para evitar que quaisquer respirações ou movimentos corporais afetassem o seu aparelho de rotação de moedas.

Depois de concluir três séries, cada uma consistindo em 50 ensaios, percebi quão sem sentido e desinteressante a experiência era, e decidiu-se ordenar uma paragem. Antes da minha visita, Tart e

Palmer tinham descoberto que a máquina mostrava uma tendência consistente para "coroas" e, por isso, nos ensaios comigo, tinham alternado as faces alvo. "Caras" tinha sido o meu alvo para a primeira série, "coroas" para a segunda, e "caras" novamente para a terceira. Além disso, para a primeira e terceira séries, a moeda tinha sido colocada no suporte com o lado das "caras" voltado para cima e, na segunda série, com as "coroas" para cima. Cinco semanas após eu ter deixado Davis, de acordo com o relatório de Tart e Palmer:

"Para nossa surpresa, descobrimos em retrospetiva que a moeda mostrou uma tendência geral para caras durante as três séries em que o Matthew estava a tentar influenciá-la. O número de caras nessas séries foi de 31, 25 e 28, respetivamente, para um total de 84 caras, uma tendência de 56% para caras, exatamente o oposto da tendência de 55,6% para coroas que tínhamos nas séries de controlo." Num teste de treino com retroalimentação de PES realizado ao mesmo tempo que a experiência com o pião de moeda, produzi outro resultado psicocinético inesperado, desta vez com o ADEPT, uma máquina concebida para o treino de PES de escolha forçada. Achei o ADEPT bastante irritante e retirava prazer em causar-lhe, nas palavras de Tart e Palmer, "uma enorme variedade de avarias transitórias, consistentes com um tipo de manifestação do tipo poltergeist".

Eu não tinha dado entrevistas enquanto estive em Davis, mas assim que me mudei para São Francisco foi agendada uma série delas, principalmente para publicitar uma próxima aparição no Marin Civic Center, em San Rafael — anunciada como "uma noite íntima de discussão com o célebre jovem psíquico da Grã-Bretanha" —, que seria apresentada pelo Dr. Stanley Krippner, o parapsicólogo de fama mundial. Krippner tinha feito o seu nome na investigação de sonhos quando, como Diretor do Laboratório de Sonhos de Maimonides em Nova Iorque, tinha concebido experiências pioneiras sobre o sono e a telepatia e publicado as suas conclusões num livro altamente legível, *Dream Telepathy*.

De acordo com Krippner, estamos no nosso ponto mais recetivo telepaticamente durante o sono e os nossos sonhos podem ser

influenciados por outra pessoa que se concentre numa imagem ou pensamento particular. Ele pediu aos seus amigos da banda de rock *The Grateful Dead* para o ajudarem com uma experiência que, talvez devido ao envolvimento deles, se tornaria a sua mais famosa. Krippner queria mostrar que o número de pessoas a concentrarem-se numa imagem poderia variar a influência sobre a pessoa a dormir. A banda estava interessada na sua investigação e aceitou permitir que uma imagem fosse projetada em ecrãs gigantes na parte de trás do palco enquanto tocavam num concerto ao vivo na Califórnia. A ideia era que as dezenas de milhares de pessoas na assistência "enviassem" a imagem telepaticamente para alguém a dormir no Laboratório de Maimonides. O resultado desta experiência apoiou a suspeita de Krippner de que, quanto maior for o número de pessoas a concentrarem-se, maior é a influência sobre quem dorme.

Desde o Maimonides, Krippner tinha avançado para se tornar membro do corpo docente no Humanistic Psychology Institute, um organismo educativo focado nas "maiores possibilidades para o desenvolvimento humano". Krippner via estas "possibilidades" como auxiliando as pessoas comuns a fazerem um maior uso dos seus próprios dons subconscientes não reconhecidos e não desenvolvidos. Ele e eu partilhávamos um interesse comum em encontrar formas de aplicar estes dons em benefício prático da sociedade e, durante a noite no Marin Center, discutimos uma gama de ideias, incluindo o estabelecimento de grupos médicos holísticos, de centros onde as pessoas pudessem aprender a desenvolver o seu potencial e a criação de um grupo de investigadores psíquicos.

A nossa discussão foi seguida pelo envio, da minha parte, de três imagens telepáticas para a assistência. A julgar pela resposta deles, isto pareceu ser moderadamente bem-sucedido. Na sua introdução à noite, Krippner tinha pedido a todos os presentes na assistência de 850 pessoas que notassem o conteúdo dos seus pertences e que relatassem quaisquer alterações. Pouco antes do final da noite, perguntou se algo de invulgar tinha ocorrido, mas ninguém voluntariou qualquer informação. Enquanto deixava o auditório, Krippner olhou para o seu

relógio, que indicava 22h20. Ficou satisfeito porque isto significava que estaria em casa pelas 23h00, a tempo de ver um programa de televisão favorito. Quando chegou a casa, o relógio na sua cozinha indicava meia-noite. Ficou tão intrigado como dececionado.

Lembrava-se de verificar a hora às 20h10, quando o evento começou. Sabia que o relógio tinha muita corda e raramente tinha dado problemas desde que o comprara, doze anos antes. A poucas milhas de distância, Jack Kerolis, o coprodutor do evento de Marin, estava igualmente intrigado. Ao desempacotar o conteúdo da sua pasta, tinha encontrado uma página impressa que não tinha visto antes. Kerolis sabia que a pasta de couro na qual a encontrara continha apenas um bloco de papel de notas no início da noite.

Estava certo, também, de que a pasta não tinha saído das suas mãos em momento algum. A página continha informações sobre o Human Dimensions Institute West, uma organização orientada para o crescimento pessoal no sul da Califórnia. Kerolis tinha ouvido falar desta organização, mas esta era a primeira vez que via alguma da sua literatura. Pouco tempo depois, seria apresentado ao diretor do Instituto, Lucio Gatto, e descobriria que Gatto tinha assistido à minha palestra daquela noite com cópias dessa página impressa na sua pasta. Stanley Krippner estava particularmente interessado em abordagens transculturais à prática da cura; tinha coautorado um livro chamado *The Realms of Healing*. A sua investigação tinha-o colocado em contacto com um notável homem-medicina nativo americano, Rolling Thunder, uma figura reverenciada que tinha uma reputação temível como curador nos Estados Unidos. Fiquei surpreendido quando, escassos dias após a nossa aparição conjunta em Marin County, o Stan me disse que o Rolling Thunder lhe tinha perguntado se seria possível conhecer-me.

O Rolling Thunder parecia estar a par da minha existência desde a minha primeira viagem aos Estados Unidos para promover o *The Link*. Eu mal podia acreditar na minha boa sorte. Um encontro foi agendado para coincidir com uma altura em que o Rolling Thunder estaria alojado perto de São Francisco, no rancho do músico Mickey

Hart, baterista do supergrupo *The Grateful Dead*. O Stan tinha-me dito que tanto o Hart como o guitarrista da banda, Jerry Garcia, estavam muito interessados em explorar as possibilidades com música automática.

A imagem mental que eu tinha de Rolling Thunder e a realidade não podiam ter sido mais diferentes. Suponho que esperava um chefe impressionantemente alto e forte, em trajes de camurça e com um cocar completo. A única evidência da ancestralidade daquela figura diminuta e grisalha que me saudou era o seu rosto. Este estava gasto pelo clima e sulcado de linhas que pareciam irradiar de um par de olhos cintilantes e profundos. Vestia um fato de tweed xadrez gasto, com as pernas das calças enfiadas desalinhadamente dentro de botas galochas. O Stan, o Hart e os colegas membros da banda *The Grateful Dead*, Donna e Keith Godchaux, e o Jerry Garcia estavam no rancho na noite em que conheci o Rolling Thunder. Tornou-se aparente, assim que as apresentações foram feitas, que o Rolling Thunder me via com uma mistura de curiosidade e desconfiança. Achei melhor deixá-lo levar o seu tempo a avaliar-me, em vez de tentar forçar uma conversa com ele, e concentrei-me em falar com os outros. O Garcia e o Hart estavam muito interessados em ver se eu conseguia fazer música automática. Afinal, se eu o conseguia fazer com a escrita e o desenho, por que não com a música? O Hart convidou-me a tentar e sentou-me ao seu piano. Neste ponto, o Rolling Thunder ficou muito perturbado e insistiu que todos se colocassem em círculo ao meu redor, de mãos dadas, enquanto ele abençoava o ar com uma pena.

Essa cerimónia não teve qualquer efeito positivo na minha tentativa ao piano. O Hart perguntou-se se eu me sairia melhor com uma guitarra, mas os resultados com essa foram igualmente terríveis. Quando cheguei à fala com o Rolling Thunder, achei-o fascinante. Disse-me que a compreensão começa com o respeito pelo Grande Espírito. Aquilo a que ele chamava o Grande Espírito, eu tinha chamado de unidade ou interconexão desde a minha experiência na Índia. Ele acreditava que muitas das pessoas que procuravam

orientação espiritual estavam à procura apenas de algo que as beneficiasse a si próprias.

O ego, disse ele, tinha de ser transcendido antes que alguém se pudesse tornar espiritual. Pensamentos de dar cura num determinado ponto do futuro tinham estado na minha mente há meses. O Rolling Thunder elevou a minha consciência sobre o que isso acarreta muito para lá do meu conceito limitado de que envolveria fechar os meus olhos e colocar as minhas mãos nas pessoas. Falou-me sobre a sua forma de trabalhar, que se insere numa tradição que os homens-medicina da sua cultura têm seguido por milhares de anos. A medicina nativa americana abrange toda a natureza e ensina o indivíduo a encontrar harmonia com ela. O ideal é tornar-se conectado com o espírito e com toda a vida. Quando isto ocorre, o corpo, bem como as emoções, a mente e o espírito, são curados.

De acordo com esta filosofia, medicina é tudo aquilo que nos permite dar um passo em direção ao nosso poder e força pessoais. Os índios nativos americanos veem a vida como um círculo dentro do qual nos movemos do nascimento para a morte e para o renascimento. Ao nascer, entramos naquilo a que chamam a roda da medicina e, a partir daí, passamos pelos quatro quadrantes da roda. Cada ponto da roda é semelhante às quatro estações na natureza e representa uma direção diferente, um elemento diferente, e tem diferentes qualidades que lhe são atribuídas.

Em termos psicológicos, por exemplo, cada quadrante representa um aspeto diferente da nossa personalidade; o Jung, pelo que parece, não esteve a desbravar terreno novo ao surgir com a ideia de a personalidade ter quatro aspetos. Se sairmos do ritmo durante a nossa jornada ao redor da roda, corremos o risco de adoecer. O Rolling Thunder explicou os princípios dos quatro elementos: ar, água, fogo e terra. Todos os elementos, disse ele, têm a sua fonte no mundo espiritual e é ao reconhecê-los que ele e outros homens-medicina conseguem ganhar sabedoria, poder e mestria. Se eu era para praticar a cura, tinha de compreender a origem da energia com a qual estava a trabalhar. A ignorância poderia permitir que maus espíritos

trabalhassem através de mim. Eu deveria aprender a proteger-me de tais influências e a respeitar as forças. A comunicação com os elementos estaria então aberta para mim, permitindo-me tornar-me uma parte da natureza e não um antagonista ou vítima dela.

Na natureza, o ar circula alto acima da terra e tem uma visão geral da vida. A parte de nós que tem ar possui a capacidade de ver longe. É iluminação, integração, criatividade, e é a parte universal de nós. A água é a parte feminina do nosso ser e representa sentimentos e emoções. É intuição, a nossa conexão mais profunda com a Espiritualidade, os nossos sonhos sagrados, impressões psíquicas e saber interior.

O fogo é o poder da transformação, porque purifica e renova, mudando velhos padrões e velhos hábitos. Representa a alquimia que ocorre quando libertamos o velho e abraçamos o novo. A terra é sabedoria e enraizamento e permite-nos mantermo-nos firmes em tempos de adversidade. É saúde e o alimento que comemos. Na natureza, a terra são árvores e plantas, rochas e pedras, bem como o chão que vemos.

Quando o Rolling Thunder terminou de me contar isto, percebi por que razão ele tinha estado ligeiramente desconfortável ao conhecer-me primeiro. Tinha estado preocupado com a possibilidade de maus espíritos estarem a trabalhar através de mim e tinha querido assegurar a sua própria proteção e a minha — daí a breve cerimónia ao piano. No final da nossa conversa, o Rolling Thunder levantou-se e pediu-nos a todos para irmos lá fora com ele para que pudesse realizar uma cerimónia de cura e dar-me proteção espiritual. Ele tinha, pelo que parecia, suspeitado de que eu estaria a precisar de proteção mesmo antes de me ter posto os olhos em cima. Seguimo-lo até a uma clareira cercada por árvores, no centro da qual ele tinha recolhido lenha para uma fogueira.

Disse-nos para recolhermos pedras que iríamos utilizar para fazer um círculo perimetral em redor da fogueira, mas a escassos pés dela. Quando o círculo de pedras foi colocado, quatro pedras cardeais,

representando os quatro elementos, foram dispostas no chão a apontar para norte, sul, este e oeste. O Rolling Thunder ofereceu então uma prece ao Grande Espírito para pedir uma bênção durante a cerimónia na qual estávamos prestes a ser iniciados. Esfregou em cada um de nós cinza de alguma erva que tinha queimado, para nos purificar ou consagrar.

A fogueira foi acesa e ficámos prontos para entrar na representação da roda da medicina, a única senda para a paz, harmonia e integração do eu. Cada um de nós teve de fechar os olhos e fazer sete respirações profundas antes de entrar no círculo pelo este. Senti-me relaxar e conectar com o ar à medida que o vento soprava no meu rosto e me tornei consciente da minha respiração. Move-me ao redor do círculo para ficar virado para sul. O Rolling Thunder tinha posicionado a pedra cardeal neste ponto de modo a que, ao estar junto a ela, se ficasse cativado pela visão do sol a cintilar na superfície de um lago próximo. Disse-me para me focar na água e para sentir a sua energia. Na pedra cardeal de oeste, fiquei de frente para o fogo e absorvi a sua energia. Depois, movi-me ao redor para a pedra de norte para me conectar com a energia da terra. Em cada quadrante do círculo, o Rolling Thunder pedia-nos individualmente para sentirmos as qualidades do elemento, para avaliarmos como essas qualidades se relacionavam connosco e para nos sentirmos parte desse elemento.

Com apenas a voz calma e profunda de Rolling Thunder a quebrar o silêncio, movermo-nos todos para perto uns dos outros no centro do círculo. Conseguia sentir as energias a subirem em espiral em direção ao meio. A roda da medicina estava agora completa. O Rolling Thunder disse-nos para enviarmos as nossas preces ao Grande Espírito, sabendo que seriam respondidas. Toda a cerimónia demorou mais de uma hora e, no final dela, eu estava num estado de maravilhamento.

Não tinha percebido quão poderoso e energizante um exercício de género poderia ser — provavelmente pela simples razão de que nunca antes me tinha acalmado por um período prolongado para me alinhar com os elementos. A experiência foi fortalecedora e, contudo,

suavizante e, durante algum tempo após a cerimónia, quis permanecer calmo e sintonizado com as conexões que tinha feito. Os princípios desta cerimónia permaneceram comigo desde essa noite incrível. Nunca mais veria árvores, rochas, água ou qualquer um dos elementos sob a mesma luz — todos contêm as suas próprias energias que infundem a totalidade da vida. A nível pessoal, sempre que estou cansado ou esgotado de energia, regresso a eles para restaurar o meu equilíbrio interior. Profissionalmente, eles informariam muitas das minhas atitudes e mostrar-me-iam que existem muitas formas diferentes, embora igualmente válidas, de cura. Senti que todos os presentes foram afetados de forma semelhante e tinham sido deslocados para um estado diferente de consciência.

Desde o meu primeiro encontro com Mickey Hart, apreciei que ele não se enquadrava no estereótipo de uma estrela de rock que eu tinha mantido na minha imaginação. Os outros membros da banda eram similarmente pessoas descontraídas, inteligentes e sensíveis que se revelaram genuinamente interessadas em assuntos para lá da esfera estreita do estrelato do rock. Um dos seus projetos contínuos era apoiar a tribo de Rolling Thunder, os Shoshone, angariando dinheiro através de concertos de beneficência.

Nessa altura, a banda estava a meio da gravação do álbum *Terrapin Station* e, um par de dias após o nosso encontro, foram para o estúdio gravar uma canção de Donna Godchaux chamada “Sunrise”. A canção é um tributo a Rolling Thunder e uma lembrança de que a roda nunca acaba e é, como a própria natureza, um processo constante de renovação.

O último dos testes na Califórnia foi realizado no dia anterior à minha partida, com James Hickman no Washington Research Center. Foi uma repetição do teste de sementes de relva que eu tinha feito com o Professor Jacobson na Suécia no ano anterior. Embora 18 meses mais tarde eu ainda estivesse aguardando a confirmação por escrito do sucesso dessa experiência, estava confiante na sua validade e queria tentá-la novamente. De todas as séries de experiências que eu estava a realizar na Califórnia, essa parecia a mais útil. Hickman encheu três

frascos com sementes comerciais de azevém, selou-os e rotulou-os como A, B e C. Ele deu-me o frasco A com a instrução de tentar aumentar o rendimento normal. Segurei o frasco durante cinco minutos, fechando o tempo todo os olhos e concentrando-me em encorajar as sementes a crescer.

Foi-me pedido que diminuísse o crescimento das sementes no frasco B. Segurei o frasco nas minhas mãos, fechei os olhos e, desta vez, concentrei-me em retardar o crescimento das sementes. O frasco C não me foi dado. Um colega de Hickman transferiu o conteúdo de todos os três frascos para novos frascos, codificados como Q, T e W, e trancou a chave destes códigos num cofre até que as estatísticas estivessem concluídas. Nos dias 9, 10 e 11 após a plantação, Hickman contou o número de rebentos e mediu cada planta.

Observou-se que a altura total e a qualidade de todas as plantas cujas sementes eu tinha encorajado a crescer eram significativamente maiores do que as do grupo de controlo, o frasco C original. As plantas cujas sementes tinham estado no frasco B original — cujo crescimento eu tinha tentado retardar — não eram tão altas como as originalmente vindas do frasco A, mas eram mais altas do que as do grupo de controlo.

Os investigadores da Califórnia adotaram uma linha refrescantemente diferente em relação às ocorrências espontâneas que aconteciam ao meu redor como uma coisa natural. A maioria dos investigadores com quem eu tinha trabalhado antes tinha-as ignorado ou rejeitado com o argumento de que não tinham ocorrido sob condições controladas. Este argumento sempre me divertiu — em qualquer língua, uma ocorrência espontânea é, por definição, não controlada — e parecia ser mais um exemplo de cientistas que se recusavam a contemplar qualquer coisa que não se ajustasse perfeitamente aos seus parâmetros limitados — e limitadores.

O relatório publicado pelo Washington Research Center inclui relatos anedóticos de incidentes espontâneos que poderão ter envolvido energia psicocinética. Muitos destes incidentes foram

relatados pelos próprios investigadores ou por outras pessoas associadas a mim durante a minha estadia. Um dos mais intrigantes envolveu uma assistente de investigação, identificada no relatório como RA. Ao regressar às suas atividades normais de investigação, uma semana após a minha partida, ela começou a experienciar uma série de avarias informáticas inexplicáveis.

Um banco de computadores que ela estava a utilizar para analisar dados desenvolveu um mau funcionamento e, ao longo das duas semanas seguintes, avarias semelhantes ocorreram sempre que ela utilizava equipamento informático. Em algumas ocasiões, notou-se uma aparente correspondência entre a sua proximidade ao banco de computadores e mudanças esporádicas na velocidade de rotação das bobinas de fita. Normalmente, os computadores operavam de forma normal novamente após RA deixar a sala. Ninguém conseguia explicar as avarias temporárias, mas os observadores disseram que se assemelhavam a uma sobrecarga de circuito. A incidência deste efeito diminuiu gradualmente, mas não cessou por completo. Recentemente [o relatório foi publicado em 1979, cerca de 18 meses após a minha visita], uma dificuldade semelhante desenvolveu-se com outro equipamento no laboratório onde RA realiza a sua investigação.

Ela relata que estes efeitos ocorrem mais frequentemente quando está perturbada. Ela não alega possuir qualquer capacidade psíquica invulgar, mas declarou que talvez a orientação de MM a tenha ajudado a ‘exteriorizar algumas capacidades inatas’. Nenhum esforço está a ser feito para acompanhar esta possibilidade de qualquer forma sistemática. RA tem receio de que qualquer publicidade interfira com a sua carreira profissional.

Diverti-me mais com os investigadores na Califórnia do que com qualquer grupo anterior de cientistas. Muitos deles eram reconhecidamente jovens e aqueles que eram significativamente mais velhos não pareciam usar isso contra mim. O ambiente era amigável e descontraído e eu gostava de estar na companhia deles socialmente. Por vezes, um tema de conversa despoletava uma experiência informal, como quando um dos investigadores e eu decidimos

descobrir que efeito, a haver algum, as drogas tinham na capacidade telepática. Ele fumou um charro de canábis enquanto eu transmitia mentalmente símbolos para ele. A droga teve sensivelmente o mesmo efeito que o álcool o qual, por induzir um estado relaxado, tende a melhorar a capacidade telepática. Levámos a experiência um passo mais além na noite seguinte, quando o investigador substituiu a canábis por LSD. Dado que o LSD é um alucinogénio e produz imagens, isto iria inevitavelmente fazê-lo 'ver' algo, mesmo que não fosse o que eu estava a emitir. Ele recebeu muitas imagens fortes, como esperado, mas cerca de uma hora após ter tomado a droga, algo de muito estranho aconteceu. Comecei a sentir-me como se tivesse tomado a droga também.

Tornei-me extremamente sensível a tudo ao meu redor e tive uma sensação esquisita de estar a olhar para fora da minha cabeça através de dois buracos negros. Estava consciente de que a minha consciência fluía através das órbitas dos meus olhos por todo o chão e de que chapinhava nela. As palavras de Rolling Thunder sobre não sair do ritmo dentro da roda da medicina voltaram-me à mente depois disso. Eu sempre tinha considerado as drogas e o álcool como potencialmente prejudiciais para o indivíduo que os toma. Esta experiência fez-me valorizar a forma como o dano transborda e pode afetar as vidas das pessoas ao redor desse indivíduo.

Foi uma lição que mais tarde viria a esquecer, à minha custa. Um pós-escrito interessante às minhas experiências na Califórnia foi acrescentado alguns anos mais tarde, quando conversei com Uri Geller em detalhe pela primeira vez. Foi amplamente sugerido na altura — e subsequentemente verificado como verdadeiro, de acordo com o biógrafo de Geller, Jonathan Margolis — que o trabalho que ele tinha realizado no Stanford Research Institute na Califórnia era financiado pela CIA. As agências de informação dos EUA tinham estado a seguir o exemplo das suas congéneres soviéticas que, segundo se acreditava, gastavam milhões de dólares em 'guerra psíquica'. Toda a investigação feita comigo em Davis foi alegadamente não financiada e conduzida no tempo livre dos vários investigadores. Isto é

provavelmente verdade na medida em que a Universidade da Califórnia não pagou a conta.

Contudo, estou agora bastante seguro de que um ramo das forças militares, provavelmente a Marinha dos EUA, tornou essas experiências possíveis. Um teste de PES no qual participei foi concebido para avaliar a minha capacidade de 'ver' desenhos alvo e foi realizado na presença dos físicos de laser Russell Targ e Hal Puthoff, sob a égide da Divisão de Ciência Nuclear do Lawrence Berkeley Laboratory. Targ e Puthoff tinham conduzido uma série de testes de telepatia com Uri Geller em 1972 e 1974 e estavam envolvidos no programa secreto de visão remota em Fort Meade, Maryland, que foi instigado e financiado pela CIA.

Ao abrigo deste programa, dezenas de agentes de informação com capacidades psíquicas foram treinados para se projetarem psiquicamente dentro de instalações militares tais como submarinos e silos de mísseis nucleares. Na altura, olhei para as experiências fisiológicas conduzidas por Fred Lorenz como tendo aplicações puramente médicas, especialmente o teste com a pele de rã. Em retrospetiva, um motivo mais sinistro poderá explicar o interesse dos investigadores em saber se eu conseguia influenciar o padrão de ondas cerebrais de alguém ou o sistema nervoso simpático à distância e em que grau. Talvez, se me tivesse sido pedido para parar o coração de um porco — como aconteceu a um chocado Uri Geller —, eu teria ficado mais desconfiado mais cedo. Quase vinte anos mais tarde, parece inconcebível que os governos se envolvessem neste tipo de investigação, mas na altura o medo de que a União Soviética pudesse estar a ganhar avanço militarmente em relação aos EUA era razão suficiente.

Um aspeto irónico dessas experiências na Califórnia foi a quantidade de vezes que os cientistas ficaram frustrados por falhas inexplicáveis. Lorenz e os seus investigadores relataram 'um número invulgar de problemas'. Duas tentativas de monitorizar os meus batimentos cardíacos utilizando um acoplador de frequência cardíaca falharam quando o acoplador parou de funcionar sem razão aparente.

Após a primeira falha, o acoplador funcionou normalmente depois de eu ter deixado o laboratório mais tarde nesse dia e comportou-se bem durante os testes de controlo na manhã seguinte.

Contudo, precisamente antes da segunda tentativa, avariou novamente. O engenheiro que o inspecionou não conseguiu encontrar nada de errado. O aparelho foi subsequentemente devolvido ao fabricante. Os técnicos lá também não conseguiram encontrar nada de errado e enviaram-no de volta para Lorenz, que disse que o mesmo tinha estado a funcionar bem desde o seu retorno. Lorenz relatou 'resultados desconcertantes' quando tentou especificar sequências aleatórias de estimulação/sedação para testes no sistema nervoso simpático: "Ao início, inserimos uma tabela de números aleatórios, utilizando números ímpares para a estimulação e números pares para a sedação, mas de cada vez obtivemos sequências anormalmente longas de ímpares ou pares. Depois, recorri ao lançamento de uma moeda e obtive nove caras seguidas. Recusei-me a usar isso e fiz mais duas tentativas, ambas as quais conduziram a longas sequências da mesma face antes de serem abandonadas. Quem me dera ter concluído estas e mantido um registo exato.

A probabilidade deve ter sido astronómica. Na altura, contudo, simplesmente me senti frustrado ao tentar iniciar uma experiência e acabei por recorrer à preparação de cartões com números iguais de ordens de 'estimulação' e 'sedação', baralhando-os e tirando-os à sorte." Os resultados experimentais foram também frequentemente frustrantes. Enquanto eu observava o registador de caneta durante as experiências, sentia que na maioria dos casos conseguia ver a caneta mover-se de uma maneira consistente e significativa em resposta a uma ordem.

Contudo, havia tanto 'ruído' nos registos que as tentativas posteriores de os interpretar foram essencialmente infrutíferas. Apenas alguns registos foram suficientemente claros para analisar... Afastadas tais frustrações, os cientistas na Califórnia consideraram que o seu tempo comigo tinha sido em grande parte bem gasto. No relatório sobre as experiências, ('A Month with Matthew Manning'), publicado

alguns meses mais tarde, Jeffrey Mishlove escreveu na Introdução: "Tomada como um todo, a nossa experiência de um mês com Matthew Manning produziu evidência suficiente para refutar os argumentos daqueles que sustentariam que Manning é uma fraude."

Deixei São Francisco a 17 de junho rumo à Costa Este e ao início dos meus compromissos de palestras públicas para uma organização educativa chamada Human Development Center. Entre 19 de junho e o final de julho, eles estavam a gerir uma série de conferências em colégios em Erie, Pensilvânia, North Easton, Massachusetts e Staten Island, Nova Iorque. Intitulada 'Your Psychic Self', cada conferência era dedicada a explorar e desenvolver o potencial psíquico. Eu era um dos 'líderes' da conferência cujo trabalho era orientar o desenvolvimento psíquico dos participantes.

Os outros 'líderes' incluíam médiuns, hipnoterapeutas, curadores e psíquicos que estavam habituados a ensinar e a trabalhar com grupos. Sentia-me muito verde porque tinha apenas as minhas experiências para partilhar com as pessoas que vinham ouvir-me. Dei palestras sobre o poltergeist, a telecinese e a PES, e liderei *workshops* sobre escrita automática e direcionamento de energia psíquica. Não tive problemas em encontrar assistência, embora não tenha a certeza de quantos desses participantes ajudei a entrar em contacto com os seus eus psíquicos.

Enquanto outros oradores lutavam para atrair escassas dezenas de pessoas para as suas palestras, eu enchia as salas com centenas delas. Embora eu fosse o miúdo novo no pedaço, felizmente os participantes da conferência — predominantemente de meia-idade e do sexo feminino — viram algo naquilo que eu estava a oferecer. A minha costura inglesa ajudou imenso. Os americanos parecem adorar o som das vozes inglesas e a capacidade inglesa para o eufemismo. As pessoas que assistiam a estas conferências eram, no mínimo, de mente aberta em relação aos fenómenos psíquicos. Algumas eram de mente aberta ao ponto da estupidez, mas constituía uma mudança refrescante não ter a minha palavra constantemente posta em causa ou não ser olhado com desconfiança.

No mundo para lá deste porto seguro, os céticos dos fenómenos psíquicos, liderados pelos ilusionistas, continuavam a viver dias de glória atacando os seus arqui-inimigos, os psíquicos. Durante a minha estadia na Califórnia, tinha-se tornado aparente quem era o principal entre estes: James 'the Amazing' Randi, um autoproclamado investigador psíquico e membro do recém-formado Committee for the Scientific Investigation of the Claims of the Paranormal (CSICP). Pelo que eu tinha ouvido, o seu alvo principal era Uri Geller. Quando regressei a casa no final de julho, descobri que eu também era agora objeto do seu escrutínio. Tinha de estar de volta para o lançamento de *In the Minds of Millions* a 15 de agosto e estar disponível para a inevitável ronda de entrevistas.

Um evento especial estava a ser organizado com o *Sunday Mirror*, que estava a publicar extratos do livro, começando com a edição de 24 de julho e terminando na véspera da publicação do livro. Peter Bander tinha negociado um bom acordo com o jornal: £15 000 pelos direitos de serialização. As minhas ações tinham subido consideravelmente desde a publicação de *The Link*, pelo qual o *Mail* tinha pago uns meros £2 000. O *Mirror* estava empenhado em envolver os seus leitores para lá de meramente fornecer-lhes uma cópia de entretenimento do livro, e enviou um convite para ajudar a testar os meus 'incríveis poderes'. Pediu-se aos leitores que se sintonizassem comigo telepaticamente entre as 18h00 e as 18h15 de domingo, 7 de agosto.

Nessa altura, eu estaria no topo da torre dos Correios de Londres a transmitir-lhes três imagens mentais conhecidas apenas por mim e pelo editor do jornal. Isto foi uma adaptação de uma experiência que eu tinha conduzido em Estocolmo, onde tinha enviado com sucesso pensamentos telepaticamente enquanto era pilotado a baixa altitude sobre um subúrbio da cidade numa aeronave ligeira. O objetivo de ambas as experiências, a partir da minha perspetiva, era mostrar que as capacidades psíquicas não estão confinadas a uns poucos escolhidos e que muitas pessoas as possuem em graus variáveis. Os meus recentes *workshops* nos Estados Unidos tinham-se baseado na

mesma premissa, de que a capacidade psíquica é relevante para toda a gente e pode ser utilizada de formas práticas.

Aos leitores do *Mirror* foi dito que entre as 18h00 e as 18h05 eu estaria a transmitir uma cor; entre as 18h05 e as 18h10 estaria a concentrar a minha mente num número de três algarismos e, entre as 18h10 e as 18h15, estaria a pensar numa forma ou contorno. Aconselhei os leitores a tentarem limpar as suas mentes e a concentrarem-se em mim e na torre dos Correios durante os quinze minutos completos. O jornal pediu às pessoas que escrevessem com detalhes do que acreditavam ter estado na minha mente. Mais de 25% dos 2500 postais recebidos pelo jornal indicaram pelo menos uma das três imagens corretamente. Quase um quarto dos leitores que responderam corretamente indicaram a cor verde. (Achei esta a mais difícil das três de 'transmitir' porque, a toda a minha volta, no restaurante Top of the Tower, havia decorações vermelhas e azuis.)

Um em cada 50 indicou o número 123 corretamente, e cerca de um em cada 30 recebeu uma forma que era identificável como uma casa. Estatisticamente, isto estava muito para lá dos limites da coincidência, de acordo com o perito consultado pelo jornal, Michael Haslam, secretário honorário adjunto do Institute of Statisticians — 'As probabilidades de estes resultados acontecerem por acaso são de mais de mil para um contra. Está totalmente fora da escala das minhas tabelas estatísticas', disse ele. Os leitores foram avisados de que 'coisas estranhas poderiam acontecer' nas suas casas quando eu concentrasse a minha energia psíquica.

Após a experiência, 'dezenas de relatos' foram recebidos pelo jornal sobre artigos pessoais que tinham sido afetados pela minha transmissão. 'Dezenas disseram que os seus relógios de sala, relógios de pulso, rádios, gravadores de fita, caixas de música e até luzes elétricas avariados começaram a funcionar após as 18h15 de domingo à noite.' Um leitor brincalhão escreveu: 'Conforme aconselhado, coloquei um objeto avariado em frente ao aparelho de televisão — o meu irmão, que não trabalha há anos. Ele ficou ali sentado de boca aberta. Agora está a trabalhar outra vez.' Uma publicação tinha

cridado a minha carreira de forma mais minuciosa do que qualquer outra — o *Psychic News*, o órgão interno do movimento Espiritista. Em 1977, o seu editor era ainda Maurice Barbanell, que tinha fundado o jornal em 1932. Por volta da altura da publicação de *In the Minds of Millions*, ele convidou-me para almoçar no Connaught para discutirmos as minhas recentes experiências nos Estados Unidos e os meus planos futuros. A nossa conversa foi interrompida quando um pesado prato de prata numa mesa adjacente se elevou, virou-se ao contrário e se espatifou no chão, causando consternação a toda a volta.

Barbanell perguntou ao nosso empregado o que tinha acontecido porque, tanto quanto conseguia ver, nada nas proximidades poderia tê-lo feito comportar-se de forma tão invulgar. O empregado encolheu os ombros e disse: 'Não creio que tenhamos um poltergeist aqui.' Eu estava habituado a tais acontecimentos e Barbanell tinha passado anos a relatá-los. Ambos nos rimos. Cerca de uma semana mais tarde, o *Sunday Mirror* contactou-me com notícias desagradáveis.

Tinham recebido uma carta de um tal James Randi na qual ele afirmava que a série de artigos continha 'erros grosseiros' e 'falsidades', e lançava dúvidas sobre a validade da experiência. Estes 'erros grosseiros' e 'falsidades' eram fáceis de refutar, tal como a alegação principal de Randi de que eu 'poderia ter enviado uma fração importante dos postais'. O *Mirror* tinha feito as suas próprias verificações e estava satisfeito por os postais serem de leitores de boa-fé. Na minha resposta, que foi impressa juntamente com a carta de Randi na edição de 4 de setembro do jornal, sugeri que ele poderia gostar de verificar cada entrada pessoalmente. Ele nunca o fez. Em outubro, regressei aos Estados Unidos para cumprir uma série de compromissos de palestras e para participar em experiências com William Braud.

Ele era um psicólogo experimental e antigo professor de psicologia na Universidade de Houston que trabalhava a partir da Mind Science Foundation em San Antonio, Texas, que tinha sido dotada em 1976 pelo património de Tom Slick, um petrolífero de San Antonio. Braud e os seus colegas investigadores — Gary Davis e

Robert Wood — estavam embarcados numa série de experiências que envolviam influências psicocinéticas sobre sistemas biológicos, e eram estas que eu estava mais interessado em ajudá-los a realizar.

Contudo, estas experiências estavam agendadas para janeiro. As duas experiências nas quais eu iria participar nesta viagem envolviam clarividência. Nenhuma das experiências me interessou e nenhuma produziu um resultado surpreendente. O valor principal da semana foi permitir que Braud e a sua equipa me conhecessem — e eu a eles — antes do importante trabalho que se avizinhava.

Depois do Texas, voei para Toronto para visitar George e Iris Owen, a quem não via desde a Conferência New Horizons em 1974. Foram anfitriões atenciosos e tornaram a minha curta estadia muito agradável. Certa noite, juntou-se a nós um médico de Detroit, William Wolfson, e a sua esposa Tracy, e a nossa conversa virou-se para Ted Serios. Na década de 1960, Serios tinha captado a atenção do público com a sua alegação de que conseguia produzir o que chamava de Pensatografias, ao olhar fixamente para a lente de uma câmara Polaroid carregada e ao concentrar-se, fazendo com que uma imagem aparecesse na película não exposta. Ele tinha feito experiências com diferentes tipos de película e descobriu que a Polaroid era a mais facilmente influenciável, provavelmente devido à sua composição química. Muitas das imagens produzidas por Serios mostram nuvens de luz e, nalgumas delas, são discerníveis grupos de figuras e paisagens. Eu tinha ficado mais impressionado com os resultados alcançados por um rapaz japonês que trabalhava de forma semelhante a Serios.

No entanto, conseguir projetar o que quer que fosse numa película parecia surpreendente, e perguntei em voz alta quão difícil seria. Mal tinha pronunciado as palavras, surgiram os meios: George saiu da sala e voltou com uma câmara Polaroid e vários rolos de película por expor. Ele carregou a câmara, que depois entregou a Tracy, e pediu-me para posar como faria normalmente para uma fotografia e para não tentar influenciar a câmara. A imagem que saiu é

banal e mostra-me sentado num sofá com um aspeto relaxado. Para a foto seguinte, ele pediu-me para projetar energia em direção à câmara.

Comecei a meditar na ideia de energia a fluir através de mim e, quando consegui sentir um formigueiro nas minhas mãos, pedi a Tracy para tirar outra fotografia. Nesta imagem, parece que há névoa a pairar pela sala. Quando uma terceira fotografia foi tirada, escassos momentos mais tarde, a sensação nas minhas mãos tinha-se intensificado e eu conseguia sentir calor nelas. Nesta imagem, mal posso ser visto por trás de fortes anéis concêntricos brancos de luz, que me lembram o fenómeno do túnel de luz apresentado em muitas descrições de experiências de quase-morte. A película acabou neste ponto e um segundo rolo foi rapidamente inserido. Na foto seguinte, os círculos concêntricos são ainda mais pronunciados, e nem eu nem a sala podemos ser vistos. George sugeriu que tentássemos usar uma segunda câmara e ainda outro rolo de película para reduzir a possibilidade de haver uma falha ou com a primeira câmara ou com os dois primeiros rolos de película.

Eu estava a começar a sentir-me cansado e a precisar de um descanso, por isso ordenámos uma paragem antes de tentarmos uma ideia mais ambiciosa. Quando estava pronto para continuar, George pediu-me para criar um campo de energia. Novamente, comecei por meditar, esvaziando a minha mente de pensamentos alheios. Depois, tentei imaginar uma grande bola de luz a sair da minha cabeça. A fotografia tirada por Tracy mostra exatamente uma bola dessas, rodeada por ténues círculos de luz. Enquanto olhávamos para esta imagem, George sugeriu que eu tentasse transferir a energia para Iris.

Ajoelhei-me ao lado dela enquanto ela estava sentada numa cadeira e peguei-lhe na mão. A fotografia tirada de nós os dois juntos mostra exatamente a mesma bola a sair da cabeça dela. Um total de cerca de 70 fotografias deve ter sido tirado durante essa sessão em Toronto, e a vasta maioria delas não revela nada de excecional. No entanto, os registos que exibem os anéis concêntricos de luz e a bola de energia saíram em sequência e mostram claramente um desenvolvimento. Continuo maravilhado com eles, porque são muito

diferentes de outras imagens que vi. As pessoas por vezes apontaram ténues pontos de luz evidentes noutras fotografias minhas e consideraram-nos como sinais de interferência paranormal, mas estou convencido de que as Polaroids tiradas em casa dos Owen são as únicas imagens minhas de que se poderia dizer que ostentam tal marca. Passados alguns dias, despedi-me de George e Iris e embarquei em seis semanas de palestras e demonstrações pelo Médio Oeste, incluindo Wisconsin, Minnesota e Illinois.

Foi a primeira das 33 digressões na América que eu realizaria entre 1977 e 1981 e o início de uma nova aprendizagem. Sentia que, se conseguisse ter sucesso na América, conseguiria ter sucesso em qualquer lado. Nesta altura, o meu único título de fama nos Estados Unidos era o *The Link*, e se eu queria ser considerado por qualquer outra coisa teria de me provar. Tive de começar virtualmente do zero e, ironicamente, aprender a respeitar aquilo para que anteriormente tendia a torcer o nariz. Aquelas primeiras 'conferências' no início do ano tinham-me feito valorizar o valor do entretenimento em qualquer aparição pública.

Isto não estava no topo da agenda de muitos dos meus colegas oradores e 'líderes', que tendiam a pregar. A forma de entreter, decidi eu, era tornar a apresentação tão boa como o conteúdo, para que as pessoas quisessem vir e ouvir o que eu tinha para dizer. A minha recordação mais viva dessa digressão de outono foi uma noite em Chicago. Esta consistiu numa palestra sobre as minhas experiências, seguida de uma demonstração de escrita automática. Para a demonstração, eu pedia às pessoas da assistência que me dessem um nome e depois via se alguma informação surgia através de mim. Nessa noite, recebi uma mensagem cujo conteúdo parecia esquisito e não fazia sentido para mim. Só me apercebi disto enquanto a lia de volta para a pessoa que me tinha dado o nome; eu estava alheio ao que estava a ser escrito quando recebia estas comunicações automáticas.

A pessoa ficou claramente muito ansiosa com esta informação e tentou tirar-me o pedaço de papel no qual ela estava escrita. Muitas vezes eu costumava deixar as pessoas ficarem com estes papéis, mas

nesta ocasião específica algo me impeliu a guardar o rascunho. Pouco tempo depois, recebi a primeira de várias chamadas telefónicas ameaçadoras. A pessoa do outro lado da linha disse-me que, se eu quisesse continuar de boa saúde, não deveria em circunstância alguma difundir a informação contida na mensagem automática, ou palavras com este efeito. Fiquei demasiado perplexo para responder.

Esta deve ser uma reação comum, porque quando a segunda chamada ameaçadora chegou foi quase como se o homem estivesse a certificar-se de que eu tinha compreendido totalmente o conteúdo da sua primeira chamada. Não havia engano. A ameaça era dirigida a mim, e eu deveria dar-lhe ouvidos. Tinha toda a intenção de lhe levar a palavra a sério e disse-lho. A última coisa que eu queria era passar pelo tipo de pessoa que saboreia a ideia de um desafio que desafia a morte. No entanto, raciocinei que a curiosidade na segurança do meu quarto de hotel não seria prejudicial. Li a mensagem automática com mais atenção e acabei por chegar à conclusão de que dizia respeito ao assassinato do Presidente Kennedy e também a uma ligação entre a Máfia e políticos dos EUA. Mas o seu significado total permaneceu obscuro. Fiquei contente por partir para casa. Quando voltei, destruí a mensagem e depois fiz o meu melhor para convencer as pessoas que se sentiam ameaçadas de que seria impossível para mim restabelecer o contacto com o informador original.

O rótulo de ‘psíquico’, que me era rotineiramente aplicado por onde quer que fosse, não ajudava e eu nunca tinha gostado dele. Não queria que pensassem que eu tinha capacidades mediúnicas e foi de certeza esta impressão que alarmou aquelas pessoas ao ponto de me ameaçarem. Emiti um comunicado através de Peter Bander no qual deixei claro que, no futuro, queria ser conhecido como mentalista, não como psíquico. Guardei para mim outra decisão que tinha tomado — deixar cair a escrita automática das futuras demonstrações públicas.

Até Chicago, não me tinha ocorrido que as pessoas pudessem estar a tentar usar-me para os seus próprios fins. Agora que estava ciente desta possibilidade, não a podia ignorar. Não sei se chamar-me mentalista me ajudou a livrar-me do gancho que me tinha sido

estendido em Chicago — certamente não recebi mais ameaças —, mas colocou-me diretamente num outro de igual desconforto. John Alexander do *The Cambridge Evening News* agarrou-se ao comunicado que emiti através de Bander, tal como James Randi, e ambos sugeriram que aquilo equivalia a uma admissão de que eu era meramente um executante de truques mentais e não tinha capacidade paranormal. Peter Bander foi citado como estando 'esmagado e chocado' com a notícia. Eu deveria ter-me apercebido das implicações da utilização do termo, mas tinha-o quase arrancado do ar em pânico após os acontecimentos em Chicago. Paranormalista teria sido exato: alguém que usa algum sentido que não os cinco sentidos regulares. Estes acontecimentos fervilhavam na minha cabeça quando apareci no *The Russell Harty Show*, que era um programa de entrevistas na televisão muito popular no final dos anos 1970.

À semelhança de David Frost três anos antes, Harty dedicou-me o programa. Os telespetadores poderiam ser desculpados por pensarem que a sua equipa de produção tinha tirado a maioria das suas ideias daquela aparição anterior. Os acontecimentos de *The Link* foram repetidos e um clipe meu a fazer desenho automático foi exibido. A grande diferença surgiu no final do programa, quando tentei um par de experiências de telepatia em vez de fazer diagnósticos de Thomas Penn. A digressão nos Estados Unidos tinha-me ensinado quantas vezes as coisas podiam correr mal e eu estava a aprender a não ficar envergonhado quando, como no programa de Harty, corriam.

Um truque pode ser aperfeiçoado. O que eu estava a fazer não podia. A energia psicocinética não pode ser ligada e desligada à vontade e posta a produzir resultados sob comando todas as vezes. O fracasso preocupava-me grandemente ao início porque o considerava como uma medida negativa da minha capacidade, enquanto o sucesso provava que eu não era o fraude que pessoas como Randi estavam a tentar fazer de mim. Demoraria um pouco mais para eu aprender que tais medidas se definem por si próprias nas mentes das pessoas.

Se o programa de Harty não fez mais nada, pelo menos instigou a revista satírica *Private Eye* a imortalizar-me nas suas páginas. Um par

de meses após essa aparição, descobri que tinha entrado para os ‘Great Bores of Today’, uma coluna regular reservada a pessoas que andavam sempre nos meios de comunicação social a dizer a mesma coisa. Os ataques contra mim por parte do *The Cambridge Evening News* intensificaram-se em dezembro com um desafio de $10 000 para eu ‘sair do esconderijo’ e provar as minhas capacidades paranormais numa experiência controlada ‘observada por um ilusionista experiente’.

Esse ilusionista era James Randi, que também tinha avançado com o dinheiro para o ‘desafio’. Randi queria observar as experiências ‘para eliminar a possibilidade de trapaça’, porque ‘é preciso um ilusionista para apanhar um ilusionista’. Eu estava preparado para participar em experiências controladas, mas não com James Randi. O ceticismo era uma coisa, a hostilidade declarada outra. Ficava estupefacto por alguém como Randi, um ilusionista, receber crédito como guardião dos valores científicos.

E se a experiência passada servia de bitola, ele era a última pessoa em quem confiar para um julgamento sobre o que era fingimento e o que era paranormal. No seu livro *Song of the Siren*, Stanley Krippner conta como Charles Honorton, então presidente da American Society for Psychical Research e do Maimonides Medical Center em Nova Iorque, testou um tal Randall Zwinge, um ilusionista nascido no Canadá conhecido profissionalmente como ‘The Amazing Randi’, que afirmava que conseguia utilizar truques de prestidigitação e afins para simular a perceção extrassensorial e a psicocinese. Os testes que Honorton preparou para Zwinge foram ‘baseados em experiências anteriores no laboratório’, pelo que eram considerados fiáveis. De acordo com Krippner, ‘as salvaguardas e controlos de Honorton não permitiram ao ilusionista passar um único teste.

O único efeito deixado na sua esteira foi uma secretária riscada.’ Zwinge tinha tentado distrair Honorton e dobrar uma chave contra uma secretária. Honorton não se distraiu e a chave não dobrou. Não esperava que um homem que compara acreditar em Deus a acreditar no Pai Natal conseguisse fazer com que Peter Bander — um

licenciado em teologia — avaliasse a magia mais alto do que o espírito. Depois de Randi o ter visitado em Gerrards Cross e realizado uma série de truques, Bander foi citado como tendo dito: ‘Se o Matthew me tivesse mostrado uma destas coisas, eu tê-lo-ia seguido até ao Monte das Oliveiras’.

A fé de Bander em mim tinha sido ‘severamente abalada por acontecimentos recentes que mostraram o homem de Linton sob uma luz muito pobre’, de acordo com John Alexander no seu artigo no *The Cambridge Evening News*. Não me consegui obrigar a falar com Peter Bander depois disso. No seu Prefácio de *The Link*, Bander tinha escrito sobre mim como ‘um jovem a quem a natureza parece ter colocado à parte dos outros’, que ‘por acaso possuía alguns dons paranormais invulgarmente fortes’. Declarou que a nossa ‘parceria’ tinha ‘enriquecido a vida de ambos e alargado o horizonte da nossa visão a um grau que nenhum de nós poderia ter antevisto’. Belas palavras que agora, obviamente, não contavam para nada. Considerei o apoio dele a Randi como uma traição. O mundo parecia estar a enlouquecer. De alguma forma, eu tinha de encontrar uma maneira de fazer sentido de tudo isto, de descobrir por que razão um homem como Randi estaria tão empenhado em expor-me como uma fraude.

Teria compreendido se lhe tivesse dado motivos para me considerar um charlatão, talvez evitando colocar-me nas mãos de cientistas para ter as minhas capacidades testadas. Mas não era esse o caso, e também não tinha sido esse o caso com Uri Geller, embora Randi insistisse que essas experiências não contavam para nada. Randi tinha chegado ao ponto de escrever um livro que tinha amolgado severamente a credibilidade de Geller nos Estados Unidos (*The Truth About Uri Geller*). Agora, Randi estava à minha porta a atirar lama, com a ajuda de John Alexander do *The Cambridge Evening News*.

Numa investigação mais detalhada, James Randi parecia ter um interesse pessoal muito grande a defender, ou antes, esse interesse estava a ser defendido pela organização que ele ajudou a estabelecer, o Committee for the Scientific Investigation of the Claims of the Paranormal (CSICP). Esta organização foi criada em abril de 1976 por

Paul Kurtz, um professor de filosofia e editor de *The Humanist*, que é o jornal da American Humanist Association. Uma das primeiras manifestações do Comité foi para repudiar a aceitação pública dos fenómenos psíquicos e para apelar aos meios de comunicação social para que parassem de produzir artigos e documentários televisivos nos quais fossem apresentadas opiniões contrárias às suas. Isto foi mais tarde seguido pelo lançamento de um curto documento a condenar a astrologia.

O Comité teria provavelmente recebido escassa atenção dos meios de comunicação social se não tivesse sido o facto de incluir luminares como Carl Sagan e Isaac Asimov. Se eles ou os outros três cientistas no Comité de 40 membros estavam cientes dos motivos políticos do homem que se alegava estar virtualmente a financiar a American Humanist Association e a ter permitido a criação do CSICP, é algo que qualquer pessoa pode tentar adivinhar. Este homem era Corliss Lamont, que decidiu gastar a grande herança acumulada através dos esforços do seu pai banqueiro na promoção das causas do humanismo e do comunismo soviético.

Depois de Harvard e do New College (Oxford), Lamont concluiu os estudos de doutoramento em filosofia na Universidade de Columbia, onde também lecionou a disciplina. (Harvard e Columbia receberiam somas enormes de Lamont quando este tomou posse da sua vasta fortuna por morte dos seus pais.) Ele passou, de acordo com as suas recordações em *My First 60 Years*, de acreditar na imortalidade 'para a posição de que não poderíamos continuar para lá do túmulo, exceto por via de influência e através dos nossos filhos e descendentes — isto é, através da imortalidade biológica'. Esta filosofia ajustava-se perfeitamente ao 'novo mundo do século vinte' que ele tinha descoberto na União Soviética, a qual visitou várias vezes durante a década de 1930. Após uma destas visitas, escreveu em *Russia Day to Day — a Travel Diary*: "Na história da raça tem havido muitos mundos novos. A América, por exemplo, foi outrora um mundo assim. Mas o novo mundo do século vinte é a União Soviética

e ninguém que esteja seriamente interessado no progresso do espírito humano se pode dar ao luxo de o perder."

Desde essa altura até à sua morte em 1995, a admiração de Lamont pelo sistema soviético não esmoreceu, mesmo quando a evidência dos julgamentos políticos de Estaline e o Pacto Nazi-Soviético não eram encorajadores. De acordo com o Comité Especial da Câmara sobre Atividades Não-Americanas, em 1944 Lamont era 'provavelmente o propagandista mais persistente da União Soviética que se podia encontrar em qualquer parte dos Estados Unidos.

Independentemente das flutuações da política externa soviética, e independentemente das correspondentes mudanças na linha do partido comunista, Lamont foi considerado durante muitos anos um companheiro de rota submisso dos comunistas.' Doze anos mais tarde, o nome de Lamont figurava na lista do Subcomité de Segurança Interna do Senado dos 82 patrocinadores mais ativos de organizações de fachada comunistas.

Intimado pelo Senador Joe McCarthy em 1953, Lamont testemunhou que não era nem nunca tinha sido comunista e citou a Primeira Emenda para evitar responder a mais perguntas sobre as suas crenças e associações políticas. Os laços entre Lamont e a American Humanist Association parecem tão fortes como os laços entre Lamont e a União Soviética. A American Humanist Association original foi formada em 1933, quando o seu primeiro manifesto foi redigido e assinado por 34 'humanistas liberais'. No seu obituário de Lamont, Frederick Edwards, editor de *The Humanist* e diretor executivo da AHA, escreveu: 'Lamont sentia que o documento era demasiado vago e incompleto para expressar adequadamente a sua própria perspetiva humanista emergente e recuou perante as suas referências ao humanismo religioso.'

Os pensamentos de Lamont sobre o assunto podem ser encontrados num artigo intitulado 'The Meaning of Humanism', publicado em *The Humanist* em 1942: "Definitivamente na categoria humanista estão os seguidores de Karl Marx, que devem ser

classificados sob Humanistas Marxistas ou Socialistas. O humanismo é, antes de mais, uma crença, baseada principalmente nas ciências da biologia, psicologia e medicina, de que o homem é um produto evolutivo, uma unidade inseparável de corpo e personalidade não tendo possibilidade de imortalidade individual."

No seu livro *The Philosophy of Humanism*, Lamont discute 'os absolutos da existência' que, na sua opinião, deveriam excluir o seguinte: mente (razão, consciência), ideia, verdade, espírito (alma), personalidade, vontade, propósito, amor, bem (valor, moralidade), mal, Deus, Diabo (Satanás), beleza, liberdade, vida, causa primeira, espaço e tempo. Através de simpósios, publicações autofinanciadas e outros meios de comunicação social, Lamont propagou o seu conceito marxista de existência e tentou estabelecê-lo entre as comunidades académica e científica. Isto não foi provavelmente difícil. Dada a mania da religião de interferir com a liberdade de opinião e de comportamento, os intelectuais têm tendido a mostrar o seu ressentimento preferindo o humanismo.

Em 1973, ele foi um dos 114 'indivíduos de destaque e distinção' que assinaram um novo manifesto (editado por Paul Kurtz) para a American Humanist Association, o qual identificava mais estreitamente o humanismo com o materialismo marxista. Em 1977, a AHA tinha um número total de membros de cerca de 5000 e muitas destas pessoas ocupavam cargos importantes dentro de instituições científicas de vanguarda.

Na década de 1970, várias fontes fiáveis disseram-me que as principais revistas científicas, tanto na Grã-Bretanha como nos Estados Unidos, não aceitavam para publicação artigos ou trabalhos relacionados com a parapsicologia ou com experiências que investigassem diferentes níveis de consciência. A posição da Associação Humanista Americana incentivava esta censura e os seus ataques às filosofias não materialistas geravam uma cultura de silêncio entre os intelectuais que talvez tivessem sido confrontados com provas que contradiziam o dogma humanista.

Nessa altura, não era aceitável sequer manter uma mente aberta relativamente a fenómenos que não podiam ser vistos nem medidos fisicamente, e acreditar em alguma forma de sobrevivência após a morte era considerado um pensamento retrógrado.

Na Grã-Bretanha, Brian Inglis era uma das poucas pessoas em posição de apresentar o ponto de vista oposto. Num artigo para o jornal *Evening Standard* (15 de agosto de 1977), no qual analisava *In the Minds of Millions*, Inglis escreveu:

A questão é que Manning não está, como alguns ainda evidentemente receiam, a conduzir-nos de volta à superstição medieval. Está a mostrar-nos que talvez não tivesse sido superstição, que a raça humana possui faculdades e capacidades das quais se tem assustado desnecessariamente e que deveríamos tentar explorar. Se conseguirmos fazê-lo, os benefícios serão incalculáveis.

O crescente interesse do público pelos fenómenos psíquicos era visto pela AHA como um desenvolvimento perigoso. Num artigo da revista *Time* («Attacking the New Nonsense», 12 de dezembro de 1977), Paul Kurtz escreveu:

Há sempre o perigo de que, uma vez que a irracionalidade cresce, ela transborde para outras áreas. Não existe qualquer garantia de que uma sociedade assim infetada pela ausência de razão seja resistente até aos mais virulentos programas de seitas ideológicas perigosas.

Não é difícil perceber porque alguém como Lamont considerava isto um problema tão grave. A natureza espiritual do ser humano era há muito identificada pelos propagandistas soviéticos como um obstáculo ao rápido crescimento do coletivo comunista mundial. Há uma passagem particularmente elucidativa sobre isto em *The Communist Manual of Instructions in Psychopolitical Warfare*:

A primeira coisa a degradar em qualquer nação é o próprio estado do homem. As nações que possuem um elevado padrão ético são difíceis de conquistar. As suas lealdades são difíceis de quebrar, as suas fidelidades são fanáticas e aquilo a que normalmente chamam a sua integridade espiritual não pode ser violado pela coação. O homem

tem de ser degradado de um ser espiritual para um padrão animalístico. Tem de pensar em si próprio como um animal...

Muitos cientistas mostraram-se mais do que dispostos a corroborar esta visão materialista do mundo.

Ao aceitar o prémio Humanista do Ano da AHA em 1977 («em reconhecimento das suas contribuições para o humanismo e do seu compromisso com as liberdades civis»), Corliss Lamont instou os grupos humanistas a combater o crescimento do «sobrenaturalismo religioso e de vários grupos ocultistas» e apelou a uma maior compreensão entre os Estados Unidos e a União Soviética. Durante a sua direção dos *Friends of the Soviet Union*, uma organização dedicada à cooperação soviético-americana, há poucas provas de que esta tenha sido um veículo para uma verdadeira troca de ideias destinada a aumentar a compreensão entre as duas nações.

As ações de Lamont, ao que parece, eram determinadas pelo que beneficiava os seus amigos políticos. Quando a União Americana pelas Liberdades Civis, com a qual ele estivera aliado durante anos, decidiu expulsar dos seus quadros os comunistas conhecidos, Lamont respondeu fundando o *National Emergency Civil Liberties Committee*. Não sentia a mesma necessidade de defender as liberdades civis na União Soviética com o mesmo fervor que no seu país natal. As opiniões que não estavam alinhadas com a ideologia do Partido Comunista não precisavam de ser ouvidas. A parapsicologia era uma dessas heresias que, na União Soviética, era tratada retirando às pessoas os seus empregos ou enviando-as para campos de trabalho. O defensor das liberdades civis Lamont não protestou contra tais medidas, mas, por outro lado, ele, tal como o Comité para a Investigação Científica das Alegações do Paranormal, era favorável a reduzir as oportunidades de esta «ciência» se explicar. O que me traz praticamente de volta ao ponto de partida desta história.

Muitos dos membros do Comité para a Investigação Científica das Alegações do Paranormal sem dúvida pensavam que os seus nomes estavam a ser utilizados numa luta científica. As minhas

investigações pareciam sustentar a ideia de que a ciência era o pretexto e a política o objetivo. Não descobri como James Randi se tornara o principal porta-voz do Comité ou um dos seus fundadores. Descobri, contudo, que os ataques contra mim cessaram pouco depois de eu ter deixado claro que estava na posse de informações pessoais muito comprometedoras sobre ele — detalhadas em documentos oficiais do governo dos Estados Unidos que me foram enviados por um contacto naquele país — e que eu não teria qualquer escrúpulo em divulgar.

Estava convencido de que, apesar das suas afirmações em contrário, Randi não estava interessado na verdade. Estava decidido a destruir-me porque eu era um médium, e não porque acreditasse genuinamente que eu era um impostor que fingia ser médium.

Se eu queria que as pessoas escutassem o meu ponto de vista e percebessem a retórica vingativa de Randi, teria de trazer o assunto para a esfera pública e obrigá-las a olhar para o crescente conjunto de provas. Teria de tentar mudar a perceção das pessoas acerca do paranormal. Já tinha concordado em realizar uma série de experiências com o Professor John Hasted, no Birkbeck College, em Londres, com início no verão seguinte. Decidi engolir ressentimentos passados e perguntar à Sociedade para a Investigação Psíquica se teria interesse em realizar experiências comigo aproximadamente na mesma altura.

Randi continuou a sua carreira de criar manchetes e ganhar a vida expondo pessoas descritas, conforme os casos, como médiuns, curandeiros pela fé, clarividentes, evangelistas televisivos, operadores de curas milagrosas e outros que alegadamente afirmavam possuir poderes paranormais. Não tenho qualquer objeção a que exponha fraudes quando estas existem. Tal como Dennis Stillings, do Archaeus Project, em Minneapolis, que estuda fenómenos parapsicológicos, não o considero uma pessoa séria e não considero sério aquilo que faz. «Não é ceticismo racional.

É desmistificação irracional.» Stillings ficou sem dúvida tão surpreendido quanto eu quando, em 1986, as atividades de Randi

receberam o reconhecimento máximo. Nesse ano, tornou-se beneficiário de uma bolsa «genial» da Fundação MacArthur no valor de 272 000 dólares e foi nomeado *MacArthur Fellow*. Depois de receber três nomeações, foi escolhido entre «centenas de candidatos nomeados por um grupo de líderes anónimos das artes, das ciências e das humanidades». Um comité de seleção composto por treze membros, também anónimos, escolheu então os beneficiários com base na sua criatividade, dedicação, necessidade de apoio financeiro e benefício do seu trabalho para a sociedade. Randi considerou que o prémio homenageava tanto a si como ao Comité. Foi citado como tendo dito: «Eu sou o nome associado ao Comité. Sou o executor.»

Em meados de janeiro deixei Randi e o inverno inglês para trás e voei para o Texas a fim de concluir a série de experiências com William Braud. A maioria das experiências destinava-se a testar que efeito, se algum, os meus pensamentos teriam sobre uma variedade de sistemas biológicos. O primeiro desses sistemas vivos foi um gerbo. Nos ensaios de «influência», eu tinha de tentar incentivar mentalmente o animal a tornar-se mais ativo numa «roda de atividade».

Durante esses ensaios sentava-me e pensava no gerbo no seu habitat natural, o deserto. Imaginava um falcão a descer em voo picado, com as garras estendidas para matar, e o indefeso animal a fugir para salvar a vida. Nos ensaios de controlo, pediam-me que não influenciasse o animal, pelo que desviava a minha atenção dele lendo um jornal ou uma revista.

O som dos marcadores de eventos do registo do polígrafo, na sala onde eu estava sentado, dava-me uma ideia aproximada de como o gerbo estava a reagir. O que ouvia deixava-me perplexo, porque era exatamente o contrário do que eu esperava. O polígrafo indicava que, sempre que eu utilizava a imagem do falcão, a roda estava a abrandar e depois parava. Assim que retirava a minha atenção do gerbo, a atividade na roda aumentava. Só mais tarde descobrimos que, quando um gerbo se sente ameaçado por um predador, instintivamente fica imóvel no local e não, como eu imaginara, foge para salvar a vida.

Braud pediu-me então que utilizasse a minha mente sobre um animal mais familiar.

Dez voluntários humanos foram ligados a um detetor de mentiras ajustado para registar a atividade das glândulas sudoríparas das suas mãos. Eu encontrava-me numa sala distante, onde não podia ver os voluntários, mas podia ver as leituras do detetor de mentiras. Foi colocado diante de mim um baralho de 20 cartas embaralhadas. Metade das cartas continha instruções para não fazer nada e a outra metade instruções para tentar aumentar o nível de tensão dos voluntários.

Quando recebia esta última instrução, imaginava alguma situação emocional que pudesse confrontar a pessoa — por exemplo, presenciar um acidente ou deparar-se com um objeto assustador. Braud disse ao jornalista Charles Parminter, do *National Enquirer*: «Depois da experiência, os voluntários disseram-me que sentiram a influência que Matthew estava a exercer sobre eles. Sentiram-se mais tensos. Em alguns casos chegaram a sentir como se ele estivesse na sala a sacudi-los.»

O detetor de mentiras registou que os níveis de ansiedade dessas pessoas tinham aumentado, em média, 9 por cento, resultado que Braud descreveu como «bastante impressionante».

A experiência que mais me interessou envolvia a tentativa de curar glóbulos vermelhos (eritrócitos). Foi-me pedido que utilizasse a psicocinese para influenciar a taxa de hemólise, ou degeneração anormal, dessas células. Se os glóbulos vermelhos forem colocados em água corrente comum, os corpúsculos vermelhos expandem-se e acabam por rebentar, libertando hemoglobina. Contudo, se essa água for tornada ligeiramente salina, os corpúsculos vermelhos ficam protegidos e mantêm-se intactos durante mais tempo. À medida que a hemólise progride, a aparência da solução de sangue e salina passa de turva para transparente, permitindo a passagem de cada vez mais luz e fornecendo aos investigadores uma medida da taxa de deterioração.

A experiência consistia em dez séries, realizadas em dez dias consecutivos. Cada série envolvia medições da taxa de hemólise em dez amostras de sangue. Cinco eram amostras de controlo e cinco eram amostras que eu tentava influenciar. Nos ensaios de controlo procurava não pensar no tubo.

Quando tentava influenciar, colocava as minhas mãos sobre o tubo sem lhe tocar e imaginava as células rodeadas por uma luz branca brilhante. Garantia-lhes que essa luz e energia as protegeriam e que permaneceriam intactas e resistentes à solução. Os resultados de Braud mostraram que as células permaneceram intactas quatro vezes mais tempo nas experiências em que tentei «curá-las» do que nas experiências em que a minha influência esteve ausente. Numa entrevista ao *National Enquirer*, Braud declarou: «Ao concentrar a sua mente no tubo de ensaio com sangue, Matthew conseguiu retardar a morte das células. Normalmente, as células sanguíneas degradar-se-iam e morreriam num máximo de cinco minutos. Mas ele conseguiu retardar a destruição de tal forma que as células sanguíneas ainda permaneciam intactas até vinte minutos depois.»

Numa dessas experiências, o protocolo foi alterado de modo que, em vez de me sentar ao lado de Braud com as mãos sobre os tubos de ensaio, fiquei numa sala a trinta metros de distância e tentei influenciar o conteúdo dos tubos à distância. Braud não fazia ideia se eu estava ou não a tentar influenciar o sangue nos tubos de ensaio. As instruções eram-me dadas separadamente através de um baralho de cartas, indicando qual o modo que deveria adotar. Curiosamente, o resultado desta experiência afastou-se ainda mais da expectativa aleatória.

De forma pouco comum entre cientistas, Braud tinha um interesse genuíno em avaliar o potencial da cura psíquica, e foi graças a ele que realizei uma série de experiências que me colocariam no caminho da cura direta. Organizou ensaios com o Dr. John Kmetz, da *Science Unlimited Research Foundation*, também sediada em San Antonio. O objetivo destas experiências era verificar se eu conseguia perturbar a carga elétrica de células cancerígenas cervicais Hela, tornando-as

inativas. Batizadas em homenagem a Henrietta Lafayette, a mulher afro-americana de quem foram retiradas antes da sua morte, na década de 1950, estas células são amplamente utilizadas em laboratórios de investigação oncológica em todo o mundo. As células são cultivadas em frascos de cultura (recipientes de plástico semelhantes às caixas das cassetes áudio) numa solução nutritiva proteica. Quando são inicialmente colocadas no frasco, flutuam no líquido. Acabam por assentar no fundo, onde começam a crescer.

Após um período de vários dias, as células cobrem toda a superfície inferior do frasco, aderindo ao plástico por meio de uma força eletrostática produzida pela atração positiva/negativa entre as células e o recipiente — as próprias células possuem uma carga positiva à superfície, enquanto o frasco possui uma carga negativa. Kmetz trabalhava com dois curadores que, em experiências, tinham perturbado a carga na superfície da célula, fazendo com que esta se libertasse e flutuasse livremente no meio onde tinha sido cultivada. Nesse estado, a célula está essencialmente inativa ou morta.

Alguma quantidade de morte celular ocorre normalmente na cultura de tecidos (geralmente na ordem de cerca de 1000 células por mililitro de líquido), pelo que, antes de cada ensaio, os investigadores utilizavam um aparelho chamado espectrofotómetro para contar o número de células cancerígenas mortas, obtendo assim uma linha de controlo ou medida do «estado de saúde» das culturas.

Cada frasco de cultura era selado com cera — para garantir que qualquer tentativa de o abrir fisicamente fosse evidente — e depois colocado sobre uma superfície plana para que eu o influenciasse. A minha tarefa durante os vinte minutos seguintes consistia em tentar transmitir cura às células. Em alguns dos 30 ensaios era-me permitido segurar o frasco entre as mãos; noutros, tentava influenciar as culturas à distância, enquanto permanecia confinado numa sala eletricamente blindada. Outra pessoa, que não era curadora, recebia também um frasco de células e tinha a função de imitar todos os meus movimentos. Um terceiro recipiente era deixado noutra parte do edifício e não recebia qualquer atenção.

Tentava visualizar as células envolvidas por uma luz branca e imaginava que falava com elas. Dizia-lhes que o seu propósito neste nível da realidade tinha terminado e que tinham de seguir para outro lugar. Após cada experiência, o Dr. Kmetz voltava a colocar as amostras no espectrofotómetro e contava-as novamente. Em nenhum dos 30 ensaios houve qualquer alteração no número de células mortas no recipiente que tinha sido deixado noutra parte do edifício.

Também não houve qualquer alteração no número de células mortas no recipiente que a outra pessoa tentou influenciar, imitando-me. Contudo, em 27 dos 30 ensaios verificou-se uma alteração no número de células do frasco que eu tentava influenciar, variando entre aumentos de 200 e 1200 por cento. Se no início do ensaio existia 1 célula morta por mililitro de líquido, após a minha intervenção passavam a existir entre 2 e 12 células mortas.

Braud, que observou estes ensaios diretamente, descreveu os resultados como «impressionantes» e concluiu:

O que Matthew demonstrou é que consegue influenciar células cancerígenas. Poderão estar envolvidos fatores parapsicológicos que poderiam ser utilizados para curar a si próprio ou para curar outras pessoas.

Numa entrevista televisiva, Kmetz falou sobre a importância da experiência:

Se conseguirmos agora transpor isto para um indivíduo que tenha um tumor, aquilo que gostaríamos que estas pessoas que atuam como curadoras fizessem seria afetar a cultura celular e fazer com que o metabolismo celular diminuísse ao ponto de se conseguir talvez atuar sobre o tumor da mesma forma que estão a atuar sobre as células, levando à dissolução do tumor e à sua desintegração.

Fiquei profundamente encorajado pelo que estes dois cientistas respeitados disseram acerca da experiência. Foi uma revelação, uma validação. Eu queria descobrir aplicações práticas para o dom que me tinha sido concedido. Parecia não haver nada que me impedisse de desviar a minha atenção do conteúdo de tubos de ensaio para seres

humanos e produzir o mesmo efeito positivo. As experiências com Braud e Kmetz foram fundamentais para incutir em mim um ingrediente necessário, mas até então ausente: a autoconfiança.

Até esse momento eu não acreditava que pudesse curar diretamente — reservava esse dom apenas para «gigantes» como Harry Edwards e Rolling Thunder — e a questão de saber se podia ou não parecia irrelevante. O meu papel era oferecer-me como cobaia para ajudar cientistas competentes e empenhados a explorar as possibilidades da energia curativa. Agora sabia quais eram essas possibilidades.

Anita Gregory, a principal investigadora da Sociedade para a Investigação Psíquica (*Society for Psychical Research*), aceitou prontamente a minha sugestão de realizarmos experiências em conjunto. Anita tinha conhecimento do meu conflito com James Randi e sabia que a minha principal razão para querer realizar experiências com a SPR era produzir provas que contrariassem as suas alegações. Contudo, não concordou com a minha proposta de que um ilusionista estivesse presente para testemunhar o que fazíamos.

Pouco depois do meu regresso dos Estados Unidos, encontrámo-nos para discutir a forma que as experiências deveriam assumir. Disse-lhe que estava interessado em tentar reproduzir alguns dos testes biológicos que tinha realizado nos Estados Unidos com William Braud. Rapidamente se tornou evidente que o seu principal interesse era tentar reproduzir algumas experiências revolucionárias realizadas na década de 1930 com Rudi Schneider, a quem considerava o médium físico definitivo do século XX.

Schneider participara em experiências com Eugène Osty, diretor do *Institut Métaphysique* de Paris, e com o seu filho Marcel, engenheiro, que concebera uma espécie de sistema de alarme anti-intrusão por infravermelhos para vigiar objetos que Schneider tentava mover por meios psíquicos.

Nas experiências com Osty, e posteriormente com outros investigadores, o alarme era repetidamente acionado sempre que

Schneider, falando como a sua personalidade de controlo «Olga», anunciava que iria mover determinado objeto. Na opinião de Osty, Schneider, quando em transe, exteriorizava alguma força invisível à luz branca, mas detetável através de radiação infravermelha de comprimento de onda apropriado.

O equipamento de infravermelhos que Anita Gregory mandara especialmente conceber para testar o mesmo fenómeno estava pronto e à espera de um sujeito adequado que se oferecesse para participar. Eu não me oferecia, porque já não estava interessado em tentar influenciar máquinas. Contudo, estava disposto a deixar-me convencer se também pudessem ser organizadas experiências mais interessantes. Consequentemente, Anita convidou vários outros investigadores a conceber alguns testes biológicos.

Todas as experiências da SPR, biológicas ou de outro tipo, seriam financiadas pela Fundação Koestler, criada por Arthur Koestler, Dr. Brian Inglis e o financista Instone («Tony») Bloomfield.

Anita Gregory sugeriu que eu levasse um amigo nos dias das experiências, para me fazer companhia e atuar como minha testemunha. Entre os vários nomes que propus, escolheu Brian Inglis. Conhecera Brian pela primeira vez na conferência de imprensa organizada pela Corgi quando *The Link* foi publicado em edição de bolso. A partir desse momento apoiara-me publicamente, por vezes através da sua coluna no *Evening Standard*, e tornámo-nos amigos.

As opiniões e entusiasmos de Brian eram essencialmente anti-establishment, sendo convencional apenas na aparência e na forma de falar. Foi o jornalista menos parecido com um jornalista que conheci, totalmente livre de malícia ou ambição. O seu encanto e a sua decência fundamental atraíam muitas pessoas, especialmente mulheres. Nenhuma dessas admiradoras, porém, conseguiu alterar os seus hábitos boémios de solteirão.

Habituado à extrema arrumação da minha casa em Linton, fiquei chocado da primeira vez que entrei no seu apartamento subterrâneo em Belsize Park. Papéis e livros cobriam praticamente todas as

superfícies, incluindo o chão, que tinha de ser percorrido cuidadosamente por estreitos corredores entre pilhas de objetos. Nunca vi nada semelhante. Até os gostos de Brian em matéria de bebidas alcoólicas eram únicos. A sua mistura favorita era Guinness com champanhe.

Todas as experiências da SPR, biológicas ou não, acabaram por ser para mim uma verdadeira provação. Talvez tivesse sido mimado pelas minhas experiências recentes nos Estados Unidos, mas esperava ser tratado como um igual e sentir empatia com os investigadores. O pior aspeto era que a maioria deles não parecia particularmente interessada em demonstrar fosse o que fosse. Se o relatório das experiências é um guia fiel das intenções, também não parecia esperar demonstrar nada:

«... [A]s duas semanas foram consideradas um período de exploração intensiva, mais do que uma oportunidade para fornecer resultados definitivos.»

Considerava esta atitude extremamente irritante.

Os «relâmpagos e fenómenos psi dramáticos» que, segundo Braud, eu demonstrara ao longo da minha visita ao Texas estavam singularmente ausentes em Londres. As razões eram suficientemente claras. Tive a nítida impressão de que as experiências que eu queria realizar serviam apenas para preencher espaço, como números secundários de apoio à homenagem de Anita Gregory a Rudi Schneider.

Isto não ajudava a minha motivação, que, como William Braud demonstrara estatisticamente no relatório sobre as nossas experiências conjuntas, era extremamente importante para que eu pudesse dar o meu melhor. O equipamento de infravermelhos permanecia montado permanentemente num laboratório da City University de Londres, onde as experiências decorriam, dominando psicologicamente todo o ambiente. Eu via-o como um inimigo.

A área experimental estava organizada de forma a permitir a passagem rápida de um projeto para outro, alcançando assim a

máxima flexibilidade. Essa era a teoria. Na prática, sentia-me como alguém pressionado a cozinhar simultaneamente várias refeições desinteressantes.

O meu sucesso em influenciar o feixe infravermelho começou quase espontaneamente, sem verdadeira concentração ou esforço da minha parte. Sentia-me muito irritado e aborrecido porque uma experiência de hemólise que esperava realizar fora adiada enquanto o experimentador, o Professor William Byers Brown, efetuava ajustes ao seu equipamento.

Anita Gregory achou que aquele seria um bom momento para eu tentar as primeiras experiências com poesia. Nessas experiências, eu tinha de fazer um desenho que fosse inequivocamente relevante para um poema escondido dentro de um pacote, ou que o ilustrasse. Isto era semelhante a uma das experiências «incidentais» de clarividência em que participara com William Braud, no Texas. Nessa ocasião pediram-me que desenhasse o conteúdo de um diapositivo de 35 mm selado dentro de um envelope opaco.

No seu relatório, Braud descreveu o resultado como «bastante impressionante». Fiz um desenho contendo duas palmeiras, três aves, um castelo, um horizonte, um sol, linhas convergentes terminando num portão ou porta, e uma âncora deitada de lado, com uma das suas pontas apoiada sobre um ovo partido. O diapositivo oculto continha efetivamente duas palmeiras, uma ave, uma estrutura arquitetónica semelhante ao topo de um castelo, um horizonte marítimo, uma maçã segurada entre dois dedos de forma a lembrar os dois braços da âncora e o ovo, um arbusto e duas pessoas.

Anita e eu concordámos que o primeiro desenho que completei na experiência da SPR era razoavelmente relevante. Não consegui ver quaisquer correspondências nos três desenhos seguintes que produzi. Nem Anita Gregory.

Contudo, uma das outras investigadoras, Mary Rose Barrington, insistia em tentar encontrá-las e, por vezes, chegava a extremos ridículos ao explicar as relações entre os meus desenhos e os versos

dos poemas. Sem dúvida movida pela bondade e tentando encorajar-me, tudo o que conseguiu foi exasperar-me a mim e a todos os presentes.

Levantei-me e comecei a andar de um lado para o outro à volta do equipamento de infravermelhos. Perguntei-me quão fácil seria influenciá-lo. Mas esse pensamento foi rapidamente substituído por outro que me dizia que não valia a pena incomodar-me, porque ninguém ali demonstrava verdadeiro interesse. Anita Gregory tinha saído da sala e o Professor Arthur Ellison também não estava presente. Apenas Mary Rose Barrington e David Chapman, assistente de investigação no Departamento de Engenharia Elétrica e Eletrónica de Ellison, na City University, permaneciam na sala.

Comecei a bater com o punho direito na palma da mão esquerda, um gesto característico que ainda hoje faço quando me sinto frustrado. Pouco depois manifestaram-se irregularidades acentuadas no registo. Várias vezes nessa tarde e nos dias seguintes foram registados episódios semelhantes de deflexão.

Um dia, o registo apresentou uma irregularidade que viria a ficar conhecida como o «pico Grattan-Guinness».

O Dr. Ivor Grattan-Guinness manifestara inicialmente interesse em integrar a equipa de investigação da SPR, mas perdeu-o quando descobriu que as experiências coincidiriam com as suas férias. Não sei se estava aborrecido ou se simplesmente não queria perder a oportunidade de estar associado às experiências, mas telefonou a Anita Gregory do local onde passava férias em Devon e informou-a de que ele e a sua esposa, Enid, pretendiam «enviar» algumas mensagens telepáticas a partir do dia seguinte, precisamente ao meio-dia.

Quando Anita me transmitiu a intenção deles na manhã seguinte, respondi-lhe que, se eles não se davam ao trabalho de estar presentes pessoalmente, eu também não me daria ao trabalho de acomodar o seu plano insensato. Mais importante ainda, a experiência de hemólise com o Professor William Byers Brown, agendada para essa manhã, parecia muito mais promissora.

Contudo, pouco antes do meio-dia e durante cerca de quinze minutos após essa hora, dei por mim a desviar a atenção das células sanguíneas para a máquina de infravermelhos. Durante esse período, o traçado do gráfico afastou-se da linha de base e desenhou uma forma que nunca tinha sido observada antes nem voltou a ser observada posteriormente.

Durante algumas sessões, cerrava os punhos e retesava os músculos antes de começar a saltar para cima e para baixo, fazendo amplos movimentos circulares com os braços. No final da primeira semana, os músculos estavam tão doridos por causa desta atividade que mal me permitiam coçar as costas.

Não tinha quaisquer pensamentos conscientes específicos quando tentava influenciar a máquina, apenas uma enorme determinação em ser bem-sucedido. Imaginava que estava envolvido num jogo com aqueles investigadores. Sabia como reagiriam ao que estava a acontecer. Procurariam todas as explicações lógicas concebíveis — e até inconcebíveis — para justificar como eu conseguira, em pelo menos três ocasiões distintas, produzir uma ocultação — ou irregularidade — superior a 50 por cento.

Segundo o relatório das experiências, o Professor Ellison e Roger Chapman, professor sénior de Engenharia e membro da equipa de Ellison, expressaram a opinião de que:

«nunca tinha visto equipamento comportar-se desta maneira e não consegue encontrar qualquer explicação normal do ponto de vista da engenharia.»

Uma experiência envolvendo uma máquina que gera números aleatórios, também conduzida por Ellison, provocou perplexidade semelhante. Tratava-se basicamente de um teste de clarividência para «ver» números aleatórios.

O médium norte-americano Ingo Swann realizara recentemente ensaios com o mesmo equipamento e fizera com que este se comportasse de forma estranha. O impulso competitivo de verificar se eu conseguiria produzir o mesmo efeito que Swann foi

suficientemente forte para me levar a aceitar a experiência, embora a considerasse uma perda de tempo.

Sabia que conseguiria fazer avariar o gerador. Na Califórnia, fizera com que a máquina do Professor Charles Tart gerasse repetidamente um determinado número-alvo, e o programa do gerador de números aleatórios de Houtkooper e DeDiana ficara preso num ciclo repetitivo. Em ambos os casos, o objetivo da experiência e as análises previstas revelaram-se estatisticamente não significativos.

Quando me concentrei na máquina de Ellison, esta produziu repetidamente o número 8, tal como acontecera com Ingo Swann, indicando uma falha nos microcircuitos. Não foi encontrada qualquer avaria evidente nesses circuitos e, posteriormente, a máquina regressou ao seu funcionamento normal.

A experiência de hemólise concebida pelo Professor Brown foi uma grande desilusão para mim a nível pessoal. Tentámos duas vezes reproduzir os resultados obtidos no Texas, mas sem sucesso. Brown e eu também não conseguimos recriar a sintonia que existira entre mim e William Braud. Estou convencido de que essa foi a principal razão para o fracasso da experiência.

Braud fora encorajador e agradável de ter por perto e, devido às suas qualidades pessoais, existira uma excelente atmosfera no laboratório. Em comparação, Brown parecia um mestre-escola do século XIX. Estava tão consciente da incompatibilidade entre nós como eu e continuava a preocupar-se por estar a produzir em mim um «efeito negativo do experimentador».

Experiências repetidas e cuidadosamente controladas sugerem fortemente que alguns experimentadores têm muito mais probabilidades de obter resultados positivos com determinados sujeitos do que outros experimentadores.

Numa palestra apresentada à Sociedade Californiana para a Investigação Psíquica, em outubro de 1977, Fred Lorenz descreveu aquilo a que chama a «Lei de Murphy», definida como: «Se alguma coisa puder correr mal, correrá, e no pior momento possível.»

Tenho estado muito intrigado durante muitos anos com o possível efeito das pessoas sobre outras pessoas... e com a razão pela qual algumas experiências funcionam e outras não... Há pessoas que parecem conseguir produzir experiências bem-sucedidas umas atrás das outras, acumulando enormes bibliografias e desenvolvendo uma quantidade fantástica de material. Outras arrastam-se com dificuldade, continuam a cometer erros e as coisas simplesmente correm mal sem qualquer razão aparente... Por vezes suspeitei que o experimentador exerce efeitos sobre os sujeitos, e vice-versa, que são inesperados e inexplicáveis.

Na sua contribuição para o relatório da Primeira Conferência Canadiana sobre Psicocinese (publicado em janeiro de 1975), o Professor Brian Josephson avançara já parcialmente uma possível explicação para a forma como este fenómeno ocorre:

... por vezes, quando se faz uma nova observação, diferentes pessoas obtêm resultados diferentes. Num caso, uma determinada simetria foi quebrada num lado do Atlântico mas não no outro; contudo, após algum tempo, todos passaram a obter os mesmos resultados. A explicação convencional seria que estavam a ser cometidos erros de um dos lados do oceano, mas é concebível que a verdadeira explicação seja que os resultados discrepantes fossem genuínos e que tenha sido o processo de comunicação do conhecimento de um lado do Atlântico para o outro que provocou uma espécie de transição de fase ou processo de ordenação, em consequência do qual passaram posteriormente a ser encontrados resultados idênticos em ambos os locais.

Penso que a ansiedade de Brown aumentava devido ao facto de se encontrar num território profissional pouco familiar. Na Califórnia, os testes sem sucesso em que participei eram invariavelmente conduzidos por investigadores inexperientes. Se Brown tivesse conseguido descontrair, não teria existido qualquer problema. Era fundamental criar uma atmosfera confortável para o tipo de experiência que estávamos a realizar, de forma a encorajar o fluxo de energias

positivas. As vibrações negativas apenas têm lugar em experiências cujo objetivo é perturbar e desorganizar.

Outros compromissos impediram Brian Inglis de estar presente na maioria dos dias. Quando ele não podia comparecer, era substituído pela sua companheira, Ruth West, que dirigia a Fundação Koestler. Os dois acabaram por funcionar como uma espécie de amortecedor entre mim e os cientistas da Sociedade.

Ruth também estava interessada em verificar como o dinheiro da Fundação estava a ser utilizado, tal como Tony Bloomfield, principal financiador da Fundação Koestler, que visitou o laboratório num dos dias. Embora Brian não tivesse grande confiança nos cientistas da SPR, esperava que os resultados das experiências merecessem ser divulgados ao público.

Um dos contactos jornalísticos que levou consigo para observar as experiências foi Bill Deedes (mais tarde Lord Deedes), então diretor do *The Daily Telegraph*, que manifestou interesse em publicar uma reportagem sobre os resultados quando estes fossem divulgados. Não surpreendentemente, esse interesse diminuiu durante os quatro anos que a SPR levou a publicar o seu relatório.

A experiência dos feijões mungo de Mary Rose Barrington resume os meus sentimentos relativamente ao tempo que passei à disposição da SPR.

A primeira experiência produziu resultados promissores: dos 48 feijões cujo crescimento tentei estimular, 42 apresentavam radículas após sete dias de crescimento; isto comparava com apenas 32 no grupo de controlo.

Enquanto tentava influenciar os feijões, imaginava que expandia a minha consciência tanto quanto possível — através das paredes, por toda Londres e para além dela, até ao espaço — até me tornar uno com o espaço, enquanto a energia passava através de mim e enchia as minhas mãos. Nesse momento colocava as mãos sobre as sementes e imaginava-as num ambiente onde possuíam tudo o que necessitavam para germinar rapidamente.

Representei este exercício com um segundo tabuleiro de feijões, que foi depois entregue a um professor de Biologia, apropriadamente chamado Sr. Fudge, para cultivo.

Infelizmente, ele só tratou deles quatro semanas mais tarde porque, segundo o relatório da Sr.ª Barrington, «as pessoas envolvidas viviam a uma distância considerável umas das outras e tinham outros compromissos».

Não surpreendentemente, o resultado encorajador obtido com o primeiro lote de feijões não foi reproduzido.

Pergunto-me se esse segundo tabuleiro de feijões foi o mesmo que a Sr.ª Barrington levou para casa e colocou sobre um aparador na sua sala de estar. Um tabuleiro daquilo a que ela chamou feijões «tratados» encontrava-se lá numa noite em que ela, a mãe e uma amiga visitante discutiam assuntos psíquicos e ouviram uma forte explosão proveniente da direção do aparador. As três supuseram imediatamente que a lâmpada do candeeiro colocado sobre o aparador tinha rebentado.

Contudo, nem essa lâmpada, nem qualquer outra lâmpada, nem o tubo do televisor apresentavam qualquer dano.

A Sr.ª Barrington, advogada na sua vida profissional, foi também protagonista de outro acontecimento estranho durante o período das experiências.

Numa noite de sábado, enquanto eu dava uma palestra, ela e Anita Gregory encontravam-se em sua casa a preparar documentação relacionada com as experiências quando ouviram «quatro ou cinco pancadas extremamente fortes mas abafadas» que «soavam como se um aríete amortecido estivesse a martelar contra as paredes da casa, imediatamente ao lado do local onde [elas] estavam sentadas».

A Sr.ª Barrington «investigou imediatamente todas as fontes normais concebíveis para esses ruídos». Posteriormente, apurou que, exatamente à hora em que as pancadas foram ouvidas, uma cliente sua desejava muito falar consigo sobre o seu processo, mas não ousava

telefonar fora do horário de expediente. Muitos anos antes, essa mesma cliente relatara, em várias ocasiões, ouvir fortes pancadas vindas do teto da sua casa.

O relatório das experiências que realizei com a SPR só apareceu quatro anos depois, tendo sido incluído nos *Proceedings* de outubro de 1982, que assinalavam o centenário da Sociedade.

Não sei se isso constituiu uma tentativa deliberada de utilizar o meu nome. Foi assim que me pareceu e, em consequência disso, nunca mais tive qualquer ligação com eles.

O relatório é dececionantemente inconclusivo, apesar da natureza predominantemente positiva dos resultados. Se os investigadores estivessem empenhados em ridicularizar a ideia de que os fenómenos psíquicos existem, dificilmente poderiam ter feito melhor trabalho. Pareceu-me que utilizaram o tempo para desmontar o material de tal forma que acabaram incapazes de responder às suas próprias perguntas.

A edição em que o relatório foi publicado incluía um discurso do então presidente da Sociedade, Arthur Ellison, intitulado *«Investigação Psíquica: Após 100 Anos, o Que Sabemos Realmente?»*

A resposta tem de ser: muito pouco.

Uma das principais razões pelas quais sabem tão pouco é que, enquanto organização, se sentem mais seguros em permanecer neutros do que em alcançar conclusões que depois teriam de defender.

Infelizmente, muito poucos dos membros da Sociedade são cientistas e a sua capacidade para conceber experiências que aprofundem a compreensão dos fenómenos paranormais parece bastante limitada.

O facto de, no meu caso, terem estado dispostos a desperdiçar fundos para repetir experiências que tinham sido realizadas com sucesso quarenta anos antes diz muito acerca dos egos dos investigadores e sugere uma organização insegura quanto ao seu próprio propósito.

Contudo, no final de 4 de agosto de 1978, o último dia da série de experiências da SPR, sentia-me mais benevolente e confiante de que aquilo que acontecera justificava a aplicação da palavra «sucesso». Tendo em conta os numerosos testes em que participara, seguramente fizera o suficiente para silenciar os meus críticos e, ao mesmo tempo, demonstrar alguma coisa. Mas sabia que chegara o momento de traçar um limite e afastar-me. Tinha ido tão longe quanto era possível ir em laboratório.

Depois da Índia, perguntara-me como seria possível para mim curar. Pouco a pouco, as respostas tinham-me sido dadas, primeiro na Califórnia e, mais recentemente, no Texas. O meu futuro fora tomando forma discretamente, à espera de que eu tivesse coragem para entrar nele. Precisava de trabalhar com pessoas dispostas a confiar nas minhas capacidades tanto quanto eu próprio confiava.

QUATRO

NOS PALCOS

O momento certo faz-se sempre conhecer e não pode ser ignorado.

Estava em casa, em Linton, numa tarde, quando um desconhecido apareceu à porta da frente e se apresentou. Era um médico italiano. Não me recordo do seu nome. Explicou-me que a sua mãe estava gravemente doente com cancro e encontrava-se internada no Hospital Addenbrooke's, em Cambridge, especializado no procedimento de transplante hepático que ele esperara poder salvar-lhe a vida e que o levara a trazê-la para Inglaterra. Contudo, os especialistas do hospital tinham recusado operar porque ela estava demasiado debilitada.

Em desespero, viera procurar-me depois de ter ouvido falar da experiência com células cancerígenas que eu realizara com John Kmetz no Texas. Perguntou-me se estaria disposto a ir ao hospital tratar a sua mãe.

Hesitei.

Nunca tinha feito cura anteriormente e, embora soubesse que deveria ser capaz de o fazer, senti-me momentaneamente intimidado. As minhas dúvidas acabaram por não resistir à sua insistência. Não podia recusar ajuda e, juntos, partimos para o hospital.

Recordo-me de ter sofrido um choque terrível quando vi a sua mãe pela primeira vez. A insuficiência hepática tinha provocado um amarelamento dos olhos e da pele devido à icterícia. Estava extremamente emagrecida, sentia tonturas, vomitava constantemente e tinha febre.

Deixei-me guiar pela intuição e fiz aquilo que me pareceu correto, colocando muito suavemente as mãos sobre ela e entrando no estado mental que adotara nas experiências com células cancerígenas. A minha intuição também me disse quando devia parar e, após cerca de quinze minutos, despedi-me, tendo combinado regressar durante o horário de visitas dessa noite.

Quando voltei, encontrei a mulher sentada numa poltrona no canto do quarto. A temperatura regressara ao normal, as náuseas e as dores tinham desaparecido e recuperara o apetite. Disseram-me que tinha feito uma refeição e que, para espanto das enfermeiras, a conseguira conservar no estômago, algo que não conseguia há semanas.

Fiquei profundamente satisfeito com estes sinais de melhoria e soube então que a cura funcionava com pessoas da mesma forma que funcionava em tubos de ensaio. Ficou combinado que eu regressaria ao almoço do dia seguinte.

Contudo, os meus sentimentos de autossatisfação duraram pouco.

Na manhã seguinte recebi uma chamada telefónica do filho, que me informou de que a mãe tinha falecido durante a noite. As suas amáveis palavras de agradecimento não conseguiram diminuir o sentimento de fracasso que senti à medida que a notícia da sua morte se instalava em mim. Estava tão convencido de que seria capaz de a salvar que, naquele momento, me escapou o significado da forma como ela morrera.

Aquilo que parecia ser um revés revelaria gradualmente a sua verdadeira natureza: uma bênção disfarçada.

O ego não tem lugar na cura e, naquela primeira ocasião, eu estivera em risco de o deixar intrometer-se, simplesmente por estar tão confiante no «sucesso». A cura é mais do que curas milagrosas.

No caso daquela mulher, ajudou-a a enfrentar a morte serenamente, sem medo, sem dor e com dignidade.

Contudo, nessa fase a minha definição de sucesso não era tão completa como viria posteriormente a tornar-se e a minha confiança na minha capacidade de curar ficou abalada durante meses. Concluí que a falta de experiência estava na origem do meu fracasso e comecei gradualmente a introduzir demonstrações de cura no meu trabalho. Os resultados positivos dessas demonstrações encorajaram-me a continuar.

Naquela época, os Estados Unidos possuíam o meio «alternativo» mais desenvolvido de qualquer país do mundo. As oportunidades ali disponíveis permitiam-me conciliar as minhas ambições de curador com a necessidade de ganhar a vida.

A América é sinónimo de competição, e a atitude americana de que apenas o melhor é suficientemente bom produz muitas pessoas brilhantes naquilo que fazem. Os Estados Unidos adequavam-se à minha forte tendência perfeccionista e incentivavam-me a correr riscos.

Talvez não tivesse seguido um caminho tão invulgar se não tivesse conhecido um jovem extraordinário numa das conferências «alternativas» em que ambos participávamos.

Era uma pessoa comum, sem qualquer capacidade psíquica, que desenvolvera um grau extraordinário de controlo sobre o próprio corpo. Conseguia, por exemplo, interromper o pulso de um lado do corpo, fazê-lo regressar e depois repetir o exercício do outro lado.

Não havia qualquer truque envolvido, como demonstrava ao ficar apenas em boxers, estender ambos os braços e pedir às pessoas que verificassem o seu pulso.

Dávamo-nos muito bem e falávamos frequentemente sobre os nossos planos para o futuro. Falei-lhe da minha ambição de levar a cura a um público mais vasto do que os adeptos convictos dos estilos de vida alternativos que pareciam constituir a audiência das minhas demonstrações.

Já nessa altura sentia o perigo de ser idolatrado por esse grupo e de me tornar uma figura de culto para os seus admiradores, embora essa idolatria crescente tivesse aspetos agradáveis, não sendo o menor deles a garantia de que nunca precisaria de me sentir só durante as semanas que passava longe de casa.

A pessoa comum era certamente menos atraente, até mais teimosa, mas podia contar-se com ela para fornecer opiniões honestas.

O meu novo amigo sugeriu que eu considerasse atuar no circuito de clubes noturnos, atividade que lhe proporcionava excelentes rendimentos. Quando assisti ao resto do seu repertório, compreendi perfeitamente porquê.

Numa das demonstrações, estendia uma grande lona no chão e espalhava sobre ela grandes quantidades de vidro partido. Convidava membros do público a partir garrafas e a acrescentar os fragmentos ao monte, encorajando-os a criar o maior número possível de arestas cortantes. Vestindo apenas boxers, deitava-se então sobre aquele leito de vidro partido e permitia que homens se colocassem de pé sobre as suas pernas e o seu peito.

Só o vi sofrer cortes depois, quando limpava os destroços.

A demonstração com uma armadilha para lobos era talvez ainda mais incrível.

Começava por mostrar os estragos que a armadilha podia causar. Armava-a, colocava uma régua de madeira de cerca de trinta

centímetros entre as mandíbulas abertas e acionava-a, partindo a régua em duas.

Um membro da assistência voltava a armar a armadilha. Desta vez, colocava a própria mão onde antes estivera a régua e acionava-a.

De algum modo, não se magoava.

Os proprietários de clubes noturnos nos Estados Unidos estavam dispostos a dar uma oportunidade a qualquer pessoa capaz de aumentar as receitas dos seus estabelecimentos, e eu não fui exceção.

O meu novo amigo fez as apresentações necessárias e começámos a trabalhar juntos nesses locais pouco convencionais. Atuávamos onde quer que nos aceitassem.

O dinheiro era bom, mas eu ganhava cada cêntimo.

Conseguir captar a atenção de pessoas que não têm interesse em nós nem naquilo que fazemos não é fácil, e mantê-la pode ser ainda mais difícil.

Até então eu pudera contar com o chamado fator Matthew Manning: ser conhecido e admirado por um núcleo duro de seguidores prontos a escutar cada palavra minha. Essas pessoas criavam um ambiente favorável.

Nos clubes noturnos encontrava grupos de pessoas que estavam ali principalmente para comer, beber e divertir-se com os amigos.

Eu era apenas um elemento adicional que podiam aceitar ou ignorar, conforme lhes apetecesse.

Foi uma experiência salutar e a melhor escola possível.

Apesar de ser tímido, apreciava o desafio de encontrar uma forma de chegar a esse novo público. Representavam uma verdadeira amostra da população comum e eu não podia confiar em antecedentes partilhados, idade ou interesses comuns para me ajudar.

Existe uma linha muito ténue entre ser um artista de entretenimento e ser um educador eficaz.

Deliberadamente esbati essa distinção para transmitir uma mensagem às pessoas sem lhes pregar sermões.

Sei que as pessoas recordam muito mais daquilo que digo quando as faço rir ou quando desperto a sua imaginação de alguma forma.

Tem de existir interação com o público, uma atmosfera espontânea em que se sinta que qualquer coisa pode acontecer, que tudo é possível.

Isto é verdade independentemente da natureza daquilo que está a ser comunicado.

Na Grã-Bretanha, continuava a ser perseguido pelo rótulo mediático de «Rapaz Poltergeist». Os jornalistas não se interessavam pela nova direção que eu tentava seguir e, sempre que era entrevistado, verificava que 95 por cento do artigo resultante regressava aos tempos dos móveis voadores e da escrita automática, enquanto os meus planos futuros eram reduzidos a uma reflexão final.

Parece inconcebível que considerassem a ideia da cura ainda mais excêntrica. Muito provavelmente era menos emocionante e é invariavelmente mais fácil percorrer terrenos já conhecidos do que explorar territórios desconhecidos.

Esperava que o relatório de John Kmetz levasse a cura a ter um impacto maior na consciência pública.

William Braud enviara-me uma cópia do seu relatório sobre o trabalho que realizáramos juntos no Texas e este fora aceite para publicação, em 1979, pela Sociedade para a Investigação Psíquica.

Durante uma visita aos Estados Unidos, em abril de 1978, telefonei a Kmetz para perguntar como avançava o seu relatório. Mostrou grande entusiasmo pelos resultados e afirmou estar ansioso por vê-los reproduzidos noutros locais. Disse-me que tencionava submeter o relatório final à revista *Science*.

Se conseguisse fazê-lo, seria uma verdadeira proeza, pois a *Science*, apesar do seu enorme prestígio, era bem conhecida pela sua hostilidade à parapsicologia.

Em junho de 1978, após pressão de William Braud, Kmetz enviou-me o protocolo, o resumo e as estatísticas das experiências com cancro.

Contudo, quando, um ano após as experiências, continuava sem receber um relatório formal, decidi insistir mais energicamente.

Nessa altura, também já recebera informações perturbadoras do Professor Walter Uphoff, que me comunicou que um artigo de John Kmetz tinha aparecido numa edição recente de *The Skeptical Inquirer*, publicação do Comité para a Investigação Científica das Alegações do Paranormal.

Segundo Uphoff, esse artigo era:

«muito unilateral. Ele critica o trabalho de Cleve Backster com plantas, mas é extremamente seletivo nas provas que inclui. Kmetz ou desconhece os trabalhos de Marcel Vogel, Paul Savin, Robert Miller e outros, ou escolheu ignorá-los porque não se enquadram nas suas conclusões.»

Uphoff terminava a carta dizendo:

«Espero que Kmetz não faça o mesmo com as experiências em que participou.»

Escrevi a Kmetz e também a G. W. Church, da *Science Unlimited Research Foundation*, que financiara as experiências.

Não recebi resposta de nenhum dos dois e fui posteriormente informado por Gary Heseltine, investigador associado da Fundação, de que Kmetz tinha partido para assumir um cargo académico no Kean College, em Nova Jérsia.

Foi então que chegou a revelação surpreendente:

«Alguns dias após a sua partida no ano passado», escreveu ele, «descobriu-se que grandes quantidades de células podiam ser desprendidas do frasco por um simples toque com o dedo ou mediante agitação adequada do recipiente.

Assim, não pode concluir-se que tenha existido uma influência paranormal devido à forma como as experiências foram conduzidas...»

Completamente perplexo, escrevi a William Braud, anexando uma cópia da carta de Heseltine.

A surpresa e consternação de Braud igualaram as minhas.

Respondeu-me em privado e enviou separadamente o texto seguinte para o *Journal for Psychical Research*, em Londres.

Uma questão chegou ao meu conhecimento que tem relevância para determinadas afirmações feitas no meu recente artigo publicado nesta revista, relativas ao nosso trabalho com Matthew Manning.

Essas afirmações diziam respeito ao trabalho de Matthew com o Dr. John Kmetz, da *Science Unlimited Research Foundation*, em San Antonio.

Referi o sucesso de Matthew na influência de células cancerígenas cervicais *in vitro*. Fi-lo depois de ter testemunhado pessoalmente algumas das experiências e depois de o Dr. Kmetz me ter fornecido uma cópia dos dados obtidos nos testes realizados com Matthew.

Entretanto, tomei conhecimento de que alguns desses resultados foram postos em causa devido a um possível artefacto experimental descoberto recentemente no protocolo da experiência.

Kmetz garantira-me que tinha testado diversas manobras físicas para determinar se formas «convencionais» de energia poderiam desprender as células cancerígenas das paredes do frasco, sendo esse desprendimento o alvo de possíveis influências paranormais.

Indicou-me que alterações de temperatura, remoção do meio de cultura, agitação dos frascos e outros procedimentos físicos não

produziram os tipos de alterações na contagem celular que resultaram das tentativas de sujeitos selecionados influenciarem as células por meios psíquicos.

Chegou mesmo a afirmar que colocar os frascos sobre um vibrador potente durante algum tempo não provocava o desprendimento das células. (Parece-me recordar que esse vibrador era um agitador de latas de tinta, mas não tenho a certeza.)

Assim, um artefacto mecânico óbvio parecia ter sido excluído.

Contudo, soubemos agora que as células cancerígenas podem desprender-se ao deixar cair os frascos sobre uma superfície dura, ao bater abruptamente no frasco com o dedo de determinada maneira ou até ao executar um movimento brusco do pulso da mão que segura o frasco.

Parece-me estranho que estas manobras possam influenciar a contagem celular, enquanto uma forte agitação mecânica num vibrador não produz qualquer efeito. Foi sugerido que o importante é a rápida aceleração ou «onda de choque» produzida pelo impacto.

Continuo a interrogar-me acerca da ausência de efeito resultante das acelerações e desacelerações produzidas pelo arranque e paragem do vibrador.

De qualquer modo, devido a este possível artefacto mecânico, os resultados de todos os testes em que os frascos foram segurados à mão tornam-se suspeitos. Infelizmente, a maioria dos ensaios de Matthew foi realizada nessas condições.

A minha convicção pessoal é que, embora um trauma mecânico aplicado aos frascos segurados à mão possa ter provocado o desprendimento de células nos testes de Matthew, esse fator, por si só, não explica os resultados obtidos.

Baseio esta conclusão em duas observações principais.

Em primeiro lugar, ocorreram resultados impressionantes durante ensaios em que observei Matthew muito atentamente.

Estava a procurar cuidadosamente quaisquer movimentos que pudessem perturbar as células, porque isso aconteceu antes de eu ter conhecimento das precauções adotadas por Kmetz para testar a influência de artefactos mecânicos.

Não observei absolutamente qualquer indício de influência mecânica do tipo que poderia desprender as células durante esses ensaios bem-sucedidos.

Sei que algumas das sessões de Matthew foram filmadas. Deveria ser possível examinar cuidadosamente essas gravações para determinar se ocorreram movimentos dos frascos durante as sessões bem-sucedidas.

Em segundo lugar, continuaram a verificar-se efeitos impressionantes durante ensaios «sem contacto», nos quais Matthew não tocava nos frascos de forma alguma.

Matthew apontava à distância para um frasco selecionado (o alvo daquele ensaio). Kmetz era então a única pessoa que manipulava os frascos durante toda a experiência.

Infelizmente, existiu apenas um pequeno número destes testes «sem contacto», claramente insuficiente para uma análise estatística adequada.

Descrevi as experiências [de Kmetz] com algum detalhe por receio de que ele possa optar por não as publicar. Isso seria lamentável, porque, com as modificações adequadas, poderiam revelar-se extremamente úteis para a investigação laboratorial da «cura paranormal» ou das influências psicocinéticas sobre sistemas vivos-alvo.

A revista publicou a descrição de Braud das experiências de Kmetz como um aditamento ao relatório das experiências que realizáramos em conjunto.

Não voltei a ouvir falar de Kmetz, mas, em janeiro de 1980, um ano após os testes, o *National Enquirer*, para meu espanto, publicou uma reportagem sobre as experiências e incluiu declarações suas.

Braud tinha ficado com a impressão de que Kmetz se desencantara com todo o conjunto de experiências e decidira, nas palavras de Braud, «deitar fora o bebé juntamente com a água do banho».

As declarações de Kmetz ao *Enquirer* são desconcertantemente entusiásticas:

Se os curadores psíquicos conseguem, de algum modo, afetar a forma como estas células crescem, então deveriam ser capazes de utilizar o mesmo efeito diretamente sobre as pessoas...

Durante as experiências, Manning concentrou os seus poderes sobre as células presentes no frasco. As células aderem às paredes do frasco de plástico, mas, se forem desprendidas, morrem...

Não basta simplesmente tocar-lhes com o dedo para as fazer flutuar livremente — disse o Dr. Kmetz. — As células estão ligadas às paredes do frasco por uma espécie de energia elétrica. É necessário perturbar essa atração para que se soltem.

Matthew segurava o frasco durante dez a vinte minutos ou colocava-o sobre a mesa e mantinha apenas as mãos por cima dele durante dez a vinte minutos...

As células cancerígenas estavam efetivamente a ser destruídas por Matthew...

Em pelo menos 60 por cento dos casos, os resultados foram bastante significativos. Matthew conseguia fazer com que essas células se desprendessem. Quando uma pessoa que não era curadora psíquica tentou fazer o mesmo, não obtivemos qualquer resultado.

Até hoje não sei por que razão Kmetz nunca produziu um relatório adequado sobre aquelas experiências.

Suspeito que se tenha encontrado entre a espada e a parede. Talvez tivesse observado algo que simplesmente não se enquadrava na sua compreensão científica do mundo e não estivesse disposto a

complicar a sua vida dentro da comunidade científica produzindo um artigo tão claramente contrário à opinião dominante.

Se até um laureado com o Prémio Nobel como Brian Josephson pode ser intimidado ao silêncio pelos céticos, não surpreende que investigadores menos prestigiados prefiram a prudência à coragem.

Contudo, talvez Kmetz também tivesse consciência moral e calculasse que poucos dos seus colegas seriam leitores assíduos do tabloide *Enquirer*.

Parecia que a ciência não estava disposta a ajudar os meus esforços para fazer com que a cura fosse aceite como um instrumento valioso de promoção da saúde.

No Reino Unido, as oportunidades para trabalhar ao nível de base junto dos não convertidos eram extremamente limitadas. Não existia um circuito florescente de clubes noturnos disposto a acolher-me e as digressões de conferências não faziam parte consolidada da vida cultural britânica.

Não era viável importar o tipo de trabalho que realizava nos Estados Unidos e viver dele.

Recebia muitos convites para falar perante grupos na Grã-Bretanha, mas, na maioria dos casos, ofereciam apenas despesas pagas e, ocasionalmente, uma remuneração simbólica.

Mais importante ainda, as pessoas que atraíam não eram aquelas que eu procurava alcançar. Tratava-se sobretudo de espiritualistas que utilizavam a cura mais como prova do poder dos guias espirituais do «outro lado» do que como um auxílio prático ao bem-estar.

Mesmo assim, estava relutante em desperdiçar qualquer oportunidade que pudesse aumentar a minha experiência e ajudar a estabelecer-me como curador.

Por isso, não hesitei quando fui convidado pelo «Institute of Psychic and Spiritual Technology» para participar como orador num simpósio de quatro dias.

Esta organização fora criada e era dirigida por uma dupla de empresários deliciosamente excêntrica.

Charles Bullen era um antigo membro da RAF, possuidor de um sentido teatral que utilizara durante a guerra, quando estivera envolvido na produção de espetáculos para as forças armadas.

Win Wood era uma mulher de pequena estatura, mas com uma tenacidade impressionante, que provavelmente lhe servira bem durante os anos em que trabalhara para a Companhia de Gás.

O Instituto especializara-se na organização de conferências espiritualistas residenciais de fim de semana em Swanwick, no Derbyshire, mas essas iniciativas estavam a dar prejuízo. Decidiram então convidar uma personalidade conhecida que atraísse público.

Fiquei satisfeito por participar nos seus simpósios e, ao mesmo tempo, apresentar aquilo em que a minha nova fase consistia.

Charles e Win simpatizavam com o meu objetivo de me orientar cada vez mais para a cura, até porque possuíam alguma experiência nessa área através do seu envolvimento com o movimento espiritualista.

Foi em grande medida graças aos esforços deles que comecei a praticar cura individualmente na Grã-Bretanha.

As extensas viagens que realizava tornavam impraticável estabelecer uma clínica própria. Win e Charles possuíam instalações amplas em Leicestershire que estavam dispostos a ceder-me dois ou três dias por mês, ajustando-se às minhas digressões e outros compromissos.

Ofereceram-se para organizar todas as marcações e tratar da administração.

Uma das minhas primeiras pacientes em Leicestershire foi Marguerite Otton, de Margate, no Kent.

Anos antes tivera cancro da mama. Procurou tratamento de cura depois de lhe ter sido diagnosticado um cancro ósseo secundário

extremamente agressivo, já tão avançado que era considerado praticamente intratável.

O cirurgião deu-lhe seis meses de vida.

O choque dessa notícia devastadora mergulhou-a num estado de declínio, provocando dores de estômago e perda de peso.

Os comprimidos hormonais prescritos pelo médico causaram efeitos secundários tão severos que ela teve de deixar de os tomar.

Foi então que ouviu falar de mim e começou a receber sessões regulares de cura:

Ele sabia exatamente onde estava a dor sem que eu lhe dissesse. Sentia o calor ardente das suas mãos e depois ficava com marcas nas costas semelhantes a queimaduras solares. Ficava sempre enjoada após o tratamento — era como se o meu corpo estivesse fisicamente a expulsar a doença.

Outras reações foram relatadas por pacientes, incluindo diarreias intensas ou transpiração abundante.

Médicos que veem a cura com simpatia disseram-me que aquilo que eu faço poderá estar a desintegrar a malignidade tão rapidamente que a única forma de o organismo a eliminar é através desses mecanismos.

Marguerite começou a recuperar de forma constante desde o primeiro dia em que recebeu cura.

As dores de estômago desapareceram e recuperou peso.

Não recebeu qualquer tratamento convencional desde que iniciou as sessões comigo.

Não existe qualquer sinal de cancro, facto que o seu cirurgião, que ela ainda consulta ocasionalmente, não consegue explicar.

Ele está espantado com a sua recuperação.

À data em que escrevo estas linhas, continua viva e saudável.

Além de me permitirem trabalhar individualmente, Win e Charles organizaram uma série de palestras e demonstrações de cura por toda a Grã-Bretanha.

Durante a primeira metade da noite eu falava sobre aquilo a que chamava unidade (*oneness*) e sobre a sua relevância para as nossas vidas.

A segunda metade era dedicada à realização de curas diretas em pessoas da assistência.

Esta ideia de interligação e das nossas responsabilidades mútuas e para com o planeta continua a ser um tema central do meu trabalho.

Quero que as pessoas estabeleçam a ligação entre a forma como vivem — em termos de atitudes e perspetivas — e o estado da sua saúde e da saúde daqueles que as rodeiam.

Lyall Watson expressou esta ideia de forma particularmente feliz na frase:

«Sempre que cortas a relva, fazes estremecer o cosmos.»

Fiquei profundamente impressionado com os seus livros — especialmente *Supernature* e *The Romeo Error* — que fornecem um enquadramento intelectual para experiências e acontecimentos que a ciência dominante ignora.

Nas poucas ocasiões em que conheci Watson, senti que éramos espíritos afins.

Era desarmantemente modesto, apesar da sua incrível capacidade de reter informações provenientes das fontes mais obscuras.

Parecia uma base de dados dotada de alma e de uma profunda inteligência humana.

O trabalho que desenvolvia com Charles e Win era suficientemente flexível para me permitir continuar as frequentes digressões pelos Estados Unidos e criar pontes para outros países.

Em junho de 1979 fui convidado pela Igreja Espiritualista da Nova Zelândia a visitar aquele país.

A viagem foi copatrocinada pela Radio Pacific, uma estação de rádio então recente na qual a Igreja possuía participação acionista.

O programa da minha estadia de um mês incluía palestras, demonstrações de cura e entrevistas para televisão e rádio.

Uma das minhas primeiras aparições ocorreu na Câmara Municipal de Auckland, com capacidade para duas mil pessoas.

Apesar da intensa promoção feita pela Radio Pacific, ainda existiam várias centenas de lugares por vender no dia da palestra.

Dirigi-me cedo ao edifício para sentir o ambiente e encontrei uma multidão ruidosa junto à entrada principal, agitando bandeiras e distribuindo panfletos.

Nos Estados Unidos estava já habituado a enfrentar protestos de pentecostais e de grupos cristãos fundamentalistas semelhantes, pelo que a presença daqueles zelotas não me preocupou particularmente.

As suas faixas e cartazes alertavam para os perigos que aguardavam todos os que entrassem no auditório.

Os panfletos continham passagens bíblicas que, segundo eles, sustentavam a afirmação de que eu era obra do Diabo e de que a cura era prejudicial.

Em suma, aquelas pessoas fizeram um trabalho maravilhoso a atrair público para as poucas centenas de lugares vazios. A sua manifestação fez parar o trânsito nas imediações da sala. Tal como a maioria das cidades da Nova Zelândia, Auckland não estava habituada a grandes congestionamentos. Os automobilistas, intrigados, baixavam os vidros e perguntavam aos manifestantes o que estava a acontecer. A curiosidade deles deve ter sido despertada quando lhes diziam que estava prestes a aparecer na Câmara Municipal algo muito próximo do próprio Satanás. Muitos estacionaram os carros, compraram bilhete e

entraram. Quando iniciei a minha apresentação, todos os lugares da sala estavam ocupados.

Ao longo de toda a noite tive consciência de ondas sonoras distantes enquanto os manifestantes no exterior cantavam hinos, entoavam cânticos e aparentemente tentavam exorcizar o edifício da minha influência.

Na manhã seguinte concedi uma entrevista radiofónica em direto a Gordon Dryden, da Radio Pacific. Perguntou-me o que pensava das pessoas que protestavam contra mim.

A minha resposta de então continua a corresponder à minha opinião atual. Não me importa o que as pessoas pensam nem me importa se acreditam ou não naquilo que faço. Contudo, condenar-me sem sequer me concederem a cortesia de ouvir as minhas ideias e assistir a uma das minhas demonstrações não é nem inteligente nem sensato. Teria mais respeito pelos opositores se primeiro escutassem aquilo que tenho para dizer.

Concluí com a observação provocatória de que a sua atitude cheirava a superstição medieval.

Imediatamente as linhas telefónicas da estação foram inundadas por chamadas de fundamentalistas ofendidos. Um jovem defensor da fé disse:

Estive na sua reunião ontem à noite. Sentei-me com dois amigos no fundo da sala, o mais longe possível de si. Passámos toda a noite a rezar para que os seus milagres não funcionassem e ficámos sem qualquer dúvida de que o senhor é obra do Diabo.

Formei uma imagem mental daquele jovem sentado com a Bíblia nos joelhos, folheando-a à procura de passagens adequadas para me citar capítulo e versículo.

Perguntei:

— Porque chama «milagres» às minhas curas se eu sou obra do Diabo?

Após alguns momentos de silêncio, respondeu:

— Vimos que estava vestido inteiramente de preto ontem à noite. Essa é a cor do Diabo.

Se tivesse estado mais perspicaz nessa manhã, teria perguntado com que frequência vira um padre vestir outra cor que não o preto.

Enfrentei oposição semelhante por parte de grupos religiosos em todo o mundo. Pela minha experiência, nem sequer as temperaturas negativas de um inverno sueco os dissuadem da sua missão, embora me tenha parecido injusto e desnecessário envolver bebés pequenos e levá-los para manifestações em condições tão rigorosas.

Um sentimento que permeia a literatura destes grupos é a intolerância para com os não crentes.

Não sou espiritualista nem subscrevo qualquer sistema formal de crença religiosa. Aos olhos dos fundamentalistas, esta ausência de credenciais cristãs parece, por si só, equivaler a alinhar com o Diabo. Se alguém não está com Cristo, presume-se automaticamente que está contra Ele, ou que é um veículo involuntário para afastar os inocentes de Deus e entregá-los às garras de Satanás.

Alguns meses depois da minha experiência na Nova Zelândia, li um folheto deixado por um membro da *Church of the Open Door*, depois de o grupo ter invadido uma das minhas reuniões na Califórnia. Essas pessoas tinham entrado de rompante na sala, de Bíblia na mão, e recusavam-se a sair até serem ameaçadas com a intervenção da polícia.

Esperava que o seu material me proporcionasse uma compreensão mais completa das razões pelas quais eles e outros grupos fundamentalistas se opõem tão fortemente ao que faço.

Segundo esse folheto:

Nem todas as fontes de poder, mesmo aquelas usadas para curar, são boas. Algumas são más.

E acrescentava:

Poder-se-á perguntar: «Mas como pode existir uma fonte maligna para curar pessoas?»

A resposta, segundo o texto, encontrava-se numa passagem de 2 Coríntios 11:14:

Pois o próprio Satanás disfarça-se de anjo de luz.

E eu, juntamente com outros descrentes, estaria «enganado» e teria a mente cegada por Satanás.

É preciso, afirmavam, seguir o conselho bíblico e pôr os espíritos à prova:

Amados, não acrediteis em todo o espírito, mas examinai os espíritos para ver se são de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo.

É pena que estas pessoas não sigam o próprio conselho e não apliquem o critério que a Bíblia lhes fornece.

Os espíritos, bons ou maus, identificam-se certamente pelas suas obras. Que outro meio temos nós, simples mortais, para os avaliar?

O grupo que fez o possível para perturbar a minha primeira reunião em Auckland esforçou-se ainda mais da segunda vez, tentando entrar à força na sessão. Os porteiros impediram-no, mas, como gesto de boa vontade, foram oferecidos bilhetes gratuitos a três dos seus membros.

Recusaram-nos.

Isso levou o gerente da sala a comentar:

Aquele jovem lá dentro está a fazer mais bem do que aquele grupo todo cá fora.

As pessoas comuns que me procuraram na Nova Zelândia pareciam beneficiar da cura que lhes proporcionava. Recebi inúmeros relatos de pessoas que tinham assistido às demonstrações públicas de cura e registado melhorias em problemas de mobilidade, como ombro congelado, dores nas costas e problemas da coluna vertebral.

Consegui também atender cerca de cem pessoas com problemas mais graves em sessões individuais.

Duas cartas agradaram-me particularmente:

Na terça-feira, 5 de junho de 1979, tive uma consulta consigo para receber cura. O meu principal problema era o cancro e também um ataque muito severo de zona, que se estendia à volta da cintura do lado esquerdo. Causava-me dores constantes. Sentia-me também extremamente sem energia e cansada, incapaz de trabalhar sem enorme esforço.

Depois da sessão senti-me muito relaxada, quase como se estivesse sedada. Voltei para casa e dormi cerca de duas horas. Quando acordei, descobri que a dor causada pela zona tinha desaparecido completamente. Nunca mais voltou.

Passados alguns dias percebi que tinha recuperado a energia e agora levo uma vida normal, sem aquele terrível cansaço. Essa vida normal inclui trabalhar quarenta horas por semana num emprego exigente.

Outra carta dizia:

Recebi cura sua na manhã de 11 de junho de 1979.

Antes da sessão tinha dores de cabeça, pescoço rígido, dores nas articulações das ancas, nos joelhos e na perna esquerda; estava extremamente irritadiça.

Não senti nada durante a cura até ao momento em que colocou as mãos junto do meu joelho esquerdo, que tem problemas reumáticos desde que me lembro. Senti como se uma agulha me tivesse atravessado o joelho; tive dificuldade em conter-me para não lhe dar um pontapé!

Depois, as dores de cabeça agravaram-se, mas ao longo do dia todas as dores e incómodos foram desaparecendo gradualmente.

Recebi um convite vindo de uma origem inesperada enquanto estava na Nova Zelândia.

Certa noite, ao regressar ao local onde me encontrava hospedado, disseram-me que alguém do Palácio de Buckingham tinha telefonado para falar comigo. Ri-me, convencido de que os meus anfitriões estavam a brincar, e fui deitar-me.

Na manhã seguinte saí como habitualmente. Quando regressei mais tarde, transmitiram-me exatamente a mesma mensagem. Desta vez, a pessoa do Palácio informara que voltaria a telefonar a determinada hora e pedira que eu estivesse disponível para atender.

Assim fiz.

Disseram-me que fora convidado para um jantar privado oferecido pelo Príncipe Filipe, a realizar-se em 10 de julho, no Palácio de Buckingham.

O jantar tinha, de certo modo, um tema específico e recebera o título de «Supernature».

Todos os presentes se interessavam pelo paranormal.

Entre os convidados encontravam-se Brian Inglis (jornalista e autor, entre outras obras, de *Natural and Supernatural* e *Fringe Medicine*), Sir Angus Ogilvy, Lyall Watson, John Hasted, Kit Pedler, Lord Buxton, Lord Zuckerman, Martin Israel e Sir John Whitmore.

À minha direita sentava-se Lord Mountbatten e à minha esquerda Sebastian de Ferranti, presidente da Ferranti Limited.

Perguntei-me se iria repetir a experiência que tivera com Lord Rothschild, mas Ferranti pareceu genuinamente interessado nas minhas capacidades.

Mountbatten falou longamente sobre reencarnação, na qual acreditava sem hesitação, e estava convencido de que a sua falecida esposa, Edwina, comunicara com ele após a morte. Cinco semanas depois seria assassinado pelo Irish Republican Army.

Um dos temas de conversa à mesa foi a possibilidade de a energia psicocinética poder ser utilizada de forma positiva. Falei-lhes da minha experiência com a cura.

Sir Angus Ogilvy estava particularmente bem informado e tinha ouvido falar das minhas experiências no Texas tanto com células cancerígenas como com células sanguíneas. Mostrou-se entusiasmado com as possibilidades e confiante de que os seus contactos com a BUPA e com o Imperial Cancer Research Fund, de que era presidente, poderiam ser úteis.

A intensidade do seu entusiasmo preocupava Brian Inglis, que receava que uma associação demasiado estreita a um esforço para promover a cura pudesse prejudicar a sua reputação.

Na realidade, aquilo que Ogilvy propunha era muito sensato: um estudo-piloto sobre a eficácia da cura envolvendo pessoas em vez de tubos de ensaio.

Como eu tivera êxito no tratamento tanto de células cancerígenas como de células sanguíneas, propus realizar cura direta em doentes com leucemia.

Ainda tinha presente a desilusão do caso Kmetz e confesso que duvidava que Ogilvy levasse realmente a proposta por diante.

Mas levou.

Um grupo de médicos, liderado pelo Professor Hobbs no Royal Free Hospital, começou a trabalhar na elaboração de um protocolo para o estudo.

Infelizmente, foi aí que tudo terminou.

Na qualidade de seguradora da profissão médica, a Medical Defence Union levantou objeções, alegando que o tema era «demasiado emotivo» — seja lá o que isso signifique — e que a imprensa sensacionalista faria um escândalo à custa dos médicos se tivesse conhecimento da história.

Como a MDU tomou conhecimento da experiência é um mistério. A minha opinião é que algum médico pouco simpático lhes deu a informação.

Naqueles tempos, podia contar-se com a profissão médica para demonstrar uma atitude que ia da falta de simpatia à hostilidade aberta relativamente a este tipo de trabalho.

Com os seus seguradores a desencorajá-los, os médicos retiraram o apoio e o projeto morreu.

Ainda assim, algo foi salvo dos destroços: uma experiência relacionada com dor intratável. A MDU não teve objeções a essa.

O tema da dor intratável talvez fosse particularmente importante para Ogilvy devido a um problema persistente de costas de que ele próprio sofria.

Tratei-o em várias ocasiões durante o estudo-piloto, por vezes nos escritórios da leiloeira Sotheby's, de cujo conselho de administração fazia parte.

Não consegui curá-lo, embora tenha manifestado gratidão por sentir «muito menos dor».

O Príncipe Filipe mostrou interesse em receber cura para um pulso que, segundo dizia, lhe causava problemas devido ao número de mãos que apertava. A sua paixão pelo polo era provavelmente uma explicação mais plausível.

Mais tarde, creio que a eletroacupunctura lhe proporcionou algum alívio.

A segunda proposta de Ogilvy recebeu o nome de Projeto Esculápio, em homenagem a Asclepius, filho de Apolo e Coronis e deus da cura na mitologia clássica.

Creio que foi a primeira experiência do género realizada na Grã-Bretanha.

Mais uma vez, o Professor Hobbs foi designado responsável pelo projeto.

Tinha uma atitude aberta relativamente à cura porque um doente seu com doença hepática melhorara após receber tratamento do célebre Harry Edwards.

Disse-me:

Como médico, simplesmente não consigo explicar o que aconteceu, mas nunca o esqueci.

O projeto foi financiado pela Fundação Koestler, criada por Arthur Koestler, Brian Inglis e o financista Instone Bloomfield.

A Fundação era única na sua missão: apoiar e financiar investigação sobre fenómenos que não se enquadravam numa estrutura científica convencional e que não podiam ser explicados em termos materialistas.

Oito doentes da Clínica da Dor do Royal Free participaram nesta experiência, que decorreu entre abril e setembro de 1980.

Foi-lhes dito que tinham 50% de probabilidade de receber cura da minha parte.

Eu era a única pessoa que sabia quais os doentes que estavam efetivamente a ser tratados.

Os resultados preliminares mostraram que os doentes que desejavam receber o tratamento e com os quais sentia ter estabelecido uma boa relação experimentavam menos dor e/ou conseguiam reduzir a medicação.

Isto acontecia independentemente de eu os tratar ou não.

Os médicos explicaram os resultados através da teoria da dissonância cognitiva, que significa, em termos gerais, que, por os doentes se sentirem envolvidos no tratamento, estariam mais inclinados a acreditar que este funcionava e, por isso, mais propensos a obter benefícios.

Esta tornou-se uma das formas preferidas da profissão médica para desvalorizar a cura.

Sempre que ouço essa explicação, lembro-me de um pequeno dachshund de pelo cerdoso chamado Barney, que deve contar-se entre os meus pacientes menos conscientes do que se passava.

Barney pertencia a Marguerite Otton, uma das minhas pacientes. Tal como outros dachshunds de tamanho normal, tinha uma coluna vertebral frágil devido à prática de cruzamentos seletivos destinados a produzir cães cada vez mais compridos, os chamados «cães salsicha».

Em março de 1985, Barney, então com sete anos, saltou de um muro e lesionou as costas de forma tão grave que ficou incontinente e completamente paralisado das patas traseiras.

Era suficientemente corajoso para insistir em deslocar-se, arrastando-se com a força das patas dianteiras.

Uma radiografia da coluna revelou, segundo o relatório veterinário, «uma protrusão discal de Classe 4 na junção toracolombar». A pressão exercida por essa protrusão sobre a medula espinal estava a provocar tanto a paralisia como a incontinência.

A gravidade dos danos era tal que o veterinário considerou Barney «um candidato inadequado para cirurgia de descompressão». Com pesar, aconselhou Marguerite a abatê-lo.

Ela ficou dilacerada entre o amor pelo cão e o sofrimento de o ver naquela condição.

Recordo-me de me telefonar para perguntar se poderia trazer Barney consigo para a sessão de cura seguinte, que, por sorte, estava marcada para o dia seguinte.

Ainda me lembro dessa sessão com bastante nitidez e consigo visualizar Barney deitado sobre uma toalha ao colo dela.

Marguerite tinha cancro na coluna vertebral e passei toda a sessão a dirigir a minha energia para essa zona do corpo. Não pensei em Barney nem coloquei as mãos sobre ele em momento algum.

No final da sessão, ela levou-o para casa ainda paralisado.

Quando desceu as escadas na manhã seguinte e entrou na cozinha, ficou espantada ao encontrar Barney a correr em círculos pela divisão, abanando a cauda.

Marcou imediatamente nova consulta com o veterinário para repetir as radiografias.

E, de facto, a coluna do cão já não apresentava qualquer lesão.

O veterinário ficou completamente perplexo e não tinha qualquer explicação para o sucedido.

Barney nunca mais voltou a sofrer problemas nas costas, como o próprio veterinário, G. J. G. Shawcross, confirmaria mais tarde numa carta que me enviou:

Tive oportunidade de observar Barney periodicamente até 25 de abril de 1988, data em que foi submetido a eutanásia devido a um problema sem qualquer relação com a lesão inicial.

Durante os três anos que se seguiram à minha avaliação inicial, as funções das patas traseiras e da bexiga recuperaram de forma praticamente perfeita.

Não se pode dizer que Barney tivesse fé na cura, nem aquilo que aconteceu pode ser explicado através do efeito placebo ou de fatores psicológicos.

O que ocorreu com Simon Acherman, uma criança autista de seis anos trazida até mim durante uma visita à Suíça em 1980, é igualmente difícil de explicar através da teoria da dissonância cognitiva.

A mãe da criança relatou:

Antes da cura, os olhos dele reviravam-se de forma incontrolável, não conseguia falar corretamente e raramente respondia a perguntas.

Após uma única sessão verificou-se um benefício imediato.

Os olhos deixaram de revirar-se e ele passou a conseguir focar o olhar.

Acompanhava as conversas e respondia às perguntas de forma inteligente.

Foi uma cura notável que surpreendeu até os terapeutas da criança.

Será que uma criança com problemas desta natureza beneficia exclusivamente devido a fatores psicológicos?

O Projeto Esculápio não foi uma iniciativa satisfatória do meu ponto de vista, porque a medida do sucesso era demasiado imprecisa.

A proposta inicial teria pelo menos permitido contar células sanguíneas.

A dor é um fenómeno subjetivo.

Não pode ser medida diretamente e os resultados do ensaio dependiam excessivamente dos próprios doentes.

Por exemplo, ocasionalmente um doente afirmava sentir-se melhor mas não refletia essa melhoria na chamada «escala da dor» que lhe era pedido preencher no final de cada semana.

Existiam ainda outros problemas associados à experiência.

Em alguns doentes, acreditava-se que a dependência de medicamentos fazia com que o consumo de fármacos não estivesse necessariamente relacionado com o nível de dor.

Noutros observava-se uma atitude mental fechada que, segundo se considerava, os impedia de fornecer uma avaliação fiável da dor após receberem tratamento de mim.

Não voltei a ser convidado para o Palácio desde aquele jantar de julho de 1979.

Não foi certamente por causa das minhas maneiras à mesa.

No final da refeição, um dos criados de libré trouxe uma enorme taça dourada cheia de fruta.

Como estava algo nervoso, não perdi tempo a escolher; enfiei simplesmente a mão no monte e retirei o que veio agarrado.

Quando olhei para o resultado, descobri horrorizado que tinha apanhado um punhado de cerejas.

Perguntei-me qual seria a forma correta de as comer num ambiente tão solene.

Tinha a certeza de que existiria algum protocolo relativo aos caroços.

Foi então que reparei que o Príncipe Filipe, sentado do outro lado da mesa, também tinha cerejas no prato.

Decidi observar o que fazia.

Para minha diversão, cuspia simplesmente os caroços diretamente da boca para o prato à sua frente.

«O meu método habitual é preferível a esse», pensei, e continuei a comer.

O Professor John Hasted foi um dos poucos convidados presentes naquela noite no Palácio de Buckingham que eu já conhecia.

Tinha realizado comigo, no início desse ano, um teste no Birkbeck College, no qual tentei influenciar a taxa de crescimento de bolores. Esse fora o último teste da série realizada sob os auspícios da Sociedade Londrina para a Investigação Psíquica.

Em 1980 cruzámo-nos novamente quando auxiliou o Professor Glen Rein numa série de experiências destinadas a avaliar se a energia psicocinética poderia afetar o metabolismo dos neurotransmissores e, em particular, a enzima monoamina oxidase (MAO).

Esta enzima era ainda relativamente desconhecida, tendo sido descoberta apenas recentemente, no início da década de 1970, por neuroquímicos norte-americanos no sangue e no cérebro.

Rein realizava investigação no Queen Charlotte's Hospital para descobrir por que razão as mulheres que sofrem de enxaquecas tendem a deixar de as ter durante a gravidez.

Estava a aprofundar uma observação feita pelos investigadores que tinham originalmente identificado a monoamina oxidase: poderia existir uma ligação entre os níveis de MAO no cérebro e as enxaquecas.

Esses investigadores observaram que os níveis da enzima diminuíam imediatamente antes do início de uma crise.

Contudo, não sabiam se a enxaqueca provocava a diminuição da enzima ou se a diminuição da enzima provocava a enxaqueca.

Rein tinha um interesse pessoal pela cura e queria descobrir se esta poderia influenciar a MAO.

Raciocinava que, se fosse possível demonstrar uma influência sobre a enzima num tubo de ensaio, então a cura deveria ser capaz de aliviar pessoas que sofrem efetivamente de enxaquecas.

Foi-me pedido que tentasse aumentar a atividade da enzima.

Segundo Rein, isso seria mais difícil do que obter o efeito contrário porque:

é provavelmente mais fácil provocar uma alteração (negativa) na direção em que o sistema já está a evoluir, por exemplo aumentar a degradação.

Os resultados desta experiência revelaram-se difíceis de explicar.

Após receber cura da minha parte, a enzima aumentava ou diminuía a sua atividade em até 40 por cento.

Em nove ensaios a atividade aumentou (em alguns casos quadruplicando), em sete diminuiu e em dois não ocorreu qualquer alteração relativamente aos tubos de controlo que não tratei.

Rein considerou «notável» que eu fosse capaz de inverter a tendência natural do sistema.

Glen Rein era um cientista muito invulgar.

Cheguei à conclusão de que o seu principal objetivo ao realizar a experiência comigo era aprender a desenvolver-se ele próprio como curador.

Possuía ideias muito fortes acerca das qualidades necessárias à cura e impunha a si mesmo uma longa lista de proibições.

Tudo aquilo que pudesse perturbar o sistema nervoso estava proibido: álcool, tabaco, substâncias ilícitas e muitos alimentos excluídos da dieta vegan estrita que seguia.

Durante a pausa para almoço utilizava sempre dois ionizadores para purificar o ar do laboratório, porque acreditava que os iões adequados poderiam melhorar os resultados.

Trazia igualmente os seus próprios almoços de comida macrobiótica.

Eu costumava dirigir-me a um pub próximo para beber uma caneca de cerveja.

Certo dia esqueceu-se do almoço e sugeri, em parte a brincar, que viesse comigo.

O semblante dele caiu quando lhe disse onde costumava ir.

Não sei se ficou desapontado comigo ou se simplesmente lhe apresentei um dilema inesperado. Talvez desejasse a minha companhia mas receasse que atravessar a porta de um pub colocasse em risco o sonho de se tornar curador.

Tentei facilitar-lhe a decisão, explicando que poderia beber água engarrafada ou um refrigerante e comer uma sanduíche.

Muito relutantemente, aceitou acompanhar-me.

No pub pedi uma caneca de Guinness e sentei-me à mesa onde ele estava.

Olhou para a cerveja com desaprovação, mas não disse nada.

O dia estava muito quente e pouco depois fui buscar uma segunda caneca.

Quando regressei e a coloquei sobre a mesa, já não conseguiu conter-se:

— Não vai beber essa também, pois não?

Respondi:

— Claro que não a vou deixar aqui. Acabei de a comprar.

— Mas vai estragar as experiências. Não vai conseguir fazer nada.

Não tive coragem de lhe dizer que aquele almoço não era diferente dos outros e que, em todos os dias anteriores das experiências, regressara ao laboratório reforçado por duas boas canecas de Guinness.

Mais tarde, quando analisou os resultados, tornou-se evidente que todas as experiências realizadas à tarde tinham produzido resultados estatisticamente mais significativos do que as efetuadas de manhã.

Ao contrário do que ele imaginara, a Guinness ajudara claramente o meu desempenho, provavelmente porque me relaxara.

Além do Projeto Esculápio, daquela noite em Buckingham Palace resultou ainda outra experiência.

Fui convidado a participar num programa apresentado pelo Dr. Kit Pedler para verificar se conseguiria reproduzir a experiência com células cancerígenas realizada com Kmetz.

Pedler era uma espécie de guarda-caça convertido em caçador furtivo, na medida em que pertencera ao establishment médico e abandonara a carreira de neurocirurgião para se dedicar à medicina alternativa e ao estudo da influência da mente sobre a matéria em questões de saúde.

Não sabia que diferença a presença das câmaras de televisão poderia introduzir na dinâmica daquilo que tentava fazer.

Não compreendia plenamente como funcionavam as minhas capacidades de cura nem por que razão não podiam ser bem-sucedidas cem por cento das vezes.

Mesmo assim, estava a expor-me da forma mais pública imaginável.

Sentia que não tinha alternativa.

Queria demonstrar que as experiências de Kmetz não tinham sido falhadas e que a cura possuía validade em termos compreensíveis tanto para pessoas comuns como para cientistas.

A atitude de Kit Pedler ajudou a criar uma atmosfera positiva naquele ambiente extremamente artificial e, durante a experiência, consegui esquecer onde me encontrava.

Foram novamente utilizadas células cancerígenas cervicais HeLa, colocadas em três frascos de plástico.

Tentei influenciar um dos frascos.

O Dr. Pedler, que afirmava não possuir quaisquer capacidades de cura, tentou fazer o mesmo com outro.

O terceiro não recebeu tratamento de nenhum de nós.

Sob o brilho intenso das luzes de televisão, tentei curar as células.

Depois da experiência, o conteúdo dos três frascos foi analisado através de um eletroespectrógrafo e o Dr. Pedler apresentou os resultados.

As leituras do frasco tratado por Pedler e do frasco de controlo eram idênticas dentro da margem de erro experimental.

O número de células mortas no frasco exposto a mim era 20 por cento superior ao dos outros dois frascos, facto que, como observou Pedler na altura,

tende a confirmar aquilo que foi obtido em 27 das 30 experiências realizadas na América.

Esta experiência marcou o fim da minha relação com tubos de ensaio.

Deixaram de me parecer importantes.

Já tinha demonstrado tudo aquilo que era capaz de demonstrar através deles.

Uma das certezas que retirei da experiência sobre dor intratável realizada no Royal Free Hospital é que a cura é uma atividade de duas vias, na qual o paciente participa.

Essa participação pode ocorrer a um nível que a pessoa não compreende plenamente ou do qual nem sequer tem consciência.

Pode acontecer que aqueles pacientes a quem eu aparentemente não estava a dar tratamento, mas que desejavam receber cura, estivessem na realidade a curar-se a si próprios.

Se, como acredito, cada um de nós possui capacidades inatas de cura, então segue-se que elas podem ser utilizadas para nos manter saudáveis e para ajudar a ultrapassar problemas específicos de saúde.

Não é necessário acreditar na cura para que ela funcione.

Contudo, é essencial possuir um forte desejo de melhorar.

Um estado mental positivo é uma poderosa ferramenta de cura e uma que utilizo constantemente.

Quando pratico cura, espero obter bons resultados.

Espero que as pessoas que trato sejam parceiras ativas no processo.

Quando comecei a realizar curas, esta era uma ideia nova que exigia alguma assimilação.

Muitas das pessoas que me procuravam estavam habituadas a ser recetoras passivas de «cuidados de saúde».

Uma das primeiras «mensagens» que recebi foi:

Tu és o teu melhor curador.

Este tornou-se um dos temas centrais de muitas das minhas palestras e demonstrações.

Ensinava técnicas simples de meditação e visualização para habituar as pessoas a esta forma de trabalho.

Rapidamente começaram a dizer-me como essas técnicas lhes eram úteis e pareceu-me uma boa ideia gravá-las em cassete para que pudessem criar um ambiente de cura nas próprias casas.

Uma cassete intitulada *Healing and Self-healing* («Cura e Autocura») foi a primeira de muitas.

A sua produção obrigou-me a enfrentar um problema que vinha tentando ignorar havia vários anos.

As cassetes áudio eram a única forma de suporte não abrangida pelo contrato que eu assinara com a empresa de Peter Bander, a Van Duren Publications, pouco antes da publicação de *The Link*. Em tudo o resto, parecia estar preso para toda a vida, com a Van Duren legalmente habilitada a receber metade dos rendimentos provenientes de qualquer trabalho futuro em televisão, direitos cinematográficos, livros ou artigos.

Assinei aquele contrato às cegas, sem beneficiar de aconselhamento jurídico independente. O meu pai tinha analisado o contrato original com a Colin Smythe Limited e creio que ambos presumimos que os termos do segundo contrato seriam idênticos, exceto pela alteração do nome da empresa.

Brian Inglis instou-me a fazer alguma coisa em relação ao contrato.

Anteriormente já me incentivara a afastar-me de Peter Bander e a construir a minha própria carreira. Tinha razão nessa altura e eu sabia que também a tinha agora.

O seu argumento era irrefutável: poderia encontrar-me numa situação em que fosse obrigado a entregar dinheiro que ganhara pelos

meus próprios esforços, sem qualquer ajuda de Bander. Se tivesse sucesso, Bander certamente apareceria para reclamar a sua parte.

Além do apoio inestimável de Brian, tive a sorte de contar com a amizade de Instone Bloomfield. Como financista de alto nível, lidar com dinheiro e compreender o seu funcionamento fazia parte da sua profissão. A nível pessoal, tinha um profundo interesse pela investigação psíquica e pela espiritualidade.

Nunca tive grande talento para os negócios e esse não era tema habitual das muitas conversas que mantínhamos. Tal como Brian, que era um amigo próximo, interessava-se de forma benevolente por mim e pelo que fazia. Esse apoio estendia-se desde conselhos amistosos até ao financiamento das experiências com a SPR. Sabia o quanto essas experiências eram importantes para mim e, com algumas assinaturas, tornara-as possíveis.

Não demonstrou qualquer surpresa quando lhe falei do contrato.

Pareceu apenas confirmar os seus piores receios.

Até ao momento em que rompi com Bander, estava preocupado com a forma como os meus interesses comerciais estavam a ser geridos.

Depois de estudar o contrato, Bloomfield disse-me que teria de recorrer aos tribunais se quisesse libertar-me dele.

O meu coração afundou-se.

Precisamente porque não queria envolver-me numa disputa judicial é que vinha adiando qualquer ação relativamente ao contrato.

Então disse:

— Se quiser processar Bander, eu apoio-o. Se ganhar, ótimo. Se perder, não importa. Não quero o dinheiro de volta.

Durante os meses necessários para preparar o processo contra Bander surgiram informações inquietantes.

Um diretor que assinara o contrato de *In the Minds of Millions* em nome da W. H. Allen informou-me de que a sua empresa comprara à Van Duren os direitos mundiais da obra, confiando no sucesso de *The Link*, e sofrera pesadas perdas quando as vendas ficaram muito aquém das expectativas altamente promovidas.

A história que Peter Bander me contara na altura era que apenas vendera os direitos para o Reino Unido.

Pouco depois da assinatura desse contrato, Bander comprou outra casa em Gerrards Cross.

Nunca vi a diferença entre as quantias recebidas pela Van Duren pelos direitos britânicos e pelos direitos mundiais.

Estou convencido de que esse valor excedeu largamente as 1.500 libras que me foram entregues.

Descobri também que a Van Duren era uma editora pouco habitual, deduzindo da minha parte todos os custos de funcionamento e despesas da empresa.

Essas deduções eram substanciais e reduziam significativamente a minha aparentemente confortável participação de 60 por cento.

Bander combateu o processo até ao fim.

Na véspera de o caso chegar ao Supremo Tribunal, em 1982, o cantor Gilbert O'Sullivan venceu a sua ação contra o empresário Gordon Mills com base num contrato praticamente idêntico.

Nesse caso, o juiz comentou que o cantor fora «comprado a preço de saldo».

Ao que parecia, também eu.

Poucas horas após essa decisão judicial, Bander chegou a acordo extrajudicialmente e fui libertado de todos os vínculos contratuais.

Não queria nada de Bander.

Queria apenas a minha liberdade.

Os Estados Unidos eram o único lugar para onde eu fugia repetidamente enquanto este drama jurídico se desenrolava.

Havia sempre cidades que ainda não visitara ou que desejavam receber-me novamente.

As minhas oportunidades na América ampliaram-se ainda mais quando fui acolhido pela organização Silva Mind Control.

Essa oportunidade surgiu através de Gerry Seavey, que organizara muitas das minhas primeiras digressões norte-americanas e era instrutor do Método Silva, um sistema que ensina as pessoas a desenvolver capacidades mentais dinâmicas através de técnicas de gestão do stress e relaxamento profundo.

O curso fora criado por José Silva, engenheiro eletrónico de Laredo, Texas, em 1966, após vinte anos de investigação.

O seu método ensina as pessoas a criar equilíbrio entre os hemisférios direito e esquerdo do cérebro e, através desse equilíbrio, a tornarem-se mais bem-sucedidas em todas as áreas da vida.

O Método Silva foi frequentemente descrito como um curso de pensamento positivo, mas o próprio Silva afirmava que as suas técnicas eram holísticas e que o objetivo era formar seres positivos, e não apenas pensadores positivos.

Essencialmente, a sua mensagem era aquela com que a maioria das pessoas inteligentes concordaria: funcionamos melhor a todos os níveis quando estamos completamente relaxados, tanto mental como fisicamente.

Quando tomei conhecimento do Método Silva, este já estava estabelecido como pioneiro ocidental dos programas de desenvolvimento mental, com vários milhões de diplomados.

Representantes da Silva Mind Control convidaram-me a realizar seminários sobre desenvolvimento psíquico, uma capacidade que consideravam essencial para uma melhor consciência e tomada de decisões.

Embora eu nunca tivesse frequentado o curso, a organização aceitou-me como um dos seus porque existia uma enorme sobreposição entre os nossos conteúdos.

Aquilo que eu fazia complementava o Método Silva, pois parecia confirmar os ensinamentos de José Silva e levar as pessoas um passo além do chamado Curso de Diplomados.

A vasta lista de contactos da organização garantia-me audiências de centenas de pessoas em qualquer local onde aparecesse sob a bandeira Silva.

Até alguns clubes noturnos norte-americanos promoviam cursos Silva para aumentar as receitas.

Um proprietário de clubes em Denver conseguira triplicar o volume de negócios e planeava repetir a experiência num estabelecimento que possuía nas Montanhas Rochosas.

Convidou-me para realizar ali uma demonstração de cura, o que aceitei.

Nem os homens das montanhas que haviam feito daquela região o seu domínio durante a formação da identidade dos Estados Unidos teriam constituído uma audiência mais difícil de conquistar.

A organização Silva permitiu-me alcançar um público mais vasto do que nunca e, graças ao seu apoio, o meu nome e o meu rosto tornaram-se cada vez mais conhecidos nos Estados Unidos.

Fiquei satisfeito quando o próprio José Silva me perguntou se gostaria de dar palestras e demonstrações de cura no Rio de Janeiro em agosto de 1980.

Encarei essa viagem como uma experiência de aprendizagem.

A ideia de visitar a América do Sul — e especialmente o Brasil — entusiasmava-me, porque o país possui uma longa tradição de cura.

Poder-se-ia dizer que a alma espiritual brasileira se encontra dividida entre o catolicismo romano, religião predominante, e as crenças animistas das populações indígenas.

A atitude perante a cura é de aceitação.

No Brasil existe uma espécie de aliança entre a Igreja e os curandeiros tradicionais, com cada lado a reconhecer o valor da contribuição do outro.

Senti-me um pouco presunçoso ao levar a minha modesta experiência para essa espécie de Meca da cura e da cirurgia psíquica.

Fiquei impressionado com a generosidade e com a disponibilidade com que fui recebido.

Cerca de duas mil pessoas compareceram para me ver, uma das maiores audiências que alguma vez tivera.

A demonstração correu muito bem: pessoas que não conseguiam dobrar-se havia anos tocavam nos próprios pés e afirmavam estar livres de dor.

Quando os efeitos da cura se tornaram evidentes para a assistência, instalou-se uma verdadeira comoção.

Nunca tinha sido alvo de tamanho entusiasmo.

Era tanto que chegava a assustar.

As pessoas avançavam para o palco tentando alcançar-me.

Consegui sair antes que me rasgassem a roupa e acabei por refugiar-me no hotel.

Durante três dias tornei-me praticamente um prisioneiro, enquanto sucessivas vagas de pessoas desejosas de me ver enchiam o átrio.

Algumas chegaram mesmo a tentar subir até ao meu quarto.

Por fim dispersaram e pude voltar a ter paz, mas foi uma das poucas ocasiões em que me senti verdadeiramente em perigo.

Depois do Brasil regressei à Nova Zelândia para orientar seminários sobre cura.

Tal como na visita anterior, reservei tempo para atender pessoas individualmente.

Entre elas encontrava-se Leo Ross Forbes.

Tinha apenas quarenta e cinco anos e sofria tanto de artrite como da doença de Huntington, uma enfermidade hereditária caracterizada por movimentos musculares involuntários, progressivos e crónicos, acompanhados de demência.

A causa da doença é desconhecida e, segundo os manuais da medicina convencional, não existe tratamento eficaz.

O equilíbrio de Leo estava afetado e tinha grande dificuldade em caminhar em linha reta.

Após receber cura, escreveu-me:

Nunca tinha confiança nos meus passos. Durante os três anos anteriores perdera completamente o olfato e o paladar.

Depois do primeiro tratamento consigo, o meu corpo inteiro ficou percorrido, dia e noite, por um calor maravilhoso e, apesar de ser pleno inverno, deixei de precisar do cobertor elétrico que usava todas as noites havia dois meses.

Imediatamente desapareceram 70 por cento das minhas dores artríticas.

A doença de Huntington melhorou logo.

Passei a caminhar com muito mais firmeza e recuperei cerca de 80 por cento do olfato de forma súbita.

Pela primeira vez em três anos consegui saborear os alimentos.

Depois do terceiro tratamento melhorei ainda mais.

A doença de Huntington, que me causava tantos problemas, praticamente desapareceu.

Consigo falar com maior facilidade e a artrite melhorou 90 por cento.

Já não me arrasto por aí.

Estou cheio de energia.

Mudou completamente a minha vida.

Sinto-me maravilhosamente bem.

A vida voltou a ser bela.

Os suíços receberam-me com muito mais reserva quando percorri o país durante um mês, no verão de 1980, realizando demonstrações públicas em Zurique, Lugano, Berna, Lucerna e Stans.

Entre as várias crianças levadas até mim por pais desesperados encontrava-se Claude Fontana, de oito anos, que sofria de incontinência urinária permanente, tanto de dia como de noite.

Após um único tratamento, o problema desapareceu.

Heinz Suter, um executivo muito ocupado, na casa dos quarenta anos, residente em Oberentfelden, Aarau, escreveu-me em abril de 1981 sobre a experiência que tivera ao assistir a uma das minhas demonstrações.

Em outubro de 1979 consultara o médico de família devido a dores contínuas e cólicas intestinais.

O médico descobrira uma fissura provocada por uma massa tumoral e encaminhara-o para um especialista.

Heinz foi informado de que o crescimento era maligno e de que uma cirurgia de grande porte era a única opção aconselhável.

Não gostou da perspetiva e, apesar das dores e de uma febre quase constante, tentou continuar a viver da forma mais normal possível.

Foi então que soube que eu realizaria um seminário em Zurique e marcou uma consulta.

Escreveu:

Recebi a cura ao meio-dia e, dezoito horas depois, já não tinha dores.

Em abril do ano seguinte reuni coragem para regressar ao especialista para uma nova avaliação.

Não foi encontrado qualquer vestígio da fissura nem da massa tumoral no intestino.

Depois dessa cura súbita e inesperada, recebi uma nova perspetiva sobre a vida.

Recebi algo de muito precioso.

Seis meses após a digressão suíça, a revista alemã *Esotera* convidou-me para realizar palestras e demonstrações em Munique, Friburgo, Karlsruhe, Estugarda, Düsseldorf e Bremen.

Médicos e jornalistas encontravam-se entre as 450 pessoas que compareceram ao primeiro encontro, no Hotel Penta, em Munique.

As minhas experiências durante a década de 1970 ensinaram-me que os meios de comunicação alemães estão entre os mais céticos da Europa, pelo que esperava uma cobertura negativa.

Entre os voluntários que tratei encontravam-se uma jovem que estava surda do ouvido esquerdo havia três meses e Lisa, de sessenta e dois anos, incapaz de levantar os braços devido à artrite.

Após a cura, a jovem voltou a ouvir o tilintar de moedas e o estalar de unhas a alguma distância do ouvido.

A audição ainda não estava totalmente restabelecida, mas tinha melhorado significativamente.

Um dos médicos presentes descreveu esse resultado espontâneo como «espantoso».

No final da sua sessão comigo, Lisa declarou sentir como se todo o corpo tivesse sido harmonizado.

Em seguida levantou os dois braços acima da cabeça e exclamou:

Funcionam outra vez!

Na manhã seguinte, o jornal diário alemão *Bild-Zeitung* descreveu as curas como milagres e citou um dos médicos que testemunhara os resultados. Foi identificado apenas como Dr. Hans Christian Sch., para proteger a sua reputação.

Os médicos e cientistas convencionais ainda não estão suficientemente abertos às possibilidades deste tipo de cura,

declarou.

Ficou tão impressionado com o que viu que mais tarde veio observar-me tratar 26 pessoas em consultas privadas.

Outros médicos eminentes que se deram a conhecer durante essa viagem manifestaram preocupações semelhantes relativamente à atitude de muitos dos seus colegas.

Em Estugarda, um especialista em cancro, o Professor Heinkel, convidou-me a visitar o seu laboratório de investigação, onde conversámos sobre cura.

Acreditava que muitos médicos precisavam de aprender a relacionar-se com os doentes como seres humanos.

Na sua opinião, existia uma tendência para encarar os doentes da mesma forma que se encara um automóvel avariado.

Depois da reportagem no *Bild-Zeitung*, fiquei praticamente cercado no hotel.

Atendi tantas pessoas quantas consegui no pouco tempo de que dispunha.

Pouco antes de deixar a Baviera recebi um aviso de que corria o risco de ser detido.

Não levei o aviso muito a sério.

Ia partir para Friburgo, no estado vizinho de Baden-Württemberg, e estava concentrado em incentivar os médicos que começavam agora a observar o meu trabalho a examinarem os doentes antes e depois das sessões de cura.

Dois dos médicos presentes na minha primeira demonstração em Friburgo confirmaram que os braços de Friedrich Landenberger estavam bloqueados e que a osteoartrite de que sofria há anos o impedia de os elevar acima da altura dos ombros.

Após o tratamento, a dor desapareceu e conseguiu levantar os braços acima da cabeça.

Estavam presentes para testemunhar e registar a cena numerosos jornalistas e fotógrafos.

Posteriormente, fotografias de «antes» e «depois» do Sr. Landenberger apareceram em revistas de toda a Europa.

A cura mais dramática dessa ocasião envolveu a Sra. Ripprich, esposa de um dos médicos presentes.

O Dr. Ripprich explicou à assistência que a mulher lesionara o cotovelo direito mais de um ano antes e era incapaz de estender completamente o braço; qualquer tentativa de o fazer provocava-lhe dores consideráveis.

Outro médico foi convidado a examiná-la antes de eu iniciar a cura.

Após cinco minutos de tratamento, a Sra. Ripprich conseguia estender o braço sem qualquer dor.

Manfred Seng, de Fulda, foi uma das pessoas que tratei em privado durante a minha permanência em Friburgo.

Na segunda metade de 1980 desenvolvera uma tosse persistente que não respondia a nenhum dos medicamentos prescritos pelo médico.

Após três meses, os sintomas passaram também a incluir perda acentuada de peso e suores noturnos.

Em abril de 1981 foi enviado para o hospital local para realizar exames.

Esses exames revelaram um tumor entre o coração e o pulmão que, segundo Manfred, tinha «o tamanho da cabeça de uma criança».

Além deste linfoma de Hodgkin de crescimento rápido, foi encontrado outro tumor no fígado.

Também desenvolvera icterícia.

O médico responsável deu-lhe poucas esperanças:

Veio falar comigo, na presença de outros doentes, e disse-me que eu podia consultar dez outros professores, mas todos me diriam a mesma coisa: não chegaria ao final do ano. Fiquei completamente desanimado.

Manfred foi encaminhado para o Professor Mussow, em Baden-Baden, um importante especialista em cancro, que imediatamente lhe reservou uma cama na Clínica Universitária de Friburgo.

Quando tratei Manfred pela primeira vez, ele não tinha apetite, tossia constantemente e os suores noturnos eram tão intensos que o colchão precisava de ser mudado regularmente.

Disseram-lhe que o cancro já se encontrava numa fase secundária.

Mais tarde escreveu-me:

Depois das primeiras sessões consigo, as coisas começaram a melhorar. O apetite voltou e até consegui tomar o pequeno-almoço com os outros doentes da enfermaria. Os médicos ficaram muito surpreendidos.

Um ano mais tarde, Manfred continuava vivo e, segundo as suas palavras,

tudo o que os médicos conseguem fazer é admirar-se com a minha grande melhoria.

Tratei-o mais duas ou três vezes, em 1982, até sentir que já não necessitava da minha ajuda.

Em 1984 enviou-me a mãe, Regina, depois de lhe terem diagnosticado pólipos malignos no cólon.

Recebeu várias sessões de cura em Inglaterra antes de ser submetida a cirurgia em Colónia.

O cirurgião ficou surpreendido quando não encontrou quaisquer vestígios de malignidade.

Manfred recuperou completamente e, mais de dez anos depois, assegurou-me que continuava saudável e em boa forma.

À data em que escrevo estas linhas, continua a encaminhar-me pacientes.

A última etapa da minha digressão foi o estado-cidade de Bremen, no norte da Alemanha.

Representantes de uma das maiores agências noticiosas alemãs compareceram à demonstração, acompanhados por cinco médicos convidados a atuar como testemunhas.

Um deles, o reputado cirurgião ortopédico Dr. Thomas Hansen, ficou particularmente impressionado com o efeito da cura numa doente que sofria de artrite no ombro.

No dia seguinte informou que o espanto causado por vê-la mover o braço sem dor em todas as direções o impedira de dormir durante toda a noite.

Explicou que o tratamento ortodoxo teria exigido anestesia para permitir a mobilização do braço — algo que comparou a «partir betão» — seguida de várias semanas de fisioterapia para restaurar totalmente o movimento.

E, no entanto, Matthew Manning consegue isto em dez minutos,

exclamou.

Várias pessoas que tratei em privado em Bremen foram-me enviadas pelos próprios médicos.

Regressei a casa satisfeito por a viagem ter corrido tão bem e por ter sido convidado a voltar.

Não fazia ideia de que passara a ser uma pessoa marcada aos olhos das autoridades alemãs.

Naqueles tempos levava a cura a qualquer país onde surgisse uma oportunidade.

Não me preocupava em investigar a legislação local.

Se as pessoas me convidavam, eu ia.

Na Grã-Bretanha temos leis que nos dizem o que não podemos fazer.

Na Alemanha, ao que parece, as leis dizem às pessoas o que podem fazer.

Não existe uma lei que legalize a cura e, por isso, esta é considerada ilegal.

Existem curadores na Alemanha, mas trabalham de forma muito discreta para não chamar a atenção das autoridades.

Quando voltei a aterrar em Munique alguns meses depois, o organizador da palestra informou-me de um desenvolvimento preocupante.

Um médico simpatizante avisara-o de que eu não deveria realizar qualquer demonstração pública de cura porque as autoridades me estavam a vigiar.

Durante a palestra tornou-se evidente quem eram os seus agentes.

Enquanto eu falava sobre autocura, relaxamento e meditação, a minha atenção era constantemente atraída para três homens na assistência.

Era óbvio que não estavam particularmente interessados na apresentação.

Mostravam ceticismo, cochichavam entre si e tomavam notas.

No final da sessão examinaram cuidadosamente os folhetos e cassetes expostos e aproximaram-se de mim e do organizador para se apresentarem.

Um era médico, outro polícia e o terceiro funcionário governamental.

Nada do que tinham testemunhado violava a legislação alemã.

Contudo, deixaram absolutamente claro que, se eu tivesse sequer colocado as mãos sobre alguém, os documentos transportados pelo funcionário governamental teriam sido imediatamente entregues e eu teria sido detido por exercer medicina sem licença.

Se tivesse realizado um simples curso de um ano na Alemanha e obtido um certificado de *Heilpraktiker* (praticante de saúde), estaria protegido contra qualquer acusação.

Na Grã-Bretanha, o equivalente mais próximo é um naturopata.

O *Heilpraktiker* recebe formação em minerais, vitaminas e ervas medicinais.

Nada disso tem relação com o tipo de cura que pratico — mas os alemães parecem precisar dos seus certificados e de encaixar todas as pessoas em categorias bem definidas.

Depois desta experiência tornou-se muito difícil trabalhar abertamente na Alemanha.

Onde quer que fosse sentia-me sob ameaça constante, sempre a olhar por cima do ombro para verificar se estava a ser observado.

Com o tempo, o mesmo sentimento de inquietação e cautela acompanhou-me também em França, onde a cura é igualmente ilegal.

Encorajado pelo sucesso da minha primeira visita, continuei a realizar demonstrações públicas até se tornar evidente que persistir me colocaria em conflito com as autoridades.

Na minha última visita fui obrigado a abandonar o país mais cedo do que planeava para evitar ser detido pela polícia.

Felizmente, nem as autoridades alemãs nem as francesas podiam impedir os seus cidadãos de votarem com os pés e deslocarem-se a Inglaterra para receber tratamento comigo.

Para aumentar ainda mais a incerteza, descobri que existe uma diferença entre as leis e a atitude perante as leis.

A cura é tecnicamente ilegal na Suíça, mas nunca tive qualquer problema com as autoridades suíças.

Os suíços são frequentemente retratados como pessoas conformistas, meticulosas e reguladoras.

Contudo, quando se trata de cura, até os seus funcionários mostram tolerância e descontração.

Na Grã-Bretanha a cura é legal há mais de cinquenta anos e, antes disso, possuía uma longa tradição.

Por isso, era algo irónico que, de todos os países onde trabalhara como curador, fosse precisamente aqui que eu tivesse mais dificuldade em afirmar a minha credibilidade.

Atribuía essa situação à forma como estava a trabalhar.

Tanto Charles como Win eram aquilo a que chamo espiritualistas de music-hall, e muitos dos locais onde atuávamos em conjunto atraíam pessoas habituadas a frequentar os «serviços» das Igrejas Espiritualistas.

Do palco eu observava filas de pessoas idosas, muitas das quais viam a cura como algo realizado nelas por agentes do «outro lado», atuando através do curador.

Tinham ideias completamente fixas acerca da natureza da cura e dos seus processos.

Eu próprio não tinha a certeza absoluta de como funcionava.

Eles, pelo contrário, não tinham qualquer dúvida.

Alguns irritavam-se profundamente quando eu tentava transmitir as minhas ideias sobre autocura e sobre a importância de integrar a cura na vida quotidiana.

A preocupação ambiental, o desenvolvimento da consciência, a meditação e a visualização criativa eram irrelevantes para eles e para a sua conceção de cura.

Recordo-me de um dos meus primeiros seminários, quando um homem idoso se levantou com dificuldade, agitou a bengala na minha direção e gritou:

Limita-te à cura, rapaz!

Essa era a mensagem desanimadora que recebia de todos os lados.

Grande parte do problema podia ser atribuída ao fosso geracional entre mim e as pessoas que assistiam às demonstrações públicas.

Sentia uma atmosfera de anacronismo, uma incapacidade de considerar algo diferente devido a uma ligação quase umbilical ao que já era conhecido e compreendido.

Era um mundo completamente diferente daquele que encontrava nos Estados Unidos e na Europa continental, onde atraía verdadeiras amostras representativas das comunidades que visitava.

Por mais afetuosos que fossem, Win e Charles estavam satisfeitos por continuar no caminho que tinham traçado anos antes.

Eu não.

O meu caminho tinha de alcançar o público mais vasto possível.

Conheci Graham Wilson em 1978, quando me convidou para discursar no seu Festival da Mente, Corpo e Espírito, em Londres.

Graham era um pioneiro.

O seu objetivo era trazer para a corrente principal da sociedade as alternativas de estilo de vida apresentadas no Festival, deixando de as restringir a pequenos círculos.

Éramos espíritos afins.

Sempre se interessara por estilos de vida alternativos e trabalhara extensamente nos Estados Unidos em programas de desenvolvimento pessoal.

Quando decidi seguir sozinho, sem Win nem Charles, Graham foi a primeira pessoa com quem discuti as minhas opções.

Queria reproduzir na Grã-Bretanha o sucesso das minhas digressões pelos Estados Unidos, Nova Zelândia, Alemanha e outros países.

Juntos organizámos uma tournée de palestras e demonstrações que passaria por onze cidades britânicas em julho de 1981.

Éramos parceiros em partes iguais, comprometendo-nos a dividir lucros e prejuízos.

Como pretendia atrair um público mais jovem e diversificado, decidi «embalar» melhor a minha imagem e dar uma nova energia às apresentações.

Não queria que ninguém me confundisse com aquele tímido e ingénuo «Rapaz Poltergeist».

Seria uma cura de estilo novo, e não simplesmente *new age*.

A apresentação incluiria um grande cenário decorado em tons de azul, um fundo onde seriam projetados diapositivos atmosféricos e música dos Pink Floyd a ecoar pelos altifalantes.

Era bastante teatral, bastante diferente e claramente não concebida para atrair os habituais frequentadores das Igrejas Espiritualistas.

O primeiro local foi o Centro de Exposições Olympia, em Londres, onde realizei uma demonstração integrada no Festival da Mente, Corpo e Espírito de Graham. Era uma boa forma de obter publicidade para a digressão, que só começaria verdadeiramente a 8 de julho.

Entre as várias pessoas que selecionei para tratamento encontrava-se Colin Maitland, personalidade da BBC Radio London. Tinha perdido o olfato dezasseis anos antes em consequência de uma fratura craniana sofrida num acidente. Consultara especialistas em Harley Street sem qualquer sucesso.

Fiz-lhe uma sessão de cura durante alguns minutos e depois entreguei-lhe três pequenos frascos para verificar se conseguia distinguir os respetivos conteúdos pelo cheiro.

Não reagiu quando cheirou os dois primeiros frascos, um contendo loção pós-barba e o outro sais aromáticos diluídos.

Mas, quando aspirou o conteúdo do terceiro frasco, recuou bruscamente e fez uma careta.

Minutos depois de abandonar o palco ainda conseguia sentir o cheiro do álcool metilado contido nesse frasco.

Estava convencido de que poderia ajudar Colin ainda mais e, quando o jornal *News of the World* manifestou interesse em organizar uma experiência para testar os meus poderes de cura, sugeri que ele fosse incluído entre as doze pessoas que o jornal pretendia selecionar.

Cada uma dessas doze pessoas teria duas sessões privadas de cura comigo.

O jornal providenciou a presença de dois médicos para testemunharem os tratamentos e comentarem os resultados.

No final das nossas sessões, Colin já conseguia sentir o cheiro do vinagre e dos sais aromáticos.

Len Shorter, residente em Palmers Green, no norte de Londres, chegou à sua sessão numa cadeira de rodas.

Durante doze anos, aquele homem de setenta e dois anos estivera incapacitado pela artrite nos dois joelhos, nas costas e nas ancas. Sofria também da doença de Parkinson.

Só conseguia andar com a ajuda de duas bengalas, arrastando as pernas.

Trabalhei com Len durante cerca de meia hora, colocando as mãos sobre as articulações afetadas pela artrite.

No final da sessão perguntei-lhe se gostaria de se levantar para testar a mobilidade.

Lentamente começou a caminhar, apoiando-se apenas numa bengala e dobrando os joelhos pela primeira vez em muitos anos.

A pessoa que o acompanhava exclamou:

Nunca vi o tio Len andar assim. É um milagre!

O próprio Len parecia incapaz de acreditar no que acontecera.

Mostrava-se relutante em voltar a sentar-se e continuava a caminhar pela sala, insistindo que já não precisava da cadeira de rodas.

Como que para sublinhar a sua determinação, desceu sem ajuda os seis degraus à saída da porta principal e entrou no automóvel pelos seus próprios meios.

Fred Ripsher tinha sessenta anos e sofria dores constantes desde uma operação malsucedida à coluna realizada dois anos antes.

A sua mobilidade também estava limitada.

Comecei a sessão colocando suavemente as mãos sobre os seus ombros.

Ao fim de apenas alguns minutos começou a estremecer, como se estivesse a receber sucessivas descargas elétricas, e gritou:

A dor desapareceu!

A médica presente nessa sessão, a Dra. Christine Pickard, examinara Fred antes do início da cura e repetiu então os mesmos testes.

Ele conseguia levantar os braços e as pernas e inclinar-se até tocar nos pés.

Ela comentou:

Sim, isto é realmente extraordinário. Os músculos estão muito mais relaxados.

Oito das doze pessoas que tratei na experiência organizada pelo jornal relataram melhorias substanciais, confirmadas pelos médicos.

Entre os casos sem sucesso encontravam-se uma criança paralisada, um homem com uma perna partida e outro que sofria de trombose.

O *News of the World* publicou a avaliação da Dra. Pickard:

Todos estes casos de melhoria são compatíveis com os ensinamentos médicos — podem ser atribuídos a fatores psicológicos.

Ocorreram em situações onde existia uma componente importante de tensão muscular e/ou emocional.

A doença crónica tende sempre a incluir uma grande dose desse tipo de tensão, porque as pessoas sentem medo.

Mantêm o corpo rígido como forma de proteção contra novas lesões ou dores.

Os músculos acabam fixados numa posição pouco saudável e a continuação da doença agrava ainda mais o sofrimento emocional.

Era uma explicação perfeitamente razoável para o estado em que aquelas pessoas se encontravam antes da cura.

Contudo, não respondia à questão fundamental: como era possível que a profissão médica não tivesse conseguido qualquer resultado quando eu conseguira ultrapassar esses «fatores psicológicos» em poucos minutos?

Diz-se que, em certos empreendimentos, o momento é tudo.

No que dizia respeito àquela primeira digressão britânica, o nosso momento foi desastroso.

O verão de 1981 foi escaldante em termos de agitação social no Reino Unido e a minha tournée coincidiu com a pior vaga de tumultos do século.

A bola de neve do descontentamento começara a rolar em Bristol no ano anterior.

No início de abril de 1981, os motins de Brixton, no sul de Londres, inauguraram a nova temporada de violência.

A onda espalhou-se para outras regiões precisamente quando a minha digressão começava.

A 5 de julho, Toxteth, um bairro de Liverpool, transformou-se numa zona interditada quando uma multidão obrigou a polícia a retirar-se.

Eu tinha uma demonstração marcada para 9 de julho no St George's Hall, no centro da cidade.

Liverpool continuava mergulhada na violência e, quando chegámos ao edifício, encontrámo-lo rodeado por agentes policiais que aguardavam novos confrontos.

A notícia deve ter corrido.

Acabei por ter apenas vinte pessoas na assistência.

No dia seguinte rebentaram novos episódios graves de violência em Liverpool, Manchester, Birmingham e várias outras cidades.

A noite de 10 de julho era outro momento importante da tournée, no Belle Vue de Manchester.

Quando lá chegámos, descobrimos que o local tinha sido atacado com bombas incendiárias.

Seguimos então para Nottingham e depois para Leicester.

Em Leicester estava programada uma demonstração de cura e palestra no Hotel Grand, onde também reservara quarto.

Quando cheguei para fazer o registo, o local fervilhava de atividade e grupos de jovens raparigas concentravam-se junto à entrada principal.

Interpretei isso como um sinal encorajador, embora presumisse que aguardavam o proprietário do Rolls-Royce azul-claro estacionado à porta.

Perguntei-me quem seria.

Mais tarde, nessa tarde, dois homens de cabelo muito comprido entraram na sala onde eu preparava a apresentação.

Disseram-me que o líder da banda deles queria conhecer-me.

Esse líder era Ritchie Blackmore, antigo guitarrista principal do recém-dissolvido supergrupo Deep Purple.

Blackmore encontrava-se em Leicester para atuar nessa noite com a sua nova banda, Rainbow.

Eu era admirador dos Deep Purple desde os tempos de escola.

Ritchie propôs assistir à primeira metade da minha palestra antes do concerto e encontrar-se comigo mais tarde no hotel.

Sentia-me simultaneamente fascinado e cauteloso.

Além de ser um músico brilhante, Blackmore tinha reputação de personalidade volátil.

Nessa noite mostrou-se extremamente cordial e bombardeou-me com perguntas sobre fenómenos psíquicos.

A atuação deixara-o claramente eufórico e comecei a perguntar-me se passaria a noite inteira a conversar.

Por volta das duas da manhã perguntou:

Quer uma destas? Tomo sempre uma depois dos concertos. Chamo-lhe a droga da verdade.

A curiosidade e a ingenuidade são uma combinação perigosa.

Aceitei uma das pequenas pílulas.

Meia hora depois mal conseguia manter os olhos abertos.

Permaneci nesse estado durante três dias.

Não sei como consegui cumprir o compromisso do dia seguinte em Birmingham.

Felizmente havia alguns dias de intervalo antes de Bristol e, nessa altura, já recuperara.

Mais tarde percebi que, durante as digressões, Ritchie utilizava estimulantes e sedativos.

A pílula que tomara era um poderoso sedativo ilegal chamado Mandrax.

Até então nunca tinha tomado nada mais forte do que aspirina.

A experiência de ser «abatido» daquela forma foi profundamente desagradável e não desejava repeti-la.

Não culpo Ritchie por isso.

Vivia a sua vida à sua maneira e provavelmente presumiu que eu sabia exatamente o que me estava a oferecer.

Era uma companhia divertida e sabia aproveitar a vida.

Foi a ele e ao cantor dos Rainbow, Joe Lynn Turner, que devo a minha descoberta da vida noturna de Nova Iorque.

Também contribuíram para alargar ainda mais as minhas experiências ao apresentarem-me à canábis.

Gostei igualmente dos momentos mais tranquilos passados com Ritchie, quando fiquei hospedado na sua casa em Connecticut.

Um dos problemas com que parecia debater-se era a questão da própria identidade e da separação entre o eu que subia ao palco e o seu verdadeiro eu.

A esposa estava convencida de que ele nunca conseguiria abandonar a imagem de estrela de rock, caracterizada por botas de salto alto, casaco estilo bomber, calças justas e, por vezes, comportamentos lamentáveis.

Como artista, interessava-se pela forma como eu mantinha o ego afastado da cura.

Naquela altura eu não compreendia totalmente o problema.

Também ainda não entendia de que forma o ego podia interferir, para além da arrogância relacionada com a capacidade de curar, algo contra o qual me mantinha vigilante desde o episódio da mulher italiana em Cambridge.

A noite passada com Ritchie e a banda ajudou-me a esquecer o reduzido número de pessoas que comparecera à minha demonstração.

Por onde quer que passássemos, a história repetia-se.

A perceção de que as ruas eram inseguras levava muitas pessoas a permanecer em casa.

Essa atitude parecia prevalecer mesmo em locais onde não tinham ocorrido tumultos.

O receio espalhava-se por todos os lares, envolvendo toda a gente numa atmosfera de cautela.

Era estranho tentar transmitir a minha mensagem enquanto estava rodeado pelo seu oposto.

A cura era provavelmente a última coisa em que a maioria das pessoas pensava naquele momento, embora fosse precisamente aquilo de que aquele ambiente de agressividade mais necessitava.

Uma interrupção causada por uma fonte mais familiar levou ao cancelamento da minha demonstração em Birmingham.

O sistema elétrico do Hotel Albany falhou completamente e acionou os alarmes.

Todos os hóspedes e participantes foram convidados a reunir-se no parque de estacionamento enquanto o problema era investigado.

Entre os evacuados encontrava-se uma banda de músicos que se fazia chamar U2, junto de uma carrinha Ford Transit bastante desgastada.

Pelo modo como reagiram às brincadeiras das pessoas que me atribuíam a culpa da avaria, deduzi que eram católicos irlandeses.

Por um lado eram céticos; por outro, tinham crescido com um folclore povoado de pequenas criaturas dotadas de poderes sobrenaturais.

Não estavam suficientemente seguros para descartar totalmente a hipótese.

Olhavam para mim de lado e, com fortes sotaques irlandeses, murmuravam comentários sombrios acerca de «pequenos diabos».

A vida pareceu regressar à normalidade durante o último terço da digressão.

Esperávamos que isso se refletisse no aumento da assistência.

Contudo, apenas pequenos grupos de pessoas pareciam dispostos a incluir-me no processo de prosseguirem as suas vidas.

No final da última apresentação, em Southampton, Graham e eu enfrentávamos prejuízos de vários milhares de libras.

Eu tinha claramente sobrestimado a minha capacidade de atrair público e também interpretado mal o perfil da audiência.

Muitas das pessoas interessadas no que fazia pertenciam ao universo *New Age*.

No início da década de 1980, grande parte delas parecia encaixar numa mentalidade herdada dos anos 60 e 70.

Correspondiam ao que costumo chamar a «cultura da pobreza», baseada na crença de que tudo deveria ser gratuito.

As minhas demonstrações não eram gratuitas.

Tendo de pagar salas, imprimir programas e suportar despesas de alojamento, não podiam ser gratuitas — nem deveriam sê-lo.

Tudo constitui um recurso e deve ser valorizado como tal, seja o meu tempo e energia, seja o das outras pessoas envolvidas no meu trabalho.

Pela minha experiência, as pessoas raramente valorizam aquilo por que não pagam.

Essa digressão obrigou-me a repensar a estratégia para me afirmar como curador na Grã-Bretanha.

Financeira e profissionalmente, os Estados Unidos continuavam a ser a minha base sólida e a procura pelas minhas apresentações parecia tão forte como sempre.

Os seminários que realizava no Reino Unido não diferiam em conteúdo daqueles que apresentava nos Estados Unidos e noutros países.

A principal diferença residia na dimensão.

No estrangeiro podia contar com audiências de centenas de pessoas de cada vez, por vezes milhares.

Na Grã-Bretanha tinha de me contentar com cerca de uma dúzia de pessoas reunidas na casa de alguém ou na sala dos fundos de um pub.

Foi desta forma que construí uma base de seguidores ao nível local e a minha reputação se espalhou de boca em boca.

A minha vida mudou também noutro aspeto importante depois dessa digressão.

Conheci a minha primeira esposa, Christine.

Quando a minha irmã Rosalind nos apresentou pela primeira vez, achei que ela era a mulher mais bonita que alguma vez tinha visto.

Os seus olhos eram particularmente impressionantes.

Fiquei tão fascinado por eles que me vi a passar repetidamente pela loja onde Christine e Rosalind trabalhavam.

Se ela possuía o mais belo par de olhos que eu já tinha visto, eu possuía o conjunto de rodas mais impressionante que ela conhecera.

Sempre adorei automóveis rápidos e, nessa altura, conduzia um elegante carro desportivo Lotus Esprit.

À nossa maneira, ambos chamámos a atenção um do outro.

Ela tinha namorado, por isso convenci Rosalind a perguntar-lhe se aceitaria sair comigo.

Ao fim de poucos meses decidimos viver juntos em Charity Farm, uma casa que eu comprara em outubro de 1981.

Desde que me separara de Win e Charles, em 1980, deixara de realizar sessões individuais de cura.

Passava cada vez mais tempo no Reino Unido a gravar e organizar gravações de técnicas de cura.

Nessa tarefa fui ajudado pelo meu irmão Andrew, que trabalhara como responsável de A&R numa editora discográfica.

Conhecia um estúdio de gravação moderno e extremamente profissional perto da minha casa em Withersfield e disse-me que seria o local ideal para gravar a caixa de duas cassetes que planeava produzir como continuação de *Healing and Self-healing* e *Creative Visualization*.

Esse estúdio situava-se em Claret Hall, nos arredores da aldeia de Clare, e era alugado por uma banda chamada The Enid, considerada pela Radio One, nos anos 1980, «a maior banda de culto da Europa».

Os Enid eram uma banda underground de enorme qualidade, com seguidores suficientes para esgotar sucessivamente salas como o Hammersmith Odeon, em Londres, mesmo sem contrato discográfico.

Os admiradores da banda apreciavam especialmente a contribuição do teclista Robert John Godfrey, descrito pelo conhecido DJ Tommy Vance como:

um dos maiores compositores que este país alguma vez produziu.

Como principal força criativa e cérebro musical da banda, Godfrey encontrava-se numa posição privilegiada para determinar o seu destino.

Infelizmente, era uma pessoa tão difícil que, sozinho, impediu a formação de relações duradouras com editoras discográficas, privando a banda do reconhecimento mais amplo que merecia.

Andrew garantiu-me, enquanto seguíamos para Claret Hall para conhecer Robert e visitar o estúdio, que ele era uma excelente pessoa.

Robert e o estúdio eram exatamente como Andrew os descrevera.

O estúdio funcionava num celeiro convertido, situado do outro lado de um pátio em relação à mansão vitoriana.

A curta caminhada entre os dois edifícios ilustrava bem as prioridades da banda.

O estúdio era impecável.

Já a casa apresentava por toda a parte sinais da anarquia que caracterizava grande parte da música dos Enid.

Era uma comuna sem regras, onde qualquer pessoa podia ficar e ninguém tinha obrigação de arrumar o que quer que fosse.

Nunca me aventurei a comer ali.

A cozinha era imunda e não existia um único prato ou talher limpo.

A cassete dupla que pretendia gravar em Claret Hall — *Fighting Back* — era especificamente dedicada à autocura e incluía relaxamento, visualização, atitudes positivas e, no lado 4, um exercício de relaxamento e autocura.

A ideia para *Fighting Back* surgiu do trabalho que realizara com doentes oncológicos, tanto no Reino Unido como no estrangeiro.

Os doentes com cancro que conheci dividiam-se, em linhas gerais, em três grupos de dimensão semelhante.

O primeiro parecia desejar uma solução imediata e não tinha interesse em fazer nada por si próprio.

O segundo demonstrava um interesse moderado e ocasionalmente fazia algum esforço pessoal.

O terceiro grupo era composto por pessoas decididas a combater a doença em várias frentes e que encaravam a cura apenas como uma das formas possíveis de ajuda.

Enquanto gravava a principal meditação de cura, Robert comentou:

Sabe, isto soaria muito melhor se lhe juntasse música.

Ofereceu-se para a criar, recorrendo à sua formação clássica.

O resultado foi extraordinário.

A música era ampla, emotiva, inspiradora e fortalecedora.

Era completamente diferente de tudo o que existia nesse campo, normalmente desprovido de inspiração.

Ainda hoje muita da chamada música *New Age* me soa como se tivesse sido produzida por alguém que perdeu um braço e três dedos da mão restante num acidente industrial.

Acrescenta um pouco de canto de pássaros às duas notas que consegue tocar num sintetizador portátil e chama ao resultado música para meditação ou música de cura.

Depois de *Fighting Back*, a música passou a constituir uma parte integrante da minha prática de cura.

A capacidade de Robert para consumir álcool era tão impressionante quanto o seu talento musical.

Muitas das sessões de gravação de *Fighting Back* decorriam à noite e, quando terminávamos, dirigíamo-nos ao seu pub habitual, explorado por um antigo agente da Flying Squad que mantinha o estabelecimento mais permissivo que alguma vez conheci.

Nunca deixava de servir bebidas.

Depois da hora oficial de encerramento limitava-se a fechar a porta e continuava a servir os clientes habituais, por vezes até às cinco da manhã.

Era um paraíso para bebedores e um ponto de encontro frequente dos músicos que gravavam em Claret Hall.

Muitos deles tinham longas carreiras na indústria musical e encontravam-se a tentar regressar ao sucesso ou a ajudar outros a consegui-lo.

Independentemente da fama que possuíam, tinham talento para se meter em problemas, normalmente devido ao excesso de álcool ou drogas.

A noite em que Ian Mitchell destruiu o Mini personalizado de Alan Blakley logo na primeira curva após sair do pub não foi excecional.

O automóvel, que parecia um Rolls-Royce em miniatura, era suficientemente caro, sobretudo porque o seguro não cobria qualquer condutor.

Não sei se esse episódio marcou o fim da colaboração entre Mitchell e Blakley.

Certamente não resultou num êxito musical.

A bebida favorita de Robert era vinho do Porto, e a sua dedicação a essa bebida refletia-se nos quase 127 quilos que pesava.

Na primeira saída que fizemos juntos fui apresentado a esse maravilhoso vinho e, imprudentemente, ajudei-o a consumir uma garrafa e meia.

Fiquei tão maldisposto que pensei que ia morrer ou, pelo menos, sofrer uma grave intoxicação.

Aquilo deveria ter servido de aviso.

Contudo, em vez de me afastar do vinho do Porto, passei a apreciá-lo.

Robert e eu tornámo-nos companheiros habituais de bebida, quer no pub quer em Charity Farm.

Ele e os outros membros dos Enid, Steve Stewart e Chris North, vinham por vezes jantar a minha casa.

As conversas prolongavam-se interminavelmente e os debates tornavam-se ferozes, ao ponto de perdermos completamente a noção do tempo.

Em mais do que uma ocasião permanecemos sentados à mesa desde as oito da noite até às sete da manhã seguinte, quando o leite era entregue.

Nessa época tinha bastante tempo livre, porque ainda não me dedicava à cura a tempo inteiro como acontece hoje.

Entre viagens ao estrangeiro costumava conduzir até Claret Hall para visitar Robert.

Havia sempre pessoas novas no estúdio e histórias divertidas para ouvir ou testemunhar.

O meu cão boxer, Cromwell, acompanhava-me frequentemente.

Certo dia estávamos em Claret Hall quando chegaram um rapaz adolescente e uma rapariga para uma sessão de gravação.

A rapariga tinha cabelo comprido e oleoso e apresentava um aspeto descontraído ao ponto de parecer desalinhada.

Não gostou de Cromwell e, quando tentei conversar com ela, tornou-se rapidamente evidente pelo seu tom indiferente que também não gostava de mim.

Robert explicou-me que era Kim Wilde, filha do cantor pop dos anos 60 Marty Wilde, e que estava ali para gravar *Kids in America*.

Espero que o sucesso dessa canção lhe tenha trazido um sorriso.

Sempre que surgia uma oportunidade para divulgar aquilo que fazia, aproveitava-a.

Em janeiro de 1982 fui convidado pela Anglia Television para participar num programa chamado *The Healers*.

Tratava-se de uma avaliação muito simples de diversas terapias.

Foram-me apresentadas duas pessoas e pediram-me que aplicasse cura a ambas.

A primeira era um executivo editorial com um joelho doloroso.

Não obteve qualquer benefício.

A segunda era uma mulher que sofria de uma infeção na articulação da anca.

Segundo o médico dela, entrevistado no programa, a única forma de controlar a situação era através de analgésicos.

Após cerca de vinte minutos de cura, a mulher — que insistiu em permanecer anónima — declarou que a dor, constante havia dois anos, desaparecera.

Um ano depois continuava sem regressar.

A mulher, que se afirmava completamente cética em relação à chamada «cura pela fé», comentou:

Não pode acontecer — mas aconteceu!

Tenho de agradecer ao reverendo metodista Reg Watson o facto de ter sido aceite pelos pais de Christine, ambos cristãos profundamente devotos.

Eles viam a minha atividade de cura com alguma apreensão.

No início da minha relação com Christine, Reg fez uma palestra na igreja frequentada pelos pais dela, durante a qual relatou a sua experiência com a cura.

Sofrera de cancro da próstata e da região pélvica durante cerca de um ano antes de me procurar.

Os médicos tinham-lhe dado apenas alguns meses, ou talvez semanas, de vida.

Não sei exatamente o que disse nessa palestra, mas descreveu assim a sua doença e a experiência da cura:

Cheguei a um ponto da minha vida em que estava literalmente a morrer aos poucos.

Perdi cerca de treze quilos.

Sofria dores terríveis, dores para além de tudo o que poderia imaginar.

Era como se alguém mantivesse um maçarico apontado à minha pélvis e às nádegas.

A minha perna esquerda estava quase totalmente paralisada até ao dedo grande do pé.

O tratamento médico deixou-o insensível desde o umbigo até ao pé, mas não eliminou a dor.

Entorpeceu os músculos, mas não os nervos.

Sobre a primeira sessão comigo, disse:

No primeiro dia em que Matthew me tratou, ao fim de cerca de cinco segundos percebi que algo extraordinário estava a acontecer dentro do meu corpo.

A minha reação foi incrivelmente forte e a experiência fortaleceu a minha fé em Deus.

Nesse primeiro dia soube que iria ser curado.

Simplesmente soube.

Seis meses mais tarde, graças à cura regular e à utilização de técnicas de visualização criativa, recuperara os treze quilos perdidos.

Acrescentou:

Tenho uma expressão favorita que continuo a utilizar dezenas de vezes por dia como uma espécie de oração.

Peço a Deus que utilize o feixe laser do Seu poder curativo para destruir as células cancerígenas e consigo vê-las a ser bombardeadas e totalmente destruídas.

E estão mesmo a ser destruídas — esse é o milagre.

Não creio ter sido alguma vez tão feliz como sou neste momento.

A história de Reg ajudou os pais de Christine a libertarem-se de quaisquer suspeitas remanescentes acerca de mim ou da legitimidade espiritual da cura.

Em abril de 1982, Christine e eu casámo-nos discretamente no Registo Civil de Cambridge.

Nenhum de nós desejava um casamento religioso acompanhado de toda a cerimónia habitual.

As únicas pessoas presentes, além da conservadora, foram o meu irmão e a minha secretária, que serviram de testemunhas.

Christine e eu decidimos vestir-nos de forma informal em vez de formal.

Quando a conservadora saiu para nos receber, confundiu a minha secretária e o meu irmão com os noivos e pensou que Christine e eu éramos dois desleixados recrutados na rua para servirem de testemunhas.

A decisão de realizar apenas uma cerimónia civil causou grande sofrimento aos pais de Christine e criou uma divisão que não foi facilmente ultrapassada.

Pouco depois do casamento decidi alugar um escritório por cima de um talho em Bury St Edmunds.

Precisava de uma base para gerir o negócio das cassetes, que parecia estar a ganhar vida própria e a crescer mais rapidamente do que eu previra — ou desejara.

O sucesso de *Fighting Back* encorajou-me, porém, a produzir mais gravações destinadas a ajudar pessoas com problemas específicos de saúde, como alergias, insónias, depressão e osteoartrite.

A filosofia subjacente a essas cassetes era simples:

Cura-te a ti mesmo.

Esta não era uma ideia nova, mas as enormes possibilidades que oferecia pareciam escapar àqueles que deveriam tê-la adotado. Eu tinha feito o 'Fighting Back' para mostrar às pessoas como usar métodos positivos para superar problemas, e para encorajar aqueles autoajudantes esporádicos a fazerem mais por si mesmos. As cassetes eram uma forma de alcançar um público mais amplo. A reação ao 'Fighting Back' foi muito encorajadora, com encomendas a chegar de médicos, clínicos gerais e centros de saúde locais, bem como de particulares que o tinham encontrado em lojas de produtos naturais.

Gill Hurd, de Loughborough, personificava a atitude que eu tentava incutir nas pessoas que procuravam a minha ajuda. Ela tinha vindo ter comigo pela primeira vez em 1979, quando eu dava consultas nas instalações do Charles e da Win, em Leicestershire. Alguns anos antes, ela tinha sido submetida a uma mastectomia, da qual recuperara totalmente e *"levava uma vida totalmente comum e nunca pensava em cancro"*, até lhe mostrarem radiografias da doença nos pulmões.

Gill acreditava que o seu cancro tinha sido causado por uma acumulação de stresse: o negócio do marido não estava a correr bem,

ela tinha começado um novo emprego, um amigo próximo tinha morrido. A vida parecia ser feita de uma sucessão de acontecimentos maus.

Ao marido, Bill, foi dito que a situação dela era incurável e que ela tinha apenas três meses de vida. Gill *"sabia que a situação era bastante má"* e estava determinada a fazer algo para se ajudar a si própria. Além de tomar o medicamento que lhe fora receitado, fez grandes mudanças no seu estilo de vida, incluindo a revisão da sua dieta, a prática de exercício físico e a utilização da minha cassete de cura, 'Fighting Back'.

Depois, começou a consultar-me muito regularmente para cura. *"Quando chegou o Natal, senti-me muito emotiva porque não esperava viver tanto tempo. Embora estivesse muito positiva, lá no fundo perguntava-me se não seria o meu último Natal. Queria reunir toda a família. Sentia que era provavelmente o último."*

Após esse primeiro período de cura intensiva, a Gill vinha ter comigo cerca de uma vez por ano. *"Acho que o Matthew é um canal muito forte de energia de cura. Às vezes sinto um grande calor; nem sempre. Sinto-me muito melhor depois de uma das nossas sessões e esse sentimento dura dias a fio. Sinto sempre que é um recarregar de baterias, e saio inspirada para continuar com todos os meus esforços."*

Catorze meses após o diagnóstico inicial, o hospital pediu à Gill que fizesse um exame. Quando ela voltou para receber o resultado do seu especialista, ele olhou para ela, para as notas clínicas, para o exame e depois novamente para a Gill. Ela percebeu que, na mente dele, algo não batia certo.

Por fim, ele disse: "Bem, tenho os resultados do seu exame. Tenho boas e más notícias para si. Quais gostaria de ouvir primeiro?"

Tendo passado mais de um ano a trabalhar em si própria de forma positiva, a Gill optou por ouvir primeiro as boas notícias.

"As boas notícias são que já temos os resultados do seu exame. Analisámos todas as partes de si — os seus pulmões, o seu fígado, os seus ossos e o seu cérebro — e está completamente limpa. Não conseguimos ver qualquer vestígio do cancro em lado nenhum. Não sei o que fez, mas, pode perguntar ao seu marido, eu disse-lhe o ano passado que pensava que a senhora só teria três meses de vida."

Após ter recebido esta notícia, a Gill disse: "Isso é fantástico, não é? Mas se essas são as boas notícias, quais são as más?"

"As más notícias", disse ele, respirando muito fundo, "são que deve viver com o conhecimento de que, infelizmente, ele acabará por voltar."

Indignada com o negativismo dele, a Gill fez algo que era completamente invulgar no seu caráter. Levantou-se do assento, bateu com os punhos com força na secretária dele e gritou: "O caraças é que vai!" Isso tornou-se o fator motivador para a manter em frente. Estava determinada a provar que ele estava errado, e foi a rampa de lançamento a partir da qual fundou um grupo de autoajuda para o cancro na sua zona.

Senti desde o início que havia um propósito forte por trás de tudo isto... Acho que tenho sido o catalisador para aproximar as pessoas que me ajudaram... Na altura sentia-me superprivilegiada por tantas pessoas me quererem ajudar. Pensava: 'O que fiz eu para merecer que todas estas pessoas me ajudem?' Senti que tinha de retribuir de alguma forma.

Toda a minha atitude mudou. Soa a algo muito estranho de se dizer, mas ter cancro ensinou-me tanto que eu não teria perdido esta experiência.

Ironicamente, depois de ela ter criado o seu grupo de apoio ao cancro, o especialista que tanto tinha irritado a Gill enviou-lhe muitos dos seus pacientes. Com sorte, os olhos dele abriram-se para a possibilidade de haver mais no processo de cura do que apenas receber o tratamento médico convencional.

A Gill disse-me muitas vezes que estava determinada a morrer de outra coisa qualquer para provar que ele estava errado. O cancro, de facto, regressou e ela faleceu em setembro de 1997. Se ela teria tido esses dezoito anos adicionais de vida sem receber cura é algo que ninguém pode saber. O seu espírito e atitude tornaram-nos recompensadores tanto para os outros como para si própria. A Gill personifica a minha crença em como a cura, no seu sentido mais pleno, pode espalhar-se a partir da sua fonte e beneficiar outras vidas.

Outra das minhas pacientes era uma senhora que sofria de múltiplas alergias. Além de receber cura, seguia obstinadamente as minhas sugestões de autoajuda, meditando durante cinco minutos, três vezes por dia. Ela confirmou aquilo que eu tentava incutir nos pacientes sem fazer com que o regime parecesse demasiado pesado: *"Temos de fazer o trabalho e temos de o fazer regularmente. Não é uma varinha mágica que se acena... Inicialmente sentia-me bastante doente, com muitas dores por todo o lado e a ficar bastante incapacitada. Estava a perder o uso dos meus dedos e as minhas mãos estavam descaídas... Já posso conduzir outra vez, não fico deprimida. Consigo comer — isso é o principal — consigo comer! O meu próprio médico nem consegue acreditar na diferença em mim. Ele dava-me analgésicos fortes, cinco doses por dia, só para eu conseguir dormir um pouco. Agora já não preciso deles."*

Em termos práticos, o lado das gravações do meu empreendimento de cura ameaçava tomar conta da minha vida. Parte do problema residia no meu traço de perfecionismo. O que quer que eu assuma, quero fazê-lo ao máximo das minhas capacidades. Muitos produtos da Nova Era pareciam carecer de qualidade. Eu queria que todas as minhas cassetes tivessem uma embalagem atraente e estivessem ao nível do padrão esperado pelo público em geral. Uma grande quantidade de esforço e dinheiro teve de ser investida nelas para garantir que assim fosse. O único aspeto do negócio de que eu gostava era fazer as cassetes e decidir o aspeto que deveriam ter. Não tinha qualquer interesse no lado prático de obter um retorno sobre o que tinha sido gasto. Apenas esperava que acontecesse. No final de

1982, decidi que o melhor plano seria empregar outra pessoa para gerir as vendas, de modo a permitir-me concentrar na cura.

No início de 1983, comecei a utilizar as instalações em Bury como centro de cura, para acomodar o número crescente de pessoas que queriam receber tratamento individualizado. A filosofia que eu projetava nos meus *workshops* e demonstrações, e nas cassetes, sustentava os princípios da atividade. Qualquer pessoa que viesse ter comigo, decidi eu, teria de estar preparada para trabalhar em exercícios mentais e físicos para ajudar na sua doença. Isto era explicado claramente às pessoas que perguntavam pelo tratamento — e afastou uma boa parte delas! Muitas doenças são, creio eu, baseadas no stresse, e é sensato insistir para que as pessoas tentem abordar os problemas que causam o seu stresse. Muitas vezes, técnicas simples como a respiração profunda e o relaxamento aliviam a situação, mas estas têm de ser levadas a sério e integradas no estilo de vida da pessoa.

Os meus pacientes nesses primeiros dias tiveram de se habituar à minha insistência em que assumissem a responsabilidade pela sua doença. A atitude de muitos médicos na altura desincentivava as pessoas de demonstrarem um interesse inteligente ou de fazerem perguntas incómodas sobre o tratamento proposto. Em setembro de 1983, Sheila Lawler, do sul de Londres, foi diagnosticada com cancro do colo do útero. Submeteu-se a um curso de radioterapia, que pareceu ter um efeito benéfico.

Pouco tempo depois, descobriu-se que o cancro se tinha espalhado para o revestimento da sua bexiga. Os seus médicos sugeriram uma cirurgia radical, que implicava uma colostomia e a remoção da bexiga e de outras partes. A Sheila estava à espera de uma consulta hospitalar quando um amigo lhe mostrou um artigo sobre mim. Após a nossa primeira sessão, ela falou-me sobre o curso de tratamento que os seus médicos estavam a sugerir.

Dei a minha habitual resposta evasiva: a decisão tinha de ser dela. *"Isso irritou-me", disse a Sheila mais tarde. "Em vez de me*

aconselhar, o meu guru estava a dizer-me para tomar a minha própria decisão. No entanto, o Matthew deve ter plantado uma semente porque, após a cura, senti-me tão bem, tão confiante, que comecei a questionar o cirurgião sobre a operação e a analisar as respostas dele."

Foi-lhe dito que a operação seria longa e difícil, mas que lhe daria entre mais cinco a dez anos de vida. Sem a operação, poderia esperar ter entre dezoito meses e dois anos. A qualidade da sua vida, contudo, seria melhor, porque a operação deixá-la-ia a enfrentar muitos problemas e indignidades. *"Decidi não a fazer e, assim que tomei a minha decisão, senti-me realmente radiante. Acredito que o Matthew me deu a força para essa decisão. Eu estava numa dieta rigorosa, mas nessa noite celebrei com um jantar de peixe com batatas fritas."*

A Sheila continua viva e bem à data em que escrevo e não teve mais tratamentos hospitalares desde que recebeu a cura.

A 11 de outubro de 1984, nasceu a Henrietta. A sua chegada confirmou o que o casamento já sugerira — que era tempo de eu reduzir as viagens de comitivas ao estrangeiro. A Christine tinha viajado frequentemente comigo, mas com o nosso novo bebé a fazer três, isso já não era possível e a nossa existência tornou-se mais estabelecida e centrada no lar. As viagens ao estrangeiro também já não eram tão necessárias financeiramente. O número de pessoas que vinham ver-me ao centro estava a aumentar gradualmente e eu estava confiante de que isso continuaria.

Não há meio mais influente para tornar o nome e o rosto de alguém conhecidos do que a televisão. Três anos depois de *The Healers* para a Anglia, surgiu uma proposta para um documentário de meia hora da BBC Television East. Este prometia tratar o que eu estava a fazer de forma séria e basear-se nas provas positivas da eficácia da cura fornecidas por entrevistas com alguns dos meus pacientes. Era exatamente o tipo de exposição de que eu precisava.

Quando o filme foi finalmente visto pelos superiores do produtor Mike Purton, foi rejeitado por ser "demasiado pró-Matthew

Manning", e insistiu-se num dia adicional de filmagens para reequilibrar o desequilíbrio percebido. Suspeito que muitos executivos de televisão consideram a controvérsia sinónimo de uma visualização interessante. O contra-balanço que os chefes do estúdio tinham em mente consistia em tentar fazer render algo com base no facto de eu cobrar pelo tratamento. Seria ético fazer as pessoas pagar por um dom dado por Deus? Argumentei que o talento de um futebolista, de um artista ou de um músico não é menos dado por Deus do que o meu, e no entanto ninguém questiona o direito deles de ganharem a vida com isso. Tento ser justo e concebi um sistema que garante que aqueles que têm meios para pagar pelo tratamento estão a apoiar aqueles que não têm.

O aspeto mais gratificante do filme foi ouvir as histórias dos pacientes selecionados para entrevista. Uma delas foi contada por Dan Hutchison, um consultor fiscal reformado de 55 anos com interesse em medicina alternativa. Tinha-lhe sido diagnosticado um tipo raro de cancro. Tinha um tumor do tamanho de uma pequena meloa na glândula suprarrenal direita e o cancro também se tinha espalhado para o fígado. Tinha perdido cerca de trinta e oito quilos, sentia-se constantemente cansado e estava, por sua própria admissão, *"num estado realmente muito debilitado"*.

"As estatísticas mostravam que ninguém com esta forma de cancro tinha sobrevivido. Disseram que eu necessitaria de uma operação e, sob pressão, admitiram que as probabilidades de uma operação bem-sucedida eram de cerca de uma em 100. Sem a operação, disseram-me que apenas podia pôr os meus assuntos em ordem e esperar cerca de seis meses." O Dan recusou la operação. Senti, e o Dan concordou, que ele estava tão fraco que necessitaria inicialmente de um tratamento intensivo. Veio duas vezes por dia, todos os dias, durante uma semana. O Dan diz: *"Após cada visita sentia-me num estado muito relaxado. Mesmo após a primeira visita, ao sair da sala dele, cheguei ao automóvel e descobri que levava a bengala na mão. Eu tinha precisado dessa bengala até àquela altura."*

Passados alguns meses, o irmão do Dan, que era médico, encontrou o Dan *"num estado notavelmente bom, tanto que sugeriu sairmos para uma caminhada, e caminhámos e caminhámos, e descobrimos que tínhamos feito cerca de cinco milhas pelas colinas de Chiltern. Senti-me maravilhoso."*

Existe um pós-escrito encorajador para a história do Dan. Em 1992, oito anos após ter vindo ter comigo pela primeira vez, recebeu uma carta inesperada do hospital que tinha diagnosticado inicialmente o seu cancro, a John Radcliffe Infirmary em Oxford, oferecendo-lhe a oportunidade de fazer uma ressonância magnética. (Ressonância magnética significa *Magnetic Resonance Imaging*, que substituiu os raios-X na deteção de tumores malignos e outros distúrbios.) O nome do Dan tinha aparecido nos registos informáticos deles e ficaram obviamente surpreendidos por ele ainda estar vivo. A esposa andava há anos a melgá-lo para voltar ao hospital e fazer um exame, mas ele tinha resistido sempre, temendo ficar preocupado se o tumor aparecesse como estando ainda lá. Ele acabou por voltar e a ressonância magnética mostrou que o tumor tinha desaparecido por completo. O único vestígio da sua existência era algum tecido cicatricial. À data em que escrevo, o Dan continua vivo e é uma das poucas pessoas a ter sobrevivido a este tipo específico de cancro.

O documentário foi exibido na região da BBC TV East no final de 1985 e gerou uma tal reação nos telespetadores que foi depois transmitido a nível nacional na BBC2 na primavera de 1986. Ironicamente, neste preciso momento, as minhas finanças tinham caído para o seu ponto mais baixo. Passar a gestão do lado das vendas do negócio das cassetes acabou por se revelar tudo menos uma jogada inteligente. As pessoas que eu tinha contratado eram incompetentes e, ainda assim, esperavam ser generosamente pagas. No final de 1985, as dívidas desse negócio forçaram a venda da Charity Farm e deixaram-nos com a principesca soma de £1500.

Fiquei totalmente despreparado para a avalanche de interesse gerada por esse documentário. As nossas linhas telefónicas ficaram congestionadas com chamadas durante dias seguidos e recebi milhares

de cartas, cada uma das quais teve de ser respondida individualmente. Quando o filme foi exibido a nível nacional, cerca de quatro meses mais tarde, no início de 1986, eu estava mais capaz de lidar com a resposta. Um dos benefícios desta exposição foi que finalmente gravou na mente das pessoas a minha identidade como curador. Várias pessoas estavam baralhadas com a minha evolução desde o psíquico adolescente, acreditando que o meu pai tinha sido o centro da atividade do *poltergeist* e que eu tinha abraçado a cura de forma independente. Dar explicações era um pequeno preço a pagar pela mudança de consciência que eu tanto me tinha esforçado por provocar. A imagem do "Rapaz do Poltergeist" foi felizmente posta de lado pelos meios de comunicação social também, agora que tinham um rótulo "novo" e empolgante para mim, e começaram a relatar o meu trabalho de cura com uma seriedade revigorante.

Anteriormente, eu estivera à espera que a palavra sobre o meu trabalho de cura se espalhasse gradualmente por recomendação pessoal. Agora, não havia horas suficientes no dia para dar vazão a todas as exigências do meu tempo. Estava determinado a aproveitar ao máximo esta mudança de sorte.

Pessoalmente, a Christine e eu estávamos a passar por um período miserável. Ela tinha sido duramente atingida pela nossa mudança forçada da Charity Farm e eu tornei-me o foco da sua raiva e desilusão. Estávamos agora a viver numa minúscula casa em banda situada numa aldeia chamada Woolpit, perto de Bury St Edmunds, onde ela não tinha amigos nem meios de fuga regular porque não sabia conduzir. O facto de eu ter de estar fora de casa tanto tempo não aliviava o seu sentimento de isolamento, mas estávamos numa situação sem saída — ou eu trabalhava a toda a hora para nos tirar daquele sítio ou trabalhava menos e ficávamos lá mais tempo. Optei por trabalhar a toda a hora.

A agenda de consultas no meu centro de cura em Bury estava permanentemente cheia e os convites para dar *workshops* surgiam de todo o país. Estes limitavam-se em grande parte aos fins de semana e noites, com o ocasional evento de dois ou quatro dias. O número de

participantes nos *workshops* tinha vindo a subir antes do programa, de cerca de 15 para mais de 40. Agora, atraía regularmente mais de 100 pessoas por sessão, e por vezes tantas quanto 250 nos centros maiores. Tinha-me habituado a ver os mesmos grupos de "clientes habituais" por todo o país. Gosto de conhecer os meus públicos, de analisar os seus rostos enquanto falo e desenvolver uma relação. Tive de me familiarizar com o afluxo de recém-chegados que agora aumentavam as fileiras dos fiéis. Alguns deles estavam sem dúvida a testar-me, como fariam com um novo produto ou artigo de moda, e provavelmente não estavam genuinamente interessados na cura.

Quando as feições inconfundíveis do comediante Jasper Carrott saltaram à minha vista durante um *workshop* em Londres, pensei — depois de me convencer de que era de facto ele — que ele deveria estar a recolher material para os seus espetáculos. Ele parecia bastante sério, no entanto, trocando energias com outras pessoas e participando nos restantes exercícios. No final da sessão, pediu-me para lhe autografar um livro. Disse-me que o interesse pela radiestesia o tinha levado à cura. Quando o provoquei com a minha suspeita inicial, ele disse que eu fazia um trabalho muito melhor a ridicularizar a cura do que ele alguma vez conseguiria! Um ano mais tarde, enviar-me-ia bilhetes para um espetáculo que estava a fazer em Ipswich. Para meu espanto, a primeira história que ele contou foi uma variação de uma que eu tinha usado naquele *workshop*, sobre uma zona perto de onde vivo que é conhecida localmente como o Triângulo das Bermudas de Suffolk, porque cada vez que se chega a um determinado ponto, as placas direcionam-nos de volta para o sítio de onde acabámos de vir. A única tentativa de disfarce do Jasper foi mudar os nomes das localidades para os arredores da sua Birmingham natal.

Meados dos anos 80, a crença de que o homem deve mudar a sua conduta consumista e destrutiva para garantir a sobrevivência contínua do planeta estava a ser levada muito mais a sério do que anteriormente. Uma das organizações responsáveis por ajudar neste processo foi o Wrekin Trust, um organismo educativo criado em 1971 pelo pioneiro da Nova Era, Sir George Trevelyan, com o objetivo de

"Despertar a visão da natureza espiritual do homem e do universo". O Trust realizava muitos eventos ao longo do ano *"Para ajudar as pessoas a desenvolverem-se como veículos de canalização de energias espirituais para a sociedade"*. O seu evento mais prestigiado era uma conferência anual, a 'Mystics and Scientists' [Místicos e Cientistas], que reunia cristãos e budistas, humanistas e céticos, para debater as ideias que continuam a separar os materialistas dos não materialistas.

Fiquei tremendamente satisfeito quando o Trust me pediu para apresentar um *workshop* sob os seus auspícios. Um dos exercícios que fizemos durante esse *workshop* foi um velho favorito que eu já usava há anos, envolvendo os lados esquerdo e direito do cérebro. A maioria de nós é dominada pelo hemisfério esquerdo, o nosso lado racional e analítico, que ofusca o nosso eu criativo e imaginativo. Raramente temos consciência do que se passa nesse lado direito porque estamos demasiado ocupados a correr de um lado para o outro ou ansiosos com algum aspeto da nossa vida. Precisamos de estar profundamente relaxados ou de ter os nossos sentidos aguçados para entrarmos em sintonia com ele. O objetivo do exercício é mostrar como os dois lados podem comunicar entre si para alcançar o equilíbrio e a harmonia interiores.

Os *workshops* atraem muitos tipos diferentes de pessoas, e muitas vezes perguntei-me o que cada pessoa leva dessa experiência. Gosto de receber reações das pessoas para poder avaliar o que estão a retirar daquilo que fazemos juntos. Há sempre margem para melhorias e estou constantemente à procura de formas de apresentar o material de maneira mais eficaz. Algumas pessoas tornam-se muito conversadoras e abertas assim que as barreiras iniciais da timidez são derrubadas. Outras são mais reservadas. Tento deixar que cada um encontre o seu próprio nível de conforto dentro da situação, tornando o ambiente o mais relaxado e informal possível. Um indivíduo nesse *workshop* do Wrekin Trust era invulgarmente calado, nunca fazendo perguntas e mantendo-se muito isolado. Aparecia todas as manhãs a suar abundantemente, como se tivesse vindo de muito longe, com uma mola de bicicleta presa tenazmente a uma das pernas. No final do

workshop, descobri que se tratava do cantor e compositor Van Morrison. Eu não era um fã particular do trabalho dele até ouvir *Poetic Champions Compose*, que foi lançado alguns meses mais tarde e se tornou um dos meus álbens favoritos. O seu apelo reside naquilo que me devolve em termos de compreensão. Não sei se algumas das ideias nele expressas foram inspiradas por aquele *workshop*. Pensei que sim quando o ouvi pela primeira vez, especialmente a faixa *"Did you get healed?"* [Ficaste curado?], e em *"I forgot that love existed"* [Esqueci-me que o amor existia] há duas linhas maravilhosas que resumem o que eu tentava transmitir naquele exercício do cérebro esquerdo/direito —

Se o meu coração pudesse pensar por mim E a minha cabeça começasse a sentir

O foco dos meus *workshops* são sempre as próprias pessoas e mostrar-lhes como desenvolver as suas próprias capacidades. Tento manter-me de fora o mais possível, usando a demonstração de cura no final apenas como uma aspiração e prova do que pode ser alcançado. Muitas pessoas ficam maravilhadas com o que os exercícios lhes ensinam sobre si mesmas e com as perceções até então insuspeitadas que possuem. Joyce Owen veio a um dos meus *workshops* sem outro motivo que não o de servir de motorista ao marido, Tom, conduzindo-o até Londres a partir da sua casa no norte de Inglaterra. Ficou apenas para agradar ao marido, mas insistiu em sentar-se perto da saída para poder escapar à primeira oportunidade. A Joyce tinha sido enfermeira e o seu interesse foi despertado pelos exercícios, que eram concebidos para identificar as causas das doenças, para estar consciente dos problemas das outras pessoas e usar técnicas como a imaginação guiada para controlar a dor e provocar a autocura. Quando pedi um voluntário para a demonstração no final, a Joyce era a candidata mais adequada, tendo movimentos limitados no pescoço que, se a cura funcionasse, se veria que tinham melhorado. A Joyce contou-nos que o seu especialista tinha admitido que nada mais podia fazer pela osteoartrite no seu pescoço e que ela teria de passar o resto da vida a usar um colar cervical. Não podia tomar analgésicos devido a uma

úlcera péptica que a medicação que lhe fora dada para controlar a artrite tinha causado, e a manipulação do pescoço era, segundo o especialista, demasiado perigosa para ser equacionada.

A Joyce sentou-se na cadeira que aproximei dela e acomodou-se. Demonstrou até onde conseguia rodar a cabeça. Do lado esquerdo, quase não conseguia. Pedi à Joyce que pensasse em algo de que gostasse de fazer enquanto ouvia a música que eu ia passar.

No final da sessão, perguntei-lhe se tinha sentido alguma coisa: "Sim, senti um calor tremendo a passar pelo meu pescoço de um lado para o outro e depois de trás para a frente. Parecia uma bola de calor mais ou menos do tamanho de uma bola de ténis. Embora estivesse muito quente, não foi de todo desconfortável."

"Esteve consciente de mais alguma coisa?" "Bem, sim. Senti-o a mover suavemente a minha cabeça para cima e para baixo."

Fiquei muito intrigado com isto, porque ela tinha mantido a cabeça absolutamente imóvel, e eu não tinha tentado mover a cabeça dela. Na verdade, nem sequer lhe tinha tocado no pescoço. O único toque tinha acontecido no início, quando tinha colocado as minhas mãos nos ombros dela durante um par de minutos. O resto do grupo, incluindo o marido, garantiu à Joyce que não tinha havido qualquer manipulação. Pedi à Joyce que demonstrasse até onde conseguia mover a cabeça agora. O lado direito não era afetado pela artrite e, por isso, moveu-se normalmente, como antes. A mudança no lado esquerdo foi surpreendente. Conseguia rodar a cabeça sem rigidez, estalidos ou dor. Fiquei tão radiante como a Joyce. Agora que o seu pescoço estava desbloqueado, disse-lhe para tentar mantê-lo assim, exercitando-o suavemente com regularidade.

A Joyce foi embora e seguiu o meu conselho, mas passados alguns meses o seu pescoço voltou a ficar dolorido e dorido, embora os movimentos não estivessem limitados. Sem ligação a este desenvolvimento, o Tom manifestou o desejo de visitar a Healing Arts Exhibition [Exposição de Artes de Cura] em Londres. Nenhum deles sabia que eu também estaria lá. Avistei a Joyce enquanto ela

comprava uma das minhas cassetes, 'Relief from Pain' [Alívio da Dor], e dirigi-me a ela para conversarmos. Disse-me que o seu pescoço parecia estar a tentar "bloquear" novamente. Não fiquei surpreendido por os músculos do seu pescoço estarem a queixar-se, dado o número de anos que não tinham sido utilizados corretamente. Ofereci-me para dar mais uma "espreitadela" e comecei a dar-lhe cura de forma regular. Sete anos mais tarde, o seu pescoço continuava permanentemente sem dores e totalmente móvel. Continuou a receber cura para a artrite que ameaçava outras áreas do seu corpo — para os joelhos, num dos quais as cartilagens se revelaram, por artroscopia, quase completamente destruídas, e para as ancas. Estas apresentam melhorias assinaláveis, e ela consegue agora correr escadas acima, subir colinas e jogar golfe.

Muito do que faço evoluiu através de tentativas e erros, e de rasgos de imaginação. Os círculos de cura que constituíram uma parte tão importante do meu trabalho nos anos noventa são um bom exemplo. A ideia de ligar a energia foi uma resposta espontânea a uma situação específica. Durante uma demonstração em Birmingham, perguntei se alguém presente tinha perda de audição; esta é uma boa maleita para demonstrar em público, porque qualquer melhoria nela após a cura será óbvia para o resto do público. Sete mãos ergueram-se no ar, muito mais do que eu previra. Fazia mais sentido dar-lhes a todos os benefícios da cura do que perder tempo a realizar um teste auditivo. A única forma que imaginei para o fazer foi convidando os sete a subir ao palco, colocando-os em linha, fazendo-os dar as mãos e dando cura à pessoa que designei como a cabeça da fila. Pedi aos outros seis que imaginassem a cura como eletricidade a correr por um fio. No final desta demonstração, a audição do homem em quem eu tinha colocado as mãos melhorou significativamente, assim como a audição de todos os outros na fila. Posteriormente, utilizei esta ideia de ligar energias durante os meus *workshops*. Isto levantou outro problema. Por vezes, a cura chegava a uma determinada pessoa na fila e não ia mais longe. Em alguns casos, suspeitei que a energia estava a ser deliberadamente "bloqueada", provavelmente porque a pessoa responsável estava mais interessada em tentar reduzir-me à sua

dimensão do que em usar a sua energia de forma positiva. Isto era muito injusto para as outras pessoas do grupo. Cedo percebi que a forma de contornar todos os futuros "bloqueadores" seria colocar as pessoas em círculo. Com esta configuração, apenas o "bloqueador" sofreria.

Em qualquer outro tipo de negócio, a carga de trabalho implacável que eu acumulava sobre mim próprio teria inevitavelmente levado ao stresse. Tive a sorte de o meu trabalho fornecer as ferramentas para me manter numa zona livre de stresse. Durante essas digressões perpétuas pelos Estados Unidos, utilizei muitas técnicas de Controlo Mental Silva para aperfeiçoar as minhas competências de visualização criativa. A meditação, uma aptidão crucial para um curador, surgiu de forma muito natural. Praticamente aprendi sozinho, experimentando e conversando com pessoas que eram meditadores experientes. Assim que comecei a curar profissionalmente, descobri que conseguia entrar num estado meditativo quase à mercê da minha vontade. Há limites, no entanto. Descobri os meus no dia em que conheci o ator John Cleese.

O seu assistente ligou com um pedido urgente de consulta para esse mesmo dia. Ele necessitava de atenção urgente após agravar uma velha lesão no joelho enquanto filmava uma das suas corridas maníacas. Tínhamos uma vaga restante para o final dessa tarde e, como nenhuma das pessoas que aguardavam na nossa lista de cancelamentos tinha uma pretensão mais premente ao meu tempo, decidiu-se dar-lhe a consulta. Ao ser-nos pedidas instruções sobre como chegar a Bury St Edmunds a partir de Londres, dissemos ao assistente que ele podia conduzir ou apanhar o comboio. Optou pelo comboio, que parte da estação de Liverpool Street, tal como a maioria dos serviços de Londres para Essex e para a região de East Anglia.

Sem que soubéssemos até mais tarde nesse dia, Liverpool Street tinha sido o local onde ele tinha agravado o joelho, enquanto filmava a cena de abertura do filme *Clockwise* [Às Horas]. No filme, Cleese interpreta um diretor de escola que foi convidado para dar um discurso numa conferência de diretores em Norwich. Ele chega à estação,

aproxima-se de um funcionário ferroviário e pergunta se aquele é o comboio para Norwich, apontando na direção de uma das plataformas. Interpreta a resposta murmurada como um "Sim" e entra no comboio. A conferência é um evento muito importante para ele porque será o único representante de uma escola secundária pública. Puxa das suas notas para começar a rever o seu discurso e depressa se perde num devaneio de aplausos e admiração. Passado algum tempo, olha para o relógio, depois para fora da janela, e percebe de repente que está no comboio errado e que o comboio certo está a partir da plataforma ao lado. Em pânico, salta do comboio parado e corre — no estilo exagerado de Basil Fawlty — ao longo da plataforma atrás do comboio que partia. É enquanto recupera o fôlego desta tentativa fracassada que repara que o comboio onde se encontrava está a sair da estação, levando as notas do seu discurso para onde ele não sabe. O resto do filme é sobre o que lhe acontece enquanto tenta chegar a Norwich a tempo de proferir a sua oração.

o próprio Cleese deve ter tido uma curiosa sensação de *déjà-vu* a certa altura após a sua chegada à estação de Liverpool Street para apanhar o comboio para Bury St Edmunds. Comprou um bilhete, questionou um funcionário ferroviário sobre o paradeiro do comboio, interpretou mal a resposta, embarcou no comboio errado e só se apercebeu do erro depois de o comboio certo ter partido para o seu destino. Recebemos uma chamada do seu assistente a dizer que ele estava a caminho, de táxi de Londres, mas que se ia atrasar.

Cleese chegou finalmente ao fim do dia e relatou a sua história extraordinária. O seu espanto com o que tinha acontecido foi coroado quando o taxista que aceitou conduzi-lo de Londres até Bury St Edmunds perguntou se ele ia lá acima ver-me.

Dar tratamento ao homem foi quase tão problemático como a sua viagem. Ele é enorme, como um poste de eletricidade. A única forma de eu conseguir chegar eficazmente ao seu joelho era mantendo-o estendido numa cadeira enquanto eu me sentava de pernas cruzadas numa almofada no chão com a mão na parte afetada. Não é fácil esquecer quem é John Cleese quando ele está à nossa frente. Apenas o

seu rosto dá-me vontade de rir. Ele não precisa de fazer ou dizer nada. Ao colocar a música no início da nossa sessão, disse a mim próprio que não devia olhar para ele. Sentei-me na almofada e comecei a concentrar-me. Passados cerca de dez minutos, pareceu-me ouvi-lo a rir abafadamente. Repreendi-me por ser fantasioso e disse a mim próprio que ele estaria provavelmente a praticar respiração profunda. A impressão de riso abafado continuou a assaltar-me, no entanto, e passado algum tempo o som de gargalhadas era inconfundível. Tornou-se progressivamente mais alto até ele estar a berrar tão alto que julgo que qualquer pessoa que passasse na rua lá fora o conseguiria ouvir. Com a minha concentração agora completamente desfeita, abri os olhos e olhei para cima para ver Basil Fawlty a rir-se maniacamente. Devo ter parecido preocupado. Ele disse: "Não se preocupe comigo. É assim que eu me livro do meu stresse."

No final da sessão, ele liquidou a sua conta e fez uma grande doação que me pediu para usar com pessoas que não tivessem posses para pagar pela cura. Cleese não se tinha lembrado de pedir ao taxista de Londres para esperar pela viagem de regresso, pelo que foi forçado a arriscar a viagem de volta de comboio. O mínimo que eu podia fazer era levá-lo à estação, embora me perguntasse como é que ele e um pacote gigante de fraldas para a Henrietta iam caber no meu pequeno Renault. Quando começámos a caminhar para o carro, ele disse: "Dá-me as fraldas. Se as levar eu, as pessoas não vão pensar que sou o John Cleese." Caminhou a passos largos, ignorando as cabeças que se voltavam e os olhares intrigados. Com efeito, ninguém conseguia acreditar que John Cleese andaria por ali durante a hora de ponta em Bury St Edmunds, a balançar um saco de fraldas.

A cura não resolveu o problema com o seu joelho. O facto de não ter resolvido foi dececionante. Contudo, não era uma questão de vida ou de morte. Às vezes é.

Vivemos numa cultura que parece considerar cada vez mais difícil interpretar ou lidar com as áreas cinzentas da vida. À medida que "progredimos", cresce a expectativa de que todos os males possam ser curados por um meio ou por outro e, se não puderem ser, o

resultado é apelidado de “fracasso”. O meu primeiro “fracasso” tinha-me ensinado a não me deixar entusiasmar com a ideia de que podia fazer a cura funcionar sempre. Esse poder simplesmente não é um dom meu. Nem sempre tem sido fácil dizer às pessoas que não posso ter a certeza de como a cura correrá. A doença é, contudo, um fenómeno estranho que parece trazer à tona uma compreensão da vida — e da morte — que provavelmente reside na maioria de nós. Quanto mais cura dou, mais seguro estou de que o seu propósito vai além do físico. As pessoas parecem abrir-se intuitivamente à ideia de a cura funcionar a níveis que não considerariam no decurso normal da vida quotidiana. Há uma pedra de toque de certeza sobre o propósito das nossas vidas que surge vezes sem conta nas cartas e mensagens que recebo.

Nicola Waller tinha apenas quinze anos quando veio pela primeira vez para tratamento, na Páscoa de 1984. A cura era o último recurso de uns pais a quem tinha sido dito que ela provavelmente não teria mais do que algumas semanas de vida. Foi trazida para a cura regularmente e também a ensinei a usar técnicas de visualização para combater a sua doença, imaginando o seu corpo a destruir as células cancerígenas. A mãe dela, Jean, disse sobre o tratamento da Nicola:

Ela ganhou mais dezoito meses de vida normal. Fez o seu tratamento e, como todas as outras pessoas no hospital, ficou extremamente doente devido à quimioterapia. De cada vez, eu trazia-a para ver o Matthew e ela simplesmente recuperava com energia. Isso mudou a sua atitude. Teve uma maior apreciação da vida. Gozou a vida. Sei pessoalmente o que ela ganhou, como ganhou. Ela sabia que ia morrer. Não havia medo. Estava muito, muito em paz. Muito feliz. Ele nunca prometeu curar o corpo. Disse que poderia ter sido a mente que ele curou. E, neste caso, tenho a certeza absoluta de que foi o que aconteceu.

Cada ato de cura também parece ter a sua própria dinâmica em relação às pessoas que apoiam o paciente. No caso de Patrick Sheehan, o trabalho de reparação emocional efetuado pela cura estendeu-se à sua filha, Bernadette. Tinha sido dito ao Patrick pelos

médicos que ele tinha apenas duas semanas de vida. Neste ponto, a Bernadette escreveu-me e pediu-me para lhe dar cura. Nos seis meses de vida que, de facto, lhe foram concedidos, ele passou por uma transformação que permitiu à Bernadette, nas suas palavras, *"amá-lo novamente de forma incondicional. Vi-o sob uma luz totalmente diferente. Tornou-se novamente o pai que outrora foi, e um que eu pensava ter perdido para sempre"*.

A reação que eu estava a obter diretamente, tanto nos *workshops* como nas sessões individuais, indicava o quanto o círculo se estava a alargar, atraindo cada vez mais pessoas. Se os números e o entusiasmo servirem de guia, havia uma abertura de mentes quase palpável para as possibilidades inerentes à cura. Senti a certeza de que seria apenas uma questão de tempo até que a classe médica reconhecesse o potencial da cura, e de outras terapias até então "suspeitas", e a adotasse.

Eu via a ciência ortodoxa e a medicina ortodoxa como aquela velha expressão do ovo do vigário — bom em algumas partes. No entanto, já tinha conhecido médicos altamente inteligentes e de mente aberta suficientes para não pensar que essas partes boas do ovo médico ortodoxo fossem minúsculas. Compreendi também, a partir das minhas conversas com Kit Pedlar e outros "renegados", como tinha surgido a atitude negativa em relação aos métodos de tratamento não ortodoxos. Anos de lavagem cerebral tinham servido para incutir essa hostilidade, com os médicos estagiários a serem alertados contra as terapias "charlatãs".

Dado que os médicos já não estavam a ser treinados para serem preconceituosos, parecia haver uma boa probabilidade de um número significativo entre as vagas presentes e futuras ser capaz de olhar para as terapias complementares de forma objetiva. Uma das pessoas responsáveis por reforçar este otimismo foi Brian Roet, que me tinha sido apresentado pelo médico das consultas telefónicas da LBC Radio, Michael van Straten. Vários dos meus pacientes tinham-me perguntado se eu podia recomendar um hipnoterapeuta. Eu não conhecia nenhum e, por isso, perguntei ao Michael, que me indicou o

Brian. O seu espírito questionador levou-o, desde a sua formação inicial como clínico geral na medicina, para a anestesia, passando pela hipnoterapia e, mais recentemente, pelo aconselhamento. O Brian exemplifica o ideal da medicina como um processo contínuo no qual os profissionais procuram constantemente novas formas de ajudar o processo de cura.

Como ele escreveria na sua introdução ao *Matthew Manning's Guide to Self-healing* [Guia de Autocura de Matthew Manning]:

Quanto mais aprendemos sobre nós próprios e sobre o nosso potencial de autocura, menor é a probabilidade de necessitarmos de medicamentos ou de "alguém que nos componha" através de injeções, operações ou da imensidão de testes laboratoriais que são agora "rotina" na profissão médica. Espero que um dia o trabalho de curadores como o Matthew esteja lado a lado com a profissão médica — reconhecido, compreendido e como parte da rotina de cura disponível para quem necessita.

O pensamento pode ser contagioso, ou pelo menos foi o que me pareceu em 1986, quando a Sociedade Real de Medicina (*Royal Society for Medicine*) me pediu para ser um de um quarteto de oradores a dirigir-se à sua secção de oncologia sobre o tema das terapias complementares no tratamento do cancro. Decidi previamente que esta teria de ser uma ocasião para ganhar amigos e influenciar pessoas, se o ideal "complementar" havia de criar raízes nas mentes do meu público. A complementaridade, e não a competição, era o tema implícito desse discurso.

Enfatizei a necessidade de abordagens múltiplas no tratamento do cancro, de não haver um único ramo omnipotente das artes de cura que tivesse todas as respostas. Eu não pretendia substituir a medicina convencional nem defendia que se devesse deixar que ela definhasse. Queria alimentar a noção de parceria — entre as inovações científicas e tecnológicas que permitem melhorias nas técnicas de diagnóstico e cirúrgicas, e as terapias que fornecem nutrição a todos os níveis para permitir que os pacientes mantenham o sentido de si mesmos e da sua

importância na equação do tratamento. Sublinhei os aspetos da cura que eu sabia por experiência ser importantes para as pessoas e que eram cada vez mais percecionados como em falta nos tratamentos convencionais — o toque, a comunicação, a compreensão, a empatia. Estes eram os elementos que a classe médica deveria tentar integrar na sua forma de trabalhar. As terapias complementares forneciam o meio. Não acrescentei que eles poderiam aprender imenso com as suas enfermeiras que, devido à natureza prática do seu trabalho e à relação mais próxima com as pessoas sob os seus cuidados, pareciam estar mais confortáveis com estes elementos.

Os outros oradores convidados a dirigir-se à Sociedade Real de Medicina naquela noite foram o Dr. Rob Buckman, o Dr. Patrick Pietroni e a Dra. Jacqueline Filshie, todos eles com formação convencional e que usavam agora terapias complementares. Buckman, um especialista em cancro que tinha emigrado para o Canadá em 1985 após se ter sentido frustrado no seu objetivo de estabelecer um programa de formação para médicos juniores, era bem conhecido dos telespetadores britânicos como co-apresentador, com a Dra. Miriam Stoppard, de *Where There's Life* e *The Buckman Treatment*. Em 1978, ele contraíra uma doença degenerativa potencialmente fatal, a dermatomiosite, na qual o sistema autoimune do corpo ataca os músculos, e conseguiu superá-la com a ajuda de uma série de disciplinas diferentes, incluindo técnicas "alternativas". Jacqueline Filshie era uma anestesista altamente respeitada que estava a ser pioneira no uso da acupuntura em operações cirúrgicas como alternativa aos anestésicos.

O quarto orador foi o clínico geral "alternativo" Dr. Patrick Pietroni, que desejava ver a introdução generalizada das terapias complementares na medicina ortodoxa. Por alguma razão, ele teve a pior receção de todos nós. Suponho que não fizesse sentido tentarem despedaçar Buckman. Ele já não fazia parte do panorama médico britânico e estava fora do alcance deles. Tudo o que podiam fazer era sentar-se e ranger os dentes silenciosamente enquanto ele enaltecia as virtudes do sistema canadiano, com a sua abordagem muito diferente à

medicina oncológica e com recursos comparativamente generosos. Pietroni, por contraste, estava em pleno processo de estabelecer uma clínica geral do Serviço Nacional de Saúde com terapeutas complementares integrados no seu Marylebone Health Centre, em Londres. Era um verdadeiro pioneiro. Dez anos mais tarde, quase 40 por cento das clínicas gerais na Grã-Bretanha estariam a oferecer alguma forma de terapia complementar.

Aquela noite pareceu, pelo menos, sinalizar uma vontade por parte de alguns membros do panorama médico estabelecido de reavaliar a sua atitude tradicional de hostilidade total em relação às formas de tratamento não ortodoxas. Os dois lados eram como familiares idosos desavençados que estavam finalmente dispostos a reconhecer as boas qualidades um do outro. Contudo, embora o bloqueio psicológico estivesse a dissipar-se e as linhas de comunicação estivessem agora ostensivamente abertas, ainda havia bolsas de resistência prontas a atacar quando surgisse a oportunidade. Alguns anos após aquela noite na Sociedade Real de Medicina, fui convidado a dar um *workshop* de um dia a um grupo de profissionais de saúde dos departamentos de oncologia de dois hospitais. Os principais temas que abordei nesse *workshop* foram a cura, a autoajuda, o relaxamento e as atitudes positivas. O local foi a Universidade de Keele e o público era composto por médicos, enfermeiros, conselheiros e vários pacientes com cancro. Os médicos que organizavam o evento simpatizavam com o meu trabalho, mas nem todos os seus colegas tinham a mesma abertura de espírito. Um dos organizadores alertou-me sobre um especialista altamente cético no público. Pedi ao médico que mo apontasse. Não gosto de confrontos, mas gosto de um desafio. Quando chegou a altura de eu demonstrar a cura, convidei o especialista a selecionar alguém para eu tratar. Disse que poderia ser útil se ele examinasse a pessoa antes e depois da cura, para que pudesse dar ao público o benefício das suas observações.

Ele apresentou uma das suas pacientes, que tinha sido submetida a uma mastectomia e a radioterapia devido a um cancro da mama.

Explicou que vários músculos tinham sido cortados durante a cirurgia e que um nervo no ombro tinha sido danificado pelo tratamento de radioterapia. Como consequência destas lesões, ela sofria de dores consideráveis e a sua capacidade de mover o braço era limitada. Ele duvidava muito que a cura trouxesse qualquer melhoria.

O especialista voltou para o seu lugar e eu comecei a trabalhar na senhora em questão. Quinze minutos mais tarde, ela estava a mover o braço em todas as direções pela primeira vez em meses e a declarar que toda a dor tinha desaparecido. Quando perguntei ao especialista se gostaria de voltar a examinar a sua paciente, ele levantou-se e gritou: "Não me vou envolver neste circo", e saiu disparado da sala.

Não tenho a certeza do que ele queria dizer com isto, a menos que acreditasse — como muitos céticos — que as pessoas se sentem sob pressão para "atuar" quando estão diante de um público e que o benefício que dizem ter retirado da cura é puramente psicológico. Não tenho forma de saber se a melhoria que aquela mulher sentiu se manteve. Se o especialista estivesse preparado para discutir o caso, teria sido possível estabelecer alguma forma de monitorização.

O uso que fez da palavra "circo", contudo, sugere que ele poderia estar a confundir a cura com algumas das organizações mais confusas que se aglomeram nas franjas do movimento "alternativo". A credibilidade no mundo em geral depende em grande parte da perceção, e o facto de existirem algumas práticas muito vagas a mascararem-se de terapias ou de portadoras de iluminação tem prejudicado a causa dos que são genuínos. Graham Wilson, o promotor do Festival do Espírito, Mente e Corpo (*Festival of Mind, Body and Spirit*), tentou sempre promover a vertente comprovada da gama de terapias complementares em exibição a cada ano. Parte da campanha publicitária para atrair as pessoas comuns através das bilheteiras envolvia pedir aos participantes do Festival com um perfil público relativamente elevado para fazerem publicidade ao evento. Sempre que os meios de comunicação social solicitavam nomes para entrevistar, o meu estava entre os sugeridos. No final dos anos oitenta, contudo, parecia que alguns elementos dos meios de comunicação

estavam a ficar aborrecidos por cobrir o Festival de forma séria. O politicamente correto de nos levar a sério estava a passar — pelo menos para a televisão. Um ano, decidiram confrontar a extravagância percebida com extravagância intencional, sob a forma de Ruby Wax. Eu até teria apreciado a oportunidade de lhe frustrar os planos, mas não aconteceu. Ela recusou-se a lidar comigo porque, como me disse pessoalmente, tinha demasiado respeito pelo que eu estava a fazer. Em vez disso, divertiu-se com o veterano terapeuta da cor Theo Gimbel que, assoberbado por esta oportunidade inesperada, ficou baralhado a ponto de confirmar que o uso de cuecas vermelhas fornecia uma proteção eficaz contra a SIDA!

Apresso-me a acrescentar que tenho a certeza de que a terapia da cor tem valor terapêutico, embora limitado, em alguns casos, e que pode contribuir para uma sensação geral de bem-estar; não é por acaso que a minha sala de cura está empapelada com um tom específico de amarelo. Tal como com qualquer terapia, a questão do que ela pode genuinamente oferecer ao paciente tem de ser abordada. Não consigo pensar em nenhuma circunstância possível em que as alegações de algumas das organizações que se abrigam sob o guarda-chuva "alternativo" possam ser levadas a sério. Nunca esquecerei a tentativa de resolver a confusão semeada pela Sociedade Aetherius (*Aetherius Society*), que tem um nome que soa reconfortantemente sensato. O nome faz-me pensar em conhecimento iluminado em ambientes com painéis de madeira, uma espécie de Biblioteca Britânica para aqueles que dividem o seu tempo entre a Terra e o plano astral. Na realidade, foi a criação de um taxista de Londres chamado George King (mais tarde Sir, após a sua auto-elevação à nobreza), que estabeleceu o grupo em 1956 após alegadamente ouvir uma voz que lhe dizia para se preparar para *"Se tornar a voz do Parlamento Interplanetário"*, aparentemente um órgão de seres espiritualmente avançados que vivem noutros planetas e que estão a deitar um olhar bondoso sobre nós, terráqueos, a partir de uma frota de OVNIs ancorada algures na galáxia. Duas pessoas que tinham sido expostas às ideias de King encontraram o caminho para o meu *stand* no Festival, num determinado ano. Neste período inicial da vida do Festival, eu

costumava ter um *stand* além de dar demonstrações, *workshops* e palestras. Ao longo dos cinco dias, as pessoas aproximavam-se para conversar ou apenas para folhear o meu *stock* de cassetes, livros e vídeos sobre cura. Não prestei muita atenção aos dois homens em questão até que um deles parou, olhou para o que estava disponível e se esquivou para o meu lado. Com um ar bastante embaraçado, disse: "Pergunto-me se me poderia dar um conselho."

Eu disse: "Claro. Diga-me qual é o problema e verei o que posso fazer."

"Bem, é de natureza bastante pessoal. Importa-se que nos desloquemos para aqui, porque não quero que mais ninguém ouça o que é?"

Quando estávamos fora do alcance do ouvido de qualquer outra pessoa, ele disse: "Na verdade, o problema não é meu. É do meu amigo. Ele tem um bastante grande."

Fiquei sem saber se havia de manter uma cara séria ou desatar a rir à gargalhada. Optei pela primeira e, de forma bastante tola, perguntei: "Quão grande é?"

"Bem, estende-se por cerca de dez milhas."

Percebendo agora que não poderíamos de modo algum estar no mesmo comprimento de onda, investiguei um pouco mais e descobri que o "problema" do seu amigo tinha sido descoberto durante uma visita ao *stand* da Sociedade Aetherius: dois adeptos tinham usado a radiestesia à volta dele e proclamado que ele tinha uma aura de dez milhas. Perplexos com esta informação surpreendente, os dois homens tinham partido para superar o que tomaram como um problema de proporções correspondentes. Tinham conseguido resolver metade do problema e esperavam que eu conseguisse tratar da outra metade. Fiquei intrigado por saber como.

O homem disse: "Comprámos um apartamento à beira-mar em Brighton e, desde que o meu amigo fique no apartamento, metade da sua aura estende-se pelo mar, embora ocasionalmente apanhe

navegação a passar por ela. Perguntamo-nos se tem algum conselho sobre o que ele pode fazer com a outra metade, porque tem um terminal de autocarros nela, uma estrada muito grande e o centro da cidade."

Eu não conseguia acreditar que alguém pudesse falar com tanta seriedade sobre algo tão absolutamente absurdo. Ainda não tenho a certeza se um dos homens estava completamente louco, se estavam ambos ou se eram apenas duas almas ingénuas que acreditavam em tudo o que lhes diziam. Por travessura, e também por falta de saber para onde mais os enviar, aconselhei o homem a levar o seu amigo ao *stand* da Federação Nacional de Curadores Espirituais (*National Federation of Spiritual Healers*). Não parecia apropriado oferecer-lhe cura. Na verdade, eu não dou cura se sentir que não há probabilidade de ela fazer algum bem. Este é o único princípio que guia a minha decisão de dar ou não cura.

Em meados dos anos oitenta, vi-me desafiado por uma minoria ruidosa a negar ajuda a doentes com SIDA e VIH. A controvérsia vingativa instigada pelos meios de comunicação social era sem dúvida alimentada pelo medo. Os tabloides, especialmente, publicavam entusiasticamente histórias sobre a "peste *gay*", salpicando-as com citações de moralistas que viam a doença como um castigo divino por uma vida promíscua e degenerada. Quando se soube que eu estava a dar cura a uma série de pessoas infetadas com o vírus, fui bombardeado com cartas — a maioria de cristãos evangélicos e membros de igrejas cristãs fundamentais — que expressavam horror por eu estar disposto a ajudar tais "párias". Eu não estava disposto a armar-me em Deus e a ceder à pressão exercida por estas pessoas. Reagi com a maior força que pude e tentei envergonhá-los para que vissem quão anticristãs eram as suas atitudes.

A hostilidade que o VIH/SIDA provocava na população geral é agora, felizmente, uma memória, mas em meados dos anos oitenta era uma componente tão grande no tratamento como o próprio vírus. Tal como nos casos de cancro, o objetivo da cura é fortalecer o sistema imunitário através da adoção de técnicas de relaxamento e

visualização, e da transformação de medos negativos em crenças positivas. Combater o vírus eficazmente envolve remover os stresses que conspiram para enfraquecer o corpo. Não consigo pensar num stresse mais desmoralizador do que ser transformado num pária. Como confidenciou um dos meus pacientes: *"As pessoas sobem ao púlpito e denunciam-no, evitam-no, não querem saber. Não querem ajudar. Há muito poucas mãos dispostas a segurar a sua."* Naquela altura, o estigma associado ao vírus podia sobrepor-se ao esforço para combatê-lo, e o suicídio estava frequentemente no topo do pensamento das pessoas quando descobriam que eram portadoras.

Com o apoio da sua esposa, esse homem não agiu de acordo com o seu impulso inicial de se enforcar e acabou por conseguir superar o choque e o medo. *"Tudo com que alguma vez tínhamos sonhado foi subitamente por água abaixo. Sem filhos. Sem nada. Tudo desapareceu e de repente tínhamos apenas este único objetivo."* Ele passou a acreditar nos seus próprios poderes de cura e redefiniu a sua abordagem à vida. *"Acho que a paz de espírito prevenirá definitivamente uma manifestação. Tenho todas as probabilidades de sobreviver e não vejo qualquer razão para não sobreviver... Não estou sob stresse. Estou perfeitamente calmo e nada me vai preocupar."*

O médico que me introduziu na Sociedade Real de Medicina disse ao seu público: "As pessoas estão a votar com os pés, e nós temos de descobrir o que é que pessoas como Matthew Manning lhes estão a oferecer."

Em alguns casos, acho que isto poderia ser resumido numa palavra: "esperança".

Eberhard Fuchs e Barbara Steinsch estiveram entre os vários jornalistas estrangeiros que pediram entrevistas após a transmissão do documentário sobre mim. Vieram para a Grã-Bretanha e passaram a melhor parte de um fim de semana com a Christine e comigo, falando sobre cura e selecionando histórias clínicas que pudessem acompanhar. O material que recolheram destinava-se originalmente a

ser publicado durante seis semanas numa revista feminina alemã de grande circulação, mas foi tal a reação dos leitores que foram encomendados mais cinco artigos. Pouco antes de estes artigos serem publicados, eu tinha recebido uma carta da mãe de uma menina chamada Anja Kowalska, que tinha então dois anos e meio. A sua mãe, Eva, escreveu que ela tinha nascido com três meses de prematuridade, pesando apenas 900 gramas. Uma semana mais tarde, sofrera uma paralisia da parte do cérebro que controla o movimento e a capacidade de se sentar, de se manter de pé, de falar ou de focar os olhos. Em três ocasiões durante a sua primeira semana de vida, a Anja foi declarada clinicamente morta. O médico que a tratava no Centro Pediátrico de Munique tinha estimado as probabilidades de ela fazer uma ligeira recuperação em apenas 1 por cento e tinha dito aos Kowalskas que ela nunca seria capaz de levantar a cabeça, quanto mais falar ou caminhar.

A Anja estava numa cadeira de rodas quando a vi pela primeira vez, uma trouxa sem vida que poderia ser confundida com uma boneca de trapos flácida. Vinculei à Eva e ao seu marido, Heinrich, que eu não podia fazer promessas. Não tinha experiência neste tipo de casos e, por isso, não podia prever se a cura teria o resultado que procuravam. Podia apenas tentar.

Durante as nossas três sessões de cura, a Anja transpirava tanto que as suas roupas tinham de ser mudadas. Interpretei isto como um sinal de que algum processo estava em curso e que em breve daria resultados, embora a condição da Anja não apresentasse melhorias. Aconselhei os Kowalskas a regressarem com a Anja dali a alguns meses. A Eva confidenciou-me mais tarde que se tinha ido embora amargamente desiludida.

Exatamente dois meses após a primeira visita, os olhos da Anja começaram a melhorar visivelmente — a tal ponto, na verdade, que uma operação planeada foi cancelada. O estrabismo ainda continuava lá, mas o especialista em oftalmologia estava confiante de que a situação se *"resolveria por si mesma"*. A Anja tentou então levantar a cabeça e, escassos dias depois, olhou para a mãe e sorriu. A Eva ficou

radiante por receber esta primeira expressão do amor da Anja. Mal conseguiu acreditar nos seus ouvidos quando, momentos depois, a criança disse subitamente: “Mamã”. “Papá” e “Doro”, o nome da sua irmã mais velha, foram as palavras seguintes.

Um mês mais tarde, os Kowalskas voaram de regresso à Grã-Bretanha com a Anja. Após mais três sessões de cura, ela recusava-se a usar fralda e exigia um bacio! Conseguia agora sentar-se sozinha e falar frases completas em alemão e na língua materna dos Kowalskas, o polaco. Ovo quente e pão de forma tornaram-se as suas comidas favoritas. Fatias de salsicha ela conseguia comer sozinha. A Anja revelou novas melhorias durante uma terceira visita. Na manhã seguinte à primeira sessão de cura desta viagem, a Anja deu os seus primeiros passos, segurando a mão da sua mãe. Alguns meses mais tarde, conseguia mostrar à mãe como voa um pássaro, movendo os braços como asas.

O especialista que tratava a Anja não conseguiu oferecer qualquer explicação para a mudança na sua condição. Convictos de que a melhoria da Anja se devia à minha cura, os Kowalskas estavam desesperados por continuar a trazê-la para me ver a intervalos regulares. Contudo, as suas finanças estavam sobrecarregadas para suportar o custo das passagens aéreas e do alojamento. Liguei para o Eberhard Fuchs para avaliar as probabilidades de uma revista alemã estar interessada em patrocinar a família, talvez em troca do direito de publicar a história da Anja. O Eberhard conseguiu fechar um acordo com a *Frau Aktuell*, que pediu aos Kowalskas que fornecessem uma atualização contínua sobre o progresso da Anja. O caso da Anja foi amplamente divulgado na Alemanha e os Kowalskas receberam muitas cartas de pais desesperados que queriam contactar-me.

Para a Christine e para mim, março de 1986 a março de 1987 tinha sido o nosso primeiro *annus horribilis*. A única coisa boa sobre ele foi ter chegado ao fim e, no término deste, eu ter ganho dinheiro suficiente para nos permitir mudar de Woolpit. A nossa escolha foi uma casa medieval numa das ruas principais de Bury St Edmunds. As suas principais vantagens eram o atraente moinho desativado para o

qual tinha vista nas traseiras e a sua conveniência. Eu podia ir a pé para o trabalho e a Christine não sentiria as minhas ausências frequentes de forma tão aguda num ambiente de cidade movimentada. Ficaríamos ambos mais felizes.

O ano de 1987 marcou também o fim da minha história de amor com os Estados Unidos. Eu só lá tinha voltado uma vez desde 1984, durante uma semana em 1986, para dar palestras e *workshops*. Em 1987, voltei a fazê-lo. Ambas as viagens foram organizadas pela Denise Linn, antes da sua evolução para formadora de desenvolvimento pessoal. No início dos anos oitenta, eu tinha ponderado a ideia de me mudar para lá permanentemente e tinha inclusivamente ido ao ponto de pedir o *Green Card*. Parecia fazer sentido quando eu trabalhava lá durante três meses seguidos e só via a casa por escassos dias de cada vez entre as digressões. Nesses anos, devo ter percorrido virtualmente todas as cidades da América, à exceção das do *Bible Belt* [Cinturão da Bíblia] e dos estados do Sul. Quando voltei, vi como o panorama tinha mudado para se tornar apenas mais uma faceta da América corporativa. Grande parte da diversão e da ingenuidade tinha-se perdido, e os próprios "gurus" lutavam por vantagens comerciais num mercado que se estava a tornar sobrecarregado. Os "gurus" mais bem-sucedidos eram aqueles dispostos a prometer resultados instantâneos, quer fosse a iluminação, a perda de peso ou o contacto com seres celestiais. Esse nunca tinha sido o meu caminho e eu não me ia meter por aí. Os Estados Unidos já não eram o lugar para mim. Isto tinha deixado de ter importância agora que eu tinha construído um grande número de seguidores na Grã-Bretanha. Profissionalmente, eu conseguia passar muito confortavelmente sem ter de cruzar o Atlântico. Continuei a trabalhar o mais arduamente que podia, temeroso de que, se não o fizesse, pudesse perder tudo novamente. Quando estava em casa com a Christine, relaxávamos na companhia do novo círculo de amigos que estávamos a fazer em Bury St Edmunds e arredores. O consumo excessivo de álcool estava a tornar-se um estilo de vida para ambos. Longe de casa, aliviava a solidão, mesmo que apenas por uma noite. Quando saía socialmente com a Christine, fazia-me sentir um homem

igual aos outros. As pessoas com quem eu entrava em contacto através do meu trabalho tendiam a idealizar-me, apesar dos meus esforços para as fazer acreditar nas suas próprias capacidades. Talvez esta seja uma reação natural: só se acreditarmos que alguém é melhor do que nós é que prestamos atenção a essa pessoa ou à sua mensagem. Eu não queria passar o meu tempo livre a ser divinizado. As pessoas com quem me cruzava socialmente reagiam de duas formas ao facto de eu ser um curador. Ou faziam um comentário cáustico antes de pegarem na sua bebida e se mudarem para o canto mais longínquo da sala, ou isso se tornava o único tema de conversa.

Um ponto confortável entre ser o centro das atenções e ser rejeitado era por vezes difícil de encontrar. Eu não queria dizer às pessoas o que fazia da vida por medo da reação delas. Pensei que, se bebesse tanto quanto os restantes, não haveria hipótese de ser considerado diferente.

Em privado, a Christine estava certamente a fazer o seu melhor para me dizer que eu não era especial. Os comentários negativos que tinham começado quando vivíamos em Woolpit ganharam um tom mais afiado. Tinham surgido problemas nas poucas ocasiões em que ela me acompanhara em digressões antes do nascimento da Henrietta. As pessoas tendiam a ignorá-la e, em algumas ocasiões, tinham sido francamente rudes. Compreensivelmente, este tratamento perturbava-a e causava discussões entre nós. Agora que ela ficava em casa enquanto eu viajava sozinho, suspeitava que eu aproveitava ao máximo a sua ausência. Comigo ou não, sentia-se excluída. Em vez de encontrar formas de aliviar a situação, eu procurava oportunidades para estar fora de casa e longe do alcance da voz.

O interesse provocado na Alemanha pelo caso da Anja Kowalska encorajou a *Frau Aktuell* a convidar-me para dar duas palestras/demonstrações de cura em setembro de 1988, uma em Hamburgo e a outra em Bochum. Estava indeciso quanto à aceitação da oferta. A Alemanha tinha-se tornado um dos meus países menos favoritos. Por outro lado, não gosto de recusar convites, especialmente os motivados pelo interesse do público. Decidi que, se a revista estava

disposta a arriscar incorrer na ira do funcionalismo mesquinho, eu também estava. As autoridades poderiam ter uma visão diferente das minhas atividades desta vez, devido à enorme publicidade que casos como o da Anja estavam a gerar.

Hamburgo fez jus à sua reputação de cidade-estado que sempre seguiu o seu próprio caminho, negociando e pensando como bem entende. Tive uma casa cheia de pessoas que queriam ouvir o que eu tinha para dizer e ansiosas por ver a demonstração de cura. Não houve uma presença oficial óbvia, nem uma vigilância ameaçadora sobre as minhas atividades. Imensamente aliviados, seguimos para Bochum, uma cidade sem nada de especial no coração industrial da Alemanha. Tudo corria de acordo com o previsto até poucas horas antes de eu dever subir ao palco. Foi recebida uma mensagem por telex escritórios da *Frau Aktuell* vinda de um Dr. Martin Segerling, que se descrevia como tendo a responsabilidade geral pelas autoridades de saúde em Bochum e arredores. Na sua mensagem, o Dr. Segerling afirmava que a prática da cura era ilegal e que, embora eu estivesse em liberdade para dar a palestra, não estava autorizado a demonstrar a cura. Após consultas céleres com um dos seus advogados, a revista decidiu que a ameaça de Segerling devia ser ignorada e que eu deveria avançar e dar tanto a palestra como a demonstração.

Cerca de vinte minutos antes do início da palestra, quatro polícias fardados chegaram ao local e exigiram entrada para si próprios e para um pequeno grupo de pessoas que os acompanhava; ao abrigo da lei alemã, a nenhum deles podia ser recusada a entrada. Soubemos que o Dr. Segerling estava entre a comitiva de funcionários acompanhantes. Outro membro da sua brigada à paisana aproximou-se de mim e perguntou-me se eu era Matthew Manning. Assim que confirmei que sim, enfiou-me uma folha de papel na mão. Esta revelou ser o equivalente alemão de uma injunção do Tribunal Superior que me ordenava que não demonstrasse a cura. A revista tinha tomado a precaução de enviar o seu advogado, o Herr Haendeler, para o caso de haver problemas. Perguntei-lhe o que aconteceria se eu ignorasse a injunção. A polícia tinha o poder de me prender no instante em que eu

pusesse sequer um dedo em cima de alguém, disse ele. Seria então levado para interrogatório e provavelmente multado no equivalente a cerca de £200. Isto não parecia muito mau e ponderei a ideia de ser um mártir até ele sublinhar que ter uma acusação criminal registada em meu nome tornaria muito difícil o meu regresso à Alemanha. Relutantemente, decidi que teria de cumprir a lei alemã. Era frustrante estar na mesma situação da última vez que tinha visitado o país, mas não havia uma forma sensata de contornar a questão. O meu ânimo melhorou consideravelmente quando ficou claro que o Herr Haendeler estava determinado a constranger o Dr. Segerling e a injetar um drama digno de cobertura mediática. Não era advogado de uma revista de grande circulação por acaso. Haendeler pediu-me que fizesse a minha intervenção e depois lhe passasse a reunião.

No final da minha palestra, expliquei ao público que estava a ser impedido de fazer a anunciada demonstração de cura. À medida que manifestações de raiva ecoavam pela sala cheia, Haendeler juntou-se a mim na plataforma. Anunciou que a *Frau Aktuell* reembolsaria o custo total de cada bilhete. Depois, leu o texto da ordem judicial que me tinha sido entregue. Quando terminou, desafiou o Dr. Segerling a subir ao palco e a explicar a sua ação. Esta foi uma jogada astuta, porque o público, que já fervia ruidosamente, precisava de descarregar a sua desilusão em alguém e a justiça exigia que não fosse nem em mim nem em Haendeler. Segerling não conseguiu fazer-se ouvir durante vários minutos acima do coro de insultos e provocações, acompanhado por fortes batidas de pés. O tumulto revelou-se excessivo para um senhor idoso, que desmaiou. Mal pude acreditar nos meus olhos quando nenhum dos médicos do grupo de Segerling se moveu para o ajudar e os seus cuidados foram deixados a cargo de outros membros do público. Eventualmente, Segerling fez-se ouvir acima do ruído. Confirmou que nenhuma cura iria realizar-se e que, se fosse tentada, seria usada toda a força da lei para a travar. Manteve-se obstinadamente fiel ao seu argumento: de que estava a defender a lei. Os cidadãos de Bochum não lhe agradeceram a retidão e vaiaram-no à saída do palco.

Após a sua partida apressada, dirigi-me novamente ao público, pedindo desculpa pelo sucedido e oferecendo-me para descer até junto deles para responder a quaisquer perguntas. O palco parecia invulgarmente alto e sentia-me mais confortável a falar com as pessoas informalmente ao nível do chão. Abandonei o palco e depressa me vi rodeado por dezenas de pessoas na sala, algumas querendo conselhos, outras querendo expressar a sua indignação pelo que tinha acontecido. Não falo alemão e concentrava-me arduamente em formular as minhas respostas às muitas perguntas em inglês simples. Em fundo, apercebi-me da voz do Eberhard, a gritar: "Pelo amor de Deus, não apertes a mão a ninguém!" Olhei para cima e vi os quatro polícias fardados de pé em cima de cadeiras, a olhar fixamente para a multidão de pessoas, à espera que eu tocasse em alguém.

Na manhã seguinte, a imprensa alemã fez uma festa e deu ao evento em Bochum muito mais cobertura do que teria sido o caso se eu tivesse sido autorizado a fazer a demonstração de cura. Não retirei qualquer conforto disso. Ao bloquear-me, as autoridades tinham também conseguido impedir alguns dos seus cidadãos de receberem ajuda. É este aspeto da oposição à cura que sempre me causou mais desgosto e raiva.

Após anos a ser aceite mais facilmente noutros países do que na Grã-Bretanha, onde muitas pessoas pareciam não saber o que pensar de mim ou do que eu andava a fazer, o pêndulo parecia agora estar a oscilar no sentido inverso — com obstáculos no estrangeiro e reconhecimento em casa. Algumas das pessoas que vinham eram convencidas pela experiência de amigos próximos, como no caso de Robin, Marquês de Tavistock. Ele tinha sofrido um AVC maciço em fevereiro de 1988, ao qual sobreviveu contra todas as probabilidades. Teve alta do hospital cerca de dois meses mais tarde, ainda fraco devido à sua provação e com uma série de incapacidades por superar. Além de estar ligeiramente paralisado do seu lado direito e cego do olho esquerdo, tinha graves problemas de fala e de memória. Quando veio ver-me pela primeira vez, a sua fala estava a melhorar e a visão começava a regressar ao olho esquerdo. De acordo com a Marquesa, o

marido não acreditava na cura, mas foi encorajado a vir ter comigo depois de eu ter ajudado um amigo seu, o negociante de antiguidades John Partridge, a recuperar a vista:

Fui com ele e sentei-me na sala enquanto o Matthew punha a mão na cabeça do meu marido. Ele sentiu imediatamente calor. E a coisa realmente estranha foi que eu também o conseguia sentir.

Após a primeira visita, o meu marido parecia incrivelmente pacífico, estava muito feliz e disse que se sentia muito melhor.

Após novas sessões, recuperou 80 por cento da visão no olho esquerdo, que tinha sido o mais gravemente afetado pelo AVC, e a sua disfasia — que é ser incapaz de encontrar a palavra que se quer — melhorou imenso. Agora ele acredita.

A Sarah Fletcher também veio ter comigo em 1988 por conselho de uma amiga. Foi-lhe dito que tinha um grau de cancro de nível três após receber um resultado positivo num teste de esfregaço cervical realizado no John Radcliffe Hospital, em Oxford. O tratamento a laser proposto teve então de ser adiado quando a Sarah descobriu que estava grávida, devido ao perigo que representaria para o feto. Uma amiga sugeriu que ela tentasse a cura para contrariar o agravamento da sua condição que provavelmente ocorreria antes que o tratamento convencional pudesse ser administrado. A Sarah disse sobre a sua primeira visita a mim:

Ele colocou as mãos perto de mim, sem tocar propriamente no meu corpo. Depois, senti-me extremamente relaxada e com muito calor. Foi como se tivesse passado por algum tipo de tratamento térmico.

Veio para outra sessão dois meses mais tarde. Em janeiro de 1989 nasceu o seu bebé, a Melissa. Duas semanas depois, a Sarah fez outro esfregaço. O resultado foi negativo.

O problema da Nicky Bilton era também ginecológico e causava-lhe, nas suas próprias palavras, *"uma dor lancinante"*:

Disseram-me que a única forma de o problema ser definitivamente diagnosticado seria remover o meu útero e analisar os tecidos.

Na altura em que decidi ir ver o Matthew, tinha deixado de trabalhar e vivia num mundo confuso, à base de analgésicos receitados e gin, que é um relaxante uterino. O primeiro tratamento foi absolutamente incrível. A sensação de calor era tão intensa que era como ser queimada viva por dentro, e o tipo de dor dilacerante que a acompanhava foi um alívio enorme. Depois, após cada sessão, sentia apenas mais e mais alívio. Passados seis meses voltei ao trabalho e ao fim de um ano a dor tinha desaparecido.

Se o meu trabalho me dava todo o relaxamento com que conseguia lidar, o meu negócio de gravações fornecia a maior parte do stresse. Mesmo o meu percalço financeiro não tinha posto fim a esta atividade e eu estava agora determinado a expandir o negócio para incluir CDs da música usada nas minhas cassetes. Sabia que havia mercado para isso devido ao número de consultas que recebia. Foi um passo curto a partir daí para produzir CDs e cassetes de outra música produzida pelos mesmos artistas. Antes que desse por isso, o negócio estava a expandir-se, eu estava a empregar um número crescente de pessoas e a injetar nele quantias crescentes de dinheiro. Uma forma de reaver parte deste "investimento", pensei eu, seria organizar um concerto ao vivo com os músicos cujo trabalho eu estava a gravar. Alinhei o local, o Farnham Maltings em Surrey, e os artistas. Poucos dias antes do concerto, um dos números desistiu e, em desespero, telefonei ao Vincent Crane para ver se ele me podia ajudar ou sugerir alguém que o fizesse. Íamos gravar juntos pela primeira vez em breve, pelo que seria uma boa oportunidade para uma promoção pré-gravação do material que ele estava a preparar. Contudo, não estava muito esperançoso. O Vincent era um grande músico com um currículo de rock impecável. Tinha sido membro dos *Crazy World of Arthur Brown* e criador do maior êxito da banda, *Fire*. Tinha fundado os *Atomic Rooster* com o Carl Palmer e, em anos recentes, tinha

tocado e gravado com os *Dexys Midnight Runners*. Mas, sem hesitar, o Vincent ofereceu-se.

Durante o ensaio no dia do concerto, o Vincent estava a roçar o maníaco. Isto era provavelmente muito desconcertante para as pessoas que não o conheciam, mas para os de nós que o conheciam era preferível aos estados de espírito negros em que ele se afundava periodicamente. O gerente da sala assistia em horror agoniado enquanto o Vincent, que era um pianista altamente talentoso, tocava o piano de cauda Steinway residente com os cotovelos e depois com os pés.

O Vincent estava por direito próprio no topo do cartaz porque era o mais conhecido dos artistas que se apresentavam nessa noite. Quando chegou a sua vez, subi ao palco para o apresentar ao público com a ajuda de alguns superlativos criteriosos, terminando com "Por favor, deem as boas-vindas a Vincent Crane". Voltei-me para os bastidores, esperando vê-lo. Não estava lá ninguém.

Pensei que talvez ele não tivesse ouvido e repeti a minha apresentação, desta vez praticamente a gritar para o microfone. Percebi que algo tinha corrido horrivelmente mal quando ouvi uma voz tensa sussurrar vinda da direção dos bastidores. Balbuciei um pedido de desculpas para ganhar tempo e abandonei apressadamente o palco para descobrir o pior.

O Vincent tinha desmaiado numa casa de banho, onde tinha ido para combater os nervos enrolando um charro do tamanho de um charuto cubano e fumando-o todo. Não me tinha ocorrido que um homem com o historial dele sofresse de medo do palco. Conseguimos tirá-lo da cabine trepando por cima da divisória e destrancando a porta por dentro. Após alguns minutos de exposição ao ar frio, água e palmadinhas suaves, ele recuperou os sentidos, grogue, incoerente e aparentemente incapaz de atuar. Em desespero, empurrámo-lo para o palco para correr o seu risco. Tocou fantasticamente, como um homem possuído, o que, de certa forma, era o caso. Depois, rimo-nos

por mero alívio e deleite com o desfecho da noite. Essa foi a última vez que vi o Vincent. Poucas semanas mais tarde, suicidou-se.

Estou convencido de que as pessoas que precisam da minha ajuda irão recebê-la, porque de alguma forma os nossos caminhos serão feitos cruzar-se. Em maio de 1989, eu estava a dar um *workshop* em Totnes, Devon, quando fui abordado por uma mulher que me perguntou se eu veria a sua filha de dois anos e meio, a quem chamarei Charlotte. O caso era muito invulgar e os pediatras do hospital local tinham encaminhado a Charlotte para o Great Ormond Street Hospital, em Londres, para um diagnóstico. Expliquei que teria todo o gosto em vê-la assim que a condição tivesse sido diagnosticada. Poucas semanas mais tarde, recebi uma carta:

O hospital Great Ormond St fez imensos exames, mas não consegue dar um diagnóstico definitivo, embora pareçam convencidos, devido ao exame de [TAC], de que se trata de uma leucodistrofia rara [uma doença cerebral degenerativa progressiva]. O único exame de diagnóstico adicional é uma biópsia cerebral. Como eles têm a certeza de que é incurável, seria cruel submetê-la a essa provação. Agora ando a arrancar os cabelos, a tentar encontrar a pessoa que possa ajudar a curá-la, e tudo o que o NHS parece querer fazer é fornecer carrinhos de bebé, vagas em escolas especiais, aconselhamento e subsídio de assistência. A postura da [Charlotte] está agora a falhar; ela senta-se com as costas curvadas e a cabeça baixa, a olhar para o umbigo. Receio que a mão esquerda esteja a ficar mais desajeitada; ela pede para ser ajudada a alimentar-se, embora consiga fazê-lo mesmo à justa sozinha. O seu intelecto continua perfeitamente normal e o seu espírito é incrivelmente animado para alguém que mal consegue fazer o que quer que seja sozinha. ... Se acha que pode ajudar, quanto mais cedo melhor, pois ela deteriora-se diariamente, apesar das nossas orações e determinação. [A Charlotte era claramente um caso urgente e tratei de fazer com que lhe dessem uma consulta rápida. Ela teve três sessões de cura ao longo de um período de seis meses.]

A primeira vez que viemos, eu estava dominada pelo medo e pela agonia perante o seu estado de deterioração. Ela mal conseguia comer ou falar, embora estivesse sentada de forma muito mais positiva. No espaço de 3 dias, começou a falar de forma audível e pediu para sair do carrinho e empurrar. Nunca mais olhou para trás, indo de vento em popa. Sobre a última sessão da Charlotte comigo, a mãe escreveu: *"... Quando ela saiu do carro, entrou a correr e desatou a tagarelar, fiquei tão feliz que não conseguia parar de sorrir. Vi logo que ela tinha recebido outro impulso."*

Após a sua última visita, a Charlotte foi levada de volta ao Great Ormond Street para mais exames, incluindo outra TAC. A primeira TAC tinha mostrado degeneração na substância branca em ambos os lados do cérebro e *"um 'tecido' inexplicável entre os hemisférios do cérebro"*. A anomalia na substância branca ainda era visível na segunda TAC, que a mãe da Charlotte descreveu como:

uma área escura simétrica em ambos os lados com uma borda branca, quando deveria ser tudo branco. Fiquei tão estupefacta por não haver nenhuma alteração óbvia que não consegui pedir-lhes que esclarecessem. Claro que eles também estão perplexos e mistificados... Tudo o que podem fazer é dar palpites fundamentados com base na experiência anterior e dizem que a [Charlotte] é única. Acham que poderia ser uma reação invulgar a uma infeção, mas isso normalmente surge como áreas irregulares de anomalia. Não acharam que nada do que eu tinha feito fosse um avanço radical, embora não tenham de modo algum descartado o facto de que uma atitude positiva, a fé e a determinação são forças poderosas. ... Quem me dera poder compreender tudo isto e chegar a alguma conclusão, mas não há nenhuma e há muitas. Decidi que tinha de saber, para o melhor ou para o pior, o que tinha acontecido no cérebro dela, mas agora que sei que continua igual, não sei o que fazer com esse conhecimento. Terei apenas de o aceitar como um facto.

O regresso da Charlotte à boa saúde continuou, como a mãe confirmou numa carta que enviou vários anos após as sessões de cura:

Ela é uma criança florescente de 7 anos agora, a gostar da vida escolar, e não tem memória de que alguma vez tenha havido algo de errado com ela. Continua a não conseguir andar de bicicleta e acho que o seu equilíbrio e coordenação estão ligeiramente afetados, mas, por outro lado, eu não conseguia andar de bicicleta nem nadar até aos 8 anos e ela sabe nadar! Lê e escreve extremamente bem e, embora estivéssemos um pouco preocupados quando ela começou a escola, faz progressos lentos mas constantes e compara-se favoravelmente com os seus pares.

A história da Charlotte demonstra que não há limites para o poder da cura. Uma característica da leucodistrofia é a rutura — em alguns casos, destruição — dos meios pelos quais os impulsos elétricos são conduzidos através do sistema nervoso, desativando assim o sistema e impedindo-o de realizar as suas funções. Os médicos da Charlotte chegaram à conclusão de que, de alguma forma, os sinais elétricos estavam a ser redirecionados através de outra parte do seu cérebro. Como exatamente isto foi alcançado, eles não sabem explicar. Mais importante do que o "como" é o que casos como o da Charlotte nos ensinam:

Tem sido realmente a experiência mais avassaladora que alguém provavelmente poderá ter. Sempre achei que tínhamos sorte por ela não nos ter sido arrancada abruptamente, e que era uma alegria podermos tê-la e ser felizes com ela, vivendo a vida o momento, por mais curto que fosse o tempo, mas tê-la restaurada a uma boa saúde clinicamente, se não tecnicamente, é milagroso. Tudo é possível. A maior coisa que aprendi foi o poder do amor e do pensamento positivo.

Elisabeth e Hans Buischer demonstraram uma determinação semelhante à dos pais da Charlotte em explorar todas as vias para ajudar a sua filha doente, Vanessa. Em setembro de 1990, o casal trouxe-a para me ver, vindo da sua casa na pequena ilha de Fehmarn, na costa do Báltico. A falta de oxigénio por altura do nascimento resultou em lesões cerebrais na Vanessa. Apesar de um prognóstico sombrio, os Buischer não deixaram nenhuma pedra terapêutica por

mover nas suas tentativas de melhorar a situação da Vanessa. Quando a natação, a ginástica e a terapia de perceção falharam, recorreram à cura. Um curador em Munique prometeu-lhes uma cura. Fizeram a viagem de 700 quilómetros até ao sul da Alemanha doze vezes num período de três anos, sem qualquer melhoria percetível na condição da Vanessa. Pouco tempo depois, a Vanessa começou a mostrar sinais de perturbação grave, enfurecendo-se, gritando e batendo em si própria durante horas a fio. Os Buischer foram recomendados a experimentar um magnetizador na Holanda, que lhes disse que seria capaz de aliviar o sofrimento dela, mas não a sua incapacidade. Após três semanas de tratamento, a Vanessa estava visivelmente mais calma. Por esta altura, os Buischer leram sobre o caso da Anja e marcaram uma consulta para que ela me visse.

A Elisabeth escreveu sobre essa primeira visita numa carta que me enviou em agosto de 1992:

A Vanessa tinha então 8 anos, era delicada, pequena e parecia, no máximo, ter 5 anos. Conseguia andar, quando segurada com ambas as mãos. Nas escadas tinha de ser carregada. Mentalmente registava pouco e continuava a bater em si própria. A minha impressão durante a primeira consulta foi que a Vanessa ficou comovida por si e pela sua música, e até adorou ser tocada por si. Mal reconheci a Vanessa e fiquei maravilhada com a calma com que ela desfrutou do seu toque.

Disse aos Buischer que sentia que algo iria mudar nos três meses seguintes. A minha experiência neste tipo de casos tinha-me ensinado que uma melhoria instantânea era altamente improvável. A Elisabeth confirmou isto mais tarde:

... após pouco tempo, a Vanessa ficou muito mais desperta e alerta. No final de novembro, isto foi também confirmado pela escola da Vanessa... A 8 de janeiro de 1991 começou uma fase completamente nova: a Vanessa conseguiu andar sem ajuda! À data em que escrevo esta carta, ainda é um andar mecânico, mas ela está a ganhar confiança. Para tratamento adicional, estivemos novamente

consigo em abril e novembro de 1991, bem como em abril de 1992. Entretanto, a Vanessa continuou a fazer progressos. Consegue agora subir sozinha as escadas para o nosso apartamento. Na descida, ainda precisa da nossa ajuda. Consegue comer sozinha e beber por uma chávena. A Vanessa vai sozinha à casa de banho! Em termos de linguagem, contudo, pouco mudou. Às vezes ficamos com a sensação de que, a qualquer momento, as palavras vão jorrar dela como a água de uma fonte, mas continuam a ser apenas sons indistinguíveis. ... Nunca teríamos imaginado ser possível que a Vanessa conseguisse alguma vez andar sozinha, e os médicos não conseguem acreditar que esta seja a mesma criança que trataram há três anos!

Em casos como os da Anja e da Vanessa, a cura parece tê-las impulsionado de um estado de deficiência grave para um patamar algures perto de uma recuperação completa. Nessas crianças com lesões cerebrais, o efeito da cura parece diminuir após a idade dos onze ou doze anos, provavelmente porque os circuitos cerebrais perdem gradualmente a sua plasticidade e capacidade de adaptação. Todos os envolvidos têm de aceitar que a continuação dos progressos é improvável e estar gratos pelo que foi alcançado.

Sempre foi minha intenção que o meu consultório em Bury St Edmunds fosse mais do que apenas um local de onde eu daria cura através da imposição das mãos. Os meus *workshops* e palestras eram sobre o autodesenvolvimento e o papel que a cura desempenha nele. Queria que as pessoas estivessem conscientes das muitas outras disciplinas igualmente válidas que as poderiam ajudar a alcançar a plenitude. Lancei uma revista, a *Attitudes*, que eu esperava que pudesse preencher algumas das lacunas no seu conhecimento e compreensão. Sob o mesmo teto, geríamos um consultório de cura, uma revista, um negócio de gravações e um centro de aconselhamento informal. Habituei-me a que as pessoas lá aparecessem informalmente para me ver, quer para me apertar a mão, conversar ou obter conselhos. O local parecia tornar-se um íman para radiestesistas. A principal linha de ley na Grã-Bretanha estende-se desde o St Michael's Mount na Cornualha — que, ironicamente, fica perto de

onde nasci — até às ruínas da abadia em Bury St Edmunds. Os radiestesistas que me procuravam ficavam intrigados pelo facto de o meu centro ficar na extremidade da linha e queriam saber se as minhas energias eram ajudadas por causa disso. Não consegui confirmar que o fossem significativamente. Os locais onde eu dava demonstrações não eram, tanto quanto eu sabia, pontos de energia notórios, e os resultados da minha cura nesses locais pareciam não menos bem-sucedidos do que os que eu obtinha em Bury St Edmunds.

Embora estivesse recetivo a que as pessoas viessem ao centro informalmente, havia limites para a minha hospitalidade. Não sou uma pessoa particularmente proprietária, mas preciso de um espaço onde possa relaxar e estar indisponível. O meu refúgio no centro era o meu escritório. Quando estava na sala de tratamento ou na área pública do centro, dedicava o meu tempo e atenção por completo. Quando estava no meu escritório, estava disponível apenas para colegas e amigos. Uma tarde, porém, descobri que o meu espaço estava a ser invadido da forma mais irritante imaginável. Um tipo estilo hippie, com uma trança a meio das costas, estava sentado na minha cadeira com os pés em cima da minha secretária. Fiquei tão sobressaltado com o seu atrevimento que o deixei começar a falar. Disse-me que o seu nome era Walter e que tinha andado a fazer radiestesia na linha de ley. Explicou que queria conhecer-me desde que lera o livro do escritor norueguês Erik Dammann, *Beyond Time and Space* [Para Além do Tempo e do Espaço], que via a cura dentro da estrutura da física quântica. As ideias de Dammann tinham provocado uma mudança no pensamento sobre a cura, e o Walter calculou que agora seria uma boa altura para publicar o meu livro recente, *Matthew Manning's Guide to Self-healing*, numa edição norueguesa, e propôs-se como editor. Apesar de estar agora suavemente reconfortado pelo charme do Walter, hesitei. É curioso como, em certas circunstâncias ou estados de espírito, reciclamos episódios negativos díspares. A minha experiência com hippies nos negócios tinha sido dispendiosa. Os alemães também não eram propriamente a minha nacionalidade favorita, e veio a verificar-se que o Walter e a sua esposa, Barbara, eram ambos alemães, embora tivessem optado por mudar-se para o sul

da Noruega cerca de doze anos antes porque não estavam bem dispostos para com a sua própria nação ou nacionalidade.

As minhas suspeitas sobre hippies e a nacionalidade do Walter deixaram-me muito desconfiado. O Walter teve de passar meses a tentar convencer-me e a mostrar-me quão organizado era antes de eu ceder. Alguns meses antes da data prevista para a publicação, perguntou-me se eu promoveria o livro na Noruega. Voltei a hesitar. Desta vez, entrei em pânico com o pensamento do que implicaria ficar hospedado com o Walter e a Barbara. Ele tinha proposto que eu fosse hóspede deles para reduzir os custos. Eu era totalmente a favor disso, mas não da dieta de feijão-mungo e água de nascente que a aparência do Walter parecia prometer. Pensei: "E se ele não beber nem fumar?" O problema que enfrentava era o inverso do que enfrentava a maior parte do tempo, e no entanto basicamente o mesmo. Durante anos, tinha tentado escapar à camisa de forças em que as pessoas me tentavam enfiar. Eu era um curador, portanto esperava-se que usasse sandálias abertas, túnicas flutuantes e vivesse como um asceta. Quanto mais esta imagem persistia, mais formas eu encontrava de a manchar: roupas elegantes, carros velozes, mulheres atraentes, cigarros e, ultimamente, álcool e erva. Queria deixar claro que os excessos que me vinculavam não eram os do arquétipo de um homem santo. Perguntava-me o que o Walter estaria à espera. Ele era tão entusiasta e elogioso. Sentia-me desconfortável com a ideia de ter de o desapontar e ainda pior por ter de me portar da melhor forma. Não podia chegar à Noruega e fingir subitamente ser outra pessoa. Precisava de bebida e erva para anular essa pessoa. Estava a preocupar-me desnecessariamente. O apetite do Walter por feijão-mungo revelou-se não ser maior do que o meu.

A minha receção na Noruega superou em muito as minhas expectativas e confirmou a crença do Walter de que havia um grande público para a cura tal como eu a apresentava. Em geral, a cura tinha uma má reputação na Noruega, em parte devido ao conservadorismo do panorama estabelecido e em parte devido à abordagem algo estranha adotada pelos curadores noruegueses, cujos rituais tinham

servido para limitar o seu interesse. Muitas pessoas pensavam que a cura não era para elas porque não conseguiam relacionar-se com a palhaçada mística em que era habitualmente envolta.

O meu estilo de cura pareceu ligar-se a um nível muito profundo na Noruega. Os números que atraí para as palestras e demonstrações de cura que dei nessa primeira visita foram surpreendentes, tendo em conta a população da Noruega de cerca de 4 milhões (um milhão deles na capital, Oslo), o que é cerca de um catorze avos da Grã-Bretanha. Na minha segunda viagem, enchi os 600 lugares de uma das maiores salas cobertas de Oslo. De acordo com um jornal, nem o primeiro-ministro norueguês poderia ter esperado tanta gente.

Uma das primeiras demonstrações de cura que dei na Noruega foi a Elsa Nordhagen, que tinha sido submetida recentemente a uma operação na parte inferior das costas que a tinha deixado com grandes dores. Tinha sido conduzida ao *workshop* pelo marido, passando a viagem inteira deitada no banco de trás do carro. A Elsa também tinha um ombro congelado e, sem que eu soubesse na altura da demonstração de cura, vários tumores no abdómen. Após a cura, conseguia mover os braços livremente e a dor nas costas estava muito melhor. Contou-me que era suposto estar no hospital nesse dia a ser operada, mas tinha insistido no reagendamento da operação quando descobriu que esta coincidia com o meu *workshop*. Tinha feito a reserva para o *workshop* meses antes de surgir a consulta hospitalar e estava determinada a não faltar. O hospital tinha acedido e ela deveria agora fazer a sua operação algumas semanas mais tarde. Quando nos despedimos, disse a brincar: "Certifique-se de que lhe fazem uma ecografia antes da operação." Ela foi fazer uma ecografia no dia seguinte ao *workshop*. Nessa ocasião, o seu médico confirmou que os tumores ainda lá estavam, embora o maior deles estivesse muito reduzido em relação aos seus sete centímetros originais. Quando a Elsa deu entrada no hospital para a operação propriamente dita, tornou-se muito impopular ao insistir em fazer outra ecografia. O médico não conseguiu acreditar nos seus olhos quando a ecografia não revelou quaisquer tumores. Perplexo, pediu a um colega que realizasse

outra ecografia. Esta ecografia também não revelou qualquer vestígio dos tumores, e a Elsa foi enviada para casa sem ser operada. A sua bacia e ombros também não lhe deram problemas desde a cura.

Foi uma sorte para a Elsa que o *workshop* e a data da cirurgia estivessem separados por três semanas. No caso dela, este tempo foi suficiente para que o processo iniciado pela cura produzisse um resultado. A experiência da Elsa também confirma que não é necessário que eu coloque as minhas mãos diretamente na área do corpo afetada por um problema de saúde. Na altura em que a tratei, eu nem sequer tinha conhecimento da natureza exata do seu problema, pelo que isto também não é um pré-requisito para que a cura faça o seu trabalho. A energia parece encontrar áreas de fraqueza ou desequilíbrio e trabalhar nelas independentemente. Os benefícios que a Elsa retirou da cura não foram invulgares. Apenas em retrospetiva é que me surpreendem.

Desde o início das minhas viagens na Noruega, libertei a pouca inibição que me restava no que diz respeito a bebida, drogas e sexo. Praticamente todas as noites eram noites de festa e, às vezes, a minha cabeça não tocava na almofada para dormir até às cinco da manhã. Poucas horas mais tarde estaria acordado novamente, pronto para liderar um *workshop* com início às dez. Eu devia ter uma constituição de ferro, porque não era preciso força de vontade para aguentar esses dias. Não sentia efeitos nocivos. No meu desejo de ser igual aos outros homens, estava a mostrar quão diferente eu era. A prática constante estava a transformar-me num estroina com quem nenhum homem sensato queria manter o ritmo.

Graças aos esforços do Walter, a Suécia e a Finlândia abriram-se para mim depois da Noruega. Quando não estava a trabalhar na Grã-Bretanha, viajava entre locais nesses países. Parecia que as pessoas não se cansavam de mim e fui inundado com pedidos para dar cura numa base individual. Eu já estava a utilizar o princípio dos círculos de cura nos meus *workshops* para satisfazer uma necessidade expressa entre todos os participantes de experimentarem a cura por si próprios, e não apenas obterem um relato de como era através de alguém em

quem eu tinha escolhido fazer a demonstração. Quando comecei também a receber pedidos para mostrar às pessoas como podiam enviar cura para pessoas que conheciam, pareceu-me uma boa ideia desenvolver um exercício no qual todos pudessem participar, mas que incorporasse o impulso adicional da minha "bateria". O Walter e eu, portanto, começámos a organizar círculos de cura, adicionando uma nova dimensão ao meu trabalho.

Nos círculos, tornou-se evidente quão centrais são as emoções para a eficácia da cura. Os problemas físicos têm menor probabilidade de ocorrer se as emoções estiverem em equilíbrio. Na minha experiência, curar o corpo exige primeiro resolver as emoções.

Lillian Takvam Nagell era uma advogada a trabalhar para o Ministério da Justiça norueguês antes de uma grave lesão por golpe de coelho causada por um acidente de automóvel a ter confinado à cama durante vários meses. Os seus movimentos estavam ainda mais limitados devido à artrite reumatoide. Na altura em que leu a meu respeito, já tinha experimentado uma série de tratamentos para melhorar a sua condição, nenhum dos quais tinha tido grande efeito. A Lillian inscreveu-se num dos meus *workshops* e, durante um círculo de cura no segundo dia, experimentou uma reação tremenda:

O Matthew Manning deu a volta ao círculo e tocou em toda a gente durante um curto momento. Quando tocou em mim, uma vaga de energia muito forte percorreu-me e senti uma paz e gratidão profundas. Não tinha expectativas, por isso fiquei bastante desorientada com a minha reação.

O marido da Lillian foi buscá-la após o *workshop* e iniciaram a longa viagem de carro para casa. A Lillian chorou durante quase três horas durante essa viagem, libertando memórias há muito enterradas da sua mãe, que tinha falecido de um tumor cerebral quando a Lillian tinha dezoito anos.

Depois disso, contou-me ela, sentiu-se muito em paz. Durante os três dias seguintes ao *workshop*, conseguiu sair de si própria e ver a sua vida à distância, reconhecendo padrões e ligações anteriormente

não descobertos. Quando acordou no terceiro dia, estava sem dores pela primeira vez em vários anos e sentiu uma tremenda alegria de viver. Conseguia mover-se de tal forma que a zona lesionada entre os ombros estava mais relaxada e a sua circulação melhorara imenso. O aspeto mais importante da transformação pela qual passou nesta altura foi a evaporação do medo, especialmente do medo da morte. A Lillian disse que antes tinha sido uma daquelas pessoas que tem medo de tudo — do escuro, de andar de avião, das doenças. Pela primeira vez na vida, sentiu-se segura e envolvida por amor.

Os sentimentos extraordinários que viveu foram diminuindo gradualmente nas semanas e meses seguintes. Inicialmente, este regresso à normalidade perturbou-a e ela perguntou-se o que teria feito de errado. Depois, percebeu que tinha de ser ela a conduzir-se para a frente e a enfrentar a vida que ali estava à sua espera. A cura tinha sido a ferramenta, mas os meios residiam no seu próprio coração e mente:

Uma das coisas mais importantes que o Matthew diz é que é preciso ter a vontade de nos confrontarmos a nós próprios. Para mim, trata-se de agarrar as coisas que reprimimos e guardámos. Às vezes pode ser um processo difícil. Vejo que só agora comecei este trabalho, mas o que me tem ajudado muito é ter aprendido quão importante é o perdão e ter confiança no processo da vida.

Apresentaram-se duas oportunidades para regressar à Austrália na segunda metade de 1990. O Festival do Espírito, Mente e Corpo de Graham Wilson tinha-se expandido para incluir Sydney e, como habitante regular, fui convidado a participar.

Um par de meses antes do Festival, em agosto, dei uma série de *workshops* em Sydney e Melbourne com o flautista Tim Wheater. A carreira do Tim na música era deliciosamente eclética e incluía o jazz, o clássico e o rock. Inicialmente aluno de James Galway na Eastman School of Music em Nova Iorque, entrara depois no mundo da pop, tocando com os *Roxy Music*, *Bronski Beat* e *Eurythmics*. A sua transformação num compositor e intérprete da Nova Era fora instigada

por uma doença grave, da qual recuperara com a ajuda de terapias naturais e do poder da música.

O seu álbum a solo de estreia, *Awakenings*, fora escrito como um antídoto contra o stresse e, tal como grande parte da sua música, é sonhador e inspirador. Quando conheci o Tim, ele estava a estudar o papel da música na psicologia e, efetivamente, a procurar formas de criar sons que fossem simultaneamente terapêuticos e musicalmente interessantes. Grande parte do nosso material articulava-se perfeitamente e começámos a dar *workshops* combinados, revezando-nos para partilhar experiências pessoais e demonstrar exercícios práticos.

No final do *workshop*, organizávamos todos em círculo e o Tim tocava enquanto eu dava a volta a curar. Mesmo longe da sua flauta, o Tim era um flautista de Hamelin, pelo que tínhamos muito em comum. Isto foi uma sorte, porque partilhávamos um apartamento à beira-mar no subúrbio de Manly, em Sydney. Na nossa última noite lá, fomos convidados para uma festa por um amigo comum, Stuart Wilde, que tinha tido um enorme sucesso nos Estados Unidos a transmitir as suas ideias sobre a autonomização pessoal e o pensamento positivo. Tinha escrito vários livros e dado conferências por toda a parte; *The Answer to Money Is Having Some* [A Resposta para o Dinheiro é Ter Algum] é um dos seus títulos. Além de ser honesto e inteligente, o Stuart era divertidamente exagerado e teatral. Gostava e respeitava-o imenso.

Eu só tinha bebido uma garrafa e meia de vinho na altura em que chegámos à sua maravilhosa casa com vista para o porto de Sydney. Mal passámos a porta, o Stuart começou a preparar uma bebida especial, colocando uma garrafa numa panela com água e acendendo o fogão. Eu não tinha bebido sake antes, pelo que o ritual de o aquecer à temperatura do corpo antes de o ingerir era novo para mim. Também ignorava o facto de ser uma espécie de aguardente e de se beber em doses muito pequenas. Conhecendo a minha reputação de bebedor, o Stuart encheu um copo de vinho grande e entregou-mo.

Não pensei duas vezes quando ele me disse para o virar de uma só vez. Essa é a minha última recordação da festa do Stuart. Mantive-me de pé por cerca de 30 segundos antes de me estampar no chão. Fiquei completamente apagado até à manhã seguinte. Quando recuperei os sentidos, estava violentamente maldisposto e sentia-me terrível. O único pensamento na minha cabeça era que, de alguma forma, tinha de conseguir apanhar o voo de regresso a casa.

Recuperei a consciência por volta do meio-dia, o que me dava um par de horas para ir de casa do Stuart para o apartamento em Manly, fazer as malas e conduzir até ao aeroporto. Quando cheguei ao apartamento, um Tim de rosto fresco contou-me que a Christine tinha telefonado de madrugada e reagira com raiva quando ele lhe contara o que acontecera, suspeitando que uma mulher seria o motivo da minha ausência. Nenhuma das notícias me surpreendeu. Ela tinha o hábito de ligar a horas estranhas enquanto eu estava fora. Invariavelmente, acreditava no pior a meu respeito, com justificação na maioria dos casos. Senti-me demasiado doente para me preocupar com o que a Christine estava a pensar e arrastei-me para o aeroporto.

Cheguei a tempo, embarquei no avião e organizei-me com a intenção de passar a viagem inteira a descansar. Conseguia ouvir uma agitação e um restolhar vindos do lugar atrás de mim, enquanto uma senhora idosa conseguia finalmente arrumar o seu impermeável de plástico e a proteção de cabeça a condizer no compartimento superior. Ainda estávamos na pista quando ela chamou o comissário de bordo para lhe pedir que recuperasse os artigos que passara tanto tempo a colocar fora de alcance — Deus sabe porquê, pois não era provável que ficássemos expostos aos elementos durante horas.

O comissário abriu o compartimento e de lá caiu uma garrafa cheia de licor Advocaat da alfândega em cima da minha cabeça desprevenida. Ainda em estado semicomatoso devido aos efeitos do sake, fiquei agora completamente "apagado" pela segunda vez em cerca de catorze horas. Acordei passados alguns segundos, sem saber bem o que tinha acontecido, no meio de uma cacofonia de gritos e expressões de horror. O sangue jorrava de uma ferida na cabeça,

ensopando a frente da minha camisa. A tripulação de cabine insistiu que eu deveria ser levado de volta ao terminal para levar pontos na cabeça. A última coisa que eu queria era apanhar um voo mais tardio. Só queria chegar a casa. Após um breve confronto de vontades, concordaram em atrasar o voo enquanto a ferida era tratada. O médico que me atendeu foi convencido a fazer apenas o suficiente para estancar o fluxo de sangue, permitindo-me voltar ao avião sem grande atraso. Apesar do meu estado ensanguentado, disseram-me que tinha sido transferido para a primeira classe — uma medida provavelmente calculada para reduzir as probabilidades de eu apresentar uma queixa formal contra a companhia aérea. Se me dessem a escolher, teria preferido uma camisa lavada. O destino usava o seu chapéu irónico nesse dia. No seu esforço para me agradar, a tripulação de cabine trouxe listas de vinhos finos. Não consegui encarar nenhuma das colheitas disponíveis e dormi durante toda a viagem até casa.

A Christine estava à minha espera no Aeroporto de Heathrow. Ficou chocada com o meu estado, mas não acreditou em mim quando lhe expliquei como tinha ficado assim. Fim de conversa. Senti-me como um animal a regressar à sua gaiola após um breve período de liberdade, ressentindo-me do meu confinamento embora intuindo que este representava uma espécie de segurança. A Christine era a minha esposa. Juntos, tínhamos uma filha. A Christine estava desesperada por ter outro. Não tínhamos tomado precauções desde que a Henrietta nascido, mas por mais que tentássemos, ela não conseguia engravidar. Todos os meses ela afundava-se numa depressão e as nossas relações, já de si tensas, tornavam-se ainda mais tensas. A quantidade de álcool que ambos consumíamos não ajudava à situação, mas passar sem ele não era opção.

Ironicamente, eu parecia não ter qualquer problema em ajudar outros casais a superar problemas de infertilidade. A Anne Farmer viera inicialmente para tratamento na primavera de 1987, depois de ela e o marido, Derek, terem tentado, sem sucesso, ter um bebé durante cerca de dois anos:

... Fiz exames no hospital que disseram confirmar que as minhas trompas de Falópio estavam bloqueadas, embora não conseguissem apresentar qualquer explicação para o motivo. Antes destes exames, fiz um tratamento com comprimidos de Clomid (medicamento para a fertilidade/hormonal), mas sem sucesso. Aceitou ajudar-nos e, para surpresa do meu especialista no hospital, engravidei. Infelizmente, perdi o bebé às oito semanas. O facto, contudo, é que tínhamos provado que o hospital estava errado — obviamente as trompas de Falópio tinham ficado "desbloqueadas". Foi-me receitado novamente o tratamento com Clomid e, com a sua ajuda muito especial, o meu marido e eu conseguimos ter uma filha saudável, a Lisa, nascida a 17 de setembro de 1988.

Cinco meses após o nascimento da Lisa, a Anne e o Derek começaram a tentar um segundo bebé. Após quinze meses de desilusão, o casal começou a sentir que a história se estava a repetir. O seu médico receitou outro tratamento com Clomid. Ao quinto mês do tratamento de seis meses, a Anne escreveu-me novamente, a 23 de maio de 1990, com vista a vir para a cura o mais rapidamente possível após o término do tratamento convencional:

Se não conseguir conceber, disseram-me que terei de passar pelos mesmos exames de infertilidade de antes. Foram muito desagradáveis e horroriza-me a ideia de outra laparoscopia, que costuma ser o procedimento padrão, especialmente porque sinto que não preciso realmente destes exames outra vez. Sempre acreditei que foi a sua ajuda especial que nos trouxe a nossa filha e, se estivesse disposto a ajudar-nos novamente desta vez, ficar-lhe-ia eternamente grata.

Poucos meses após receber a cura, a Anne concebeu e, a 3 de outubro de 1991, deu à luz um rapaz de 3,8 kg. Foi chamado Luke Matthew Derek, em reconhecimento dos dois "pais" que a Anne tinha a certeza terem estado envolvidos na sua criação.

A Elaine Carpenter tinha tentado engravidar durante dois anos antes de fazer exames que revelaram miomas do tamanho de melões:

Mandei removê-los, mas a operação deixou-me com aderências em ambos os ovários. Deixei de ovular e foi descoberto outro mioma. Disseram-me que havia muito poucas probabilidades de conseguir engravidar, a menos que fizesse outra operação. Marquei a operação, mas, entretanto, decidi ir ver o Matthew. Durante a primeira visita, senti calor e muita paz, e devo ter concebido quase imediatamente a seguir.

A vida com a Christine estava a tornar-se uma batalha contínua. Não precisávamos de motivos para discutir, mas quando um verdadeiro pomo de discórdia se apresentava, não se dava tréguas. Até o local onde vivíamos se transformou num pesadelo. O moinho e a parcela de vários acres em que se encontrava foram vendidos a um promotor imobiliário, que o deitou abaixo com uma escavadora e ergueu um bloco de apartamentos de quatro andares no local. Desaparecera o belo aspeto e a grande extensão de céu. Era como ter uma nuvem negra permanentemente suspensa sobre o nosso pequeno jardim no pátio, lançando uma sombra profunda e deprimente. Todo o encanto desapareceu do lugar, deixando-me com uma sensação de opressão e desesperado por sair. Anseava encontrar um sítio no campo e acabei por deparar com ele numa aldeia cerca de 10 milhas a sul de Bury. O Sturgeon's Hall tinha caído em tempos difíceis e encontrava-se num estado avançado de degradação. Era exatamente o que eu procurava e suficientemente grande para servir de casa e escritório.

O contrato de arrendamento do centro em Bury estava perto do fim e parecia insensato procurar novas instalações na cidade quando a pedonalização do centro dificultava os esforços de muitos dos meus pacientes deficientes para chegarem até mim para tratamento. Da minha perspetiva, era a altura certa para sair. Isto foi motivo suficiente para a Christine se opor. Relutantemente, ela veio, criticando-me o tempo todo com a sua infelicidade por ter de fazer novos amigos. Como ela agora já conduzia, não senti que a estivesse a condenar a uma vida de isolamento.

Com a ajuda do dinheiro que fiz com a venda da vertente de produtos do negócio de gravações, lancei-me na tentativa de

transformar a casa num lar e negócio simultaneamente. O rés-do-chão numa das extremidades da casa destinei-o a escritório e sala de cura. Isso precisava de ser arranjado primeiro para me permitir começar a dar tratamento o mais rapidamente possível. Desenvencilhar-me do lado das vendas e da promoção do negócio de gravações foi um alívio, bem como uma fonte de fundos. Tinha sido uma preocupação contínua porque eu não fazia ideia de como geri-lo adequadamente.

Poucos meses após a nossa mudança para o Sturgeon's Hall, a Christine engravidou. O Jethro nasceu no dia seguinte ao meu aniversário, em agosto de 1991. O mundo em que ele entrou era uma festa contínua. O champanhe correu no dia do seu nascimento. A Christine foi categórica em que não queria ficar no hospital e foi-me permitido levá-la para casa com a condição de o seu clínico geral e uma enfermeira de saúde pública manterem um olho atento nela e no Jethro.

Eventualmente, voltei a fazer-me à estrada para dar demonstrações e *workshops*. Estava também de volta à minha rotina, a beber até a altas horas, com uma rapariga em cada porto. Isto não era cura sexual e não conseguia sobreviver à luz fria do dia. Era sempre escrupulosamente honesto com as minhas parceiras de engano. Nenhuma das mulheres interpretou mal a situação ou se iludiu pensando que havia mais em oferta. Tanto quanto sei, apenas as perturbadas, sem sequer uma aventura de uma noite como pretensão de me conhecerem, fizeram isso.

Uma tarde, durante a minha hora de almoço em casa, a campainha da porta da frente tocou. Quando atendi, estava uma mulher esbelta, na casa dos trinta e cinco anos, de pé no degrau da porta. Disse que tinha uma consulta comigo. Eu sabia precisamente quem estava à espera de ver nessa tarde e esta desconhecida não era uma dessas pessoas. Disse que ela devia ter cometido um erro. Contou-me que eu lhe tinha enviado uma mensagem numa cassete minha que ela comprara na Austrália. A mensagem dizia que eu estava profundamente apaixonado por ela e que ela deveria vir para Inglaterra para casar comigo. Disse-lhe, tão gentilmente quanto pude,

que não lhe tinha enviado nenhuma mensagem desse tipo e depois fechei a porta.

Mais tarde, a meio da tarde, ela começou a bater na janela da minha sala de cura enquanto eu dava tratamento. Saí e chamei-lhe a atenção, mas não consegui que se fosse embora. Acabou por se afastar e pensei que já não a veria mais. Nessa noite, ela voltou e começou a bater nas janelas da sala de jantar. Pensei que as coisas tinham ido longe de mais e telefonei para a polícia. Quando chegaram, disseram-me que não havia nada que pudessem fazer — o facto de ser apenas uma valente maçada não constituía um crime. No entanto, disseram-lhe que, tecnicamente, estava a invadir propriedade alheia e acabaram por convencê-la a ir-se embora.

No dia seguinte, ela voltou. Isto irritou-me seriamente, porque agora estava a perturbar os meus pacientes, além do meu temperamento. Não achava correto que o tempo deles comigo fosse interrompido. Liguei novamente para a polícia, e lá vieram eles mais uma vez. Depois de falar com ela, um dos polícias disse: "Acho que consigo ver-me livre dela, mas vai ter de colaborar com ela. Gostaria que viesse comigo ao largo da aldeia para se encontrar com ela. Atuarei como sua testemunha, mas ela quer que o senhor lhe diga, na minha presença como agente da polícia, que não a ama, que nunca a amou e que nunca a amará. Depois ela vai-se embora."

A esta altura, eu estava pronto para fazer qualquer coisa, por isso lá fomos nós desempenhar esta farsa bizarra num largo da aldeia deserto a meio da tarde.

"Gostaria que confirmasse que nunca conheceu esta senhora antes." "Nunca a vi na minha vida. Nunca a conheci." "Quero que confirme que não está apaixonado por ela." "Não, não estou apaixonado por ela. Sou casado." "Gostaria que me dissesse que, tanto quanto sabe, não é provável que venha a estar apaixonado por ela no futuro." "Não, não estarei."

A mulher manteve-se em silêncio durante todo este intercâmbio. No final, pareceu bastante contente por o polícia a levar dali. Tomei o

seu ar de resignação como um bom sinal, mas poucas horas mais tarde ela voltou à casa. Desta vez, a polícia prendeu-a. Descobriram que ela tinha vindo da Austrália, com a sua filha de 14 anos, e estava hospedada num alojamento de alojamento e pequeno-almoço em Bury St Edmunds. Foi-lhe concedida fiança e, sem se deixar desencorajar pela ameaça de nova detenção, regressou imediatamente ao Sturgeon's Hall. A Christine e eu só fomos informados disto muito mais tarde, quando regressámos a casa após uma noite fora.

A Christine foi logo lá para cima para a cama e eu deixei os nossos dois cães sair para correrem. Voltei para a cozinha e lá estava ela. Nunca experimentei uma força tão primitiva como a que se apoderou de mim no instante em que percebi que o meu território e a minha privacidade tinham sido invadidos. Fiquei tão lívido com o facto de ela estar dentro de casa — e com a ideia de que poderia estar ali há várias horas — que agi de uma forma de que me arrependo agora, mas que na altura pareceu absolutamente certa. Peguei nela e, literalmente, atirei-a pela porta das traseiras para fora. O alvoroço fez com que a Christine descesse cambaleante as escadas. Desequilibrada pela bebida e pela suspeita, assim que viu a mulher pegou numa faca de trinchar e foi atrás dela. Temeroso do que pudesse acontecer, marquei o 999 e comuniquei um intruso. Perguntaram-me se o intruso estava armado. Eu disse: "Não, mas a minha mulher está." Perguntaram-me se conhecia o intruso. Eu disse: "Sim".

Uma unidade de resposta armada chegou à casa escassos minutos após eu ter feito essa chamada. Nunca vi tantos carros da polícia aparecer de tantas direções. Disseram-me que a unidade se encontrava do outro lado da aldeia em trabalho totalmente alheio ao que se estava a passar na minha casa.

Pensei que este era o fim do assunto até que um dos agentes me informou que não poderiam privar a mulher da sua liberdade sem um motivo de força maior. A ideia de que teria de a aturar constantemente à minha porta parecia ultrajante. Tive muita sorte em poder recorrer a alguém que podia ajudar. O Tim Webb, um amigo psiquiatra, vivia a poucas centenas de metros de distância na mesma estrada. Concordou

em subir até à casa e falar com a polícia sobre o que se podia fazer. Ele conduziu os agentes pelo procedimento para que a mulher fosse internada compulsivamente ao abrigo da Lei de Saúde Mental. Felizmente para mim, eles agiram de acordo com o conselho dele e, passados poucos dias, ela foi deportada.

Diz-se que ensinamos o que precisamos de aprender. Cada vez mais o material que eu apresentava nos meus *workshops* refletia a minha situação comigo próprio. A cura das relações e o eu emocional tornaram-se o foco dos meus *workshops*. Estava a ajudar as pessoas a encontrar formas de aumentar a qualidade das suas vidas, maximizando as suas forças interiores e libertando todos aqueles sentimentos negativos reprimidos — a raiva, a culpa, o medo. Sabia exatamente do que estava a falar.

Os problemas que pedia às pessoas para confrontarem eram os meus próprios. Não precisava de procurar episódios e histórias de infelicidade desesperada para saber quais os amparos que usamos para nos aguentar e adormecer a dor. Tinha o meu próprio livro da vida para ler. Esta admissão pública do que é para muitas pessoas uma fraqueza desagradável teve um efeito polarizador. Muitos membros da Nova Era, horrorizados por eu ter caído tão baixo, afastaram-se. Aos seus olhos, eu tinha retirado o brilho espiritual da cura e tinha-a reduzido a um nível inaceitavelmente básico.

Ficaram também desiludidos comigo por não ser quem eles achavam que eu deveria ser — Matthew "A Um Passo da Santidade" Manning. A realidade ficava demasiado aquém e não podia ser aceite. Não me era permitido ser comummente humano e imperfeito — ser confuso, ser impaciente e demonstrar raiva, fazer escolhas erradas, ter desejos terrenos e carnais, admitir ter problemas. Tinha passado a melhor parte da minha vida a conformar-me para compensar o único fator que me distinguia, caminhando gradualmente em direção a uma rebelião total, a levantar dois dedos e a gritar que não queria saber o que as pessoas pensavam ou diziam a meu respeito.

Havia pessoas que conseguiam extrair força da minha fragilidade. Comecei a notar também uma mudança no equilíbrio entre os sexos que assistiam às minhas palestras e demonstrações. Anteriormente, as mulheres superavam os homens em larga escala. Agora, os 20 por cento aumentaram para 50 por cento, à medida que as mulheres começaram a trazer maridos, filhos e namorados. Estas pessoas não ficavam horrorizadas ao ouvir que eu sabia tudo sobre o consumo excessivo de álcool ou sobre as muitas dificuldades que surgem das relações pessoais.

Muito pelo contrário. Fazia-as sentir que eu fazia parte do mundo em que habitavam. Eu não lhes falava de cima, como se estivesse num pedestal armado em modelo de virtude. Se o fizesse, elas não teriam escutado e nem uma junta de bois as arrastaria de volta para me ouvir outra vez. Vi virtude na capacidade de o público se relacionar comigo. Coloquei a cura num contexto com o qual se pudessem relacionar e aceitar. Muitas maleitas são manifestações físicas de problemas emocionais não resolvidos, e era sobre as raízes destes que muitos no meu público queriam debruçar-se comigo.

A minha sinceridade era percebida como uma força, um incentivo para aqueles com um problema semelhante, mas não me fazia sentir mais forte nem me fazia comportar de forma diferente. Eu não conseguia guiar-me a mim próprio pelo caminho que lhes estava a apontar. Enquanto no início o impulso para a autodestruição tinha sido uma reação quase instintiva contra algo, agora eu avançava em plena consciência, explorando os meus próprios limites. Tentava habitar a zona livre de julgamentos que sempre percebera ser a esfera habitada pelos músicos de rock.

Eu tinha caído de um pedestal apenas para ser içado para outro. A cada oportunidade, escapava para a garrafa mais próxima. Pouco tempo depois de nos mudarmos para o Sturgeon's Hall, a Christine e eu tornámo-nos clientes habituais do "pub da terra". Como em muitas comunidades rurais, o pub era o centro da vida social da aldeia. Eu nunca tinha vivido neste tipo de ambiente inclusivo nem sentido o apelo sedutor de pertencer.

Depressa fizemos parte do grupo local de bebedores e virtualmente todas as noites, quando estava em casa, passávamo-las no pub. Muitos dos bebedores muito pesados estavam envolvidos na agricultura ou noutras formas de trabalho manual. Eram tipos robustos, com fisionomias a condizer, e aguentavam bem a bebida. Eu acompanhava-os copo a copo, tal era a minha necessidade de ser considerado um deles. Comecei a beber em excesso na companhia de outros bebedores pesados e, a dada altura, todo o nosso grupo acabou por ser banido do pub.

O senhorio era um homem cumpridor da lei e também sensível aos desejos da maioria dos seus clientes. O nosso consumo excessivo de álcool estava a começar a incomodar os seus clientes habituais mais conservadores. A experiência desconcertante de ver o seu pub tomado pelo pintor Francis Bacon e pelos seus amigos foi provavelmente a gota de água. Este grupo personificava a maledicência metropolitana e teria sido o tema perfeito para uma das pinturas de Bacon. Eu estava na companhia deles apenas devido à minha amizade com o irmão do namorado de Bacon. A piada injuriosa corria de forma tão pesada como a bebida, e visava pessoas que nunca antes tinham tido de se defender por serem heterossexuais. O taberneiro deve ter ficado contente por anunciar a "última rodada" e ver-nos entrar em grupo nos carros para conduzir de volta à casa de Bacon, onde passámos o resto da noite a beber ainda mais champanhe e a ficar pedrados.

Após o nosso banimento, encontrámos outro pub escondido num lugarejo calmo a algumas milhas de distância. Este senhorio tinha um horário de funcionamento que acomodava facilmente as minhas mega-bebedeiras, algumas das quais podiam durar doze horas ou mais. Eu tinha um copo de jarda de quatro canecas que comprara originalmente para beber cerveja. Fazíamos bastantes vezes concursos de bebida para ver quem conseguia virar as quatro canecas no menor tempo. Comecei a encher o copo com champanhe e a completá-lo com brandy. Quando terminava esta mistura, passava para o vinho do Porto.

Entre os clientes habituais de quem a Christine e eu ficámos amigos estava o Edward Clark, um agricultor local. A Christine ansiava por companhia e encontrou-a com as pessoas que ali bebiam, especialmente o Edward. Ele tornava a minha vida mais fácil ao manter a Christine entretida enquanto eu estava fora. Os meus regressos a casa, contudo, continuavam a ser brindados com novas alegações de infidelidade, e as discussões começavam. O Edward era inútil como munição, porque a Christine jurava que ele era gay.

Quando a Christine e eu não estávamos a beber no pub, organizávamos festas no Sturgeon's Hall, por vezes informais, por vezes sumptuosas, em que tínhamos grandes sessões de fogo de artifício e bombardeávamos a vizinhança com música fortemente amplificada. Havia champanhe por todo o lado, pelas paredes acima, nas carpetes. A casa cheirava a maior parte do tempo a álcool, cigarros, substâncias ilegais e a quaisquer outros vestígios que os nossos convidados deixassem atrás de si. Como havia pouco mobiliário com que nos preocuparmos, isso não importava.

O Sturgeon's Hall era uma estrutura ideal para pessoas que viviam para beber e festejar, viciadas na imagem que projetavam. Mudei a forma de me vestir e o meu visual. Deixei crescer o cabelo, comecei a comprar casacos muito garridos e comprei um Bentley que conduzia depressa demais. Estava a conseguir tornar-me a antítese daquilo que as pessoas esperavam. Foi um triunfo oco. Não gostava da pessoa que via. Era apenas mais uma imagem que um rapaz poderia querer adotar durante a busca por si próprio. Olhando para trás, pergunto-me quem era aquela pessoa.

Quanto mais bebia, mais parecia capaz de beber sem que isso fizesse qualquer efeito. Conseguia beber duas garrafas de champanhe com facilidade e estava continuamente a elevar os meus níveis de tolerância. Era como um saltador em altura, esforçando-me constantemente para ultrapassar a fasquia sem esforço e fazê-la subir ainda mais. Tinha uma falsa sensação de onde me encontrava em relação ao álcool e, no entanto, estava consciente de uma preocupação subjacente. Os resultados que obtinha com a cura continuavam

impressionantes. Veja-se a Inga Olsson, por exemplo. Ela tinha assistido a dois círculos de cura em 1994, pouco depois de os raios-X terem identificado um tumor maligno agarrado à sua coluna como a causa da dor lancinante nas costas de que sofria. Quando voltou para casa após o segundo círculo — cheia de energia e de pensamentos positivos, contou-me ela mais tarde —, os fusíveis da casa fundiram-se no instante em que acendeu a luz. Durante um par de dias após o círculo, sentiu-se zangada sem nenhum motivo em particular, embora continuasse positiva. Pensou nisso como uma limpeza, como se algo estivesse a ser libertado. Foi feita uma cintigrafia óssea pouco tempo após os círculos que mostrou que o tumor tinha desaparecido por completo.

Eu não podia contestar um resultado daqueles e, no entanto, não parecia correto que o meu estilo de vida não tivesse qualquer impacto no que eu andava a fazer. O que dizia isto sobre quem eu era? Comecei a perguntar-me se seria uma reencarnação de Rasputine, um libertino possuído por um poder ou energia sobre-humanos. Cheguei a comprar um livro sobre ele para ver se havia semelhanças.

A descoberta de que eu não era invulnerável surgiu na noite do meu trigésimo oitavo aniversário. Estava a beber há horas quando, de repente, dei para o lado e fiquei violentamente maldisposto. As pessoas do meu grupo acharam piada, porque a esta altura da minha carreira de bebedor eu tinha construído uma reputação de homem realmente muito duro. Houve vivas por todo o lado por eu ter finalmente ido ao tapete.

A pessoa que me colocou na posição lateral de segurança para evitar que me sufocasse provavelmente salvou-me a vida, porque eu não conseguia parar de vomitar. Perdi os sentidos e quando recuperei eram quase duas da manhã. As pessoas que ainda restavam queriam chamar uma ambulância para me levar ao hospital. Eu não estava em condições de resistir, mas não queria que me fizessem uma lavagem ao estômago. O senhorio também se opôs; uma ambulância a chegar à sua porta tão fora de horas poderia alertar a polícia. Foi contactada

uma médica que eu conhecia e que aceitou deslocar-se. Após um breve exame, disse que eu tinha de fazer uma lavagem ao estômago.

Mais uma vez, resisti. Muito contrariada, concordou em não chamar unilateralmente uma ambulância com a condição de que alguém ficasse comigo e que, se eu ficasse maldisposto outra vez, iria para o hospital. Fiquei no pub até às oito da manhã antes de fazer o caminho para casa. Quando me despi para tomar banho, encontrei hematomas, alguns deles do tamanho de pratos de jantar, por todo o meu corpo, sinais de que o meu tão maltratado fígado começara a falhar.

Aquelas marcas de mortalidade física assustaram-me a ponto de me conter. Estava em perigo de perder o controlo. Na minha vida profissional, caminhava para um ponto em que os meus excessos alimentavam o meu trabalho. Isto impunha-me uma tensão terrível a nível emocional. Como um elástico gasto esticado até ao limite, algo tinha de ceder. Quase cedeu em março de 1994, num local chamado Sundvolden, na Noruega. Estava no final de um *workshop* de quatro dias que tinha sido uma experiência altamente emocional para as pessoas que participavam, com desabafos de pesar, arrependimento, desgosto e raiva reprimidos. Nos momentos finais, alguém no público levantou-se e agradeceu-me por ter sido tão aberto. Enquanto ouvia, uma tremenda vaga de emoção começou a crescer cá dentro. Agarrava-me ao autocontrol com as unhas e não ia ceder. Voltei as costas e fiquei virado para a parede durante vários minutos enquanto recorria a todas as técnicas que conhecia para recuperar a compostura.

Tenho ensinado frequentemente que a mudança é a situação com maior probabilidade de nos causar stresse devido à nossa percebida incapacidade de nos adaptarmos a ela. À mudança é atribuído o papel de demónio. O verdadeiro culpado, contudo, é essa percebida incapacidade; em suma, o medo. Quando se trata de relações, o medo é a pior "cola" possível e, no entanto, pode ser extraordinariamente duradouro. Fez com que a Christine e eu nos agarrássemos aos destroços por pelo menos cinco anos mais do que era bom para qualquer um de nós. Nenhum de nós tinha a coragem de se libertar. A

estagnação da não mudança era preferível ao desconhecido. Chegámos a um ponto, contudo, em que já não podíamos ignorar a total futilidade do nosso casamento.

Tinha acabado de completar uma semana a dar *workshops* na Suécia e tinha ligado à Christine a dizer-lhe qual o voo que ia apanhar e a hora a que podia esperar-me em casa. Conduzi desde o Aeroporto de Heathrow e cheguei ao Sturgeon's Hall por volta das dez. O carro do Edward estava no acesso. Não pensei nada disso até chegar à porta da frente e notar que a casa estava às escuras. A minha chave não abria la porta, que parecia estar trancada por dentro. Senti-me bastante irritado e toquei à campainha algumas vezes antes de dar a volta para as traseiras da casa. O motivo de as luzes estarem apagadas e o que se passava lá dentro atingiu-me de repente. A minha mente fervilhava com pensamentos negros sobre o que faria aos dois quando entrasse no quarto. Peguei num grande maço de madeira e comecei a subir as escadas. Estava quase no topo quando um vislumbre de razão me fez parar de chofre. Pensei: "Se lhes bater, serei eu a pagar o preço." Voltei-me, desci as escadas, saí para o jardim e atirei o maço tão longe quanto as minhas forças permitiram.

Só posso concluir que a Christine queria que eu a encontrasse com o Edward. Talvez tenha sido a única forma que encontrou de rastejar para fora do poço que tínhamos cavado um para o outro. Eu deveria ter ficado grato quando ela se foi embora com o Edward. A 25 de abril de 1994, fui ao meu advogado para iniciar o processo de separação.

Escassos dias depois, a Christine voltou e sugeriu que tentássemos outra vez. Podíamos viver vidas separadas, comigo numa extremidade da casa e ela na outra, tendo quem nos apetecesse. Já éramos dois estranhos a viver na mesma casa, como tantos hemisférios esquerdo e direito que residem na mesma cabeça. Eu não conseguia suportar a ideia de fazer disso conscientemente a base para um futuro. Tinha havido demasiada desonestidade, e demasiadas discussões, pratos partidos e garrafas vazias.

Ficou finalmente acordado que eu deveria alugar uma casa para a Christine e as crianças numa aldeia próxima. Eu tinha lidado com a Henrietta e o Jethro durante o curto período após a rutura em que tinham estado comigo, mas não havia dúvida na minha mente, nem na da Christine, de que deveriam ser cuidados pela mãe.

A rutura final com a Christine não trouxe uma mudança dramática em mim. Ainda tinha um pequeno caminho a percorrer antes de a parede de tijolo finalmente bater contra mim. Duas semanas após a partida da Christine, meti-me numa bebedeira maciça de 12 horas na companhia de um conhecido que devia ter tantos demónios a desordenar a sua vida quanto eu tinha a desordenar a minha.

Ele tinha-me encaminhado para o champanhe como alternativa ao vinho do Porto, que o preocupava que danificasse o meu fígado. O champanhe, insistia ele, era uma bebida limpa. Nessa noite escura da alma, nós os dois bebemos 26 garrafas de champanhe e aspirámos uma grande quantidade de cocaína. Éramos como uma dupla de suicidas que se esticava para o esquecimento, enchendo implacavelmente os nossos corpos com veneno. Pelo final, já nem nos dávamos ao trabalho de tirar as rolhas das garrafas e decepávamos os gargalos com uma faca de trinchar.

Alguém me levou a casa. Consigo lembrar-me de acordar no chão. Sentia-me fisicamente destroçado, mas a minha mente não me deixava refugiar-me nisso. Eu precisava de sair desta experiência com mais do que uma ressaca, senão ia acabar por me matar ou por morrer inadvertidamente. A casa estava vazia. Era apenas eu, fechado por todos os lados. Não tinha público, não tinha amigos, não tinha esposa. Essa é uma situação muito alheia para alguém que raramente está totalmente sozinho. Passei o álbum *Division Bell* dos Pink Floyd vezes sem conta. Duas linhas de uma das faixas continuavam a correr-me pela mente:

Eu sabia que tinha chegado a hora De matar o passado e voltar à vida.

Escrevi as palavras em dezenas de pedaços de papel e colei-as em superfícies por toda a casa — em paredes, espelhos, portas. Esta era a minha afirmação. Diz-se frequentemente que antes de podermos curar os outros temos de nos curar a nós próprios. Acho que há bastante verdade nisso. Nos meus *workshops*, estava a ensinar o poder do pensamento afirmativo ou positivo para ajudar a superar os medos e conduzir o eu para fora do retiro. Durante anos, tinha estado a instar a salvação aos outros sem encontrar a minha própria. Agora era a minha vez.

Seis

Rumo à Luz

Aquela noite terrível forçou-me a reconhecer que tinha de mudar o meu estilo de vida, mas eu não fazia ideia de como isso iria acontecer. Eu era como um condutor imprudente que causou uma quase colisão numa autoestrada — temporariamente castigado e, ao mesmo tempo, a combater o impulso de calcar o acelerador a fundo outra vez. Não comecei a virar a minha embarcação vazia e a direcioná-la no rumo certo senão seis semanas mais tarde, a 7 de junho, no início de um *workshop* de quatro dias que ia dar em Londres.

Havia menos pessoas do que eu esperava, cerca de 40. Não me deveria ter surpreendido. Em comparação com outras nacionalidades, os britânicos são relutantes em gastar o seu dinheiro em tais eventos. Eu estava por ali a ver as pessoas a entrar aos poucos na sala e a sentar-se nas duas filas de cadeiras dispostas em ferradura quando fiquei paralisado. Algo fez um clique na minha consciência, como um relâmpago de reconhecimento. Sabia que tinha sido apanhado por mais do que a aparência da mulher que entrara na sala, ou pelo que trazia vestido — uma combinação bastante fora de estação de um vestido floral comprido e botas pretas pelo joelho. Mas, como viria a descobrir, aquilo é a Gig.

Tenho uma regra nos meus *workshops* de que, após cada intervalo, as pessoas têm de se mover e sentar-se noutro lugar. É melhor para o fluxo de energias se as pessoas não se mantiverem juntas em grupos. Notei que toda a gente se mudava, exceto esta mulher deslumbrante de cabelo loiro. Foi só mais tarde que percebi que ela se tinha mudado, e fora a minha perspetiva que se mantivera fixa, porque eu me tinha andado a reorientar para ficar virado para onde quer que ela estivesse sentada. A única pessoa de quem me apercebi durante esses quatro dias foi a Gig e a minha mente estava ocupada a magicar como conseguiria chegar à fala com ela. Foi uma experiência muito frustrante. A cada intervalo, eu era rodeado por pessoas e não conseguia chegar até ela antes que ela desaparecesse da sala.

Eu não sabia na altura, mas a Gig também estava consciente de uma ligação entre nós, embora tivesse dificuldade em identificar a sua natureza. Tinha-lhe sido recomendado que experimentasse a cura e viera cheia de curiosidade, sem saber o que esperar. Recebeu mais do que aquilo de que estava à espera. Durante o *workshop,* viu linhas de luz branca a disparar entre nós como eletricidade e ouviu-se a dizer que me amava.

A Gig aceitou estas experiências ao nível do conhecimento espiritual e não as associou a mim pessoalmente até ao final dos quatro dias. De forma muito inteligente, pensei eu, perguntei-lhe se ela alguma vez saía de Londres. A ausência de um "nós" na sua resposta encorajou-me a convidá-la a sair. Quando ela se aproximou para se despedir, eu sabia que tinha cerca de quinze segundos para fazer uma jogada ou correr o risco de lhe perder o rasto por muito tempo. Disse-lhe que voltaria no dia 28 para uma festa em casa de David Frost em Londres e perguntei se gostaria de sair para jantar depois. Quando ela disse "Sim" e me deu o seu cartão, mal consegui disfarçar o meu contentamento.

O David Frost tem sido como um padrinho de fadas para mim, surgindo em dois pontos críticos da minha vida para acenar com uma varinha mágica e fazer as coisas acontecerem. Fizemos um programa

de rádio juntos pouco tempo após *The Frost Interview* em 1974 e depois perdemos o contacto até ao final de 1993. A chamada que ele deixou no meu atendedor de chamadas foi uma das muitas coisas que me passaram ao lado nesta altura, e ficou sem resposta. Pouco depois do Natal, ele telefonou novamente e combinámos encontrar-nos em Suffolk. Durante o almoço num restaurante local, discutimos um novo projeto que ele estava em vias de montar através da sua empresa, a David Paradine Productions. Estaria eu interessado em coapresentar, ao lado dele próprio e de Uri Geller, um programa de televisão de uma hora no qual aspetos do paranormal seriam investigados ao vivo? A Carlton Television tinha comprado o formato e propunha-se transmitir o programa em horário nobre num sábado à noite, na primavera de 1995.

Não precisei de tempo para ponderar a oferta do David. Olhei para ela como uma oportunidade de ouro para promover as minhas aspirações para a cura e demonstrar os seus benefícios ao público mais amplo possível. A ideia de tratar o paranormal como entretenimento não me pareceu um perigo inerente. Eu tinha conseguido sempre tornar as minhas próprias apresentações tão polidas quanto possível sem retirar importância ao que estava a transmitir. A televisão conseguiria certamente fazer o mesmo. Intuitivamente, não duvidei da seriedade com que o próprio David encarava o assunto. O produtor daquele que viria a ser o *Beyond Belief* [Para Além da Crença], Trevor Poots, contou-me mais tarde que a ideia para o programa se formou após a morte da mãe do David em 1990, mas a semente para o mesmo tinha sido plantada na altura de *The Frost Interview* que fizéramos juntos. As pessoas nunca esquecem as coisas na vida que têm significado para elas, e o David nunca esqueceu aquele programa em particular porque o empurrou em direção a uma crença no paranormal.

Assim que regressei à órbita de David, fui imediatamente colocado na sua lista de convidados para festas. A festa de 28 de junho realizou-se nos jardins de Carlyle Square. Como é meu costume, cheguei cedo, dez minutos antes da hora indicada no convite formal e antes de os seguranças terem ocupado os seus postos no portão. Estava

ali sozinho a segurar uma bebida quando um polícia se aproximou de mim e me perguntou o nome. Suponho que não fosse de estranhar que ele desconfiasse de alguém que era instantaneamente irreconhecível. As festas de David são como visitar o Madame Tussauds e descobrir que muitas das figuras de cera ganharam vida. Os seus convidados vêm dos mundos do desporto, do espetáculo, dos negócios e da política.

Depois de um pouco de tempo sozinho, fui ao apartamento de Gig, a algumas ruas de distância, e, querendo impressioná-la, perguntei-lhe se gostaria de se divertir um pouco a caçar celebridades antes de jantarmos. A festa estava a ficar mesmo interessante quando chegámos. Os paparazzi estavam em peso, arriscando a vida, a integridade física e a dignidade para conseguirem as melhores posições de disparo. Quanto maior o nome, mais tardia a chegada e mais ruidoso o zumbido dos obturadores das câmaras. Os próprios festivaleiros estavam menos preocupados em focar-se apenas em pessoas que reconheciam. Gig poderia ter tido algo a ver com isto. Paddy Ashdown aproximou-se, com os dentes e os olhos a brilhar, e apresentou-se, seguido de perto por um Richard Branson igualmente entusiasmado, embora embriagado, que lhe pediu um cigarro.

Eu disse: «Pensei que não fumavas.»

«Quando estou bêbado, faço qualquer coisa.»

No final da festa, a mulher dele passou por nós disparada, dizendo: «Ou vens comigo ou ficas aqui.» Ele atirou o cigarro para um lado, o copo para o outro e saiu atrás dela.

No ano seguinte, vislumbraria o lado sóbrio de Branson. Recebi uma carta dele escrita à mão, perguntando se eu daria uma consulta urgente à mãe de um dos seus funcionários que tinha um tumor cerebral. Cada um dos seus funcionários tem o número de telefone da casa dele e sabe que pode contar com ele para dar assistência numa emergência pessoal. Neste caso, a mulher não compareceu à consulta agendada. Quando me encontrei novamente com Branson, agradeci-

lhe por ter escrito. Não há muitas pessoas na posição dele dispostas a envolver-se tão diretamente no bem-estar do seu pessoal.

Estar com Gig pareceu totalmente certo desde aquela primeira noite. Antes de ela entrar na minha oficina, eu teria rejeitado veementemente a ideia de me envolver noutro relacionamento permanente tão cedo depois de me separar de Christine. Intuitivamente, porém, eu sabia que Gig era especial, tal como os sentimentos que ela estava a despertar em mim. Queria estar com ela e convidei-a a subir a Suffolk no fim de semana seguinte.

Os maus hábitos, contudo, são difíceis de sacudir, mesmo quando já estamos fartos deles. Embora já não bebesse até cair, continuava a consumir mais álcool do que aquilo que me fazia bem. Quando o Eros apareceu, parecia determinado a deitar por terra o que restava das minhas melhores intenções. A aldeia onde fica Sturgeon's Hall tem uma gama limitada de divertimentos e distrações para oferecer ao visitante. Quando Gig subiu para aquele primeiro fim de semana, levei-a ao seu centro social, o pub. A coragem líquida fluiu e, completamente fragilizado, disse-lhe que tinha encontrado a minha alma gémea. Depois entrei em pânico. Tinha sido apenas o nosso segundo encontro. Que falta de sofisticação desatar a vomitar a verdade e correr o risco de a assustar. Tentei «clarificar» o significado da minha observação, explicando que achava que ela era perfeita para mim porque conseguia acompanhar o meu ritmo de festa, e que era só isso.

Duas semanas mais tarde, fui encurralado. Estávamos a beber no pub, novamente, quando entrou uma rapariga local com quem eu tinha andado a ter um relacionamento casual. Não esperei para fazer as apresentações esperadas e enfiei uma Gig indignada na cozinha, fora da vista. Tendo evitado um confronto, deparei-me com outro a olhar para mim. Gig estava furiosa e cantou-me algumas verdades que eu fui incapaz de refutar. Tinha uma escolha direta: continuar como estava ou reconhecer o meu passado, rejeitá-lo e comprometer-se com o amor que Gig personificava. O passado, no entanto, tinha um último e breve comentário a fazer sobre a nossa rutura. Por volta das sete

horas da manhã seguinte, a rapariga que eu tinha evitado no pub entrou pela janela da cozinha, subiu as escadas até ao quarto e gritou «Muito obrigado, caralho!» antes de bater com a porta do quarto para sair, para nunca mais ser vista por nenhum de nós.

Poucos dias depois, parti para uma viagem de dez dias pela Noruega. Embora ela não tenha dito nada, pressenti que Gig queria ir comigo e ficou desapontada por eu não ter sugerido. Não fui capaz de lhe dizer que tinha de ir sozinho para provar a mim próprio que o meu estilo de vida anterior já não exercia qualquer atração. Sabia por experiência passada com Christine que não é difícil permanecer fiel quando não há oportunidade para mais nada. Tinha de ser capaz de me salvar de mim próprio. Não queria Gig como carcereira. Queria-a como uma companheira amorosa que pudesse confiar em mim. A minha recém-descoberta sobriedade foi um choque para Walter Kraus, e provavelmente um alívio também. Passámos dez noites moderadamente sóbrias e tranquilas juntos na estrada. Nem sequer olhei para as mulheres à minha volta e a minha única preocupação era se Gig poderia encontrar outra pessoa durante a minha ausência.

Ao longo das semanas seguintes, descobri o que é ser eu próprio. Anteriormente, parecia que eu não tinha autorização para ser eu. Agora que me tinha sido dada permissão, podia passar de uma imagem para ser plenamente humano. Isto não agradou a todos, especialmente às pessoas que me viam principalmente como uma fonte generosa de bebida e droga. Eu só tinha utilidade para eles como um monstro espalhafatoso e bêbado que era incapaz de decifrar as suas intenções. Eles seguiram em frente quando perceberam que eu tinha trocado o meu papel de fornecedor da confraria de "penetras" por uma existência real.

Sabia que tinha tido uma sorte incrível ao encontrar Gig. Não tinha sido capaz de dar a Christine o amor de que ela precisava, ao passo que com Gig era tão fácil como respirar. Suponho que, quando estamos cheios da alegria indescritível que o amor traz, assumimos que as outras pessoas estão a passar por algo semelhante nos seus relacionamentos íntimos. Eu estava confiante de que Christine seria

tão feliz com Edward como eu era com Gig. De facto, quando os tinha visto deixar Sturgeon's Hall depois de os ter corrido da minha cama, parte de mim tinha sentido inveja de Christine. No fundo, Edward era um homem perfeitamente decente e honrado que estava disposto a dar-lhe o que eu não podia. Tinham-se passado apenas alguns meses, contudo, antes de eu começar a ouvir histórias perturbadoras. O meu consumo de álcool reduziu-se drasticamente após conhecer Gig. Havia tantas coisas mais interessantes para fazer. Christine, porém, parecia estar a beber ainda mais, não socialmente, mas daquela forma que as pessoas fazem quando parecem obstinadas na sua própria destruição e estão alheias às consequências para si próprias ou para qualquer outra pessoa. No que me dizia respeito, Henrietta e Jethro eram a «qualquer outra pessoa» na vida de Christine, e isso alarmava-me. As coisas foram de mal a pior. Christine foi submetida ao teste do balão na rampa de acesso à escola que Henrietta frequentava e verificou-se que acusava várias vezes mais do que o limite legal. Tentei manter um olho vigilante, telefonando e visitando a casa de campo regularmente. A óbvia hostilidade de Christine tanto para com Gig como para comigo tornou isto mais difícil do que deveria ter sido. A situação atingiu o limite poucos dias antes de Gig e eu termos viagem marcada para a Austrália.

Liguei várias vezes para a casa de campo e não obtive resposta. Quando finalmente consegui falar, foi com Jethro. Ele disse-me que Christine tinha estado a dormir o dia todo e que ele não conseguia acordá-la. Gig e eu fomos imediatamente de carro até lá e encontrámos Christine nua no chão da sala de estar, inconsciente. Com base nesta e noutras provas, o tribunal concedeu-me a custódia temporária das crianças. Nomeei uma ama para cuidar delas em Sturgeon's Hall enquanto eu estivesse fora.

Poucos meses depois, as crianças voltaram a viver com Christine, depois de esta ter convencido os assistentes sociais da sua aptidão.

* * *

À medida que eu mudava, comecei a notar uma mudança correspondente na cura, ou melhor, nas respostas das pessoas a ela. Isto foi especialmente evidente nos workshops de quatro dias. O conteúdo era o mesmo de antes — focado nos conflitos não resolvidos nas nossas vidas e nos danos que eles causam —, mas as pessoas pareciam ser afetadas a um nível muito mais profundo. Lembro-me de um workshop na Noruega por esta altura, e de um homem em particular. Ele parecia muito contido até quase ao fim, quando ficou demente e começou a ter ânsias de vómito incontroláveis, como se estivesse a tentar expelir algo estranho do seu corpo. Mais tarde, descobri que há mais de 20 anos que ele tentava reconciliar-se com a sua sexualidade através da psicoterapia. Durante o círculo de cura, ele tinha recebido uma imagem muito clara de si próprio, aos três anos de idade, a ser atacado e depois violado por um homem. Anos de terapia tinham falhado em descobrir esta memória e o trauma associado a ela. A sua libertação mudou a visão que ele tinha de si próprio e permitiu-lhe descobrir quem ele realmente era. Quando o voltei a ver meses mais tarde, fiquei impressionado com o quão mais feliz e positivo ele parecia. Ele tinha sido transformado pela sua experiência. Mesmo quando a cura perturba temporariamente, nunca funciona contra nós.

Estes workshops, com a sua ênfase na revelação emocional e espiritual, começaram a assustar-me. Eram eventos tão altamente carregados, e estavam a sê-lo cada vez mais. Começava a questionar-me sobre quanto mais desgastantes se poderiam tornar. Eu não conseguia isolar-me das emoções que estavam a ser dragadas nos outros, nem tinha querido fazê-lo no início. A necessidade de limpar aqueles cantos escuros e secretos da experiência tinha sido tanto minha como das pessoas que participavam. Chegou o momento em que a necessidade já lá não estava. Não tive qualquer pressentimento disso até acontecer. Mais uma vez, estava na Escandinávia, perto do fim de um workshop de cinco dias. Não sei porquê, mas tinha estado muito perto das lágrimas várias vezes durante os quatro dias precedentes. Na última manhã, comecei a contar a história do meu encontro com Gig. Não tinha avançado muito quando senti lágrimas a correr-me pelo rosto. Desta vez, não me virei para as esconder. A

reação das 90 pessoas à minha frente foi extraordinária. Houve um desabar empático em lágrimas por todo o lado. A minha emoção, porém, não era causada por tristeza ou aflição. Era uma manifestação de felicidade inefável e um reconhecimento de que o passado já não ensombrava a minha vida. Após cinco anos a ensinar o significado do amor, sabia que o tinha encontrado. O professor tinha sido ensinado. Ele teria de encontrar outra lição.

Retifiquei o conteúdo dos workshops após esta experiência, eliminando muito material e encurtando-os para eventos de um ou dois dias. Isto não teve qualquer efeito na cura, que funcionará sempre ao nível da necessidade de cada indivíduo. Sob a minha própria perspetiva, parecia haver um melhor equilíbrio entre as várias dimensões, mas isso devia-se puramente ao facto de eu poder agora liderar e guiar sem o obstáculo dos problemas pessoais que tinha andado a tentar resolver. A dimensão emocional não perdeu nada da sua potência, como revelam as duas cartas seguintes.

Anita Ridley escreveu:

Ontem à noite escolheu curar-me no workshop do Festival for Mind, Body and Spirit. Eu tinha estado tão desesperada por uma cura que estive a enviar-lhe vibrações enquanto viajava no comboio para o Festival. Enquanto estava sentada na assistência, imaginava-me a levantar-me e a caminhar até si para receber ajuda. Fosse como fosse que aconteceu, escolheu-me!

Sofri de um distúrbio alimentar durante muitos anos e tinha tanta mágoa e medo presos dentro de mim que isso acabou por se manifestar na minha coluna lombar, causando osteoartrite (aparentemente, sem querer, eu impedia o líquido cefalorraquidiano de fluir nessa secção das minhas costas quando ficava angustiada), o que por sua vez causou o crescimento de um bico de papagaio para dentro da minha espinal medula. A hérnia discal ocorreu como resultado de uma maior deterioração nessa área. Também nasci com um canal espinal estreito, o que tornava qualquer fraqueza nessa área um verdadeiro problema.

Tive uma operação em junho de 1994 no Departamento de Neurocirurgia do Brooke Hospital. Tinha ficado com cicatrizes tanto internas como externas e tinha uma dor nervosa considerável nas pernas. Também fiz uma fusão na coluna lombar.

Durante a cura que me deu, a mágoa veio à superfície e libertou-se... Senti-o a puxar a mágoa para a sua mão como fluxos de luz branca a correr das minhas pernas através do centro da minha zona lombar.

Transmite tanto conforto e amor quando está a curar que se torna magnético. Nunca experimentei um sentimento tão intenso vindo de um ser humano. Acredito que tem poderes que vão muito além das capacidades "humanas". Sei que o seu processo de cura continuou em mim ao longo da noite passada. Senti o processo tão fortemente que me manteve acordada durante horas!

Disse que viu as cores verde e amarelo enquanto trabalhava comigo. O meu quarto é verde e amarelo e é o único sítio onde me sinto completamente segura e "eu própria". Se captou isto ou não, não sei.

Sinto-me maravilhosa. As minhas costas parecem livres e flexíveis. Sinto que as minhas pernas passaram e continuam a passar por uma transformação, libertando-se e continuando a curar. Estão sem dor e os meus pés continuam a formigar.

Tinha estado limitada, deprimida e desconfortável durante tanto tempo que parece sensacional ser capaz de tocar nos dedos dos pés outra vez. De facto, desde ontem à noite, já toquei nos dedos dos pés pelo menos dez vezes porque sabe muito bem. Como é que sou capaz de fazer isso com umas costas fundidas e artríticas, não sei!

A segunda carta dizia o seguinte:

Fui recentemente a um dos seus círculos de cura em Exeter. Achei a experiência profundamente comovente e pensei que gostaria de saber o que se passou. Fui vê-lo por duas razões. A primeira é porque ando a tentar ter um filho há mais de sete anos. A segunda foi

porque também tenho tido EM nos últimos três desses anos e, embora esteja melhor do que estava, sentia-me muito presa num ciclo de stresse e doença.

Sentada no círculo, não fazia ideia do que esperar. Sou bastante alternativa e "ecológica", mas não uma pessoa muito "esotérica", o que tornou o que aconteceu ainda mais surpreendente para mim. Tentei apenas deixar-me ir na música belíssima e foi para aqui que fui...

Primeiro, estava sentada no meu sofá em casa. Fui ficando cada vez mais pequena até me transformar numa ave branca — uma gaivota, talvez. Voei pela janela fora e em direção ao céu. Neste ponto, pensei que talvez tivesse uma sensação de liberdade e leveza — talvez fosse disso que eu precisava —, mas não. Voei diretamente pela A38 em direção ao leste. Sentia-me no controlo, mas não de para onde ia. Limitei-me a seguir.

Cedo se tornou muito claro que estava a voar para Londres, sobre todos os pontos de referência familiares que eu conhecia tão bem. À medida que chegava a Londres, a viagem tornava-se cada vez mais detalhada. Através das ruas do oeste de Londres, passando por Euston, King's Cross, subindo para Islington e seguindo para Hackney — a rota que sempre fiz. E de repente estava lá, a circular acima da casa dos meus pais, a casa onde cresci. Conseguia ver-me a mim própria com 7 ou 8 anos. Estava de pé no átrio frio e desolado, sozinha. Sabia que tinha de voar lá abaixo e contactar esta criança, mas fui impedida de o fazer por uma parede de dor tão vasta que pensei que me ia partir o coração. Acho que nunca chorei de forma tão profunda (e já chorei muito antes). O meu coração doía tanto. Alguém veio então e tocou-me (um dos curadores que o estava a ajudar). Senti imediatamente uma onda de calma lavar-me e, com isto, fui capaz de voar lá abaixo, encontrar-me e depois transformar-me nesta criança.

(Neste ponto, talvez seja útil saber que, em criança, não recebi quase nenhum amor físico ou emocional de nenhum dos progenitores.)

De pé no átrio (como criança), sentia-me muito infeliz. Desolada e sem saber o que fazer, as palavras «Porque é que não me amam?» andavam às voltas e voltas na minha cabeça. (Como adulta, já sabia há muito tempo sobre esta falta de amor e trabalhei muito a questão de ficar zangada com os meus pais, mas nunca me tinha lembrado de como me sentia realmente em criança — apenas do que aconteceu.)

Deambulei pela casa fria a pensar no que deveria fazer. Depois pareceu que eu era a ave outra vez. E conseguia ver que não era mesmo culpa da criança que os pais não a amassem. Que a criança era uma criança bela e adorável que merecia ser amada. Que doía e era azar que os pais não a conseguissem amar, mas que NÃO ERA culpa da criança — como poderia ser? E depois peguei na criança e juntas, como duas aves, voámos de volta sobre as ruas sujas de Londres, sem parar, sem parar, sem parar, até chegarmos a Devon. Assim que chegámos ao sofá, transformámo-nos novamente em pessoas — pareceu muito estranho —, como uma eu grande e uma eu pequena. (Neste ponto, o senhor colocou as mãos nos meus ombros.) Aconcheguei a eu pequena e, gradualmente, ela meio que desapareceu para dentro da eu grande.

E de repente, enquanto escrevo isto, percebo pela primeira vez na minha vida que é provavelmente disto que as pessoas falam quando dizem "Amar-se a si próprio" — eu nunca tinha percebido verdadeiramente antes.

Depois senti-me muito vulnerável, mas de uma forma muito agradável. Continuo a sentir-me muito cansada e quero um bebé, mas sinto-me como se me tivessem sido dadas algumas ferramentas para trabalhar agora.

Dei-lhe um beijo e disse obrigada, mas não foi suficiente. Por isso, obrigada outra vez.

As reuniões de produção para o espetáculo paranormal de Paradine começaram no inverno de 1994. Eu tinha conhecido brevemente Uri Geller em 1988, quando ele me tinha pedido para aparecer num espetáculo de domingo à noite que ia dar no teatro

Prince of Wales em Londres, patrocinado pela Capital Radio. Eu era, na verdade, o seu homem de aquecimento, encarregue da tarefa de passar meia hora a divertir o público com histórias sobre cura. Ele dava a impressão de ser um homem muito estranho, dolorosamente magro, nervoso e incapaz de se focar numa atividade ou ideia por mais do que alguns segundos.

Parecia menos hiperativo e perturbado quando o encontrei novamente, mas não a um nível reconfortante. Para todas as reuniões, Uri e o seu empresário, Shipi (que é também o seu cunhado), chegavam ao escritório de David numa azáfama de barulho, visivelmente atrasados, queixando-se do trânsito. É uma infelicidade para as pessoas que têm de esperar por ele que a capacidade psíquica de Uri não o capacite a prever os problemas que invariavelmente o impedem de chegar a qualquer lado a tempo. Ele corria então para a janela mais próxima e escancarava-a para minimizar a sua exposição aos grandes charutos Havana de David e aos meus cigarros de tamanho mais modesto. Todos os programas Beyond Belief foram feitos para transmissão na primavera, pelo que as nossas reuniões de produção decorreram nas profundezas do inverno. A adesão de Uri a uma pureza de estilo de vida que me daria pesadelos provavelmente contribuiu em parte para o isolar dos efeitos das rabanadas de vento gélidas que sopravam pela sala. Ele era ajudado também pela sua incapacidade de permanecer quieto por mais do que um par de segundos de cada vez. Estava a fazer corrida estática no sítio, a saltar para cima e para baixo ou para fora dos móveis, ou a andar de um lado para o outro da sala. Acho muito difícil raciocinar com clareza quando alguém se move perpetuamente ao meu redor e virtualmente impossível quando está simultaneamente a manter uma conversa com outra pessoa sobre um tema totalmente sem ligação. David fazia sempre questão de não atender chamadas durante a reunião. O mesmo não se aplicava a Uri. Shipi sentava-se ali ligado à corrente, usando um auricular ligado ao seu telemóvel. A nossa conversa a três sobre o programa decorria com o pano de fundo de Shipi a fazer ou a receber chamadas constantemente.

O maior problema que encontrámos durante as fases de planeamento foi encontrar outras pessoas com capacidades paranormais que estivessem preparadas para as demonstrar sem a rede de segurança da pré-gravação. O programa tinha de ser totalmente em direto para ser credível. Esta abordagem pretendia também dar um «fio de navalha» aos acontecimentos — demasiado, ao que pareceu, para os «nomes» que contactámos na Grã-Bretanha, tendo todos e cada um deles recusado o nosso convite. Fomos forçados a procurar muito mais longe — na Rússia para o «achado» de Uri, o mentalista Boris Tulchinsky, e nos Estados Unidos para o meu, a caminhadora sobre o fogo Christina Thomas. A parte fácil foi decidir o que o Uri e eu deveríamos fazer.

Concordei em realizar um exercício de mente/corpo e uma demonstração de cura. Para a demonstração de cura, pedi à equipa de produção da Paradine que encontrasse alguém com mobilidade reduzida e um elevado nível de dor. Sentia a certeza de que aquilo que funciona para um público ao vivo numa sala funcionaria para um público ao vivo num estúdio de televisão. Sabia que era razoavelmente bom a eliminar a dor rapidamente, e o artista em mim sabe que, televisivamente, é muito eficaz mostrar o efeito que a cura pode ter em alguém com mobilidade reduzida: antes da cura não conseguem levantar o braço acima da altura dos ombros e, depois dela, o braço pode ser erguido acima da altura da cabeça. Após fazer indagações junto de vários médicos, os investigadores enviaram-me por fax uma lista de catorze pessoas à escolha. Corri os olhos pela lista e esperei que um dos nomes se destacasse. Quando isto aconteceu, soube que tinha encontrado a pessoa que devia usar.

A mulher estava em meados dos seus trinta anos e tinha lesões na coluna resultantes de um grave acidente de viação ocorrido dois anos antes. Mais doloroso do que a dor considerável causada pelas suas lesões era a sua incapacidade de pegar no seu filho pequeno. Não conseguia dobrar-se, rodar a cabeça ou levantar os braços. Intuitivamente, sabia que a cura funcionaria com ela. Pedi a um dos investigadores que ligasse à mulher e verificasse se ela seria capaz de

se expressar bem na televisão. Poucas horas depois, o investigador ligou-me de volta e disse que a mulher era ideal: tinha uma voz clara ao falar, era eloquente e positiva.

No dia anterior à transmissão, a mulher telefonou para a Paradine e disse-lhes que teria de desistir. Estava pendente uma ação de indemnização contra o condutor do outro automóvel envolvido no acidente que causara as suas lesões, e o seu advogado tinha-a aconselhado sobre as eventuais consequências adversas de aparecer no programa. A indemnização que esperava receber seria grandemente reduzida se ela fosse vista sem dores e com mobilidade após a demonstração de cura. Estava para além da minha compreensão que uma pessoa que estava indubitavelmente a sofrer uma dor física e emocional considerável estivesse disposta a abdicar de uma oportunidade de se livrar delas por causa de dinheiro. Mas não havia tempo para filosofar. O pânico instalado tomou conta de nós. Tínhamos de encontrar um substituto adequado. Pedi ao investigador que convidasse as outras treze pessoas da lista para o estúdio da Central Television em Nottingham, para que eu pudesse fazer outra escolha. No dia seguinte, por volta da hora do almoço, entrei na sala onde todos estavam reunidos e apresentei-me. Em poucos minutos soube qual deles escolher — um homem na casa dos cinquenta anos chamado Keith. Simpatizei com ele imediatamente. Quando criança, Keith sofrera da doença de Perthes, que afeta a anca e se deve à fragmentação da extremidade esponjosa da ponta do osso da coxa. Os manuais de medicina afirmam que a recuperação espontânea deste distúrbio ocorre após um par de anos, mas, no caso de Keith, tinha-o deixado com artrite na coluna lombar e uma limitação entre as omoplatas que ele descrevia como «muito dolorosa». Estava seguro de que seria capaz de fazer algo por ele. De forma a tornar a demonstração mais interessante, e também numa tentativa de ajudar mais algumas pessoas por se terem dado ao trabalho de viajar até Nottingham, selecionei mais três — duas mulheres e um homem — com problemas de mobilidade reduzida para se juntarem a Keith na demonstração. Até este momento do programa, a pressão tinha sido

toda fora de câmara. Diante das câmaras, tudo correu conforme o previsto.

Como apresentadores, o Uri e eu somos tão dissemelhantes quanto duas pessoas podem ser. Os meus casacos são muito mais espalhafatosos do que a minha personalidade, enquanto o sentido de vestuário de Uri parece ter desistido de tentar acompanhar o ritmo da sua hiperatividade. Compreensivelmente, os produtores do programa queriam agarrar a atenção do público logo de início com algo que fizesse jus à descrição do título do programa, Beyond Belief. Uri tinha assumido a tarefa de envolver o público diretamente em experiências de psicocinese e telepatia. Ele girou pelo estúdio a organizar estas experiências de massa. A primeira envolveu relógios avariados, que uma grande parte do público de 300 pessoas tinha trazido consigo para o estúdio, colheres e chaves. Pediu-se a todos, incluindo às pessoas que assistiam ao programa em casa, que se concentrassem em fazer com que os relógios avariados voltassem a funcionar e as chaves e colheres se dobrassem.

Ver o Uri trabalhar é uma experiência — talvez a expressão ver o Uri «ser» seja mais apropriada. Nunca me deparei com ninguém que consiga gerar tanta energia fora do seu próprio corpo. Pode ser perturbador. Quando se pediu a toda a gente que gritasse «Funciona», alto e com convicção, à contagem de três, ninguém no estúdio gritou mais alto ou com mais convicção do que o Uri. Numa questão de segundos, alguns dos relógios avariados começaram a trabalhar e as pessoas estendiam-nos para exame.

O meu exercício de mente/corpo demonstrou um ponto semelhante ao de Uri sobre como a energia pode ser utilizada. Na demonstração dele, a energia estava a ser dirigida para o exterior, para objetos. No meu exercício de mente/corpo, eu queria mostrar como diferentes tipos de pensamento podem afetar o corpo e, mais importante ainda, a nossa capacidade de resistir. O exercício era um que eu já tinha utilizado muitas vezes em demonstrações públicas, como um «passo um» da cura. A impressionantemente bronzeada e musculada Panther, do programa de televisão Gladiators, estava lá

para me assistir. Após constatar que o lado direito do seu corpo era mais forte do que o esquerdo, pedi-lhe que pensasse durante cerca de 15 segundos em algo que a fizesse sentir muito feliz, inspirada e positiva. Quando sentisse que tinha absorvido essa ideia, deveria esticar o braço esquerdo e, quando eu dissesse a palavra «Resiste», deveria usar cada gota da sua força para me impedir de empurrar o seu braço para baixo. Eu estava praticamente a saltar em cima do braço dela, mas não consegui fazê-lo descer para o lado do seu corpo. Repetimos o exercício no seu lado direito, só que desta vez pedi-lhe que mudasse o seu estado de espírito e pensasse em algo que a fizesse sentir zangada, hostil, ciumenta e negativa. Por ser o seu lado mais forte, o seu braço direito parecia ainda mais formidável do que o esquerdo, e no entanto colapsou assim que exerci pressão sobre ele. Panther não conseguiu encontrar explicação para o que lhe aconteceu. É muito simples: qualquer pessoa pode ser rebaixada por pensamentos negativos — mesmo alguém que tenha um corpo em pico de forma física — ou fortalecida por pensamentos positivos.

A cura faz má televisão, tão fascinante como ver tinta a secar, a menos que se seja uma das pessoas a participar. É também uma atividade muito pessoal à qual as pessoas se têm de entregar. Depois de cada um dos participantes ter sido apresentado ao público e de as suas maleitas terem sido descritas, levei-os para uma sala perto do estúdio onde seria mais provável que relaxassem e criassem uma atmosfera propícia à cura. Como Keith era aquele com quem me sentia mais sintonizado e tinha duas limitações muito óbvias, escolhi trabalhar diretamente nele. Dispuz os quatro em círculo, de mãos dadas, e comecei a trabalhar.

Tinha dez minutos para fazer a diferença, ou não, metade do tempo que costumo conceder para uma demonstração. No final, regressámos ao estúdio principal. Evitei cuidadosamente perguntar a qualquer um deles como se sentia até estarmos de volta à frente das câmaras. Contudo, tinha uma ideia de qual deles tinha beneficiado — embora o como seja sempre outra questão — e estava particularmente curioso por descobrir quão eficaz tinha sido a cura para Keith. Antes

da sessão de cura, os quatro tinham demonstrado a sua imobilidade ao público e sido examinados por uma fisioterapeuta, que tinha verificado a incapacidade declarada.

Não alimentava muitas esperanças de que a cura ajudasse a deficiência de uma das mulheres, cujos ossos do pescoço tinham sido fundidos por cirurgia. A sua imobilidade mantinha-se tão fixa como antes, embora tenha relatado sentir-se mais relaxada e livre da dor de cabeça que tinha antes da sessão. A outra mulher também disse sentia-se mais relaxada. O resultado mais marcante foi com os dois homens. Peter sofria de um ombro artrítico que o impedia de fazer movimentos laterais ou verticais com o braço. Disse que tinha sentido a energia passar ao redor do círculo e conseguia agora demonstrar consideravelmente mais mobilidade do que anteriormente.

Mas a melhoria mais impressionante foi vista em Keith. Ele descreveu a cura como uma «experiência incrível» e disse que tinha sentido a dor a deixar o seu corpo. Conseguia agora levantar os braços acima da cabeça, e a sua capacidade de se dobrar pela cintura estava muito melhorada porque a dor na sua coluna lombar tinha diminuído.

Na festa após o programa, Keith expressou a sua gratidão por ter sido escolhido para a cura. Contou-me uma história:

«Quando ouvi pela primeira vez que andava à procura de alguém para tema de demonstração no programa, comecei a imaginar que ia ser eu. Imaginei como seria estar sob as suas mãos. Imaginei-me livre de dores. Conseguia sentir o calor. Depois descobri que estava na lista de finalistas. Mas a partir daí não soube de mais nada. Neste ponto, comecei a redobrar os meus esforços. Ando a carregar uma fotografia comigo desde a semana passada. De hora em hora, a cada hora, tenho tirado esta fotografia e olhado para ela, imaginando-me a ser a pessoa naquele programa de televisão, a ser curado. Trago a fotografia comigo.»

Puxou-a do bolso e mostrou-me uma fotografia minha.

A história de Keith sobre como chegou a receber a cura lembrou-me um incidente semelhante ocorrido dez anos antes. Nessa ocasião,

tinha pedido um voluntário durante uma demonstração na Healing Arts Exhibition em Londres. Nessa noite, havia apenas duas pessoas — um homem e uma mulher — com quem eu podia trabalhar, tendo ambos os pescoços bloqueados. Perguntei se havia algum fisioterapeuta no público que verificasse a incapacidade de ambas as pessoas e fizesse a escolha por mim. (Naqueles dias, eu fazia regularmente este pedido, puramente para sublinhar aos céticos ou desconfiados que a demonstração era genuína e os sujeitos não eram cúmplices pagos.) A mulher que se chegou à frente examinou os dois e depois optou por que eu trabalhasse com o homem. Isto colocou-me num dilema, porque intuitivamente eu sabia que devia trabalhar com la mulher e, no entanto, não podia ser visto a recusar a escolha feita por mim. A mulher e a fisioterapeuta regressaram aos seus lugares no público e eu comecei a trabalhar no homem. Após cerca de quinze minutos, pensei que ia incendiar-me com o calor. Algo estava a acontecer, tinha a certeza. Continuei por mais alguns minutos e depois perguntei-lhe se havia alguma melhoria no seu pescoço. Ele tentou movê-lo, mas continuava tão solidamente bloqueado como estivera no início da sessão. Fiquei completamente confuso, porque sabia que alguma mudança profunda tinha ocorrido. Estava a ponderar sobre isto quando a minha atenção foi atraída para um alvoroço no público. A mulher a quem eu quisera dar a cura estava de pé. Tinha retirado o colar cervical que estivera a usar e gritava «Olhem» enquanto rodava o pescoço em todas as direções, sem limitação ou dor.

Esta experiência — e a de Keith — sugere que a cura encontrará o seu destinatário pretendido, mesmo quando se colocam obstáculos no seu caminho, ainda que inadvertida ou inconscientemente. No caso de Keith, eu tinha inicialmente escolhido outra pessoa, mas ela tinha-se retirado da equação no último minuto, deixando o caminho livre para ele. A mesma explicação pode aplicar-se ao incidente na Healing Arts Exhibition. A cura destinava-se àquela mulher e, mesmo estando as minhas mãos sobre o homem, a energia encontrou o caminho até ela.

Um par de semanas após terminar o Beyond Belief, fui para a Suécia trabalhar, acompanhado por Walter e Gig. Passámos parte desta viagem de dez dias na pequena cidade de Bollnas, dentro do Círculo Polar Ártico. O lugar era tão pequeno que tivemos de ser transportados num avião ligeiro. O nosso hotel fornecia todos os confortos habituais, exceto um — comida a horas críticas do dia. Dava-nos o pequeno-almoço, mas depois disso estávamos entregues aos nossos próprios recursos. Isto não teria importância se estivéssemos num país onde os restaurantes e locais para comer abundam, mas, fora dos grandes centros, eles são muito escassos. Não admira que a cozinha sueca não seja conhecida em todo o mundo quando é mal detetável no seu próprio país. Para o viajante faminto na Suécia, também não existem cozinhas de imigrantes para compensar a escassez. Eu começava a trabalhar às dez da manhã com círculos de cura que se prolongavam por todo o dia. À noite, dava um workshop que começava às seis horas e terminava por volta das dez. Depois, iniciávamos a caminhada pelas ruas geladas, escuras e húmidas à procura de algo comestível. Nunca estive tão contente por deixar um lugar.

Poucos dias depois de Gig e eu chegarmos a casa, tive um sonho vívido. Nele, estava a assistir à corrida de obstáculos Grand National e a ouvir os comentários. À medida que os cavalos passavam o poste de chegada, conseguia ouvir o comentador a gritar com entusiasmo: «E o vencedor é o Sr. Cinnamon». Depois, o sonho mudou da corrida para aquela cidade pavorosa no norte da Suécia. Está frio, escuro e eu tenho muita fome. Estou com o Walter e, juntos, deambulamos pelas ruas à procura de um restaurante. Está tudo às escuras. Um restaurante por onde passamos está tapado com tábuas. Depois, mais à frente, vejo um brilho quente e dourado de luz a brilhar no passeio, vindo de uma porta aberta. Chegámos à porta e descobrimos que é a entrada para uma discoteca, com degraus que descem para ela. Eu digo: «Ótimo. Deve haver comida aqui dentro.» Depois dou-me conta de que é pouco provável que consigamos entrar, porque nenhum de nós é membro. Walter, cuja alcunha é «No Problem», tira um cartão do bolso e diz: «No problem. Eu tenho inscrição.» Enquanto descemos os

degraus, Walter volta-se para mim e, com um olhar que eu costumava conhecer muito bem, diz: «Agora podes ser um verdadeiro pecador [sinner man].»

Neste ponto, tomei consciência do facto de que estava a sonhar e fiz a ligação entre a sua rima e o nome do cavalo. O sonho terminou então.

Sabia que o National devia correr-se dali a um par de dias, e o meu primeiro pensamento ao acordar na manhã seguinte foi verificar a lista de concorrentes. Quando não consegui encontrar nem um Mr Cinnamon nem um Sinner Man, decidi que talvez tivesse sido demasiado rápido a ler significado no sonho. No entanto, tinha sido tão claro, tão lúcido, invulgarmente assim. Dirigi-me para o meu escritório, onde a minha secretária estava precisamente a entrar com o correio. Estava invulgarmente pesado, cerca de 400 cartas, porque escassos dias antes tinha saído um artigo sobre mim no jornal Daily Mail. Os Correios tinham prestavelmente agrupado as cartas em maços de cinquenta, presos com elásticos. A minha secretária colocou os maços em cima da mesa e, como o meu primeiro paciente ou estava atrasado ou não apareceu, decidi abrir algumas das cartas. Não tenho frequentemente esta oportunidade e acho sempre interessante quando a tenho. Peguei num dos maços e puxei um envelope ao calhas. A carta que tinha escolhido era de alguém que dizia saber do meu trabalho há muito tempo, mas não sabia como entrar em contacto comigo. Depois, tinha visto o artigo no Daily Mail que incluía o meu endereço. Pedia informações sobre workshops e sobre como deveria proceder para obter uma cura individual comigo. Para meu espanto, a carta vinha assinada por um Sr. Cinnamon de Londres.

Existem várias explicações possíveis. A explicação «racional» é aquele velho recurso da «coincidência» — não haver ligação entre o eu ter sonhado com o Mr Cinnamon/sinner man e receber subsequentemente uma carta dele. Alternativamente, teria eu sido clarividente no sonho, «sabendo» que ia abrir uma carta assinada por Mr Cinnamon, o que influenciou o sonho? Duvido. A minha explicação preferida baseia-se na experiência de Keith. Teria o Sr.

Cinnamon estado a pensar em mim durante algumas semanas, maturando na sua mente o que gostaria de me dizer na sua carta? Se o tivesse feito e colocado uma grande energia criativa na escrita da carta, essa energia poderia de alguma forma ter sido libertada no éter para eu a captar. Passo tanto do meu tempo num estado meditativo, e «aberto» a este tipo de comunicação, que é perfeitamente concebível que o Sr. Cinnamon se possa ter «sintonizado» comigo.

De modo a aceitar esta explicação, temos de encarar o tempo de uma forma diferente da norma. O tempo é para mim como tentar contemplar o que está para lá do limite do universo. Existem muitas possibilidades que residem além das construções humanas que conhecemos como tempo. Essencialmente, não existe tal coisa como o tempo, e é possível experienciar desvios nele quando entramos num estado alterado de consciência, tal como enquanto sonhamos ou durante a meditação — podemos ir para a frente no tempo e ter uma premonição, ou podemos ir para trás no tempo e ter uma sensação de déjà-vu. Imaginem o tempo como um disco compacto com todas as ações e pensamentos — passados, presentes e futuros — embutidos na sua superfície como centenas de milhares de pequenos sinais. Qual destes captamos e ouvimos através das colunas dependerá inteiramente da posição do laser na superfície do disco. Percebemos a realidade como sendo o que quer que nos esteja a acontecer num instante no tempo. Para a maioria das pessoas, o tempo move-se apenas numa direção, para a frente, como o disco compacto que foi programado para tocar da faixa um até ao fim. Se formos capazes de mover a nossa consciência para trás e para a frente — como esse laser —, então podemos experienciar diferentes «faixas» em diferentes moldes temporais.

Comecei a pensar pela primeira vez em desvios temporais quando Robert Webbe me foi dado a conhecer. Uma explicação simples para a sua «aparição» seria a de que ele é uma alma penada que não avançou para onde deveria estar. Ele está, efetivamente, preso aqui, talvez condicionado por um apego excessivo às coisas materiais. Uma explicação mais complexa, que eu prefiro, é a de que o tempo é

multidimensional e que aquilo que Robert Webbe pensa ser o dia 4 de outubro de 1740 é, simultaneamente, o dia 6 de agosto de 1998 ou 23 de fevereiro de 2036, ou outra data qualquer. Talvez estejamos a viver muitas vidas diferentes em simultâneo, em diferentes realidades temporais. Podemos ser seres multidimensionais e pode ser que a nossa alma ou espírito habite corpos diferentes em momentos diferentes e em lugares diferentes.

Uma pessoa não precisa de morrer para ser vista como um fantasma. Existem casos bem documentados de pessoas vivas a serem vistas em locais onde era fisicamente impossível estarem. Mickey Hart, o baterista dos The Grateful Dead, contou-me uma dessas histórias. Atrás da sua casa de rancho na Califórnia, há uma colina bastante íngreme de pasto onde ele costumava deixar os cavalos a pastar. O xamã Rolling Thunder vinha frequentemente ao rancho para selecionar algumas das ervas e plantas que cresciam nessa colina para usar nas suas preparações. Uma manhã, Mickey estava a olhar pela janela da cozinha quando viu Rolling Thunder de gatas a arrancar uma planta na colina. Quando voltou a olhar, escassos minutos mais tarde, Rolling Thunder não se via em lado nenhum. Mickey esperava que o amigo aparecesse em breve à porta da cozinha e entrasse para uma conversa e um café, mas não voltou a avistá-lo nesse dia. Descobriu mais tarde que Rolling Thunder estava a 2000 milhas de distância, a tratar alguém que, segundo o xamã sabia, precisava da planta que Mickey o vira arrancar do chão. Rolling Thunder não conseguia obter fisicamente a planta de que necessitava, pelo que a alcançou por meio de um pensamento intenso.

A marca deixada pelos pensamentos e pelas ações pode ser tanto negativa como positiva. O curador e clarividente holandês Gerard Croiset acreditava que essa energia poderia ser responsável por fazer com que alguns troços de estrada se tornassem pontos negros de acidentes. A sua teoria era a de que uma enorme descarga de energia libertada no primeiro embate afetaria subsequentemente outros condutores e os levaria a ter também um acidente. Conduzir é uma atividade do hemisfério direito do cérebro e alguns condutores —

talvez aqueles que conseguem entrar facilmente num estado meditativo — sintonizam-se inadvertidamente com a mesma energia libertada de forma traumática naquele local anteriormente e repetem o erro cometido por esse primeiro condutor. Croiset afirmava que conseguia «curar» estes pontos negros ao dispersar a energia nos locais. Em vários casos, a polícia relatou que os acidentes pararam depois de ele ter trabalhado num ponto negro.

A Carlton Television recebeu mais de dois milhões e meio de chamadas de espetadores durante a transmissão do Beyond Belief em 1995, e o sistema telefónico na Escócia colapsou devido à pura sobrecarga. Muitas das chamadas diziam respeito a colheres e chaves a dobrarem-se, relógios avariados a funcionar e efeitos semelhantes alcançados pela energia psicocinética estimulada por Uri. A estação também recebeu chamadas de pessoas que diziam ter recebido o benefício da cura nas suas próprias casas enquanto assistiam ao programa.

Para mim, pessoalmente, o programa foi um sucesso. Como habitualmente, foi o pobre do Uri que atraiu a maior parte das críticas, com algumas setas especialmente envenenadas apontadas a David por se deixar impressionar tão facilmente. A minha crítica favorita veio do New Statesman:

A única pessoa com poderes psíquicos que valia a pena levar em conta era Matthew Manning, o aclamado e consagrado curador. A sua contribuição foi silenciosamente milagrosa.

Alguns críticos reservaram os seus comentários para o que eu trazia vestido, em vez de tentarem explicar a cura. O Daily Express achou que o meu casaco devia ter trazido um aviso de saúde do governo.

Uma das cartas que recebi no meu correio na semana seguinte ao programa foi do Sr. W. G. Owen. Ele tinha ficado impressionado com o que me vira fazer com o Peter e queria saber se eu poderia fazer o mesmo pela sua mulher, Margaret, que tinha uma série de problemas de saúde associados — escoliose lombar, doença degenerativa dos

discos lombares inferiores, osteoporose e próteses nas ancas —, o que limitava severamente a sua mobilidade e lhe causava uma dor considerável, especialmente na coluna. Quando a Sra. Owen me veio ver pela primeira vez, contou-me que andava a dormir numa poltrona há anos porque a dor e o desconforto de dormir na cama eram demasiado grandes. Senti que, a alcançar-se alguma melhoria, esta seria lenta e provavelmente limitada a reduzir o elevado nível de dor que ela estava a sofrer. Um ano mais tarde, o seu cirurgião ortopédico estava, segundo consta, «muito satisfeito com o estado dela».

Passado mais um ano, ela conseguiu finalmente deitar-se e dormir na sua própria cama. E em agosto de 1998, ele escreveu:

Como cientista, tenho de admitir que estou maravilhado com o estado em que ficou e, embora existam dificuldades consideráveis, parece realmente que uma intervenção fora da medicina ortodoxa veio em seu auxílio.

Os números de audiência alcançados pelo primeiro Beyond Belief — mais de 12 milhões — encorajaram a Carlton a planear um programa semelhante para o ano seguinte e a estender a sua duração para 90 minutos. Um executivo da Carlton tinha decretado que o programa deveria ser «interativo» e todas as rubricas tinham de ser concebidas com isto em mente. Na sua ânsia de atrair espetadores e, através deles, receitas publicitárias, a Carlton impôs uma interatividade do tipo que as pessoas poderiam esperar de um concurso televisivo, com participações por telefone e ligações vídeo para locais distantes. Era tempo de circo — emoções e possivelmente trambolhões, sem que se dedicasse um único pensamento ao significado de tudo aquilo. Não haveria qualquer tentativa de fazer perguntas pertinentes ou de levar as pessoas a refletir sobre o que se estava a passar à frente delas. O conceito original de David parecia ter-se perdido e o programa sofreu as consequências, até porque a negatividade que esta viragem para um mercado mais popular gerou.

Uri deliciou-se com a insistência da Carlton para que ele "apresentasse" os muitos jogos de perguntas que eles exigiam, mas

nem ele conseguia fazer funcionar o que não tinha como funcionar. Uma experiência elaborada saiu furada devido ao mau funcionamento do equipamento; esta tinha sido montada para medir a tentativa de um ciclista de bater o seu próprio recorde mundial de velocidade, ajudado pelo poder mental combinado de Uri, do público no estúdio e dos espetadores em casa. Os dois convidados — Oren, um jovem israelita fenomenal que conseguia «ver» telepaticamente através dos olhos do seu pai, e um refugiado polaco a viver na Alemanha, Miroslav Magala, que tinha o talento de fixar objetos metálicos ao seu corpo — não repetiram as brilhantes prestações que tinham demonstrado durante as audições. Senti-me marginalizado, até porque o que eu estava a fazer era visto como algo de segunda categoria no que toca a entretenimento, um fracasso interativo. Relutantemente, aceitei montar uma das minhas tendas com o resto deles e fiz uma demonstração de cura no estúdio enquanto ali perto o apropriadamente denominado «Polo Magnético» atraía ruidosamente tachos e outros utensílios de cozinha para o seu corpo.

Lembro-me de estar consciente do caos à minha volta e de não estar confiante de que Barbara, la mulher em quem eu estava a trabalhar, beneficiaria da cura. Ela tinha perdido o olfato em resultado de uma infeção sinusal 40 anos antes. O grau de perda era considerável, como ela demonstrou imediatamente antes de a cura começar. A sua expressão não se alterou minimamente quando vários frascos contendo os odores mais penetrantes que se possam imaginar lhe passaram sob o nariz. Um deles, contendo sais de cheiro, quase arrancou a cabeça a David quando este o cheirou inquisitivamente. Após doze minutos de cura, quase arrancou a de Barbara também, e ela esteve perto de cair da cadeira ao recuar perante o cheiro. David descreveu-o como «um momento absolutamente emocionante» e ficou ainda mais emocionado quando, na festa após o programa, Barbara expressou a sua alegria por ser capaz de saborear frango novamente após tantos anos.

Tinha um «círculo» de nove pessoas, incluindo Keith do primeiro Beyond Belief, para a minha segunda demonstração de cura. Tanto

Keith como Peter, os dois que mais tinham beneficiado da cura administrada no primeiro programa, tinham sido convidados a regressar para relatar o seu progresso durante os doze meses intermédios. Peter disse que a melhoria da sua condição tinha continuado desde a cura e que estava agora de volta ao normal. Para mostrar quão bem se sentia agora, levantou ambos os braços acima da cabeça e bateu palmas vigorosamente. Keith tinha usufruído de seis semanas de total ausência da dor severa na zona lombar, que fora uma característica tão pesada do seu problema. Contudo, a dor tinha regressado gradualmente e ele estava agora tão afetado quanto estivera antes do primeiro programa. Dada a gravidade do seu estado, isto não me surpreendeu. Casos deste género requerem habitualmente cura regular ao longo de muitos meses. Estava esperançoso, no entanto, de que ele fosse capaz de obter algum alívio novamente, ainda que provavelmente temporário, ao participar no círculo de cura.

Eu tinha insistido em que o círculo de cura se realizasse em privado, longe do estúdio principal, e por isso lá fomos nós iniciar a sessão. Estava a trabalhar há cerca de três minutos quando uma das assistentes de estúdio entrou e me disse que éramos necessários no cenário novamente. Sabia exatamente qual era o meu horário e, pelas minhas contas, tinha mais 18 minutos com o grupo. Os meus protestos foram ignorados pela assistente, que insistiu em que devíamos todos sair imediatamente e ir com ela. Quando chegámos ao estúdio principal, ela percebeu que tinha cometido um erro, pelo que ficámos nos bastidores a desperdiçar os 18 minutos que deveriam ter sido passados produtivamente no círculo de cura. Tentei não mostrar a minha zanga e frustração quando chegou o momento de darmos um passo em frente e relatarmos o que tinha acontecido. Escusado será dizer que, tendo-se dedicado tão pouco tempo à cura, não tinha acontecido grande coisa. Pelo menos Keith pôde dizer que a dor nas suas costas tinha começado a dissipar-se e quão melhor se sentia por isso. Mas, no geral, foi uma deceção, e os meus sentimentos refletiam desconfianças mais amplas em relação ao programa como um todo. Tinha de dizer algo que pudesse raspar um pouco daquele verniz barato que a Carlton estivera avidamente a espalhar por todo o lado.

Quando os créditos estavam prestes a passar, disse: «Vocês em casa podem ver isto como entretenimento, mas por favor tenham também consciência de que existem utilizações poderosas e positivas que se podem dar à energia.»

Ainda estava a espumar de raiva quando saí do cenário. Foi apropriado que a primeira pessoa que encontrei fosse o executivo cuja insistência numa «interatividade» implacável tinha, em meu entender, minado a credibilidade do programa. Maltratei-o com uma tirada que expressava precisamente, embora de forma deselegante, a minha visão sobre ele e sobre a empresa que representava.

O Beyond Belief gerou um público inteiramente novo para mim virtualmente da noite para o dia. O número de pessoas a comparecer nos meus eventos públicos tornou-se tão grande que as organizações e grupos locais que anteriormente os geriam já não o conseguiam fazer de forma eficiente. Graham Wilson era a pessoa óbvia para colocar a operação numa base profissional, e organizou as digressões anuais britânicas que empreendi a partir de 1995. Estas digressões eram uma mistura de conferência com uma demonstração de cura ou workshops com a duração de um dia para ensinar as pessoas a desenvolver as suas próprias capacidades de cura. Além disso, continuei as minhas regulares «viagens rápidas» à Escandinávia, onde o interesse pela cura se mantinha tão firme como sempre. Muitas pessoas tornam-se «clientes habituais» e fazem questão de frequentar os meus workshops. Algumas, como Tatjana Kaufmann, de Naerum na Dinamarca, retêm algum elemento da experiência, no caso dela ao integrar um exercício na sua rotina diária.

Poucos meses após frequentar um dos meus seminários, na cidade norueguesa de Gausdal, foi-lhe descoberto um quisto congénito agarrado à válvula cardíaca. Felizmente, este quisto era benigno, mas não podia ser removido e estava a crescer. Tatjana prometeu a si própria que, se não conseguisse livrar-se dele, entraria em contacto comigo. Tivemos a nossa primeira sessão de cura juntos em maio de 1996. Em dezembro desse ano, o hospital confirmou que o quisto não tinha formado nenhum tecido novo e que tinha deixado de representar

uma ameaça para os órgãos vitais. Em maio de 1997, o quisto estava muito reduzido e, em janeiro de 1998, ela escreveu a dizer que o hospital considerava já não ser necessário monitorizá-la. De momento, ela opta por vir receber cura uma vez por ano para manter a alteração aparentemente favorável no seu estado.

A lapónica Ann Helene Strandgard, de dezanove anos, decidiu adiar a ida para a faculdade por um ano para lhe permitir vir a Inglaterra receber cura regular. Em maio de 1995, ela tinha obtido benefícios de uma série de círculos de cura e de um seminário que eu dera na cidade sueca de Bollnas, e estava determinada a receber cura individual comigo. Ann Helene tinha paralisia cerebral, que no seu caso se caracterizava principalmente por paralisia dos músculos das pernas e falta de equilíbrio. O seu estilo de caminhar, bastante estranho, impunha uma grande tensão nas suas costas, ancas e joelhos, e ela sentia também grande dificuldade em concentrar-se. Quando era uma criança pequena, tinha sido submetida a duas operações destinadas a alongar os tendões dos calcanhares para compensar a paralisia nos músculos dos gémeos. Estas operações permitiram-lhe caminhar, à sua maneira, mas à medida que crescia a tensão anormal nas suas pernas tornou-se mais intensa e causava-lhe uma dor considerável. A sua primeira recordação desta dor remontava aos cinco anos de idade, embora os pais lhe dissessem que provavelmente a teria desde o nascimento, pois costumava chorar demasiado e dormir muito pouco. Esta dor tinha piorado nos últimos quatro anos, um sintoma que os seus médicos desvalorizavam porque ela era a única doente com aquela condição que se queixava disso. Ela recusou relaxantes musculares devido aos seus efeitos secundários, que a teriam obrigado a deixar de conduzir. Disseram-lhe que, se continuasse a caminhar tanto quanto caminhava na sua vida diária, teria de aceitar que no prazo de cinco a dez anos estaria presa a uma cadeira de rodas. Ann Helene visitou-me pela primeira vez em novembro de 1996 e teve três sessões. Após cada uma, ficava com uma dor de cabeça terrível durante uma hora ou duas e, após a sessão final, sentiu tonturas e enjoos.

Em janeiro de 1997, escreveu-me a contar que a dor tinha desaparecido pouco tempo após a terceira sessão:

Este Natal e Ano Novo foram os mais felizes dos últimos sete anos da minha vida... A minha vida quotidiana está mais fácil agora. O meu equilíbrio está melhor. Consigo mover mais as pernas e os pés, especialmente o esquerdo, e tenho melhor controlo sobre eles agora. Antes escrevia devagar, mas agora sou capaz de escrever tão rápido como uma pessoa saudável. É mais fácil vestir e despir as minhas roupas agora. Também consigo caminhar mais tempo agora do que antes. A única dor que me resta é nas ancas e nos joelhos, mas não a tenho com tanta frequência como antes da cura e a dor está reduzida. Já não tenho qualquer dor nas costas.

A dor nas suas ancas reduziu-se após uma segunda visita, em abril de 1997, quando sentiu «uma dor estranha, ardente» que se moveu pelo seu corpo. Em setembro de 1997, escreveu-me:

A minha vida mudou desde que o vi em novembro do ano passado. Não creio que um ser humano que nunca tenha tido dor crónica compreenda o que isso significa e quão aliviada estou por ser muito menor agora.

Ann Helene está agora a formar-se para ajudar crianças deficientes. A experiência da cura não só lhe permitiu lidar com uma grande deficiência, como resultou numa mudança de atitude em relação a si própria e à vida em geral.

As empresas de televisão, tal como as editoras, parecem estar constantemente à procura de uma moda à qual se colar. O sucesso do primeiro Beyond Belief encorajou os realizadores de programas de outros canais a explorar o paranormal. Enquanto o segundo Beyond Belief estava em produção, foi-me pedido pela BBC que fizesse um diário em vídeo de meia hora sobre o meu trabalho. Não sei se a ideia para isto foi motivada por um zelo de redução de custos ou por uma crença genuína de que um «filme caseiro» revela mais sobre uma pessoa do que um filme devidamente estruturado. Parecia bastante simples. Eu devia levar esta câmara de filmar para todo o lado e deixar

que registasse a minha vida quotidiana. A realidade deixou-me a sentir-me paralisado e sem saber o que fazer, e sempre que tentava usá-la, não era capaz. Após a minha experiência em radiodifusão e com públicos ao vivo, eu não poderia, por nenhum esforço de imaginação, ser descrito como tímido perante os media, e há momentos em que aprecio genuinamente estar em frente a um público. Contudo, estava demasiado inibido para este exercício. No final, a BBC foi forçada a colocar um dos seus funcionários a seguir-me para todo o lado e a «filmar» o que considerava interessante. O resultado, Order from Chaos, foi um dos poucos filmes sobre mim de que gosto.

Numa ocasião, durante a montagem deste filme, a BBC enviou muito gentilmente um carro com um motorista para me recolher e me levar às suas instalações em White City. O motorista sabia obviamente quem eu era e começámos a conversar sobre o Beyond Belief. Perto do fim da viagem, disse ele: «Não vou cobrar esta viagem à BBC. Tenho tido uma artrite terrível no meu ombro nos últimos três anos. Já tomei todo o tipo de coisas para isto. O médico já fez todo o tipo de coisas.»

«Nenhum deles funcionou. Eu não conseguia levantar o braço. A dor era constante. Olhe para ele agora.» Ele mostrou-me o que queria dizer ao mover o braço em todas as direções.

Dois meses após o Beyond Belief 2 ter ido para o ar «em direto», o Order from Chaos foi transmitido como parte da série da BBC «Secrets of the Paranormal». O filme atraiu mais do que a sua justa quota-parte de críticas pelo facto de me ter sido concedido o controlo editorial completo. O argumento parecia falso. Todos os participantes anteriores na série tinham exercido controlo editorial completo ao decidirem sobre quais os aspetos das suas vidas que estavam dispostos a apontar aquela minicâmara. Eu não tive mais controlo pelo facto de a BBC ter aceitado destacar alguém da unidade de Diários em Vídeo para me ajudar. Bem pelo contrário. A presença de um olhar externo, por assim dizer, fez do filme mais uma colaboração do que um retrato concebido exclusivamente por mim. Era minha intenção corrigir alguns dos conceitos errados que as pessoas associam à cura. Na

verdade, esforcei-me por não me apresentar como uma espécie de fazedor de milagres. O pior ataque foi desferido pelo Professor Lewis Wolpert, presidente do Copus (o Comité para a Compreensão Pública da Ciência), num artigo que escreveu para a coluna Hypotheses do Independent on Sunday:

Matthew Manning, um autoproclamado curador, afirmou repetidamente que os seus poderes especiais tinham sido investigados e confirmados por cientistas. Chegou a dizer que conseguia influenciar células cancerígenas e fazer diagnósticos médicos com o mínimo esforço. Se isto fosse verdade, classificar-se-ia como uma maravilhosa nova descoberta científica: a radioatividade, os raios X e as ondas de rádio pareceriam muito pálidos em comparação... Manning não tem, escusado será dizer, tais poderes. Se os tivesse, os chamados cientistas que o investigaram estariam a apressar-se a publicar as suas descobertas nas principais revistas científicas, a Nature e a Science.

Um Dr. Denis MacEoin escreveu uma réplica certeira à diatribe equivocada de Wolpert, que foi publicada numa edição subsequente do jornal. O que me deprimiu no artigo de Wolpert foi a sua falta de rigor. Parecia falhar redondamente o alvo, deliberadamente, suspeito eu, pois quantos homens do indubitável intelecto de Wolpert conseguem suportar admitir que são incapazes de explicar algo? Eles têm um argumento ao qual os factos têm de ser moldados e recorrem inclusivamente à distorção da verdade para garantir que este prevaleça. Wolpert afirmou que eu alegava ser capaz de fazer diagnósticos médicos. Nunca utilizei esta capacidade no meu trabalho profissional como curador e, de facto, não aceito pacientes para cura individual se a sua condição não tiver sido identificada por um médico qualificado. Eu tinha de ser um mentiroso e uma fraude porque ele se recusava a aceitar a existência de provas que verificassem as minhas «alegações». Não teria sido necessária muita investigação para encontrar a documentação relevante. Tanto para a frequente jactância de que os argumentos contra a existência de atividade paranormal se baseiam numa busca objetiva e racional da verdade. O pior aspeto do seu ataque, contudo, foi a pouca importância que atribuiu à palavra

das pessoas ajudadas pela cura. Roger Adams, um dos meus pacientes entrevistados para o programa, disse:

«Não me sinto como um homem que está a morrer. Levo o mesmo tipo de vida que levava há seis meses. Embora se suponha que tenho um tumor no estômago do tamanho de um punho, não tenho problemas em comer ou beber. Falta-me um pouco o ar, presumo, mas isso deve-se principalmente ao facto de pesar perto de 300 libras.»

Roger sofria de cancro metastático no estômago e no fígado e, tendo recusado a quimioterapia cinco meses antes, o seu oncologista assistente no Royal Marsden Hospital tinha-lhe dado uma expectativa máxima de vida de três meses. Dois meses após o prognóstico do especialista, o fígado de Roger estava a deteriorar-se gravemente e a demorar muito tempo a processar líquidos. Roger notou isto porque, com cancro ou sem ele, estava determinado a aproveitar a vida e não abdicava de beber grandes quantidades de cerveja. Visitou-me pela primeira vez cerca de um mês mais tarde, em janeiro, e após um par de dias deu-se conta de uma melhoria no funcionamento do seu fígado. O álcool, que antes demorava entre 24 e 48 horas a passar pelo seu organismo, estava agora a ser processado normalmente. Roger detalhou isto numa carta a Wolpert. Também descreveu a sua experiência sobre o efeito da cura na dor:

«Durante o mês de fevereiro, a minha mulher e eu fomos convidados para um Círculo de Cura nas instalações da BBC em Wood Lane. Apareceram cerca de 40 pessoas. Não posso ter a certeza, mas presumo que o grupo fosse composto por vinte pacientes e respetivos acompanhantes. A minha mulher sofria de uma dor crónica na coluna: uma condição que por vezes acompanha a menopausa, descrita como osteoporose. Eu tinha acordado nessa manhã com o primeiríssimo indício sério da dor que o cancro do fígado pode causar. A viagem que tínhamos pela frente consistia num percurso de autocarro, três transbordos de linha de metro seguidos de uma longa caminhada, e tenho de lhe dizer que estávamos extremamente relutantes em ir. No entanto, não queríamos falhar com ninguém e por isso forçámo-nos a partir.

Depois de chegarmos, fomos dispostos em círculo e avisados para não o quebrar. Por esta altura, eu estava transpirado, nauseado e com imensas dores. O Matthew tinha explicado que ia percorrer o círculo, detendo-se junto a cada indivíduo por um minuto ou dois para se concentrar no problema dessa pessoa. Quando ele ia a meio do caminho, eu estava pronto para quebrar o círculo: estava numa agonia tal que não lha conseguiria descrever. Não sabia se queria deitar-me, pôr-me de pé ou bater com a cabeça contra a parede — estava pronto para desistir. Foi apenas o facto de tudo estar a ser filmado que me deu a força de vontade para permanecer onde estava.

O momento em que ele chegou até mim e colocou a sua mão esquerda nas minhas costas e a sua mão direita sobre a origem da dor foi o momento em que a dor começou a abrandar.

A minha mulher, cuja condição era desconhecida de Manning e que, devo relatar, tinha sofrido piedosamente com dores na base do pescoço — a tal ponto que não dormia nem conseguia descansar devidamente há mais de dezoito meses —, também relatou uma redução da sua dor nesse momento.

Quando a sessão terminou e estávamos na cantina a tomar uma chávena de café, a dor sofrida por ambos tinha quase desaparecido. No caso da minha mulher, a condição nunca mais regressou.

Seja como for, finalmente, devo relatar que, passados quatro meses da minha data limite de validade do Royal Marsden, continuo gordo, em forma e viçoso, continuo a fumar, continuo a apanhar batedeiras, continuo a ir às corridas de galgos e a aproveitar a vida.

Graças ao Matthew Manning? Bem, que se lixe — sim, acho que sim.»

Gayathri Holman frequentou ambos os círculos de cura que dei na BBC em fevereiro de 1996. Sofria de lúpus eritematoso sistémico há treze anos, uma condição associada a anomalias do sistema imunitário. Uma característica do LES é que os anticorpos se ligam aos núcleos celulares e os atacam. Os pulmões, o coração, os olhos e os rins estão entre os órgãos que podem ser afetados pela doença. No

caso de Gayathri, o LES tinha atacado os seus rins, resultando na sua falência total. Fazia diálise peritoneal diária enquanto aguardava por um transplante e fora forçada a deixar o seu trabalho no Departamento de Astrofísica da Universidade de Oxford. A insuficiência renal também fizera subir a sua tensão arterial, o que, por sua vez, resultara na rutura de um vaso sanguíneo na sua retina escassas semanas antes de participar no círculo. Um especialista no hospital oftalmológico que ela frequentava devido a este problema adicional disse que nada podia ser feito — com o tempo, a retina curar-se-ia por si mesma ou não.

A mãe de Gayathri escreveu-me no início de março de 1996:

Depois de a minha filha ter ido à sua segunda sessão de cura na BBC no sábado, 24 de fevereiro, acordou na manhã seguinte e conseguia ver perfeitamente com esse olho.

Existiram muitos outros casos de melhorias dramáticas em pessoas após frequentarem um círculo. Mim Umney-Gray veio a um dos círculos de cura que dei no Rougemont Hotel, em Exeter, em junho de 1996, e escreveu-me muito mais tarde:

Por volta de 1980 tinham-me receitado óculos para ler e, desde então, a minha visão tinha-se deteriorado a tal ponto que, em 1996, não só usava óculos para ler, e a graduação era cada vez mais forte, como também usava lentes de contacto com óculos para conduzir e via cada vez menos bem. Conduzir à noite estava a tornar-se cada vez mais difícil e, em resultado disso, eu estava a ficar cada vez mais deprimida. Cheguei ao ponto em que sentia como se tivesse cortinas de rede permanentes diante dos meus olhos. Tinha 52 anos e sentia-me bastante miserável com as coisas.

Após o primeiro círculo de cura em junho de 1996, comecei a ficar com uma dor de cabeça muito forte e, na altura em que deixei o hotel à noite, não sabia como ia conduzir até casa. Ao chegar a casa, fui direta à casa de banho e retirei as minhas lentes de contacto. Lembrar-me-ei sempre — era uma bela noite de verão e, enquanto caminhava para o jardim para ver o meu marido, descobri que

conseguia ver de forma tão vívida e clara. Cada restolho de palha no telhado de colmo da casa do meu vizinho sobressaía claramente e tudo para onde olhava estava incrivelmente nítido e brilhante. Nunca mais usei as minhas lentes de contacto ou óculos desde então!

Também desde essa altura que a minha visão de longa e média distância está ótima, clara e vívida. No que diz respeito à visão de perto, consigo agora ler sem óculos e, de facto, deitei-os fora.

Após frequentar dois círculos de cura em Bournemouth, Mandy Player escreveu a contar-me que um quisto que tinha na mama direita há onze anos começara a «dissolver-se». Vicky Lee Millward também frequentou um destes círculos na esperança de que ajudasse uma lesão por golpe de coelho sofrida em 1990 e uma fratura no braço resultante de uma queda pelas escadas. Enviou-me uma descrição do que aconteceu:

Depois de o senhor passar e colocar as suas mãos no meu ombro, experimentei uma dor terrível por todo o meu lado direito. A dor parecia como se estivesse presa num torno. Esta dor durou ao longo de toda a sessão e deixou-me quando abrimos os olhos. Desde a sessão que estou sem dores, o que é o céu.

A energia de cura que enviamos aos outros pode ser tão potente como aquela que geramos em nosso próprio benefício. Pauline Allen, de Eastleigh, tinha frequentado um círculo para se ajudar a si própria, mas decidira pensar numa amiga.

A minha amiga tem cancro há cinco anos e eu nunca a tinha visto levantar-se da cadeira. Passei por algumas experiências incríveis no círculo de cura. No meu regresso a casa, estava morta por ver a minha amiga, mas deixei passar dois dias. Ao vê-la, ela parecia maravilhosa... Não conseguia compreender a mudança nos seus sentimentos. Ao vê-la parecer tão feliz e sem dores, quase chorei. Durante mais de três semanas, aventurou-se a sair de casa para se encontrar com amigos. Estava num estado de euforia.

A minha amiga era sempre negativa em relação ao cancro e reprimia os seus sentimentos relativamente à doença. Dei-lhe a sua

cassete "Positive Approaches to Cancer" e ela ficou radiante. Isto ajudou-a a compreender um pouco mais sobre a forma como se estava a sentir e encorajou-a a pensar de forma positiva.

Infelizmente, a Peggy faleceu na semana passada, mas a sua família ficou muito grata por ela ter tido aquelas poucas semanas sem dores e ter sido capaz de sair de casa para se encontrar com os amigos.

Lene Rgnsholm enviou energia de cura à sua mãe durante uma demonstração que dei perante mais de 1000 pessoas na Concert House em Oslo. A sua mãe estava no hospital há dez semanas e, devido a danos pulmonares, era incapaz de respirar sem o auxílio de um ventilador. Dois dias antes da demonstração, os médicos do hospital disseram a Lene que demoraria algum tempo até que a mãe estivesse suficientemente bem para sair do ventilador. Quando Lene visitou o hospital no dia seguinte à demonstração, foi-lhe dito que a mãe tinha respirado sem assistência durante quatro horas nesse dia. Poucos dias depois, o seu tempo fora do ventilador tinha aumentado para seis horas. Lene escreveu:

Não sei o que está a acontecer, mas é inacreditável... (Ninguém vai acreditar em mim quando eu contar isto, mas sei que a sua cura tem algo a ver com isso.)

A minha própria crença é de que a própria Lene foi responsável por guiar a energia até à sua mãe.

É quase impossível dizer quem beneficiará da cura. Quando escolho alguém para uma demonstração, guio-me puramente pela intuição — aquela pequena voz interior. A organização nos círculos de cura é diferente. Dou a minha energia a cada pessoa no círculo e confio em que cada uma delas se sintonize o melhor que puder. A energia gerada por 50 ou mais pessoas pode ser imensamente poderosa. A emoção flui a rodos. Por vezes, é como se uma flanela molhada estivesse a ser torcida. Algumas pessoas retiram um benefício instantâneo disso. Outras são afetadas mais tarde e escrevem a contar-me que um problema de longa data desapareceu. Os workshops têm um formato diferente, com ênfase em exercícios

concebidos para potenciar as capacidades de cura das pessoas, mas não na substância. Por vezes, assistem pessoas que parecem relutantes em participar e eu pergunto-me o que irão retirar dali. No entanto, aprendi que as aparências podem ser muito enganadoras e que apenas experienciar a energia pode ser muito benéfico. Recebi uma carta muito interessante de Yvonne após um workshop que dei em Cheshire:

Vim com a minha mãe e o meu pai. O pai é diabético, sofre de glaucoma e está registado como invisual parcial. Foi a primeiríssima vez que ele foi a algo parecido com o seu workshop e, a caminho do carro no final da sessão, disse que tinha achado muito interessante, embora saiba que tinha sido difícil para ele, pois é muito tímido e sente-se embaraçado por não conseguir estar de pé por muito tempo. Seja como for, 20 minutos mais tarde entrámos na autoestrada M56 e de repente ele disse: «Valha-me Deus, consigo ver. Consigo ver com o meu olho mau. Consigo ver a carrinha branca à frente! Consigo ver o carro vermelho!»

Em nenhum momento do workshop eu tinha tocado no pai de Yvonne. Yvonne, por outro lado, tinha passado toda a sessão de cura a pensar intensamente nos olhos dele.

É sempre gratificante receber feedback, especialmente quando é tão positivo. Yvonne escreveu-me instantaneamente para me contar a experiência do seu pai, tal como fez Richard Stoakes. Ele tinha-me procurado para cura individual após uma biópsia ter confirmado o diagnóstico de cancro na corda vocal. Submeteu-se depois a uma segunda biópsia para a «raspagem» cirúrgica do local do cancro. O otorrinolaringologista que acompanhava o seu caso disse-lhe que a radioterapia seria necessária se houvesse sinais de nova invasão após a garganta recuperar da biópsia. Richard veio para a sua primeira sessão de cura no início de setembro e teve uma segunda um mês mais tarde.

Poucos dias após esta segunda consulta, Richard enviou-me um fax:

Na passada terça-feira, quando o vi, disse-lhe que senti algo a acontecer na minha garganta durante a sessão e que, quando me concentrava, algo na minha cabeça parecia estar «em sintonia». Assim que entrei no carro a caminho de ir buscar a família a Bury St Edmunds, testei a minha voz — incrível! O Pavarotti ainda não vai ter noites sem dormir, mas que diferença! Quando voltei, testei-a com a família e eles ficaram sem fala, o que já é uma mudança neles. Agora já consigo pedir uma imperial num pub sem ser ignorado.

Richard regressou ao hospital para uma consulta de controlo após esta segunda sessão. O seu otorrinolaringologista descreveu como «bastante notável» a rapidez e o grau de cura que tinha tido lugar na sua garganta. Richard continuou a receber cura regularmente — «apenas para o caso de o Fantasma da Ópera dar o pio e ficar preso no candeeiro». Mesmo agora, em cada visita, nota o efeito que a cura tem na sua voz, no que toca a alterar o seu tom e timbre. No final de 1998, fazia consultas de controlo semestrais com o seu especialista.

É impossível tornarmo-nos complacentes com a cura porque ela surpreende constantemente. Quando conheci Jackie Kiddie num workshop em Londres, em 1996, senti que seria capaz de fazer mais por ela se ela viesse ter comigo para tratamento individual. Tinha-a puxado para uma demonstração de cura durante o workshop. Era um sujeito ideal, apresentando uma lesão grave no pescoço que é suscetível de a fazer colapsar no chão se se voltar demasiado depressa. A cura não teve sucesso, nem no workshop nem subsequentemente quando ela veio para tratamento em Suffolk. Embora eu não pudesse fazer nada por ela, ela recomendou que a sua irmã, Linda, viesse para tratamento em seu lugar. Linda sofre de uma condição potencialmente fatal chamada embolia pulmonar, na qual um coágulo de sangue se aloja nos pulmões. Tinha estado a entrar e a sair do hospital com esta condição, que lhe causava uma dor severa constante, além de lhe ameaçar a vida. Ao contrário de Jackie, Linda achava que a cura era uma farsa pegada. Contudo, foi persuadida a aproveitar uma das consultas originalmente marcadas pela irmã. Desde que veio ter comigo para tratamento, Linda registou a mais extraordinária

reviravolta na sua condição — para já não falar na sua opinião sobre a cura — e está agora sem dores e praticamente recuperada.

O verão de 1996 foi atribulado. Henrietta votou com os pés e decidiu que queria viver com a Gig e comigo em Sturgeon's Hall. O consumo de álcool de Christine há muito que era fonte de fricção, tal como o fluxo constante de insultos contra a Gig e contra mim. Pensei que isto diminuiria com o tempo, mas parecia estar a piorar.

Também nesse verão recebi uma chamada inesperada da Paradine, a pedir-me para contribuir para um terceiro Beyond Belief. Apesar das reservas, convenci-me de que seria melhor desta vez. O executivo cuja atitude tanto me tinha irritado tinha deixado a Carlton para fazer o seu pior noutro lado e a palavra «interativo» não foi proferida. Contudo, tirando um par de experiências de telepatia incríveis envolvendo o Uri, o programa foi um fiasco. Se não tivesse sido por uma experiência recente com a Gig, teria sido ainda pior sob a minha perspetiva.

A Gig tinha recebido três anéis da sua mãe: um rodeado de diamantes, o segundo rodeado de rubis e o terceiro rodeado de esmeraldas. Embora imensamente contente com os seus presentes, Gig não tinha a certeza de como os usar porque ficavam um pouco apertados. Numa noite de domingo, estava a fazer experiências e colocou os três anéis no mesmo dedo. Todos os três ficaram presos. Puxou e puxou, mas sem sucesso. Sugeri que os deixássemos até de manhã e depois tentássemos de novo. Fomos para a cama e não estávamos ali deitados há mais de escassos minutos quando a Gig começou a entrar em pânico. O dedo doía-lhe muito e ela estava convicta de que estava a inchar. Se não estava inchado nesse ponto, rapidamente ficou. Tentámos tudo o que nos passou pela cabeça para arrancar os anéis, a começar por detergente da loiça e sabão. Depois fui buscar um pouco de água gelada, que esperava que reduzisse o inchaço. A Gig colocou a mão na água, mas logo a retirou devido à dor severa que isso lhe causou.

Por fim, admitimos a derrota e fomos ao serviço de urgência do hospital local, onde os anéis foram retirados com a ajuda de gel lubrificante KY.

Esta experiência deu-me uma ideia para o Beyond Belief 3, para demonstrar a eficácia da cura no controlo da dor. Para o programa, enchemos um grande tanque de vidro com água gelada e convidámos a colunista do Sunday Times, Hazel Courtney, para ser a minha cobaia. Pedi a Hazel que colocasse uma mão na água e visse quanto tempo conseguia mantê-la lá. Ela aguentou 25 segundos antes de uma intensa sensação de ardor a forçar a retirá-la. Poucos minutos mais tarde, colocou a outra mão no tanque, enquanto eu lhe dava cura. A sua experiência desta vez foi completamente diferente. Após 58 segundos, continuava a não sentir os efeitos do frio. A sua perceção era de um calor que lhe descia pelo braço e entrava na mão. O Dr. Brian Roet estava presente para explicar. Na primeira parte da experiência, o efeito do frio nos vasos sanguíneos fizera com que uma mensagem fosse enviada ao cérebro, registando dor. A cura tinha bloqueado a via da dor, impedindo o cérebro de registar a dor.

A minha incapacidade de surgir com outra «estreia» para o programa deixou-me recetivo a uma sugestão de David que eu estava relutante em aceitar. Ele queria que eu revisitasse a nossa entrevista de 1974 e «fizesse» um par de diagnósticos de Thomas Penn. Eu tinha dito adeus a Thomas Penn pelas melhores razões e parecia errado reintroduzi-lo apenas porque não conseguia arquitetar uma alternativa que convencesse David. No entanto, foi isso o que aconteceu, e dei temporariamente um passo atrás. Paguei o preço. Ambos os diagnósticos saíram furados, embora eu tenha pressentido que um deles era exato e a pessoa em causa não estava a dizer a verdade.

Fui um espectador petrificado perante o que foi, sem dúvida, o aspeto mais memorável desse Beyond Belief final. O golpe de mestre de Uri para o programa fora convencer o antigo oficial da CIA, o Major David Morehouse, a participar numa experiência que envolvia o que se chama «visão remota». Morehouse tinha sido anteriormente contratado pelas forças militares dos EUA para ensinar o pessoal de

serviço a aperfeiçoar esta técnica, que tinha sido utilizada para tentar discernir a disposição de alvos inimigos confidenciais, tais como submarinos nucleares e instalações militares. O plano original era que Morehouse, que estava num estúdio de televisão em Washington, escolhesse entre cinco envelopes selados que lhe seriam entregues no ar, contendo cada um deles instruções sobre como chegar a um determinado edifício ou ponto de referência em Washington, e que Uri guiasse telepathicamente Morehouse até ao destino indicado no envelope escolhido.

Este exercício bastante elaborado teve de ser abandonado no último minuto quando um nevão em Washington forçou Morehouse a permanecer dentro do edifício do estúdio. Decidiu-se que uma fotografia de cada edifício ou ponto de referência substituiria o conjunto de instruções nos envelopes. Morehouse abriu o envelope, olhou para a imagem e depois transmitiu a sua identidade a Uri, que tinha então de a desenhar. Em momento algum deste exercício pôde Morehouse ver Uri ou Uri ver a imagem para a qual Morehouse estava a olhar. No espaço de 30 segundos, Uri tinha desenhado a imagem e acertado em cheio.

A rapidez com que ele leu a informação que lhe chegava de Morehouse causou um grande problema à equipa de produção. Tinham sido previstos quatro minutos no alinhamento para este exercício específico e agora tinham três minutos e meio sem nada para os preencher. Uri veio espontaneamente em socorro. Radiante com o seu sucesso, estava desejoso de capitalizar com ele e provar que não tinha sido um golpe de sorte. Virou-se para um dos assistentes de estúdio e disse: «Rápido, arranja-me alguma coisa, qualquer coisa!» Este homem tinha uma garrafa de água à mão, para o caso de alguém querer beber. Entregou a garrafa a Uri. Uri disse então a David Morehouse através da ligação transatlântica: «Estou agora a olhar para algo. Vou projetá-lo para si. Desenhe o que estou a olhar.» Num curtíssimo espaço de tempo, Morehouse tinha desenhado a garrafa. Isto era suficientemente surpreendente, mas não foi nem de perto tão surpreendente como a descoberta que fizémos após o programa.

Um par de horas antes de o programa ir para o ar, Morehouse tinha chegado ao estúdio de Washington e dito à equipa de produção: «Eles vão tentar pregar-me uma partida.» Nada estava mais longe das nossas intenções, pelo que a forma como ele teve esta ideia é um mistério — o programa já era suficientemente arriscado sem estarmos a pedir problemas. Seja como for, ele tinha pedido um pedaço de papel e uma caneta e tinha feito um desenho — de uma garrafa. Incrivelmente, de alguma forma ele tinha captado o «clarão» espontâneo de Uri horas antes de este ter ocorrido.

Ter-me-ia sentido pior em relação a esse último Beyond Belief se não tivesse recebido qualquer indicação de que tinha feito algum bem. Uma enfermeira reformada, Anne Penman, escreveu a 23 de fevereiro, o dia seguinte à transmissão do programa:

Nasci a 7 de março de 1919 e tenho tido várias hérnias discais e uma vértebra lascada. Aos 10 anos de idade disseram-me que nunca veria os 40, pois o coração e os rins estavam danificados em resultado de difteria. No entanto, cheguei à velhice.

Agora vem a parte do «Beyond Belief», pois de alguma forma eu tinha-me sintonizado com um calor de cura que cobriu a zona renal das minhas costas e depois desceu para aliviar a dor de uma lesão que recebi no início de 1940, o que torna o ato de estar sentada um problema. Pela primeira vez em 57 anos, estava sem dores!

Não sei se o alívio será permanente, mas devo agradecer-lhe muito sinceramente por uma experiência extremamente agradável.

Cartas como esta convencem-me de que, apesar de todas as suas falhas, o Beyond Belief não conseguiu banalizar o que faço. A perceção que despertou na maioria pode ter sido temporária, mas se houver uma minoria significativa na qual a ideia da cura permaneça, a experiência terá valido a pena. Fundamentalmente, as pessoas sabem o que é verdade e o que não é, e se algo ecoa nelas, aceitá-lo-ão, ainda que possam não ser capazes de dar uma explicação racional.

Por coincidência, ou talvez não, Susanna Lee, de Oxford, também escreveu no mesmo dia que Anne Penman:

Faz hoje um ano que participei no seu círculo de cura em Kensington. Lembro-me de o senhor dizer o quanto agradeceria qualquer feedback e há já algum tempo que tencionava escrever.

Andava a tentar ter um bebé há cinco anos e meio. Medicamente, pelos vistos, não havia nada de errado nem comigo nem com o meu marido, mas mesmo assim nada acontecia. Tinha quase perdido a esperança. Uma amiga sugeriu que eu fosse a um dos seus círculos.

No decorrer da hora em que estivemos sentados interligados, tive muitos pensamentos. Esforcei-me bastante por construir imagens mentais positivas de pessoas que conhecia que estavam doentes, ao passo que uma imagem surpreendentemente clara de mim própria com uma barriga de grávida e outra ainda mais clara de um berço de vime ao qual estavam fixadas folhas de azevinho me surgiram espontaneamente à mente, sem qualquer esforço da minha parte. O meu marido é meio chinês, mas tem poucos contactos com a família desse lado. Dei por mim a conversar com o avô dele, falecido há muito tempo, e a dizer o quanto desejava expandir a família «Lee».

Após a sessão, fui comprar pão numa grande superfície. O funcionário da caixa era chinês. Assinei um cheque com o meu nome de casada, «Lee». O funcionário comentou que esse era também o nome dele. Quando disse que o meu também vinha da China, ele parou a fila e escreveu os caracteres chineses no verso do talão da caixa, dizendo que os «Lee» eram uma família muito grande.

Duas semanas mais tarde, estava grávida. Mal ousava dar por mim a escrever-lhe porque não conseguia acreditar na minha sorte. A 23 de novembro, exatamente nove meses após aquele dia em Kensington, nasceu a nossa filhinha. Ela é o céu absoluto e estou totalmente convencida de que isto é resultado do seu círculo.

Por este presente, não me é possível transmitir agradecimentos suficientes. Em meu entender, trata-se também de uma extraordinária cadeia de acontecimentos que se pode somar àquilo que deve ser uma vasta coleção de histórias semelhantes de pessoas que beneficiaram da sua cura.

No outono de 1997, recebi uma carta do Conde Baldwin de Bewdley, presidente do Grupo Parlamentar para a Medicina Alternativa e Complementar, que perguntava se eu estaria preparado para falar a este grupo sobre cura. O grupo tinha sido criado com o intuito de tentar conferir estatuto legal às várias e diferentes terapias complementares. Graças em grande medida ao entusiasmo do tesoureiro do grupo, o deputado conservador David Tredinnick, tinha conseguido obter essa proteção para a acupuntura e a osteopatia e procurava agora estendê-la de modo a incluir outras terapias complementares, incluindo a cura.

Harry Edwards foi o responsável por conseguir que a cura fosse descriminalizada na Grã-Bretanha, mas eu tinha conhecimento, por experiência própria, do seu estatuto de crime em muitos outros países europeus. Tredinnick disse-me que estavam em curso diligências em Bruxelas para estabelecer normas europeias pelas quais os terapeutas complementares ficariam sujeitos aos mesmos códigos de conduta e disciplina que os restantes profissionais médicos. Esta é uma boa ideia. Atualmente, na Grã-Bretanha, qualquer pessoa se pode estabelecer como terapeuta complementar, e demasiadas pessoas o fazem com credenciais muito escassas. Isto está claramente errado e deve ser possível conceber alguma forma de avaliação reconhecida para proteger o público em geral contra os sem-escrúpulos ou os incompetentes.

Contudo, a situação com a cura é mais complexa e, de todas as terapias complementares, seria a mais difícil de avaliar por meio de um conjunto de critérios formais. Não tenho conhecimentos médicos, nem preciso deles na forma como trabalho. Não faço diagnósticos, nem receito substâncias potentes como remédios. Não aceito pacientes a menos que tenham sido diagnosticados por um médico qualificado. Quanto a avaliar a minha competência — como poderia isto ser feito? No final, a prova está no provar — se as pessoas sentem que isso as beneficia e os seus sintomas são aliviados com o seu uso, então tem de se dizer que tem valor, ainda que não exista nenhum padrão científico que consiga explicar o como.

A Gig e eu fomos ao Palácio de Westminster a 28 de outubro, durante uma pausa no calendário da minha digressão britânica. Foi uma experiência e tanto. A sala do comité estava repleta com uma vasta amostragem de pessoas envolvidas na medicina complementar, bem como com deputados que não tinham comparecido anteriormente às reuniões do grupo. Após explicar o meu trabalho, decidi subir a temperatura ao falar-lhes sobre o antagonismo em relação à cura demonstrado pelas autoridades alemãs. Eu tinha estado na extremidade recetora de outra dose disto relativamente há pouco tempo, em 1995, quando o Walter organizara uma demonstração de cura noturna e um workshop de fim de semana em Berlim. Ele tinha sentido que Berlim ficava suficientemente longe dos locais onde tínhamos encontrado problemas anteriormente. Nenhum de nós contava com o meu nome estar em alguma lista de indesejáveis. Assim que apresentei o meu passaporte à chegada a Berlim, este foi retido. A Gig e eu ficámos ali de pé durante dez minutos enquanto os funcionários cruzavam informações e as inseriam num computador. Permitiram-nos a entrada, mas presumivelmente apenas para que a autoridade competente pudesse ser alertada para lidar comigo. Chegámos ao local do evento para encontrar a polícia pronta com uma ameaça apoiada pela papelada correspondente: se eu desse uma demonstração de cura, seria preso e o promotor seria multado em 20 000 libras. Escusado será dizer que não duvidámos de que cumpririam a sua palavra.

Na carta de agradecimento que David Tredinnick me enviou escassos dias após a minha palestra ao grupo parlamentar, fiquei satisfeito por notar que ele parecia ter levado a sério a minha preocupação:

As suas experiências na Alemanha constituíram um sério aviso sobre a ameaça à cura neste país, que temos de abordar no Parlamento, talvez em alguma fase num futuro próximo. Certamente que é essencial estarmos vigilantes relativamente a toda a legislação e Diretivas europeias.

Num livro chamado Vibrational Medicine, Richard Gerber descreve os efeitos benéficos que a água «curada» pode ter nas coisas vivas, desde plantas a seres humanos. De acordo com o trabalho experimental realizado pelo Dr. Bernard Grad, da McGill University de Montreal, na década de 1960 — que foi mais tarde apoiado pelo trabalho do químico de investigação Dr. Robert Miller —, a água sofre uma alteração física quando é curada, com uma mudança no ângulo de ligação da molécula. A redução significativa na tensão superficial que é evidente na água «curada» é semelhante ao efeito observado na água exposta a campos magnéticos. Experiências adicionais demonstraram que a energia armazenada na água assim tratada se liberta gradualmente ao longo de um período de 24 horas, ao fim do qual a tensão superficial regressa ao normal. Uma descarga rápida de energia poderia ser efetuada se uma vareta metálica tocasse na água carregada ou se a água carregada fosse vertida para um recipiente de aço inoxidável. O metal também poderia ser utilizado para direcionar a energia para onde ela pudesse ser necessária. O primeiro curador a acreditar que a água energizada poderia beneficiar os doentes foi Franz Anton Mesmer, no século XVIII. Nos seus tratamentos, utilizava um método chamado «bacquet», no qual várias garrafas de água «curada» eram ligadas aos pacientes através de varetas metálicas.

Estava curioso por ver se os benefícios da cura não poderiam ser alargados recorrendo a este princípio. Pedi às pessoas que frequentavam os meus círculos que trouxessem uma garrafa de água com elas e a colocassem entre os pés ou debaixo do assento. Cedo se tornou evidente que la energia que circulava no círculo infundia a água, produzindo efeitos incríveis quando o líquido «curado» era subsequentemente bebido. Uma rapariga que veio a três círculos que dei na Escócia teve o que equivalia a uma «trip» após beber um litro de água «curada» uma noite:

«Uau, que experiência! Já tive uma série delas na minha vida, mas a maioria com ácidos.»

A Gig teve uma experiência alucinógena semelhante enquanto bebia pequenos goles de água «curada» e lia um exemplar do The Link, um dia ou dois após o nosso primeiro encontro, quando a sala se encheu de cores fantásticas.

Estou sempre à procura de formas de prolongar o bom efeito da cura. O uso de água «curada» é uma forma, a música outra. A música faz uma diferença enorme na experiência de cura, suavizando a atmosfera e potenciando a recetividade das pessoas. Dissipa a barreira dura e fria do silêncio e ajuda a relaxar. Escolho deliberadamente música descritiva que espero que evoque imagens visuais e transporte, literalmente, as pessoas até aos confins da sua imaginação. Estou sempre a forçar os limites para ver até onde posso ir. Tendo a usar música que outros curadores provavelmente considerariam inadequada. Nunca subscrevi a ideia de que a música para cura deva ser bonita e emocionalmente insípida. A música que nos eleva e nos faz querer voar, nos nossos corações e mentes, faz muito mais no sentido de gerar uma perspetiva positiva.

A passividade é a última atitude a ser encorajada, especialmente com pacientes com cancro. Eles precisam de força para vencer a luta e a música pode representar energia e garra, bem como inspirar esperança. O objetivo de usar música no meu trabalho é fixar uma associação com a experiência de cura e permitir que as pessoas revisitem essa experiência sempre que o desejem. Muitos dos meus pacientes — e as pessoas que vêm aos meus círculos de cura — pedem-me detalhes sobre a música que estive a passar e compram subsequentemente uma cópia do disco para lhes permitir tocá-lo em casa. Desta forma, são capazes de prolongar os benefícios da cura ao ligarem a música que ouvem durante a cura ao ato em si. Em alguns casos, esta ligação é muito intensa e as pessoas conseguem receber imagens vívidas, conseguem sentir alterações a ocorrer e também sentir o calor das minhas mãos. Tenho sempre o cuidado de usar música que seja muito improvável que as pessoas tenham ouvido noutro contexto, porque uma peça musical, tal como um perfume, pode ter emoções muito poderosas associadas a si. Existem muitas

composições bem conhecidas que considero inspiradoras e positivas, mas não as utilizarei porque não há garantia de que não venham a despertar alguma memória dolorosa noutros.

Há anos, estava a trabalhar com uma senhora que tinha cancro. Ela tinha uma cassete de música de relaxamento que incluía muitas peças bem conhecidas de música clássica tocadas em harpa e flauta. Carregava esta cassete com ela para todo o lado e, mesmo quando estava a ser submetida a quimioterapia no hospital, ouvia-a. Quase um ano mais tarde, estava a ver televisão uma noite quando passou um anúncio de uma determinada marca de tinta. Subitamente, sentiu-se muito nauseada e correu para a casa de banho porque pensou que ia vomitar. Esta sensação passou muito depressa e ela sentiu-se bem outra vez. Não conseguia compreender o que tinha acontecido. Mais tarde, na mesma semana, o mesmo anúncio passou enquanto ela estava a ver televisão e, novamente, sentiu-se muito enjoada. Então lembrou-se: a música de fundo utilizada no anúncio comercial era uma das peças da cassete que tinha utilizado durante a sua doença. Percebe que nunca mais será capaz de ouvir esta peça musical sem que o seu corpo a associe à sua experiência de doença.

Deveria ter-me lembrado desta lição quando tratei o maestro Arthur Davison, embora a aversão dele ao familiar tenha vindo a revelar-se por uma razão diferente. Charmoso e cortês como era, fiquei um pouco intimidado por ter de selecionar música para alguém com o historial profissional dele. De algum modo, não parecia adequado selecionar um dos meus companheiros habituais, Kitaro, Vangelis ou Tim Wheater. Escolhi uma das poucas gravações clássicas da minha coleção e iniciei a sessão. Após cerca de um minuto, ele virou-se para mim e disse: «Não sei se pôs esta música para seu benefício ou para o meu, mas se a tem a tocar para meu benefício, não a acho nada relaxante. Estou aqui sentado a fazer a contagem de entrada de todos os instrumentos. Tem algum bom jazz moderno?»

Eu não tinha, e ele acabou por descobrir Kitaro e Tim Wheater em alternativa.

O marido de Linda McGinley nunca foi meu paciente, mas ela própria começou a procurar-me no início de 1998 devido a uma forma de nevralgia que lhe dava dores severas ao longo do rosto e na parte de trás da cabeça há quase dezanove anos. Nos anos recentes, a dor tinha piorado e, apesar de consultar inúmeros médicos e fazer análises ao sangue, exames cerebrais, um EEG, e ser examinada da cabeça aos pés muitas vezes, ninguém conseguia encontrar a causa da dor. Tinha tomado todo o tipo de medicamentos, tanto convencionais como complementares, mas nenhum tinha aliviado o problema. Estava agora desesperada e escreveu: «Por favor, por favor, pode ajudar-me, pois esta dor parece controlar a minha vida e impedir-me de fazer muitas coisas que gostaria de fazer.»

Após alguns meses a receber cura, a Linda sentia-se muito melhor. Estava também a trabalhar em si própria em casa, reservando tempo para a visualização criativa e para a meditação, utilizando uma cassete com música de Kitaro. O marido sofria de uma doença potencialmente incapacitante chamada espondilite anquilosante, na qual as vértebras da coluna se fundem, limitando severamente os movimentos. No início de uma manhã, foi acordado por uma dor terrível nas costas e no peito.

Desesperado por alívio, colocou a cassete de Kitaro, voltou para a cama e começou a pensar em mim, repetindo o meu nome e pedindo a minha ajuda. Passado um pouco, sentiu subitamente um calor intenso a queimá-lo. Esta sensação tornou-se tão intensa que saltou da cama disparado, convicto de que teria deixado cair um cigarro aceso por entre os lençóis. Assim que se levantou, percebeu que a dor tinha desaparecido. Não voltou a regressar.

Eric Clapton disse uma vez que o seu ideal seria subir ao palco, tocar um único acorde e deixar todo o público em estado de êxtase. Quando estou a curar, o meu objetivo é levar a pessoa ao nível mais elevado de recetividade numa única vaga de energia. A música ajuda indubitavelmente a este processo de transcendência e é talvez um dos meios mais puros pelos quais se pode alcançá-la. Na minha

experiência, Kitaro é o músico que mais perto esteve de alcançar o ideal de Clapton.

Descobri a música de Kitaro durante uma viagem aos Estados Unidos no início da década de 1980. Comecei a utilizá-la durante a cura, a par da de Vangelis, outro músico cujo trabalho emite uma energia fantástica e positiva. As composições de Kitaro consubstanciam um desejo de ligar o antigo e o novo e de revelar a mútua dependência da humanidade e da natureza. O próprio Kitaro passa muito do seu tempo em digressão, colhendo inspiração na diversidade das culturas mundiais e transmitindo depois as suas impressões e experiências aos ouvintes. Ele afirmou: «O sentimento é o elemento mais importante na minha música», e certamente o calor e a emoção transcendem as bases técnicas indubitavelmente brilhantes.

A Gig e eu tivemos oportunidade de conhecer Kitaro em março de 1998, em Amesterdão, que foi a última paragem da sua digressão europeia desse ano. Londres quase tinha acontecido, até que um problema em levar o equipamento dos músicos para o Barbican Hall a tempo se revelou insuperável. Estou seguro de que ele teria atraído um grande público na Grã-Bretanha e provavelmente eu teria visto uma série de rostos familiares. Quando a sua música foi finalmente lançada na Grã-Bretanha, a sua editora discográfica colocou um destacável de resposta pré-pago dentro de cada CD, pedindo às pessoas que dissessem como tinham ouvido falar de Kitaro. De acordo com a editora, 90 por cento dos respondentes colocaram o meu nome no destacável.

Como artista e como pessoa, Kitaro habita uma zona livre de ego. No palco, posiciona-se de perfil para o público, com os seus teclados de lado para a assistência. Os membros da sua banda são igualmente discretos e acolhem-se às extremidades do espaço de atuação. É tudo muito pouco rock e um exemplo maravilhoso de alguém que chega muito perto de sublimar o seu ego. Em Amesterdão, nós, no público, estávamos conscientes unicamente da música a comunicar com o espírito, abraçando-nos e arrastando-nos para uma comunhão de iguais. Parte dela dá vontade de nos levantarmos e dançarmos. Mas

ninguém dança num concerto de Kitaro. Muita gente chora, mas ninguém dança.

Kitaro não disse uma única palavra até ao final, quando agradeceu a todos nós por termos vindo. Havia uma longa fila de pessoas que queriam falar com ele depois. A Gig e eu fomos aos bastidores e esperámos ao lado delas enquanto ele completava os cerca de vinte minutos que dedica à meditação após cada espetáculo. Kitaro raramente concede entrevistas a jornalistas. O seu tratamento aos admiradores é outra questão. Passa horas a conversar com eles e nunca lhes regateia o seu tempo. Na noite anterior, em Bruxelas, 300 pessoas tinham estado à espera para falar com ele e ele ali se sentara até que a última pessoa tivesse ido para casa. Kitaro foi uma revelação para nós. Um homem com olhos amorosos e cintilantes que cria sons que fazem a alma dançar.

Sete

O Desafio de Quíron

Experienciar Kitaro ao vivo foi como encontrar-se subitamente sob a luz radiante do sol após um período numa sombra demasiado fria. Tinha ficado aliviado por ver o fim de 1997 e esperançoso de que 1998 me devolvesse o entusiasmo e o vigor. O terço final do ano tinha sido o pior, coincidindo com uma digressão britânica de 30 datas de círculos de cura e workshops. Tinha sentimentos estranhamente mistos sobre esta digressão, sem saber porquê. Estes sentimentos nada tinham a ver com a digressão em si ou com as pessoas que conheci, embora tenha ficado farto de ficar em hotéis maus; nunca compreendi por que razão os padrões nos hotéis e restaurantes britânicos em geral são tão abismais em comparação com outros locais do mundo e os preços tão elevados.

Sentia-me muito desassossegado e dei por mim a perguntar: «Porque estou a fazer isto?» Concluí que deveria estar a sofrer de esgotamento em consequência de trabalhar implacavelmente durante cerca de 20 anos com poucas pausas. Não era de estranhar que estivesse a ficar cansado de dizer e fazer as mesmas coisas. Abordei o

problema percebido decidindo não fazer digressões em 1998, exceto uma breve viagem à Noruega, e passar o ano em casa, a refletir sobre a minha vida e, através deste processo, a encontrar formas alternativas de apresentar a cura.

Com o meu futuro imediato agora decidido, esperava sentir-me mais relaxado, mas o mal-estar persistia. Na véspera de Ano Novo, tanto a Gig como eu fomos atingidos por emoções muito estranhas. A Gig estava muito eriçada e nada condizente com o seu temperamento habitual e tolerante. Senti-me como se estivesse a ser mentalmente atacado por algo horrivelmente negro e negativo. Esta sensação desagradável não passou por completo. Nenhuma quantidade de racionalização afastava o seu resíduo, embora por vezes eu estivesse menos consciente dele. A 2 de maio de 1998, não estava de todo consciente dele. Esse foi o dia em que a Gig e eu casámos.

Algumas pessoas manifestaram surpresa por nos darmos ao trabalho, mas sempre fora nossa intenção casar assim que o meu divórcio saísse. O conhecimento de que um pedaço de papel não alteraria a forma da nossa vida em comum não fazia diferença. Queríamos tornar a nossa união completa ao passar por um ritual público testemunhado por aqueles que nos são mais queridos — dezasseis pessoas ao todo, doze da família e quatro amigos próximos. Esse dia maravilhoso começou de forma pouco promissora, com céus cinzentos e ventos fortes.

Animámo-lo por volta das 8h30 abrindo a nossa primeira garrafa de champanhe de colheita. Uma segunda garrafa aguardava-nos na limusina branca alongada emprestada por amigos para nos levar à conservatória do registo civil em Bury St Edmunds. Enquanto deslizávamos pelas ruelas, beberricando o nosso champanhe e desfrutando das vistas soberbas salpicadas com o amarelo dos campos de colza, as nuvens abriram-se e o sol raiou. Pareceu uma saudação muito apropriada.

Após o nosso casamento, a vida continuou de forma muito semelhante a antes, exceto que a Gig teve de se habituar a ter um novo

apelido. Era adorável poder passar muito mais tempo em casa. O meu ambiente sempre foi enormemente importante para mim e uma das razões pelas quais eu era tão infeliz em Sturgeon's Hall antes de a Gig aparecer era o facto de estar a viver numa casa que parecia refletir de volta a minha infelicidade. E, no entanto, sabia que era a casa certa. Quando tinha cerca de oito ou nove anos, tinha um mapa de Suffolk no qual desenhei um triângulo. Prometi a mim próprio que, quando fosse mais velho, viveria dentro deste triângulo. Sturgeon's Hall situa-se mesmo no meio dele.

Gosto da filosofia do meu pai no que toca a propriedades. Ele diz que podemos pensar que somos donos dos edifícios, mas somos apenas e sempre os seus guardiões. Isto faz todo o sentido quando se considera que a vida de uma casa é habitualmente muito mais longa do que a nossa, e que a energia dentro dela muda com cada novo conjunto de ocupantes.

Sturgeon's Hall estava num estado muito deplorável quando o compreendi em 1990. Tinha sido habitado, mas negligenciado. Havia janelas partidas com bolas de jornal enfiadas nos buracos para afastar os elementos. Havia plantas a crescer pelo soalho. Uma parede na parte da frente da casa tinha apodrecido ao nível do chão e abanava com o vento. A cozinha estava num estado tão repugnante que tive de contratar limpadores industriais para remover a gordura espessa que revestia todas as superfícies.

Quando comecei a desmantelar o local, descobri as suas origens medievais. Restaurei-as sempre que possível e desfiz a vitorianização dos espaços do telhado, devolvendo-os ao seu estado abobadado original. Contudo, tudo o que eu tinha feito antes de a Gig se mudar fora renovar a estrutura exterior. Foi necessária a nossa energia e entusiasmo conjuntos para criar o aspeto e a atmosfera da casa e do jardim tal como são hoje. A mãe da Gig tem um jardim fabuloso em Gloucestershire e, por isso, desde muito jovem que a Gig tem consciência da jardinagem como uma atividade criativa. Sempre gostei de jardins, mas só quando começámos a planear o jardim em

Sturgeon's Hall é que apreciei a profunda satisfação que o cuidar das plantas pode dar.

As semelhanças entre a jardinagem e a cura pareceram muito evidentes na época de crescimento desse ano. Eu não sabia, quando comprei Sturgeon's Hall, que uma linha de ley passa mesmo pela sala que utilizo para a cura e entra numa parte do jardim onde se encontra um mirante. As plantas mais próximas da linha de ley parecem dar-se espetacularmente bem em termos de altura e vigor. Tínhamos narcisos plantados num canteiro fora da janela da sala de cura que cresceram até quase quatro pés na primavera. Mais tarde no ano, as margaridas junto ao mirante atingiram mais de oito pés.

Em julho de 1998, a Gig e eu descobrimos a causa da «nuvem» opressiva que parecia ensombrar-nos. Por volta da viragem do ano, a Gig tinha desenvolvido o que pensava serem hemorróidas e começara a consultar diferentes terapeutas complementares para tratamento. Eu estivera um pouco cético quanto à sensatez disso sem um diagnóstico. Sou totalmente a favor de alternativas, desde que sejam alternativas comprovadas e os profissionais saibam com o que estão a lidar. Nenhum dos remédios que ela experimentou foi bem-sucedido em resolver o problema e ela começou a desenvolver sintomas preocupantes e penosos, incluindo dor aguda. Claramente, algo estava errado. A Gig encontrou um médico de clínica geral de quem receberia de bom grado conselhos. Talvez porque o pai dele tinha sido homeopata, mas este homem emanava uma qualidade pessoal que incentivava a confiança. Bastou-lhe olhar uma vez para diagnosticar hemorróidas trombosadas, que ele pensava que provavelmente teriam de ser removidas cirurgicamente. No prazo de três dias, a Gig foi reencaminhada para um especialista em Bury St Edmunds, que fez uma biópsia porque não tinha a certeza de que fossem hemorróidas. Encontrou um nódulo que uma investigação mais aprofundada identificou como maligno.

Tinha passado a melhor parte de 20 anos a trabalhar com pessoas que sofriam de cancro, mas isso não me preparou para a bomba que me atingiu quando o diagnóstico foi dado. Não conseguia raciocinar

com clareza. O meu cérebro parecia em paralisia. Cancelei as minhas consultas da semana. Teria sido desonroso da minha parte continuar a trabalhar com os meus pacientes quando era incapaz de me focar devidamente.

Foi então articulado que a Gig e eu deveríamos consultar uma oncologista do Addenbrookes Hospital, em Cambridge, que é reputado como um dos melhores hospitais do país fora de Londres. A oncologista era uma mulher em meados dos seus trinta anos. Há anos que ouvia as queixas dos meus pacientes sobre a falta de capacidades de comunicação entre os médicos. Esta mulher não tinha nenhuma. Além disso, não fazia qualquer tentativa para disfarçar o facto. Nas raras ocasiões em que fazia contacto visual, era sempre comigo. Na maior parte do tempo, porém, direcionava o seu olhar para longe de nós. Isto não era um começo promissor e, à medida que ela falava, o cenário piorava. Lançou-se em propostas de tratamento. Queríamos saber o que poderia ter causado o cancro. Ela disse que não sabia. Era um cancro raro, apenas 300 pessoas por ano na Grã-Bretanha são diagnosticadas com ele, 200 das quais têm mais de 70 anos de idade. Num punhado de casos em homens, estava relacionado com a SIDA. Esta informação foi lançada quase como um aparte. Neste ponto, a Gig começou a entrar em pânico. A oncologista estava alheia à reação dela e continuou firmemente com a sua proposta.

O tratamento teria de ser realizado em Addenbrookes e envolveria quimioterapia e radioterapia, seguidas de um implante radioativo. Tanto a Gig como eu tínhamos ganho uma antipatia instantânea por ela, e a sua descrição do tratamento não nos fez sentir mais bem dispostos a seu respeito. Se tivéssemos de seguir a rota que ela sugeria, teria de ser com alguém com quem nos conseguíssemos relacionar e que reconhecesse as nossas ansiedades e sentimentos. Nesta fase inicial, contudo, não podíamos aceitar isto como a nossa única opção. Queríamos descobrir que alternativas, a existirem, estavam disponíveis.

Um dos meus pacientes tinha-me falado de uma clínica no sul da Alemanha onde o tratamento se baseava no princípio de que os

tumores cancerígenos não gostam de alterações de temperatura, por isso, se a temperatura no tecido circundante puder ser aumentada ou diminuída, o tumor tenderá a regredir. Queríamos visitar esta clínica antes de tomarmos uma decisão sobre qual a forma de tratamento a aceitar. A oncologista de Addenbrookes mostrou-se muito cética e disse-nos que o tipo de terapia que estávamos a descrever não era radical e era conhecido desde o século XVIII. Perguntei-lhe se seria seguro adiar a nossa decisão por duas ou três semanas. Ela disse que estaria no limite de aceitar adiar o tratamento esse tempo, mas não mais.

No dia seguinte, telefonou-me para casa e disse-me que não importaria para onde fôssemos no mundo ou quem víssemos, no final sugeririam o tratamento que ela estava a oferecer. Tentou então pressionar-me para que fizesse a Gig aceitar a sua proposta.

Um par de dias mais tarde, voámos para a clínica no sul da Alemanha. As nossas esperanças eram elevadas. Tínhamos recebido um bom relatório sobre o local e, por esta rota, a Gig evitaria a quimioterapia e a radioterapia. Percebemos logo após a chegada que essa não era a resposta. A atmosfera era dura, assim como o tratamento. Num tipo de terapia, o paciente é colocado no que parece ser um caixão de acrílico e depois a temperatura dentro desta estrutura é aumentada até ao ponto mais alto que a pessoa consiga aguentar sem falecer.

Os dois médicos que geriam o local queriam usar o tratamento «galvano» no tumor da Gig. Isto envolveria a passagem de uma corrente elétrica para o tumor através de um fio muito fino. Um dos médicos garantiu-nos a sua eficácia e disse que o tumor desapareceria ao fim de dez dias. Não confiei nele nem nessa afirmação. Enquanto esperávamos na receção, pouco antes da nossa partida, meti conversa com um médico americano que tinha vindo observar a clínica com vista a enviar para lá alguns dos seus pacientes. Contei-lhe a nossa situação e perguntei-lhe o que aconteceria se a Gig avançasse com os tratamentos de calor e «galvano». Na opinião dele, o tumor poderia

desaparecer temporariamente, mas os tratamentos eram soluções de recurso e não curas.

Quando regressámos a Inglaterra, recebemos propostas individuais dos dois médicos da clínica. Achei bastante perturbador que dois especialistas, sem dúvida altamente qualificados, a trabalhar juntos na mesma clínica nos enviassem planos de tratamento diferentes. Tanto a Gig como eu nos sentíamos muito em baixo neste ponto, porque tínhamos pensado que essa clínica daria a resposta.

A Gig teria ficado feliz em permitir que eu lhe desse cura e em não fazer tratamento médico. No entanto, eu não estava preparado para assumir essa responsabilidade. Tivemos mais sorte do que a maioria dos casais por, em virtude do meu trabalho e contactos, eu estar bem posicionado para ir no encalço das pessoas que nos poderiam aconselhar sobre as várias opções. Caberia depois à Gig decidir sobre o tratamento que queria. Entre a pilha de livros e artigos no meu escritório havia informação sobre tratamentos alternativos e ortodoxos para o cancro, todos eles parecendo mutuamente exclusivos.

Toda a gente parecia ter o seu próprio sistema de crenças específico, interesses a defender ou produtos para vender. Sentia-me como se estivéssemos num bazar rodeados por comerciantes rivais e adivinhos. Estava agudamente consciente dos dias que passavam enquanto analisávamos e ponderávamos. A acreditar na primeira oncologista, o tempo era um luxo que não tínhamos. Sugeri à Gig que deveríamos tentar conseguir uma consulta com o Professor Karol Sikora, a única pessoa a quem eu recorreria se viesse a desenvolver cancro. A Gig tinha sido introduzida à sua abordagem através de um livro de que ele era coautor com a Dra. Hilary Thomas, chamado A Positive Approach to Cancer, que expunha os vários tratamentos de forma clara, sensata e sensível.

Tinha conhecido Karol Sikora no final dos anos oitenta, quando dera uma palestra a estudantes de medicina no Hammersmith Hospital. Tinha ficado favoravelmente impressionado pela sua postura

descontraída e pela sua recetividade a diferentes ideias. Mais recentemente, Sikora tinha sido requisitado pela Organização Mundial da Saúde, onde era chefe do seu programa de cancro, e trabalhava apenas a tempo parcial no Hammersmith. A Gig teve muita sorte em conseguir uma consulta no prazo de três dias após o nosso médico de clínica geral lhe ter escrito e mencionado o meu nome.

Este foi um ponto de viragem significativo. Após observar as tomografias axiais computorizadas e examinar a Gig, Sikora aconselhou-nos a não nos precipitarmos em nenhuma forma de tratamento. Pensava que o tumor poderia ser operável, o que, sob a perspetiva da Gig, seria uma opção mais humana do que a quimioterapia e a radioterapia. Fiz-lhe a mesma pergunta que tinha feito à primeira oncologista: porque é que isto tinha acontecido? Ele não sabia. Era um cancro tão invulgar, especialmente em alguém da idade da Gig, que ele não conseguia retirar quaisquer conclusões. Estimou que o tumor estaria instalado há cerca de cinco anos. Na opinião dele, contudo, a ter de se ter cancro, este tumor específico era o melhor tipo que se podia ter, porque é de crescimento muito lento e tende a não se espalhar. Aconselhou-nos a falar com o cirurgião antes de tomarmos uma decisão. Não havia pressa. Nada de alarmante aconteceria com o cancro enquanto nos decidíamos. As suas palavras trouxeram um grande alívio. Não o tinha dito à Gig, mas estivera desesperadamente preocupado com a possibilidade de o cancro ter passado para outros órgãos.

Não consigo enfatizar suficientemente a diferença entre a nossa conversa com Sikora e a que tínhamos tido com a oncologista de Addenbrookes. Ambos os médicos são especialistas em cancro, pelo que a sua profundidade de conhecimento da doença deve ser comparável, e no entanto poder-se-ia ser perdoado por pensar que estavam a considerar casos diferentes.

A oncologista de Addenbrookes poderia ter-nos dado a notícia que qualquer pessoa a quem é dito que tem cancro decerto desejará ouvir — trata-se de um tipo de crescimento muito lento e que tende a não produzir metástases. Desnecessariamente, ela tinha-nos dado a

impressão de que o prognóstico era sombrio, quando a realidade era a de que era o mais positivo que um diagnóstico de cancro pode ser. Não há dúvida de que ela é brilhante nos aspetos técnicos da sua especialidade, mas a medicina é muito mais do que ser um técnico. Os melhores médicos são também curadores, e as razões que os levam a ser atraídos para a medicina, em primeiro lugar, estão ligadas a esta capacidade inata.

Fomos ver o cirurgião colorretal com as nossas esperanças elevadas de que a Gig seria capaz de evitar a quimioterapia e a radioterapia. Íamos ficar desapontados. Na opinião dele, a cirurgia não era a solução, a menos que a Gig estivesse preparada para ter uma colostomia permanente. Ela não estava, e viemos embora a sentirmo-nos derrotados. O otimismo de Sikora tinha sido contagiante. Descobrimos neste ponto quão ténue é a linha entre ser irrealisticamente positivo e realisticamente positivo.

Contudo, não seria justo culpar Sikora por isto. Tinha muito a agradecer-lhe. Ele foi o responsável por me colocar novamente nos carris depois de o choque e a ansiedade me terem temporariamente descarrilado. Tinha feito tanto trabalho com doentes com cancro que sabia demais num sentido, e de menos noutro. A informação chovia sobre nós de todos os lados, de pacientes e amigos que queriam ajudar. Pouco tempo depois de a Gig ter sido diagnosticada, deram-me alguns números sobre cancros do ânus que tinham sido retirados da Internet e que davam uma expectativa de vida de 17 meses. Fiquei destroçado.

O bom senso devera ter-me lembrado de que tais estatísticas não ajudam e não diferenciam entre os tipos de tumor e os seus padrões de comportamento. Existem cerca de 200 tipos de cancro, todos eles diferentes. Como para a maioria das pessoas para quem o cancro se torna uma realidade, a palavra não reflete tais distinções, e por isso passa-se por uma fase de pesadelo, sendo presa dos nossos piores receios. Assim que a Gig decidiu optar pelo tratamento no Hammersmith, deitei fora a maior parte daquele material.

Disseram-nos que o tratamento proposto duraria sete semanas. A primeira fase do tratamento envolveria quimioterapia nas semanas um e cinco e radioterapia todos os dias durante cinco semanas. Haveria depois uma pausa de duas semanas, seguida de duas semanas adicionais de radioterapia. Uma das oncologistas consultoras que geria o tratamento da Gig, a Dra. Pat Price, disse-nos que, com toda a probabilidade, o tumor ainda seria detetável no final do tratamento. A radioterapia funciona ao longo de um período prolongado e leva tempo a destruir a malignidade.

Ambos temíamos que a quimioterapia tivesse efeitos secundários desagradáveis e assumimos que a Gig perderia o cabelo como uma consequência natural. Felizmente, o medicamento que lhe foi administrado — 5FU — não fez com que isso acontecesse, e existem outras formas de quimioterapia que também não o fazem.

Além do tratamento convencional, a Gig tirou pleno partido das terapias complementares disponíveis no hospital, especialmente a reflexologia, que considerou muito eficaz para a ajudar a relaxar. Por sua própria iniciativa, ela já tinha entrado em contacto com o Bristol Cancer Care Centre para obter aconselhamento sobre terapia de vitaminas e minerais. Um dos meus pacientes transmitiu-nos uma informação vital sobre um produto chamado bromelaína, um extrato de ananás cujos benefícios positivos no tratamento do cancro — especialmente em conjugação com o medicamento 5FU — foram relatados em mais de 200 revistas médicas em todo o mundo.

Não tínhamos recorrido a Karol Sikora apenas por ele ser, na minha opinião, o melhor oncologista da Grã-Bretanha, mas devido à sua abordagem ao cancro. Não fora por acaso que eu dera uma palestra àqueles estudantes no Hammersmith. Sikora é conhecido por ser favorável às terapias complementares e foi influenciado pelo trabalho do Bristol Cancer Help Centre, onde as pessoas são encorajadas a combater o cancro com uma combinação de tratamentos, convencionais e complementares, incluindo cura, dieta, aconselhamento psicológico e controlo do stresse. Ele foi citado como tendo dito que «um bocadinho de Bristol faz o meu medicamento

entrar melhor» e foi instrumental no desenvolvimento de ligações formais com o Centro, de modo a que os pacientes na sua unidade no Hammersmith pudessem beneficiar da especialização disponível em Bristol. A atitude de Sikora é excecional entre os principais oncologistas britânicos, alguns dos quais são hostis a qualquer tratamento que não seja estritamente ortodoxo.

Uma das minhas pacientes que estava a receber tratamento noutro hospital teve a infelicidade de descobrir quão veemente era a aversão do seu especialista por tudo o que fosse «alternativo». Ela tinha um livro de Penny Brohn, uma das fundadoras do Bristol Cancer Help Centre, na sua mesa de cabeceira no hospital. Quando ele o viu, pegou nele e disse «Não devia estar a ler este tipo de lixo!», atirando-o depois para o outro lado do quarto. Se o comportamento dele servir de indicador, há ainda um longo caminho a percorrer antes que a classe médica como um todo aceite a validade de múltiplas abordagens ao cancro.

Contudo, como a Gig e eu descobrimos, o Hammersmith Hospital é um oásis de esperança e de pensamento progressista. O Centro de Cancro tem um coordenador de terapias complementares a tempo inteiro e é possível receber — no Serviço Nacional de Saúde, a par do tratamento médico convencional — reflexologia, massagem e aromaterapia. Estão a procurar melhorar a sua oferta disponibilizando terapias complementares adicionais no futuro. Fiquei radiante ao ver anúncios para as minhas cassetes. Como o Professor Sikora afirmou: «Toda a viragem agora é no sentido dos cuidados globais aos doentes com cancro.» Esta era precisamente a abordagem que a Gig procurava. Toda a equipa da Unidade de Cancro do Hammersmith dedica-se a colocar os pacientes em primeiro lugar. Isto significa responder a quaisquer perguntas de forma completa mas compassiva, fornecendo tranquilidade e apoio quando é necessário e criando, de um modo geral, uma atmosfera na qual os pacientes se sintam descontraídos e confiantes. É impossível subestimar a importância para os doentes com cancro de serem tratados por pessoas que

compreendam as suas necessidades e estejam preparadas para as satisfazer.

A minha experiência convenceu-me de que esta abordagem funciona, e é uma abordagem para a qual muitas pessoas se inclinam naturalmente. Alguns dos meus pacientes conseguiram conceber as suas próprias versões de Bristol. Carol Downham estava no início dos seus cinquenta anos quando foi diagnosticada com um cancro raro do útero. Fez uma histerectomia e disseram-lhe que as probabilidades de o cancro regressar eram «praticamente nulas».

Em julho de 1995, começou a sofrer com dores abdominais que o seu médico atribuiu à Síndrome do Cólon Irritável. Três meses mais tarde, foi levada de urgência para o hospital com suspeita de apendicite. Quando o cirurgião a abriu, descobriu malignidade no intestino e no peritoneu. Removeu o máximo que pôde, mas em janeiro de 1996 o cancro voltou a exacerbar-se, desta vez entre os intestinos e a bexiga. Foi então reencaminhada para o Royal Marsden, onde a quimioterapia foi o tratamento sugerido. Ela recusou e foi a um homeopata que a medicou com vitaminas e antioxidantes. Em março de 1996, iniciou um ciclo de quimioterapia no Addenbrookes Hospital, em Cambridge, que deu resultados parcialmente encorajadores — uma tomografia axial computorizada em julho revelou que os nódulos tinham desaparecido, embora as «células cancerígenas ainda lá estivessem». A 25 de julho, foi levada de urgência de volta para o hospital após desenvolver uma temperatura elevada e foram-lhe administrados antibióticos. Ela andara a carregar o meu endereço e número de telefone na carteira durante três meses antes de finalmente se decidir a escrever-me.

Tinha ligado a televisão uma noite, viu-me e tomou isso como um presságio de que deveria entrar em contacto. Fui incapaz de ver a Carol numa consulta individual antes de 11 de setembro e os meus assistentes sugeriram que ela frequentasse um círculo de cura que eu ia dar em Cambridge a 31 de julho. A Carol continuava no hospital a fazer terapia antibiótica, mas insistiu em que lhe dessem autorização para sair para poder vir ao círculo. O pessoal do hospital estava

habituado aos seus modos um tanto irregulares — desfrutar do cigarro ocasional na casa de banho do hospital ou, nos dias de quimioterapia, para evitar a odiada comida da instituição, reservar a sua cama de manhã e depois dizer ao pessoal chocado que estaria de volta mais tarde, a tempo de receber o seu tratamento.

Em dezembro de 1996, o seu oncologista escreveu-lhe, confirmando os resultados de uma imagem por ressonância magnética e de uma radiografia ao tórax separada. Não havia «sinal de metástases nos pulmões e, como lhe disse ao telefone, a RM confirma a ausência de algo sinistro no fígado, rins, baço ou gânglios linfáticos para-aórticos».

A Carol continua a vir para cura de dois em dois meses. Continua também a tomar remédios homeopáticos, recebendo reflexologia quando sente necessidade e utilizando técnicas de visualização criativa e de relaxamento. Por outras palavras, está a fazer tudo o que considera necessário para se manter bem e livre de stresse — a causa, segundo ela acredita, dos seus problemas de saúde, que se desenvolveram após um divórcio particularmente doloroso em 1990, inicialmente com tensão arterial elevada a necessitar de medicação, e zona.

Sue Wallis é outra das minhas «lutadoras» naturais que escolheu a dedo a ajuda e a informação disponíveis para conseguir recuperar. Em janeiro de 1994, foi-lhe diagnosticado cancro no revestimento do pulmão, para o qual, segundo lhe disseram, não havia tratamento além de radioterapia para reduzir o inchaço. A radioterapia era paliativa, para tornar a Sue mais confortável e aliviar o seu principal sintoma de falta de ar.

Questionado sobre quanto tempo ela poderia esperar viver, o seu especialista disse-lhe que seria um "milagre" se ela ainda estivesse viva em doze meses. Ela disse: «Eu acredito em milagres — o senhor pode ajudar-me a fazer com que um aconteça.» A Sue contou-me que o seu sentimento predominante — depois de ela e o marido terem ultrapassado o choque e o receio iniciais — era o de estar a ser

roubada. Tinha 42 anos, era alegremente casada, com uma filha de 16 anos, e tinha acabado de concluir um curso de cinco anos numa área que adorava. O futuro parecera tão brilhante e promissor.

A Sue decidiu lutar e direcionar a sua zanga para as células que tinham «corrido mal». Alguém lhe deu a minha cassete "Fighting Back" e ela começou a utilizar as técnicas de autocura imediatamente:

«Tenho a certeza de que foi a voz do Matthew que me fez ultrapassar aqueles dias e semanas traumáticos iniciais. Adorava fazer a cassete. Permitiu-me criar um espaço profundamente pacífico, uma quietude em toda a loucura em que se tinha tornado a minha vida. Ao início, fazia-o duas ou três vezes todos os dias. Imaginava cães de um branco puro com olhos brancos, esguios e fortes, a correr pelo meu corpo — centenas e milhares deles à procura de tudo o que não devesse estar lá e a devorá-lo.»

A Sue também colheu forças de livros sobre como ficar bem e contactou o Bristol Cancer Centre para obter aconselhamento sobre terapia de vitaminas. Entretanto, tinha-me escrito e em abril de 1994 teve a sua primeira sessão de cura. Pouco tempo depois, iniciou um ciclo de radioterapia. Esta acabou por afetar a sua traqueia e a sua capacidade de engolir alimentos.

«Visitei o Matthew durante este período difícil. Não conseguia engolir comida há alguns dias. Senti um grande calor quando o Matthew colocou as suas mãos no meu peito. Após a sessão, estava terrivelmente faminta e parámos na viagem de regresso. Devorei uma refeição enorme com gosto e não tive problema nenhum. A minha capacidade de engolir tinha sido restaurada — foi bastante notável.»

Tal como a Carol, a Sue estava determinada a que a sua vida não fosse governada pelo seu cancro e desenvolveu uma saudável indiferença por alguns dos conselhos médicos que recebia. Quando, para surpresa de todos, se encontrou uma correspondência de quimioterapia para a sua condição, a Sue quis experimentá-la, muito embora o especialista não pudesse fazer promessas de que funcionaria. A Sue disse: «Fiquei radiante, nas nuvens.» Foi aconselhada a não

socializar enquanto se submetia à quimioterapia porque o seu sistema imunitário estaria deprimido e isto a tornaria particularmente suscetível a infeções oportunistas. Ela saía quase todas as noites e não apanhou sequer um resfriado.

«Só posso pensar que foi a cura com o Matthew e as minhas visualizações que me mantiveram tão bem ao longo de tudo isto... O primeiro ano veio e passou. O meu especialista estava tão satisfeito por eu ainda estar viva e tão bem que disse, em tom de brincadeira: "Continue a provar que estou errado".»

A Sue é um exemplo brilhante de alguém que não ficou passivamente à margem a deixar que os outros planeassem uma estratégia de saúde para si. Tomou as suas próprias decisões e assumiu o controlo da sua doença. Após esse primeiro ano, decidiu continuar a vir ter comigo uma vez por ano até sentir que já não tinha necessidade disso. Diminuiu a frequência das suas visualizações com a minha cassete "Women with Cancer", que começara a utilizar no início da quimioterapia. Sentiu que «as coisas tinham mudado por dentro» e regressou à cassete "Fighting Back", que descreve como «muito mais suave. Vi-me bem e a envelhecer nos anos vindouros.»

À data em que escrevo, a Sue está livre do cancro e em plena forma. Continua a tomar as suas vitaminas e a vigiar a sua dieta. O seu especialista disse-lhe para continuar apenas a fazer o que tem vindo a fazer. Ele e a sua equipa têm sido «maravilhosamente prestáveis e muito abertos às terapias alternativas e à cura. Claro que fiquei feliz por ter o tratamento convencional quando este foi oferecido. Se alguém quer viver, então o meu conselho seria o de tentar tudo o que for possível.»

A cura não cura todos os males e, quando comecei a dar tratamento à Gig — pouco tempo após o aparecimento da lesão mistério —, não lhe podia garantir mais um desfecho bem-sucedido — a qualquer nível que este pudesse ocorrer — do que a qualquer outro dos meus pacientes. A cura está configurada de tal forma, ao que

parece, que é difícil para o curador cair vítima da hubris, e funciona segundo um desígnio que não pode ser manipulado.

Os meus esforços intensificaram-se assim que o cancro foi diagnosticado. Dei-lhe cura todos os dias até ela começar a experienciar os efeitos secundários do tratamento de radioterapia. A partir deste ponto, deixei que coubesse a ela decidir quando gostaria de a receber. No início, sentia-me muito acanhado e inibido. Fez-me lembrar a forma como me costumava sentir quando dei cura pela primeira vez e não tinha aprendido a desligar-me emocionalmente. Pode ser difícil fazer a distinção entre o distanciamento emocional e a empatia e compaixão que cada curador tem de trazer para o seu trabalho. Muitos curadores principiantes dão por si a experienciar a dor e o sofrimento das pessoas que estão a tentar curar porque não alcançaram esta separação. A música de Kitaro ajudou-me a resolver o problema com a Gig. Um dia, quando lhe estava a dar cura, aumentei o volume no leitor de CD até ao ponto em que as colunas estavam visivelmente a vibrar, obliterando todos os pensamentos e inibições. Isso resultou. Felizmente, não foi necessário passar a música a um nível ensurdecedor em ocasiões subsequentes.

Existem graus no estar no estado correto para dar cura. Nem sempre consigo «voar» e experienciar o absoluto. Quando o faço, é como atingir o limite de um cosmos e encontrar portões a abrirem-se para outro. Fico preenchido por uma alegria que deve ser semelhante ao que alguns místicos descreveram como «êxtase». Neste estado, estou consciente da interligação completa de todos os seres. Não existem barreiras, nem diferenças, nem julgamentos. Nas inúmeras ocasiões em que atingi este estado extático, vi uma figura.

Ele tem a estrutura e o aspeto de um lutador de Sumo gigante, embora um que está completamente nu, coberto de pelos e — talvez de forma um pouco incongruente — emana alegria, amor e liberdade. Ele surgiu como uma visão fulgurante na primeira ocasião, executando mortais retaguardas, cambalhotas e outras acrobacias fantásticas. Perguntei-me como é que alguém tão gordo e pouco atlético conseguiria realizar tais movimentos. Ele disse, como que

para responder à minha pergunta não proferida: «A única razão pela que sou tão gordo é porque estou tão cheio de amor.» Ele nem sempre fala, e quando o faz limita-se a uma frase, habitualmente enigmática.

Apareceu uma vez quando eu estava a dar cura à Gig. Foi durante o seu período de descanso entre as cinco semanas de quimioterapia e radioterapia combinadas e as duas semanas finais de radioterapia. Eu estava a passar a música de Kitaro — habitualmente estou quando ele aparece — e fiquei consciente dele quase imediatamente. Estava a fazer a dança mais extraordinária com o que parecia ser uma espada de Samurai, arremessando-a de um lado para o outro e fazendo-a girar no seu dedo. Ouvi-o dizer: «Quando és forte, não precisas da espada.» Depois, perguntei-me se a sessão teria sido de algum modo diferente para a Gig. Sem eu perguntar, ela disse-me que achava que o tumor tinha desaparecido.

Uma semana mais tarde, regressámos ao Hammersmith para a Gig fazer uma radiografia e um exame antes de iniciar as suas duas semanas finais de tratamento. Nenhum deles revelou qualquer sinal do tumor. Os médicos ficaram satisfeitos por este parecer ter desaparecido mais depressa do que tinham antecipado. A Gig e eu ficámos radiantes. Contudo, foi recomendado que o plano de tratamento fosse seguido e que as duas semanas adicionais de radioterapia fossem administradas, apenas para segurança. Regressámos a casa confiantes de que a combinação de terapias estava a funcionar.

Esta fase final do tratamento foi seguida por uma série de consultas de controlo mensais e, no final de abril de 1999, por uma tomografia axial computorizada, o árbitro supremo da saúde da tecnologia médica. No dia anterior à sua consulta no hospital, dei-lhe cura. Não tinha estado consciente do Sumo gordo desde o outono anterior, quando a Gig me dissera que achava que o tumor tinha desaparecido. Desta vez, ele estava de pé numa rocha à entrada de uma enorme gruta subterrânea que se abria para um vasto lago cintilante. Estava num estado contemplativo, sendo o objeto da sua atenção a espada que segurava na mão, com a ponta para cima, a

mesma espada que anteriormente exibira como um brinquedo. Essa imagem dissipou quaisquer dúvidas remanescentes de que a Gig pudesse não estar 100 por cento bem. Intuitivamente, interpretei a espada como a força em repouso: a batalha estava ganha.

A Gig não ficou tão segura quando lhe relatei a minha experiência. O seu receio em relação ao que a tomografia poderia revelar levou-a a uma interpretação diferente: a espada poderia ser um sinal de que era necessária uma cirurgia. Não consegui transmitir-lhe o otimismo sereno de que estava agora imbuído.

Tivemos muita sorte em não ter de esperar mais do que algumas horas pelo resultado do exame. A Gig fez o teste de manhã e, pouco depois das duas horas da tarde, Pat Price saiu do seu gabinete para a zona de receção onde estávamos à espera, sorriu-nos radiante e levantou ambos os polegares. Quando terminou de explicar que os resultados eram tais que não haveria necessidade de mais exames, disse para a Gig: «É agora uma ex-doente de cancro. Vá para casa e continue com a sua vida.»

Podemos orgulhar-se de ser compreensivos e compassivos, mas nenhum de nós sabe o que outra pessoa está a passar até que, cheios de medo e confusão, tenhamos caminhado às apalpadelas até ao fim desse mesmo túnel. Quando Sue Wallis me escreveu pela primeira vez, comentou na sua carta que esperava ser «mais do que apenas uma vítima, um tumor». Ela é incomensuravelmente mais. Algumas pessoas só descobrem o seu verdadeiro valor ou o apreço por si mesmas através de um confronto com a adversidade. Uma experiência destas concentra indubitavelmente a mente, focando-a minuciosamente nos aspetos da vida que são importantes.

Partilhar os nossos sentimentos e dar de nós próprios honestamente são atitudes especialmente importantes em tais momentos. Um refrão que tem surgido repetidamente nos meus workshops ao longo dos anos é «Se ao menos» — «Se ao menos eu tivesse dito...», «Se ao menos eu tivesse tido tempo para...», «Se ao menos eu estivesse lá». Nestas circunstâncias, a cura não diz respeito

apenas a curar uma pessoa que tem um problema a nível físico. Diz também respeito a curar as pessoas ao redor desse indivíduo, e talvez a curar o caminho em frente para elas.

Perguntam-me frequentemente qual foi o caso que teve maior impacto em mim. Colocaria o seguinte no topo.

O Chris era um tipo na casa dos quarenta anos, muito desportista e prático, que tinha sido diagnosticado com cancro. Eu não tinha a certeza do que poderia fazer por ele e, no nosso primeiro encontro, disse: «Deixe-me fazer três sessões consigo. Se nada acontecer, duvido que possa fazer algo mais.» Ele vinha numa base mensal e, por altura da última sessão, era óbvio que o seu estado se estava a deteriorar. Depois, olhou para mim e disse: «Então, estas são as minhas três sessões, não é? Vai correr comigo agora, não vai, porque não estamos a chegar a lado nenhum?» Fiquei chocado e, pela primeira vez, percebi que a minha atitude deve ter parecido para ele — e provavelmente para outros — desalmada. Ele disse:

«Deixe-me dizer-lhe uma coisa. O senhor pode pensar que não está a fazer nada. O senhor sabe e eu sei que o cancro está a piorar, mas o que talvez não saiba é que, quando saio daqui, é como se caminhasse sobre o ar e fico completamente sem dores durante as duas semanas seguintes. É tudo o que lhe peço. Por favor, não me ponha de lado. Posso não sobreviver, mas é a qualidade de vida que é importante para mim.»

De certa forma contra as expectativas, o Chris sobreviveu por mais seis meses. A última vez que me veio ver parecia absolutamente deplorável e eu soube que o tinha perdido. Ele mantinha a sua honestidade habitual e lembro-me de o ouvir dizer: «Sei que só me restam alguns dias. Vá lá, dê-me com isso mais uma vez!» Após a sessão de cura, a mulher dele atrasou-se um pouco a ir buscá-lo e tivemos tempo para conversar.

Falámos sobre o que aprendemos com a morte e com a doença grave, e sobre as suas implicações espirituais. Mencionei o fator «se ao menos» e o quão pesadamente parecia pesar sobre muitas pessoas

enlutadas — «Se ao menos eu tivesse dito...»; «Se ao menos eu tivesse tido tempo para...»; «Se ao menos eu estivesse lá». Falei-lhe de casos em que mesmo a morte iminente não tinha demovido as pessoas a resolver conflitos e dificuldades emocionais com aqueles que estavam ostensivamente mais próximos delas. Pagamos um preço terrível se deixarmos o que é fundamental em segundo plano durante o curso das nossas vidas. Se aplainarmos os problemas à medida que avançamos, e estivermos atentos às necessidades dos outros, não haverá «se ao menos».

Quando o Chris se levantou para sair, abraçou-me. Ambos sabíamos que não nos voltaríamos a ver. Um par de dias mais tarde, a mulher dele telefonou para o escritório e pediu para falar comigo. Sabia qual seria a sua mensagem e esperava que ela parecesse abatida e deprimida. Longe disso. Em pano de fundo, conseguia ouvir música alta a tocar. Contou-me que o Chris tinha falecido no dia anterior. Depois de se terem despedido de mim e conduzido até casa, ele tinha-a levado para a sala de estar, sentou-a e disse-lhe que estava prestes a morrer. Antes deste reconhecimento, ele estivera sempre cheio de falsa valentia e planos para o futuro. Um velejador entusiasta, tinha-lhe falado sobre as regatas que ia ganhar e as competições em que se ia inscrever.

Ela contou-me que ela e a filha se tinham sentido falsas porque sabiam que ele não conseguiria, mas o amor e a lealdade exigiam que mantivessem a farsa. Quando ele lhe disse que ia morrer, sentiu como se um grande peso lhe tivesse sido tirado dos ombros. Subitamente, podiam ser abertos e honestos um com o outro outra vez. Passaram a maior parte das 24 horas seguintes a olhar para os seus álbuns de fotografias e, enquanto o faziam, recordaram os grandes acontecimentos partilhados na sua vida: o casamento, o nascimento da filha, férias maravilhosas e todas as outras ocasiões felizes. Também se abraçaram e perdoaram mutuamente pelas vezes em que, talvez inadvertidamente, causaram dor ou infelicidade um ao outro. Nas últimas horas da vida do Chris, atingiram o ponto em que não havia

assuntos pendentes. Tudo o que era importante para qualquer um deles tinha sido discutido e resolvido.

No final da nossa conversa, a mulher dele disse: «Não lhe consigo agradecer o suficiente por isso. Não lhe sei dizer o quanto vou chorar por ele e sentir a sua falta. Mas, embora o Chris tenha partido, para mim a cura esteve na verdade no facto de termos tido tempo para dizer "Adeus" e para o dizer devidamente.»

O Chris tinha deixado algumas instruções específicas para o seu funeral, contou-me ela. Queria que todos os que comparecessem fossem com rostos felizes e sorrisos. Queria que passasse a sua música favorita de soft rock e não o habitual repertório fúnebre sombrio. Quando ela disse isto, percebi que soft rock era o que eu conseguia ouvir a tocar em pano de fundo. A sua última instrução tinha deixado o agente funerário confuso — o seu corpo devia ser colocado num caixão pintado de branco com riscas azuis de alta velocidade (o motivo no seu iate de corrida) ao longo das laterais, para que, quando fosse levado para a igreja, todos os seus amigos pudessem dar uma última gargalhada com ele. Queria despedir-se com uma nota positiva e ser recordado sob essa luz.

A vida e a morte deixam um legado. Cada um de nós pode escolher qual será o seu. À minha maneira de pensar, o Chris fez tudo acertadamente. Isto não quer dizer que os seus amigos e família não derramassem muitas lágrimas pela sua perda ou que não se sentisse a sua falta, mas, através das suas ações, ele libertou-os. Tantas vezes o passado nos retém. Para pedir emprestada uma expressão a Ram Dass, cada um de nós tem de estar aqui agora. Para mim, a recente doença da Gig confirmou a sensatez de valorizar cada dia à medida que ele vem. Se vivermos o momento, tendemos a não dar tanto as coisas por garantidas, e isto permite-nos experienciar uma gama muito mais ampla de alegrias. Sou mais fácil de agradar a este respeito do que costumava ser. Retiro um prazer intenso de coisas simples, como a forma de uma flor.

Não sou tanto um bicho da televisão como um bicho de casa, que está mais do que contente por se sentar no seu jardim a ouvir o canto dos pássaros. O meu único vício agora é o Scrabble, um estado de coisas pelo qual a Gig é inteiramente culpada. Ela era uma jogadora realmente boa quando nos conhecemos e costumava ganhar-me impiedosamente. Assim que a minha tendência competitiva recuperou do choque e da humilhação, delineou uma estratégia para repor o equilíbrio.

Agora, cada partida é renhida e revezamo-nos a festejar a vitória. As nossas famílias e amigos ficam confusos com esta paixão partilhada. O jardim eles conseguem compreender, mas que género de pessoas insiste em levar um tabuleiro de Scrabble para onde quer que vá, mesmo de férias? Deu jeito em Grenada, onde choveu o dia todo e nos deu uma desculpa legítima para jogar desde as oito da manhã até à meia-noite. Céus azuis limpos não impediram o jogo em Barbados. Os meus pais foram lá passar uns dias enquanto lá estávamos e ficaram no mesmo hotel. O meu pai ficou completamente perplexo e não pouco irritado quando passámos grande parte do tempo sentados debaixo de uma palmeira, a jogar. Ele é um homem muito irrequieto e curioso, que tem de estar a «fazer».

A tranquilidade parece adequar-se a mim e gostaria que a segunda metade da minha vida fosse menos atribulada do que a primeira. Suponho que terei de continuar a aceitar que acontecimentos insólitos continuarão a ocorrer. O poltergeist enérgico da minha juventude já não se manifesta, mas, de tempos a tempos, o inexplicável continua a acontecer.

Em 1998, as minhas assistentes, Jane e Pat, e eu parámos de trabalhar um par de dias antes do início das férias oficiais de Natal. Nesse último dia, pusemos um ponto final às quatro da tarde e a Jane e a Pat vieram à cozinha desejar-nos a todos um Feliz Natal antes de iniciarem a sua pausa. Eu tinha as chaves do carro na mão, pois tencionava partir imediatamente para Bury St Edmunds com a Gig e as crianças para fazer as compras de comida para as festividades de Natal.

Coloquei as chaves no canto do aparador enquanto me dirigia à Jane e à Pat para dar um abraço a cada uma. Ainda conseguia ver as chaves enquanto abraçava a Jane. Quando me voltei para as apanhar, escassos momentos mais tarde, tinham desaparecido. Virámos a cozinha do avesso a tentar encontrá-las, bem como todas as outras divisões da casa onde eu estivera ao longo do dia. No final, tivemos de admitir a derrota e usar o conjunto suplente.

Conduzimos até ao centro de Bury St Edmunds e encontrámos um lugar de estacionamento em frente à primeira das várias lojas de comida que íamos visitar. No final da tarde, a grande bagageira estava cheia de mercearias, bebida e o nosso peru de Natal, e estávamos ansiosos por comer a pizza que tínhamos prometido às crianças em troca da ajuda na nossa maratona de compras. Antes de deixar o carro pela última vez, perto do restaurante, fui atrás para verificar a bagageira. Normalmente não faria isto, e confiaria em que o fecho centralizado funcionasse como devia, mas estava muito consciente do valor do conteúdo e precisava de me certificar de que as compras que tínhamos acumulado continuariam lá quando voltássemos. Quando cheguei à traseira do carro, encontrei o conjunto de chaves desaparecido pendurado na fechadura.

Igualmente misterioso foi o que aconteceu depois de a Gig e eu termos levado a Henrietta de volta à escola, no início do seu período de primavera em Oakham, em janeiro de 1999. Não estávamos longe de casa, a conduzir pela aldeia de Horringer. Passamos por este local regularmente e damos por garantido o facto de a vizinha Ickworth House ter sido o lar dos Marqueses de Bristol durante gerações. Sem motivo, a Gig e eu começámos a falar sobre o Marquês e a perguntar-nos como ele estaria. Tínhamo-lo visto uma vez num restaurante local e tínhamos comentado o quão doente ele parecia.

A Gig perguntou-se o que aconteceria ao título dele quando morresse e a quem passaria, dado que ele não tinha herdeiros. Nenhum de nós sabia a resposta e a conversa terminou. Mais tarde, nessa noite, estávamos a ver televisão quando, subitamente, sem qualquer intervenção da Gig ou minha, o aparelho mudou do

programa que estávamos a ver para o Teletexto, que anunciava a morte do Marquês de Bristol. Não há forma de a televisão ter mudado de canal sem a utilização do comando à distância, e esse dispositivo estava a vários pés de distância tanto da Gig como de mim quando a mudança ocorreu. Não acho a energia de cura tão difícil de explicar como as energias envolvidas nestas duas histórias. Encaro a energia de cura como uma força universal incondicional para o bem. Muitas pessoas podem achar difícil acreditar em algo cuja existência não pode ser provada cientificamente.

Pergunto-me quantas pessoas estariam preparadas para dizer que não podiam acreditar no amor porque este não foi conclusivamente medido e quantificado pela ciência. A maioria das pessoas — mesmo aquelas que possam ser céticas em relação à existência da energia de cura — acredita no amor. Suspeito que acreditam nele pela mesma razão que eu acredito na energia de cura: porque sentiram os seus efeitos, como filhos, pais, amantes ou amigos. Medimos o amor pelo efeito que tem nas nossas vidas. Deveríamos tratar a energia de cura da mesma forma.

Suponho que cada ser humano passa a totalidade da vida que lhe é concedida a tentar chegar ao fundo de quem é e do porquê de estar aqui. As pessoas que têm uma vocação óbvia são sempre consideradas imensamente afortunadas por aquelas que a não têm. Um talento ou capacidade é frequentemente visto como uma justificação para a existência de um indivíduo e eleva esse indivíduo acima dos demais. Isso parece falhar o alvo no que toca à vida. O que conta é o que somos como seres humanos. No meu caso, o mero facto de possuir um dom imbuído de fortes conotações espirituais não me torna uma pessoa melhor nem facilita as escolhas da minha vida. É também discutível se aqueles que elevamos são os únicos responsáveis pelos seus dons. Veja-se a cura. De onde quer que venha a energia que utilizo, ela não vem diretamente de mim. Acredito que vem de fora e trabalha através de mim. Sou meramente alguém que conseguiu utilizar eficazmente o que lhe foi dado. Estou simplesmente a fazer o meu trabalho. Muitas descobertas foram feitas com base num palpite,

numa intuição, ou ganharam forma durante estados de sonho. Um indivíduo pergunta-se de onde vem a inspiração para as mesmas. O Professor Brian Josephson disse-me uma vez que a maioria das suas descobertas, incluindo aquela que lhe valeu o Prémio Nobel, lhe tinha surgido enquanto meditava.

A dificuldade para ele era que, tendo captado a resposta, tinha depois de trabalhar em sentido inverso a partir da solução para mostrar como tinha chegado a ela. Isto sugere que o conhecimento de que ainda somos ignorantes já está de algum modo no éter, à espera de ser colhido e utilizado. Levanta questões interessantes sobre a natureza da criatividade. Terá origem no indivíduo ou estará a pessoa criativa a sintonizar-se com alguma fonte além de si própria?

Durante o tempo em que pratiquei o desenho automático, duvidei de que o espírito do artista cujo trabalho esses desenhos mais detalhadamente recordavam fosse o responsável por produzi-los. Não parecia plausível que Dürer, Picasso ou Goya andassem por aí durante anos — no caso de Dürer, 450 — após a sua morte física e continuassem a produzir em série desenhos semelhantes através de um estudante. A vida após a morte deve decerto reservar mais do que isso. Pode ser que cada ato de criação ou pensamento gere uma energia que nunca se perde e que, em circunstâncias particulares — tais como um estado meditativo —, possa ser acedida mais tarde. Quando eu costumava praticar a cura à distância, em várias ocasiões alguém ligava a agradecer-me profusamente por alguma recuperação milagrosa que diziam ter ocorrido num familiar ou amigo depois de me ter sido pedido que desse cura a essa pessoa. Não encontrávamos qualquer vestígio da carta ou do indivíduo referido quando percorríamos os nossos registos para tomar nota desta ocorrência no arquivo apropriado. Um dia ou dois mais tarde, a carta chegava.

Nestes casos, a cura ocorria antes de sabermos da necessidade dela. Passei muitas horas a tentar tirar conclusões de tais eventos e a compreender o que, ou quem, está a fazer a cura funcionar. Será a pessoa que escreve a carta? Será alguma ligação inconsciente comigo? Será a intenção suficiente para fazer a cura funcionar, talvez através

da intervenção de alguma força superior? Serão os pedidos de ajuda, por exemplo, verdadeiramente preces que são captadas e respondidas por essa força? Estes e outros imponderáveis semelhantes ajudaram-me a colocar a minha própria contribuição para a cura num contexto mais amplo.

Gosto bastante da ideia de Steven Levine da cura como um estado de ser. Não é um ato. Existem pessoas que emanam uma qualidade maravilhosa — energia, aura, chamem-lhe o que quiserem. Basta estar perto delas um pouco e sentimo-nos recarregados, revitalizados. São os curadores naturais da vida. Igualmente, existem outros que parecem ter o efeito de sugar a força vital de um indivíduo após um curtíssimo espaço de tempo na sua companhia. As pessoas nesta segunda categoria são invariavelmente negativas, cheias de queixas e incapazes de ver o bem em seja o que for, mesmo na própria bondade. Esse estado de ser é a antítese da cura, daquilo a que — à falta de melhor palavra — chamo espiritualidade. A minha definição de espiritualidade nada deve aos sistemas de crenças das igrejas estabelecidas. Sou tão orgulhosamente irreligioso agora como fui na minha infância. Ser espiritual e ser religioso podem ser — e frequentemente são — modos de vida separados.

Demasiadas pessoas religiosas encaram a fé como uma apólice de seguro que as cobre contra a ira desse Todo-Poderoso desconhecido. A espiritualidade é um código para viver. Muitas das pessoas que vêm aos meus workshops procuram na cura o preenchimento de um vazio espiritual. Talvez a minha perceção esteja distorcida porque as pessoas que vejo tendem a não ser respeitadoras da ortodoxia em nenhuma das suas formas, mas acredito que muitas pessoas hoje em dia questionam tudo o que seja o sistema estabelecido, seja na área da ciência, da religião ou da política.

A ciência foi outrora um deus para muitas pessoas. Agora descobriu-se que tem pés de barro e as pessoas percebem que ela não tem todas as respostas. A religião ortodoxa também assistiu a uma erosão na sua influência e muitos daqueles que procuram um significado para a vida procuram a resposta noutro lado. Pessoas como

eu estão de certo modo a fazer a ponte sobre a divisão que se abriu. Parece que estamos a atingir uma maior maioridade, certamente no que diz respeito à religião. As pessoas querem «fazê-lo por si próprias», mas continuam a querer algumas regras básicas. Porque sou curador, assumem que sou capaz de lhas fornecer. Estou na mesma situação que qualquer outro mortal, no sentido em que não sei o que a vida me reservará a seguir. Uma coisa de que as minhas experiências me convenceram é de que existe um propósito para a vida e esta não é apenas uma piada de mau gosto que nos está a ser pregada por alguma força omnipresente que não podemos conhecer. Acredito que escolhemos as nossas vidas e que podemos escolher muitas vidas diferentes de modo a aprender as lições que precisamos de aprender. É através deste processo de aprendizagem que crescemos e evoluímos a nível espiritual.

No que toca à alma, acho que somos migratórios e tendemos a mover-nos em agrupamentos. Nós e as outras almas que compõem o grupo somos como um dente-de-leão em semente sobre o qual se soprou, espalhando-nos para que nos voltemos a plantar numa parte diferente do universo e, no entanto, estejamos ao alcance uns dos outros nas nossas várias vidas. Podemos voltar a ligar-nos como amantes, cônjuges, amigos, pais, filhos. Tudo o que nos acontece na vida é potencialmente uma oportunidade de crescimento, mas cada um de nós tem uma escolha quanto à forma como lida com as oportunidades que lhe são apresentadas.

Há alguns anos, recebi uma carta da mãe de uma criança severamente deficiente que eu estivera a tratar e que faleceu. Este rapaz tinha sido incapaz de fazer algo por si próprio e dependera quase unicamente dos pais e dos irmãos para o seu bem-estar físico. A mãe escreveu que, após a sua morte, muitas pessoas, incluindo familiares, tinham comentado quão terrível a vida devia ser para eles, primeiro com o fardo da deficiência da criança e, ultimamente, com a sua morte. A perspetiva dela era totalmente diferente da perceção que eles tinham de como devia ser. Essas pessoas, dizia ela, não percebiam como a família tinha crescido através da sua experiência partilhada e

que a criança tinha dado a todos um grande presente. Por vezes a cura não funciona porque, num contexto espiritual, não é o momento correto para funcionar. Pode ser que alguém esteja a aprender de alguma forma ou a evoluir através de uma experiência de doença.

A pessoa que faleceu pode ter ido tão longe quanto podia nesta vida, e é tempo de ficar «sem teto» e deixar essa identidade particular, ou pode ser que outras pessoas ao seu redor devam aprender com a experiência. Se cada um de nós pudesse tirar algo de cada experiência e olhar para ela de forma positiva, como algo com que aprender e a estimar, a vida tornar-se-ia indissociável de significado. Não poderíamos ser engolidos pelos muitos buracos negros na nossa consciência. Albert Einstein observou uma vez que o mundo estava a «tornar-se um lugar perigoso, não por causa das coisas más que as pessoas fazem, mas por causa daqueles que apenas observam e nada fazem».

Ao sermos positivos, ajustando a nossa consciência para que procuremos sempre o bem nas outras pessoas e um propósito mais elevado, podemos tornar o mundo um lugar melhor e mais seguro. Podemos achar que isso não fará qualquer diferença, mas quando esse tipo de ação é tomado por milhões de vidas, não pode falhar em ter um efeito benéfico. A forma como pensamos condiciona as nossas ações. Os nossos pensamentos dão ao mundo a sua energia espiritual. Se esses pensamentos forem negativos, a energia que geram é suscetível de ser destrutiva. Quando demonstro a cura, não é necessariamente apenas a pessoa com quem estou a trabalhar individualmente que obtém o benefício. A cura tem um efeito de propagação e a energia positiva canalizada no centro flui para as extremidades. Quando aprendemos a viver como seres positivos, estamos a capacitar-nos a ter pelo menos um pé nas estrelas.

Wendy Rayner foi uma das poucas pessoas que ultrapassou a linha que separa os meus amigos dos meus pacientes. A Wendy tinha cancro da mama que passou para os ossos e eventualmente para o fígado e para o cérebro. Veio ter comigo como paciente e, por altura da sua morte, era muito querida tanto pela Gig como por mim. Sentiu-

se atraída pela zona de Suffolk onde a Gig e eu vivemos e comprou uma casa de campo na colina perto de nós. A nossa amizade caracterizou-se por conversas intermináveis sobre a vida e a morte acompanhadas por boa comida e vinho. A filosofia que partilhávamos está encapsulada num texto que a Wendy quis que fosse lido no seu funeral. Chama-se «Riscos».

Rir é correr o risco de parecer um tolo. Chorar é correr o risco de parecer sentimental. Estender a mão a outrem é correr o risco de envolvimento. Expor sentimentos é correr o risco de expor o seu verdadeiro eu. Colocar as suas ideias, os seus sonhos diante da multidão é correr o risco da sua perda. Amar é correr o risco de não ser amado em retorno. Viver é correr o risco de morrer. Ter esperança é correr o risco do desespero. Tentar é correr o risco do fracasso.

Mas os riscos devem ser assumidos porque o maior perigo na vida é não arriscar nada. A pessoa que não arrisca nada não faz nada, não tem nada, não é nada. Pode evitar o sofrimento e a dor, mas simplesmente não consegue aprender, sentir, mudar, crescer, amar, viver. Acorrentada pelas suas certezas, é uma escrava: abdicou da liberdade. Apenas uma pessoa que arrisca é livre.